

A EVOLUÇÃO URBANA E ARQUITECTÓNICA DA FUSETA

MAFALDA BATISTA PINHEIRO PACHECO (Licenciada em Arquitectura)

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura



RESUMO

A presente dissertação pretende reflectir sobre a evolução urbana e arquitectónica do núcleo histórico da vila piscatória da Fuseta, no Algarve, que à semelhança da cidade vizinha de Olhão foi fundada por pescadores e apresenta uma tipologia de habitação de cariz mediterrânico, distinta do resto do litoral algarvio. Tem como objectivo analisar a evolução urbana desde os primeiros assentamentos à actual estrutura urbana da vila e posteriormente estudar numa perspectiva tipológica, formal e construtiva as casas com cobertura de *telhado de tesouro* e com açoteia sobre abóbada, que caracterizaram a sua arquitectura vernacular.

Apesar dos edifícios do núcleo histórico serem erigidos no século XIX e primeira metade do século XX, a estrutura urbana é mais antiga e remonta ao século XVI, com os primeiros assentamentos sazonais dos pescadores da armação de atum em cabanas localizadas na margem oeste da Ribeira do Tronco.

O núcleo urbano da Fuseta desenvolveu-se com a fixação definitiva da comunidade piscatória, a par com o clima de segurança proporcionado pela construção do conjunto defensivo da Bateria da Fuseta. Desde os primeiros assentamentos que foram usadas regras de ortogonalidade na localização e organização das cabanas no território, dando origem a um traçado regular que serviu de base para o crescimento urbano, sobretudo nos séculos XVII, XVIII e XIX.

No século XIX e primeira metade do XX, em parte como consequência de uma época de apogeu piscatório nas águas do Mediterrâneo, foram construídas casas de alvenaria de pedra dispostas em banda que substituíram as cabanas, respeitando a sua implantação na estrutura urbana regular. Foi adoptada uma tipologia arquitectónica *standard* na maioria das substituições, caracterizada por uma distribuição interna unilateral com cobertura em açoteia sobre abóbada de berço abatido conjugada com a cobertura em *telhado de tesouro* ou abóbada de vela. No decorrer do século XX nasceu uma nova tipologia representativa dos sectores mais abastados da população, com uma distribuição interna bilateral e associada ao emprego da abóbada em barrete de clérigo numa parte da cobertura de açoteia.

A repetição e *standardização* de uma tipologia arquitectónica e construtiva, de forma homogénea no edificado do núcleo histórico, deu origem à formação de conjuntos urbanos.

Uma vez que se verifica a ausência de publicações, inventários ou estudos específicos sobre o tema e a área em estudo, havendo apenas algumas referências pouco incisivas feitas nos passado por etnógrafos, geógrafos e arquitectos, o estudo baseou-se num levantamento, apresentado em anexo, expressamente realizado para o efeito.

PALAVRAS-CHAVE

Fuseta
História urbana
Arquitectura vernacular
Abóbadas e açoteias
Telhados de tesouro

ABSTRACT

The current dissertation is the result of the study on the urban and architectural evolution of the maritime village of Fuseta in Algarve. Founded by fishermen and similar to its neighbour city Olhão, this village shows a housing typology with Mediterranean features, different from the rest of Algarve's shore.

The aim of this research is to analyse the urban evolution since the first settlements to the actual village structure, and subsequently the study of the houses with treasures' roof (*telhado de tesouro*) and vault terrace cover, which define the vernacular architecture, through a typological, formal and constructive perspective.

Despite of its construction between the XIX century and the first half of the XX century, the historical core buildings urban's structure hark back to XVI century with the first seasonal settlements of the fishermen's tuna crafts in *cabanas* (huts) located at Ribeira do Tronco west shoreline.

The urban core of Fuseta was developed with the permanent establishment of the fishermen's community, together with the feeling of security provided by the construction of the defensive group of "Bateria da Fuseta". Since the primary settlement were used orthogonal rules for location and organization of *cabanas* (huts) in the landscape, leading to a regular tracing which is the basement of the urban growth, mainly in the XVII, XVIII and XIX centuries.

Due to the outcome of the heyday fishing time on the Mediterranean waters, during the XIX century and the first half of the XX century *cabanas* (huts) were replaced by masonry wall houses in entwined placed groups, according to its sight plan in the regular pre-existing urban structure. Most substitutions process adopted a standard architectural typology, based on a unilateral inside distribution with treasure roof covers and terrace cover in barrel or sail vaults. During the XX century appeared a new typology with a bilateral inside distribution, related to the using of a cloister vault in a section of the terrace covers, representing the wealthiest society group.

The repetition and standardisation of the architectural and constructive typology led to the creation of urban building groups on several streets of the historical core.

Considering the lack of documentation, publications, inventories or any specific studies on the current studied subject, only some light past references made by ethnographers, geographers and architects, this study is based on measurement work survey, included in attachment, purposely made.

KEYWORDS

Fuseta

Urban history

Vernacular architecture

Vault terraces

Treasures' Roof (Telhado de tesouro)

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste estudo não teria sido possível sem o apoio e a gentileza de organizações e pessoas que ao longo destes meses me apoiaram na recolha de informação, aquisição de material, na realização do trabalho de campo, que permitiram a entrada nas suas casas e contaram histórias. Sem todos estes intervenientes não teria sido possível conhecer e aprofundar esta parte da arquitectura vernácula portuguesa. A todos os seguintes mencionados, um profundo agradecimento:

- Ao Instituto Geográfico Português, que através do programa FIGIEE concedeu gratuitamente parte da documentação cartográfica apresentada no estudo;

- À Biblioteca Nacional que através da sua página de internet concedeu de forma gratuita a restante documentação cartográfica;

- À Câmara Municipal de Olhão e ao Eng. Alves por ter disponibilizado a planta da Fusetá em formato digital, a qual constituiu a base de todo o estudo;

- À Junta de Freguesia da Fusetá, pela gentileza e disponibilidade com que as funcionárias me receberam;

- À Paróquia Nossa Senhora do Carmo da Fusetá e ao pároco Alberto Teixeira pelo apoio, disponibilidade e o acesso à torre da Igreja;

- À Associação Fotográfica Foz do Eta, na Fusetá, e em especial ao Sr. Esteves, que disponibilizou as fotografias antigas patentes na dissertação, que foram como uma viagem no tempo imprescindível para a análise realizada;

- Aos proprietários e arrendatários que abriram as suas portas e possibilitaram o levantamento fotográfico e dimensional, interferindo em vários momentos na sua vida privada e hábitos domésticos. Em especial aos moradores das ruas Dr. Virgílio Inglês, Almirante Reis, das Vinhas, Tenente Barroso, do Carmo, Magalhães Lima, Dr. Teófilo Braga, Contra-Almirante Marcelino Carlos, Dr. Manuel Silva Ramos, Travessa das Amoreiras, Rua Manuel Carlos, da Igreja, Gonçalo Velho e Henrique Galvão;

- À Sra. Elzita, pelo carinho com que sempre me recebeu em sua casa.

- Ao Professor Doutor João Vieira Caldas, orientador, pela confiança que depositou em mim desde o início, quando parecia impossível levar a cabo este tipo de investigação no espaço de tempo disponível; pelas sábias sugestões que deu em cada etapa da investigação; pela disponibilidade e estímulo com que acompanhou o seu desenvolvimento e a amabilidade para as sucessivas revisões;

- À Sandra Romba, pela disponibilidade em clarificar algumas dúvidas sobre o território de Olhão;

- À Carla e à Mónica, cujo apoio e ajuda foi imprescindível em alguns momentos;

- Aos meus pais, à minha irmã, ao Alberto, pela compreensão que tiveram comigo no quotidiano, pelo apoio e ajuda que deram nas várias fases. Sem eles não teria sido possível realizar esta investigação.

A todos, uma vez mais, reforço o meu profundo agradecimento.

PÁGINA	
I	RESUMO
III	ABSTRACT
V	AGRADECIMENTOS
VII	ÍNDICE
XIX	LISTA DE QUADROS E FIGURAS
XIII	LISTA DE ANEXOS
1	INTRODUÇÃO
	I CAPÍTULO
5	CONTEXTUALIZAÇÃO DA VILA DA FUSETA
7	I.1 Caracterização geográfica
11	I.2 Caracterização viária
11	I.3 Caracterização socio-económica
13	I.4 Caracterização histórica
	II CAPÍTULO
17	EVOLUÇÃO URBANA
19	II.1 A origem urbana da Fusetá
20	II.2 O desenvolvimento urbano da Fusetá
23	II.2 Bairros do núcleo urbano
25	II.3 Eixos viários estruturantes do núcleo urbano
28	II.4 Quarteirões e loteamento
	III CAPÍTULO
35	EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA
37	III.1 Exemplos arquitectónicos do núcleo histórico
41	III.2 Evolução arquitectónica
43	III.3 Tipologias arquitectónicas
44	III.3.1 A Tipologia Unilateral
51	III.3.2 A Tipologia Bilateral
53	III.3.3 A Tipologia Uniespacial
53	III.3.4 Edifícios em esquina de quarteirão
55	III.3.5 Tipologia por datas
56	III.4 Considerações acerca das tipologias construtivas
63	CONCLUSÕES
67	FONTES E BIBLIOGRAFIA
69	Fontes
70	Bibliografia
76	ANEXOS

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

PÁGINA

5	I CAPÍTULO
7	CONTEXTUALIZAÇÃO DA VILA DA FUSETA
7	I.1 Caracterização geográfica
7	Fig.I.1 - Carta Corográfica de Portugal-53b m7810, Instituto Português de Cartografia e Cadastro, 4ª edição IPCC/ IGCP, 1964. Escala 1:100000.
7	Fig.I.2 – Pormenor da axonometria da costa algarvia com a localização da Fusetas, na Carta Corográfica de Portugal, idem.
8	Fig.I.3 – Vista aérea da Freguesia da Fusetas, com orientação a norte. Fonte GoogleMaps, disponível em: http://maps.google.com .
8	Fig.I.4 – Vista aérea da Fusetas de orientação a sul, da área denominada de “Espaço Urbano Histórico” em forma de funil com eixo central. Do lado este e sul a Ribeira do Tronco, Canal e a Ria Formosa são os limites naturais. Fonte: José Beira Santos, TAF 98 – Fotografia Aérea, Lda.
8	Fig.I.5 – Vista aérea a oeste da Fusetas, correspondente aos “Espaços urbanos estruturantes” e aos “Espaços urbanizáveis de expansão”, a oeste da Linha de Caminho de Ferro e terrenos agrícolas denominados de “atalaias”. Fonte: José Beira Santos, TAF 98 – Fotografia Aérea, Lda.
9	Fig.I.6 – Rua da Ponte Grande com construções recentes, nos antigos terrenos “atalaias”.
9	Fig.I.7 – Ribeira do Tronco e início do canal.
9	Fig.I.8 – Limite da Fusetas feito pelo canal da Ribeira do Tronco.
9	Fig.I.9 – Nascente de água denominada de “Olheiro”.
10	Fig.I.10 – Apeadeiro “Fusetas -A” com a Ponte Pequena e seguidamente a Ponte Grande ao fundo.
10	Fig.I.11 – Barreira feita pela Linha de Caminho de Ferro.
10	Fig.I.12 – Estação de comboio “Fusetas-Moncarapacho”.
10	Fig.I.13 – Caminho de Ferro em direcção Moncarapacho.
11	I.2 Caracterização viária
11	Fig.I.14 – Planta topográfica à escala 1:10000.
11	Fig.I.15 – Planta da hierarquia viária à escala 1:10000
11	I.3 Caracterização socio-económica
12	Fig.I.16 – Pescadores da Fusetas, na década de 1950-60. Fonte: Arquivo Fotográfico Foz do Eta, Fusetas.
12	Fig.I.17 – Crianças no barco, na década de 1950-60. Fonte: Arquivo Fotográfico Foz do Eta, Fusetas.
12	Fig.I.18 - Quadro Populacional. Fonte: F.X. Ataíde de Oliveira - <i>Monografia do Concelho de Olhão</i> . Olhão: Editora in Foco, 1906, e Instituto Nacional de Estatística - <i>Recenseamentos da População</i> . Lisboa: INE, 1864 a 2001. (http://www.ine.pt [1/10/2009]).
13	I.4 Caracterização histórica
13	Fig.I.19 – “Mappa da configuração de todas as praças fortalezas e baterias do Reyno do Algarve”, de Joze de Sande Vasconcellos, Lisboa, 1780 e pormenor da bateria da Fusetas. Fonte: Secção de Cartografia da Biblioteca Nacional. (http://purl.pt/762).
14	Fig.I.20 – “Configuração Corografica de baxo dos preceitos da Geografia Moderna do Reyno do Algarve”, Joze de Sande Vasconcellos, Tavira, 22 de Dezembro de 1785 e pormenor da localização da Fusetas e da Barra. Fonte: Instituto Geográfico Português. (http://www.igeo.pt).
14	Fig.I.21 – “Mapa da Costa do Algarve”, de Joze de Sande Vasconcellos, na década de 1790, e pormenor com a localização da “Barra da Fusetas”. Fonte: Instituto Geográfico Português. (http://www.igeo.pt).

- 15 Fig.I.22 – “Carta Corográfica do Reino do Algarve”, João da Silva Lopes, Lisboa, 1842, e pormenor da Fuzeta.
Fonte: Secção de Cartografia da Biblioteca Nacional (<http://purl.pt/3973/1/p1.html>).
- 15 Fig.I.23 – “Barra da Fuzeta. Plano Hidrográfico levantado em 1915”, Ernesto Carvalho e Hugo Lacerda. Lisboa: Missão Hidrográfica da Costa de Portugal, 1916.
Fonte: Secção de Cartografia da Biblioteca Nacional. (<http://purl.pt/1931/>)
- 17 II CAPÍTULO
- 19 EVOLUÇÃO URBANA**
- 19 II.1 O desenvolvimento urbano da Fuzeta**
- 19 Fig.II.1– “Configuração da Costa desde a Fortaleza de S. João até a bateria e barra da Fuzeta”, autor desconhecido, c.1800.
Fonte: Instituto Geográfico Português (<http://www.igeo.pt>).
- 19 Fig.II.2 – “Configuração da Costa desde a barra da Fuzeta até ao Ancão compreendendo o Cabo de Stª Maria, e as barras de Faro”, autor desconhecido, c.1800.
Fonte: Instituto Geográfico Português. (<http://www.igeo.pt>).
- 19 Fig.II.3 – Esquema da evolução urbana à escala 1:15000.
- 22 Fig.II.4 – Planta do núcleo histórico da Fuzeta na década de 1950.
Fonte: Artur Pires Martins, Celestino Castro e Fernando Torres – Arquitectura Popular em Portugal, vol.II zona 6. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004 (1961), pp.271.
- 22 Fig.II.5 – Fotografia aérea da Fuzeta na década de 1950.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Olhão.
- 23 Fig.II.6 – Vista aérea 1972. Fonte: IGP F-38, Junho 1972.
- 23 II.2 Bairros do núcleo urbano**
- 23 Fig.II.7 – Esquema da evolução urbana dos bairros, à escala 1:15000.
- 24 Fig.II.8 – Rua do Bairro do Burguel.
- 24 Fig.II.9 – Largo da República.
- 24 Fig.II.10 – Bairro da Igreja.
- 25 II.3 Eixos viários estruturantes do núcleo urbano**
- 25 Fig.II.11 – Esquema da evolução da Rua da Liberdade, à escala 1:15000.
- 26 Fig.II.12 – Esquema da evolução da Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos à escala 1:15000.
- 26 Fig.II.13 – Esquema da evolução da Rua Dr. Virgílio Inglês(século XVII-XVIII) à escala 1:15000.
- 26 Fig.II.14 – Esquema da evolução da Avenida Marginal à escala 1:15000.
- 27 Fig.II.15 – Rua da Liberdade.
- 27 Fig.II.16 – Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos.
- 27 Fig.II.17 – Rua Dr. Virgílio Inglês.
- 28 Fig.II.18 – Avenida Marginal.
- 28 Fig.II.19 – Largo Dª Benedita de Oliveira.
- 28 II.4 Quarteirões e loteamento**
- 28 Fig.II.20 – Planta esquemática do quarteirões com loteamentos no sentido noroeste-sudeste, no Bairro do Burguel, Largo da República e zona baixa (século XVII-XVIII), à escala 1:15000.
- 29 Fig.II.21 – Esquema de quarteirão primário simples, com uma banda de lotes com frente de fachada e traseiras de quintais.
- 29 Fig.II.22 – Esquema da evolução de um quarteirão primário duplo, com uma duas bandas de lotes, duas frente de fachada e quintais no interior, e decomposição pelos limites de quintais, dando origem a uma rua nova e dois quarteirões simples.
- 30 Fig.II.23 – Quarteirão primário simples.
- 30 Fig.II.24 – Quarteirão primário duplo.
- 30 Fig.II.25 - Planta síntese de tipologias de quarteirão segundo o loteamento, à escala 1:7500.
- 31 Fig.II.26 –Quarteirões com loteamentos no sentido nordeste-sudoeste, no Bairro da Igreja e expansão a nordeste (século XIX-XX). Planta esquemática à escala 1:15000.
- 32 Fig.II.22 – Quarteirão de remate.
- 32 Fig.II.23 – Pormenor de quarteirão de remate.

35

III CAPÍTULO

35**EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA**

37

Quadro.III.1 - Quadro de prédios, fogos e famílias.

Fonte: F.X.Ataíde de Oliveira - *Monografia do Concelho de Olhão*. Olhão: Editora in Foco, 1906, e Instituto Nacional de Estatística - *Recenseamentos da População*. Lisboa: INE, 1864 a 2001. (<http://www.ine.pt> [1/10/2009]).

38**III.1 Exemplos arquitectónicos do núcleo histórico**

38

Quadro.III.2 - Quadro do número de edifícios na Freguesia da Fuseta e no núcleo histórico.

39

Fig.III.2 - Esquemas de tipologias arquitectónicas no núcleo histórico.

39

Quadro.III.3 - Quadro síntese dos exemplos estudados.

41**III.2 Evolução arquitectónica**

41

Fig.III.4 - Cabanas em Monte Gordo. Fotografia publicada por Leite de Vasconcelos - op.cit., p.280.

41

Fig.III.5 - Cabanas em Monte Gordo. Fotografia publicada por Leite de Vasconcelos - op.cit., p.280.

41

Fig.III.6 - Cabanas na Ilha da Armona . Fotografia publicada por Carlos Ramos - op.cit., p.4.

42

Fig.III.7 - Exemplo da Rua Dr.Virgílio Inglês nº92. (O.02). Escala 1:300.

42

Fig.III.8,9 -- Comparação com cabana típica da Fuseta por Leite de Vasconcelos - op.cit., p.281.

42

Fig.III.10,11 - Fotografia actual da Rua Dr.Virgílio Inglês nº92 e Rua Dr.Silva Ramos nº5.

42

Fig.III.12- Fotografia da década de 1930 da Avenida da Liberdade.

43**III.3 Tipologias arquitectónicas**

43

Fig.III.13 - Quadro Síntese de Levantamento.

43

Fig.III.14,15 - Esquema de organização funcional da tipologia unilateral.

44**III.3.1 A Tipologia Unilateral**

44

Fig.III.16 – Exemplo de tipologia unilateral (U.03). Escala 1:300.

45

Fig.III.17 – Esquema de casa típica no bairro de pescadores de Rota, povoação a norte da baía de Cádiz, também organizada linearmente, numa sucessão de espaços destinados a dormitórios, com uma sala de jantar central e cozinha num extremo, com cobertura em abóbada de canhão que se transforma, na sala de jantar, numa abóbada de vela.

45

Fig.III.18 – Exemplo de tipologia unilateral sem corredor inicial. (U.S.01). Escala 1:300.

46

Fig.III.19 – Exemplo de tipologia unilateral do conjunto “Casas da Cerca”. (U.01). Escala 1:300.

47

Fig.III.20 – Esquema de localização das escadas na tipologia unilateral.

47

Fig.III.21 – Exemplo de tipologia unilateral do na Rua do Carmo (U.15). Escala 1:300.

48

Fig.III.22 - Conjunto da Rua do Carmo, com estrutura da fachada Janela-Janela-Porta, e Porta-Janela-Janela.

48

Fig.III.23 – Fachadas na Rua do Carmo.

48

Fig.III.24 – Fachadas na Teófilo Braga.

48

Fig.III.25 – Fachadas na Rua das Vinhas.

49

Fig.III.26 – Conjunto da Rua Dr.Silva Ramos conhecido como “Casas da Cerca”, com estrutura da fachada Janela-Janela-Porta.

49

Fig.III.27 – Conjunto da Travessa das Amoreiras, com estrutura da fachada Janela-Janela-Porta.

49

Fig.III.28 – Conjunto da Rua Dr.Silva Ramos conhecido como “Casas da Cerca”.

49

Fig.III.29 – Conjunto da Rua Dr.Silva Ramos conhecido como “Casas da Cerca”.

49

Fig.III.30 – Conjunto da Travessa das Amoreiras.

51**III.3.2 A Tipologia Bilateral**

51

Fig.III.31 - Esquema de organização funcional da tipologia bilateral simples e composta.

51

Fig.III.32 – Exemplo de tipologia bilateral simples na Rua Magalhães Limanº65 (B.03). Escala 1:300.

52

Fig.III.33 – Exemplo de tipologia bilateral composta e de conjunto arquitectónico na Rua Dr. Teófilo Braga nº34 (B.04). Escala 1:300.

52**III.3.3 Tipologia Uniespacial**

53

Fig.III.34 – Exemplo de tipologia uniespacial (armazém) na Rua Miguel Bombarda nº14 (A.01).

- 54 Fig.III.35 – Fachadas das Tipologias Arquitectónicas.
 54 Quadro III.35 - Quadro Síntese de Levantamento por Tipologia Arquitectónica.
- 55 III.3.5 Tipologia por datas**
- 55 Fig.III.35 - Quadro de levantamentos organizados por datas e tipologias.
- 56 III.4 Considerações acerca das tipologias construtivas**
- 56 Quadro III.37 - Quadro síntese do levantamento 1950 e 2009 por tipologia construtiva
- 56 Fig.III.38 – Secção do *Telhado de Tesouro*.
 56 Fig.III.39 – Secção do Açoteia sobre abóbada.
 57 Fig.III.40 – *Telhado de Tesouro* na Rua da Liberdade nº 45.
 57 Fig.III.41 – Pormenor do *Telhado de Tesouro* na Rua da Liberdade nº 45.
 57 Fig.III.42 – Pormenor do forro.
 57 Fig.III.43 – Pormenor do tecto em encançado da sala.
 58 Fig.III.44 – Utilização da açoteia para secagem de peixe.
 58 Fig.III.45 – Utilização da açoteia para secagem de figos.
 58 Fig.III.46 – Utilização da açoteia para secagem de peixe.
 58 Fig.III.47 – Pormenor de açoteia sobre abóbada de vela existente no compartimento da fachada.
 58 Fig.III.48 – Pormenor construtivo da abóbada de vela.
 59 Fig.III.49 – Canal de recolha das águas da açoteia, em tipologia unilateral com cobertura de *Telhado de Tesouro*, na Rua da Liberdade.
 59 Fig.III.50 – Açoteia com drenagem de águas, em tipologia unilateral na Rua Dr. Virgílio Inglês.
 59 Fig.III.51 – Açoteia com drenagem de águas, em tipologia unilateral na Rua Dr.Manuel da Silva Ramos.
 59 Fig.III.52 – Açoteia com drenagem de águas, em tipologia unilateral na Rua Dr.Manuel da Silva Ramos.
 59 Fig.III.53– Pormenores da Abóbada de berço abatido das açoteias.
 60 Fig.III.54 A, B– Canalização das águas da açoteia e poço adjacente localizado no terraço; contraforte com escoamento de águas do mesmo terraço, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia na Rua Dr. Manuel Silva Ramos.
 60 Fig.III.54 B – Antiga cisterna no piso subterrâneo, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia na Rua Dr. Manuel Silva Ramos.
 60 Fig.III.55 – Escada de acesso à açoteia com poço no alinhamento, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia, no conjunto da Rua do Carmo.
 61 Fig.III.56 – Escada de acesso à açoteia com poço no alinhamento, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia no conjunto da Rua do Carmo.
 61 Fig.III.57 – Escada de acesso à açoteia com poço no alinhamento, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia, no conjunto da Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos.
 61 Fig.III.58 – Escada de acesso à açoteia com poço no vão, em tipologia bilateral com cobertura em açoteia, na Rua Dr. Teófilo Braga.

Nota: A maioria da documentação gráfica patente na dissertação provém do autor, à excepção dos casos mencionados com a respectiva fonte.

LISTA DE ANEXOS

PÁGINA

ANEXO I

INFORMAÇÃO PRÉVIA**I.1 Vistas aéreas**

- 81 Vista aérea 1972. Fonte: IGP F-38, Junho 1972.
 83 Vista aérea 1985. Fonte: IGP F-58, Setembro 1985.
 85 Vista aérea 1991. Fonte: IGP F-114E, Maio 1991.
 87 Vista aérea 2009. Fonte: GoogleMaps/IGP-DGRF, Maio 2009.

I.2 Perspectivas aéreas

- 90 Perspectiva aérea para este. Fonte: José Beira Santos - Fotografia aérea, Lda.TAF98, Julho 2008.
 91 Perspectiva aérea para sul. Fonte: José Beira Santos - Fotografia aérea, Lda.TAF98, Julho 2008.
 92 Perspectiva aérea para norte. Fonte: José Beira Santos - Fotografia aérea, Lda.TAF98, Julho 2008.
 93 Perspectiva aérea para sul. Fonte: José Beira Santos - Fotografia aérea, Lda.TAF98, Julho 2008.

ANEXO II

EVOLUÇÃO URBANA**II.1 Análise Núcleo Histórico**

- 99 Anexo II.1.1- Área de Estudo – Planta à escala 1/3000.
 101 Anexo II.1.2- Topografia – Planta à escala 1/3000.
 103 Anexo II.1.3- Hierarquia viária – Planta à escala 1/3000.
 106 Anexo II.1.4- Evolução urbana e viária – Plantas à escala 1/10 000 e 1/3000.
 111 Anexo II.1.5- Sobreposição cartográfica: Mapa de 1950 com mapa actual – Planta à escala 1/5000.
 113 Anexo II.1.6- Toponímia antiga – Planta à escala 1/3000.
 115 Anexo II.1.7- Registo fotográfico 1930-40-50 – Localização em planta à escala 1/3000.

ANEXO III

EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA**III.1 Análise do Loteamento**

- 123 Geometria de divisões – Planta à escala 1/3000.
 125 Análise do loteamento da Zona baixa e Bairro do Burguel – Planta à escala 1/3000.
 127 Análise do loteamento do Bairro da Igreja – Planta à escala 1/3000.
 129 Síntese de direcções – Planta à escala 1/3000.

III.2 Análise do Edificado

- 131 Número de pisos do edificado – Planta à escala 1/3000.
 133 Estado de Conservação – Planta à escala 1/3000.
 135 Edifícios com data inscrita na verga da porta – Planta à escala 1/3000
 138 Tipologias construtivas 1950/60 e 2009.
 140 Tipologias construtivas 1950/60 e 2009 – Comparação fotográfica.

III.3 Tipologias Arquitectónicas

- 143 Tipologias arquitectónicas: localização – Planta à escala 1/2500.
 144 Tipologias arquitectónicas: quadro síntese dos exemplos arquitectónicos

147	Tipologia Unilateral sem corredor inicial
149	U.S.01 - R. Dr.Virgílio Inglês nº 61
153	U.S.02 - R. Dr.Teófilo Braga nº 48
157	Tipologia Unilateral com corredor inicial
159	U.01 - R. Silva Ramos nº 12
163	U.02 - R. Silva Ramos nº 18
167	U.03 - Trav. Das Amoreiras nº 8
171	U.04 - R. Contra Almirante Marcelino Carlos nº 85
175	U.05 - R. Manuel Carlos nº 33
179	U.06 - R. Gonçalo Velho, nº 12
183	U.07 - R. das Vinhas nº 4
187	U.08 - R. da Igreja nº 20
191	U.09 - R. C..Henrique Galvão nº14
195	U.10 - R. Dr Virgílio Inglês nº 28
199	U.11 - R. Dr Virgílio Inglês nº 14
203	U.12 - R. Teófilo Braga nº 75
207	U.13 - R. Teófilo Braga nº 21
211	U.14 - R. Teófilo Braga, nº 37
215	U.15 - R. do Carmo, nº 31 e 33
219	U.16 - R. do Carmo nº 53
223	U.17 - R. do Carmo nº 59
	Tipologia Unilateral com armazém
229	U.A.01 - R. Teófilo Braga, nº 35
233	U.A.02 - R. Teófilo Braga, nº 51
237	U.A.03 - R. Contra Almirante Marcelino Carlos nº 35
	Tipologia Bilateral simples
243	B.01 - R. Dr Virgílio Inglês nº 24
247	B.02 - Av. da Liberdade nº 35
251	B.03 - R. Magalhães Lima nº 65
255	B.04 - R. Henrique Galvão nº 3
259	B.05 - R. Dr Virgílio Inglês nº 8
	Tipologia Bilateral composta
263	B.06 - R. Teófilo Braga nº 34
267	B.07 - R. Tenente Barroso nº 30/ R. Virgílio Inglês nº 17
	Tipologia de Armazém
273	A.01- R. Miguel Bombarda nº 14
275	A.02 - R. da Liberdade nº 120
277	A.03 -R. Manuel Carlos nº 35
	Outras Tipologias
287	O.01 - R. Manuel Carlos nº 1
291	O.02 - R. Dr Virgílio Inglês nº 92

Nota: A maioria da documentação gráfica patente no anexo provém do autor, à excepção dos casos mencionados com a respectiva fonte.

Conheço a Fuseta há mais de 20 anos. Desde cedo que me fascinaram as abóbadas que se entreviam das janelas abertas pelo calor do verão, a caminho da ilha, muitos anos antes de mergulhar na arquitectura. Depois de um período de grande ausência, voltei ao mesmo local, já no decorrer do curso de arquitectura. As lembranças de infância voltaram, através de olhares para dentro das casas.

Foi com grande entusiasmo que o tema desta tese foi aceite, sugerido pelo Professor que a orientou. Foi o despertar de um interesse que estava adormecido.

Voltei este ano à Fuseta, desta vez para analisar a evolução urbana das ruas que tantas vezes caminhei; desta vez não só para espreitar pelas janelas, mas para entrar nas casas e decifrar a sua tipologia, para conhecer os seus habitantes.

Com a vontade de deixar registado para o futuro este exemplo da arquitectura vernacular, porventura já sem abóbadas; já sem telhados de tesouro, iniciei a investigação que deu origem a esta dissertação.

INTRODUÇÃO

“Believe me, that was a happy age, before the days of architects, before the days of builders.”
(“Acreditem, esses eram tempos felizes, antes dos dias dos architectos, antes dos dias dos constructores”)
Carta de Lucius Annaeus Seneca a Lucilius (c.4 a.C.- 65 d.C.)

Fonte: Jaume Bofill i Ferro – *Séneca. Cartas Morales a Lucilio*. Barcelona: Iberia, 1964-1965.

INTRODUÇÃO

O núcleo histórico da vila piscatória da Fuseta, no Algarve, à semelhança da vizinha cidade de Olhão, foi fundada por pescadores e apresenta uma tipologia de habitação distinta do resto do litoral algarvio pelo seu cariz mediterrânico. Trata-se de um núcleo urbano cujo edificado arquitectónico foi construído essencialmente no século XIX e primeira metade do século XX, em consequência de uma época de apogeu piscatório nas águas do Mediterrâneo. A estrutura urbana é, no entanto, mais antiga e remonta ao século XVI com os primeiros assentamentos sazonais dos pescadores da armação de atum em cabanas localizadas na margem poente da Ribeira do Tronco, cujo traçado regular serviu de base para o crescimento urbano dos séculos XVII, XVIII e XIX.

O objectivo da presente investigação é, num primeiro momento, analisar a evolução urbana da povoação desde o assentamento piscatório inicial à actual estrutura urbana da vila e posteriormente estudar as casas com cobertura de *telhado de tesouro* e de açoteias sobre abóbadas, que caracterizaram a sua arquitectura vernacular.

O estudo da Arquitectura vernácula no Algarve é dificultado pela falta de documentos e representações concretas. As poucas referências que se conhecem, feitas por etnógrafos, arquitectos e outros estudiosos não se debruçaram sobre a cronologia dos edifícios, o que não ajuda a perceber os aspectos evolutivos em estudo. A existência de conceitos mitificados, pouco provados cientificamente, sobre a ideia da *casa tradicional algarvia* foram sobrevivendo no tempo e juntam-se a exemplos que chegaram aos nossos dias ora abandonados ou em ruínas, ora estruturas transformadas e adaptadas às necessidades actuais, ocultando o que foram originalmente. São construções sem data, projecto ou arquitecto, sobre as quais não temos informação. A maior fonte de informação é o material fotográfico de perspectivas aéreas e viárias desde a década de 1940 à de 1970 que são imprescindíveis para a caracterização evolutiva urbana e arquitectónica.

São de ressaltar duas publicações de 1961: a “Arquitectura Popular em Portugal”¹ e o artigo “Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira”², que despertaram o interesse para o estudo da arquitectura da área entre Faro e Tavira, devido ao carácter exótico das construção com açoteias sobre abóbadas e *telhados de tesouro*.

A “*Arquitectura Popular em Portugal*” foi o resultado do Inquérito à Arquitectura Regional levado a cabo pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos. No que respeita às regiões do Alentejo e do Algarve a equipa que o realizou era constituída pelos arquitectos Artur Pires Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres.

O artigo “Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira” aborda a arquitectura tradicional de Olhão e Tavira do ponto de vista das possíveis influências orientais dos *telhados de tesouro*, e das influências islâmicas das açoteias.

Anterior a estas publicações foi a “Etnografia Portuguesa” de Leite de Vasconcelos que nos dá um enquadramento etnográfico de uma Fuseta ainda constituída por cabanas³.

Actualmente, a investigação sobre a arquitectura tradicional algarvia tem vindo a ser fomentada pela Universidade do Algarve e pelos Congressos do Algarve, em que esporadicamente aparecem artigos relacionados sobre o tema. Os recentes estudos “A Arquitectura Rural do Antigo Regime no Algarve” de João

¹Artur Pires Martins, Celestino Castro e Fernando Torres – “Zona 6” in *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.II. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004 (1961), pp.241-359.

²Orlando Ribeiro – “Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira: Influências Orientais na Arquitectura Urbana” in *Geografia e Civilização – Temas portugueses*. Lisboa: 1992 (1961), pp.65-107.

³Leite de Vasconcelos – *Etnografia Portuguesa*, volume VI. Lisboa: Casa da Moeda, 1975.

Vieira Caldas⁴ e a “Evolução Urbana de Olhão” de Sandra Romba⁵ vêm colmatar, em parte, as lacunas existentes sobre o estudo desta zona. O segundo, nomeadamente, analisa um aglomerado cronológico, social e geograficamente semelhante à Fusetas.

Uma vez que se verifica a ausência de publicações, inventários ou estudos específicos sobre o tema, o estudo baseou-se num levantamento composto pela observação e registo directo do contexto urbano e arquitectónico, apresentado em anexo, expressamente realizado para o efeito.

A área em estudo foi circunscrita à zona histórica, delimitada a norte e este pela Ribeira do Tronco, a oeste pela Rua General Humberto Delgado e o seu seguimento pela Linha de Caminho de Ferro e a sul pela linha de margem da Ria Formosa.

O estudo, bem como os anexos que o suporta, foi organizado em três capítulos: o primeiro correspondente à Contextualização da Vila da Fusetas, o segundo à Evolução Urbana e o terceiro à Evolução Arquitectónica.

⁴ João Vieira Caldas – *A Arquitectura Rural do Antigo Regime no Algarve*, vol. I e II (policopiado), Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Lisboa: Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, 2007.

⁵ Sandra Romba – *Evolução Urbana de Olhão* (policopiado), Dissertação de Mestrado em História de Arte Portuguesa. Faro: Universidade do Algarve - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008.

I CAPÍTULO
CONTEXTUALIZAÇÃO DA VILA DA FUSETA

“Tem Moncarapacho uma praia chamada Fuzeta, quasi logar, que consta de muitas cabanas e nellas moram os pescadores, cento e nove fogos com uma capella da Senhora do Carmo, onde se diz missa nos domingos e dias santos de guarda”.

Padre Manuel Mendes Correia, 1758.

Fonte: J.Fernandes Mascarenhas – “A origem do topónimo Fuzeta e a sua evolução” in *Correio do Sul*. Faro: 10/09/1953.

I CAPÍTULO CONTEXTUALIZAÇÃO DA VILA DA FUSETA

I.1. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O Algarve é a província mais meridional do país com clima e características nitidamente mediterrânicas, compreendidas entre os 37°25' e 36°56' de latitude norte. Mariano Feio (1949) diz que: “disposta em anfiteatro face ao sul, a região é protegida pela serra dos ventos do norte, o que permite às influências meridionais exercerem-se plenamente. Desta posição e da ausência de relevo junto à costa, resulta que as precipitações são baixas e a temperatura muito elevada”⁶. Esta província é constituída por três sub-regiões: a Serra, o Algarve Calcário e o Algarve Litoral.

O Algarve Litoral, apresenta-se como uma faixa de terreno de profundidade variável ao longo de toda a costa, constituída por terrenos de origem recente e que formam a orla do maciço antigo ibérico (a Serra)⁷. É separado em três zonas: Barlavento, Centro e Sotavento, correspondendo o Centro à área compreendida entre Tavira e Quarteira, onde a costa se encontra afastada do mar por um grupo de ilhas arenosas que compõem a Ria Formosa. (Fig.I.1-2)

Uma destas barreiras de areia é constituída por duas ilhas, a Ilha da Armona em frente à cidade de Olhão e a Ilha de Tavira em frente à cidade de Tavira, cuja única saída para o mar em toda a extensão consiste na separação entre estas duas ilhas denominada de Barra da Fuzeta⁸. O seu carácter de ponto estratégico parece remontar ao século XVI no qual existia um posto de vigia denominado de “Torre dos Mouros”⁹ e da “Bateria da Fuzeta”¹⁰, construída no século XVII, que defendia quer a

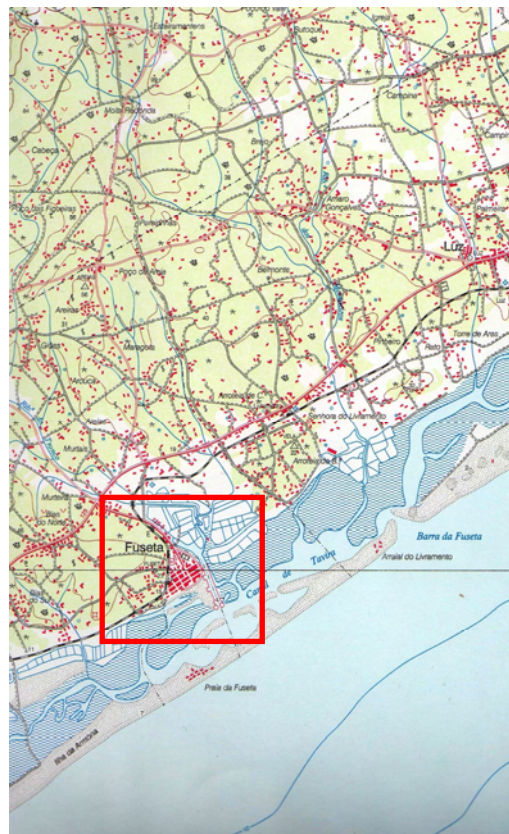


Fig.1.1 - Carta Corográfica de Portugal-53b m7810, Instituto Português de Cartografia e Cadastro, 4ª edição IPCC/IGCP, 1964. Escala 1:100000



Fig.1.2 – Pormenor da axonometria da costa algarvia com a localização da Fuzeta, na Carta Corográfica de Portugal, idem.

⁶ Mariano Feio – *Le Bas Alentejo et l'Algarve*. Lisbonne: Congrès International de Géographie, 1949, p.107.

⁷ António Medeiros Gouveia – *Algarve: aspectos fisiográficos*. Lisboa: Universidade de Coimbra, Instituto para a Alta Cultura, 1938, p.160.

⁸ Deve considerar-se que a barra esteve outrora mais próxima da povoação, devido aos movimentos de areia e do fundo feitos em direcção leste, alterando assim a localização da barra no mesmo sentido, diminuindo a sua largura e dando origem ao frequente assoreamento dos canais, pondo em risco a navegação até ao povoado. Ramos (1971) refere que “(...) no passado [a barra] situava-se nitidamente para oeste da povoação. Actualmente distará dela cerca de um quilómetro para o leste.(...) Na carta do Instituto Geográfico e Cadastral com a data de 1964, a barra surge com uma largura de cerca de dois quilómetros. Actualmente não deve ir além dos 400 ou 500 metros na maré alta, enquanto na maré baixa não ultrapassará os 150 a 200 metros.” Carlos Ramos – *Fuzeta: Uma Abordagem Antropológica*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, I.S.C.S.P.U., 1971, p.3.

⁹ “Também se fala da Torre dos Mouros embora haja dúvidas se irá para além de D.João III ou se será somente atribuição popular.” Adérito Vaz - *As origens da Fuzeta e seu topónimo*. Olhão: Biblioteca Cultural Olhanense, 1986, p.10.

¹⁰ “ Como estes fortes e baterias foram construídos no reinado de D. João IV e D. Afonso VI, é provável que no século XVII fosse esta bateria designada pelo nome do sítio com povoado construído por algumas cabanas.” Adérito Vaz – op.cit., p.8.

entrada marítima da ria feita pela barra, quer a povoação que se assentou na margem poente da ribeira que ali desagua.

Para além da privilegiada localização marítima, a povoação usufruiu desde a sua origem da centralidade na ligação viária entre as principais cidades de Faro e Tavira¹¹ o que permitiu o definitivo assentamento da povoação da Fuseta e o seu consequente desenvolvimento.

Actualmente a Freguesia da Fuseta pertence ao Concelho de Olhão e Distrito de Faro. É limitada a norte e oeste pela Freguesia de Moncarapacho, a sul pela Ria Formosa e a leste pelo Concelho de Tavira. Tem 2152 habitantes numa área de 36 hectares. (Fig.1.3)

As sedes de freguesia e de concelho mais próximos da Fuseta distam, em mapa, 5,5km para oeste a Freguesia de Quelfes e, como Sede de Concelho, Olhão a 8km; a 3,5km para noroeste a Vila de Moncarapacho; a 4,5km para nordeste a povoação da Luz de Tavira e, como Sede de Concelho, Tavira a 12km.

Segundo o Plano Director Municipal (PDM) do Concelho de Olhão, a localidade da Fuseta aparece integrada nos **“Espaços Lagunares Edificados”**, divididos em: **“Espaços Urbanos”** e **“Espaços Urbanizáveis”**¹².

Os **“Espaços Urbanos”** englobam os **“Espaços Urbanos Históricos”**, no qual se insere o núcleo histórico da Fuseta (legislados pelo artigo 52º) (Fig.1.4) e os **“Espaços Urbanos Estruturantes”** em que se incluem os terrenos entre a linha de caminho de ferro e o núcleo histórico (legislados pelo artigo 50º) (Fig.1.5).

Os **“Espaços urbanizáveis de expansão”** (contidos nos **“Espaços urbanizáveis”**) integram os antigos terrenos agrícolas a oeste da Linha de Caminho de Ferro, conhecidos como as **“atalaias”** onde, ao abrigo do artigo 60º do respectivo PDM, são



Fig.1.3 – Vista aérea da Freguesia da Fuseta, com orientação a norte.

Fonte GoogleMaps, disponível em: <http://maps.google.com>



Fig.1.4 – Vista aérea da Fuseta de orientação a sul, da área denominada de **“Espaço Urbano Histórico”** em forma de funil com eixo central. Do lado este e sul a Ribeira do Tronco, Canal e a Ria Formosa são os limites naturais.

Fonte: José Beira Santos, TAF 98 – Fotografia Aérea, Lda.



Fig.1.5 – Vista aérea a oeste da Fuseta, correspondente aos **“Espaços urbanos estruturantes”** e aos **“Espaços urbanizáveis de expansão”**, a oeste da Linha de Caminho de Ferro e terrenos agrícolas denominados de **“atalaias”**.

Fonte: José Beira Santos, TAF 98 – Fotografia Aérea, Lda.

¹¹ “(...) a situação geográfica era maravilhosa, relativamente perto da principal artéria que ligava as duas principais cidades (Tavira-Faro), a razão porque deve vir representada no primeiro mapa de Portugal referente ao reinado de D. Dinis” Adérito Vaz – op.cit., p.11.

¹² Câmara Municipal de Olhão - *Plano Director Municipal – Planta de Ordenamento: Síntese*. Olhão: Câmara Municipal de Olhão, Junho 1994.

permitidas alterações de loteamento, reforçando a única possibilidade de expansão de forma natural da vila, uma vez que a ria, a ribeira e o canal, as salinas a leste, funcionam como barreira natural (Fig.I.5-9).

O núcleo histórico da Fuseta tem a forma de “funil”, cujo eixo axial coincide com a via principal da Rua da Liberdade. A extremidade maior encontra-se a sul junto à Ria Formosa e o afunilamento a norte, próximo do cruzamento com a E.N.125 (Fig.I.3).

Há cerca de 40 anos, Ramos (1971) definia as seguintes delimitações do povoado: *“a oeste é limitada pela via férrea, para além da qual se estendem campos onde as casas são quase inexistentes: “as atalaias”*¹³. *A este e nordeste, o Ribeiro do Tronco (que ali é já, sobretudo, um braço da Ria) ao qual se seguem extensos terrenos de lodo e áreas ocupadas por salinas, constitui o limite natural da povoação*”¹⁴.

A alteração mais significativa aos limites da vila que se verifica actualmente localiza-se a oeste, abrangendo os antigos terrenos agrícolas das *“atalaias”* com construções de um ou dois pisos agrupadas em bairros, dispostas ao longo dos eixos viários que convergem no núcleo histórico. (Fig.I.6).

A norte, o limite natural à expansão territorial é feito pela linha de água proveniente de Moncarapacho (Ribeira do Tronco) que ao chegar à Fuseta se junta com a nascente de água doce (o *“Olheiro”*), para depois desaguar no canal já navegável a leste da povoação, mantendo-se como limites naturais à expansão territorial. (Fig.I.9).

Menos limitativa é a barreira da Linha de Caminho de Ferro, inaugurada em 1904 (que passa em Olhão e tem como destino Vila Real de Santo António), cujo traçado bordeja toda a



Fig.1.6 – Rua da Ponte Grande com construções recentes, nos antigos terrenos “atalaias”.



Fig.1.7 – Ribeira do Tronco e início do canal.



Fig.1.8 – Limite da Fuseta feito pelo canal da Ribeira do Tronco.

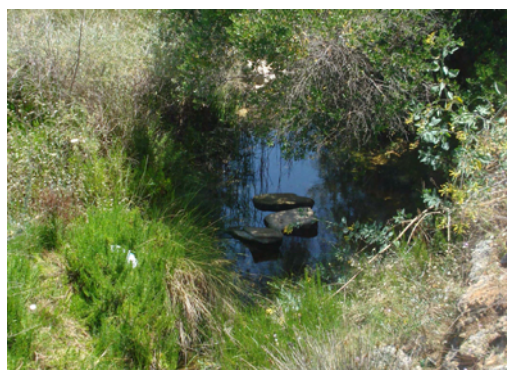


Fig.1.9 – Nascente de água denominada de “Olheiro”.

¹³ “Dada a existência, para este da povoação, de largas extensões de lodo, onde nada se poderia plantar, as “atalaias” foram, portanto, o local para onde a comunidade se expandiu quando procurou conseguir, por meio de propriedade rural, quer uma fonte alternativa e/ou complementar de subsistência, face às incertezas do mar, quer uma capitalização. (...) A totalidade das “atalaias” não é, porém, pertença de gente da Fuzeta. Efectivamente também algumas pessoas do campo ali têm pedaços de terra. (...) Trata-se de pequenos pedaços de terreno, quase quintais, existentes à beira da ria.” Carlos Ramos - op.cit., p.14.

¹⁴ Idem - op.cit., p.5.

povoação. A cota do traçado da linha é relativamente estável, variando apenas quatro metros ao longo de todo o percurso que faz pela povoação. O seu traçado originou um sulco no terreno (que apresenta nesta área algumas elevações) e que, apesar de proteger a povoação da passagem do comboio, é uma barreira que ainda hoje não está resolvida urbanisticamente. A continuidade viária entre as duas margens da linha foi mantida através da criação de duas pontes, a “ponte grande” e a “ponte pequena”, esta última apenas pedonal (Fig.I.10).

A Linha de Caminho de Ferro chega à povoação ao nível do terreno, à cota +10m, onde tem o apeadeiro “Fuseta -A” (Fig.I.10) que serve maioritariamente o centro histórico, passando o percurso por toda a povoação abaixo do nível do terreno. Só volta a atingir a superfície natural do terreno já fora do núcleo histórico, à cota +14m, onde tem, antes de cruzar a E.N. 125, a estação “Fuseta-Moncarapacho” que serve para além da Freguesia da Fuseta, a Freguesia de Moncarapacho (Fig.I.12).

O traçado geral deste tramo da linha de Caminho de Ferro é de uma curva bastante acentuada, de forma a contornar a povoação e a nascente de água doce existente em frente à estação, o “Olheiro”. Até ao aparecimento da água canalizada, na década de 1950, era um ponto de encontro social de extrema importância, devido à reunião de mulheres e crianças que levavam a cabo várias tarefas domésticas e de higiene. A sua utilização deu-se até a década de 1970 “sobretudo por mulheres do campo [Freguesia de Moncarapacho]”¹⁵.

Actualmente encontra-se camuflada pela vegetação e com a água contaminada, devido à falta de manutenção. Apenas é possível identificar parte do lago com as pedras usadas como tanque (Fig.I.9).



Fig.I.10 – Apeadeiro “Fuseta -A” com a Ponte Pequena e seguidamente a Ponte Grande ao fundo.



Fig.I.11 –Barreira feita pela Linha de Caminho de Ferro.



Fig.I.12 – Estação de comboio “Fuseta-Moncarapacho”.



Fig.I.13–Caminho de Ferro em direcção a Tavira.

¹⁵ Carlos Ramos - op.cit., p.7.

I.2. CARACTERIZAÇÃO TOPOGRÁFICA E VIÁRIA

A topografia da Fuseta é caracterizada pelo contraste entre o terreno plano da margem da Ribeira do Tronco e da Ria Formosa, que apenas têm uma diferença de +2m nas cotas altimétricas, e a elevação que é iniciada na zona central da povoação (coincidindo com o eixo viário da Rua da Liberdade) que culmina a oeste da povoação, com uma diferença de +16m nas cotas altimétricas. (Fig.I.14)

A rede viária da Fuseta é composta por eixos que apresentam uma boa distribuição e estão organizados numa estrutura ortogonal de ruas pertencentes ao nível primário, secundário, acesso local e pedonal.

A rede primária é composta por uma via axial, a Rua da Liberdade, que dá acesso ao interior do núcleo urbano, e por eixos laterais que definem o seu limite: a Avenida Marginal no limite norte e este, a Rua General Humberto Delgado no limite oeste (com prolongamento pela Rua da Ponte Grande no sentido este-oeste) e a sul pela Avenida 25 de Abril.

A rede secundária é composta, sobretudo, no sentido nordeste-sudoeste pela Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos e Rua Magalhães Lima, e perpendicularmente pela Rua Gonçalo Velho. A rede de acesso local é composta pelas restantes ruas que compõem a estrutura viária ortogonal (Fig.I.15).

I.3. CARACTERIZAÇÃO SOCIO-ECONÓMICA

Segundo o estudo feito por Ramos (1971), no início do século XX a sociedade ainda se dividia em dois grupos rivais: os “*marítimos*” e os “*terrestres*”. Estes grupos integravam um conjunto de factores que definiam o tipo de actividade profissional, laços de parentesco, ideais e padrões de conduta, que se traduziram na ocupação de zonas residenciais distintas.

Os “*marítimos*” concentraram-se na zona alta da Fuseta, na colina sobranceira ao mar e que ainda hoje tem a

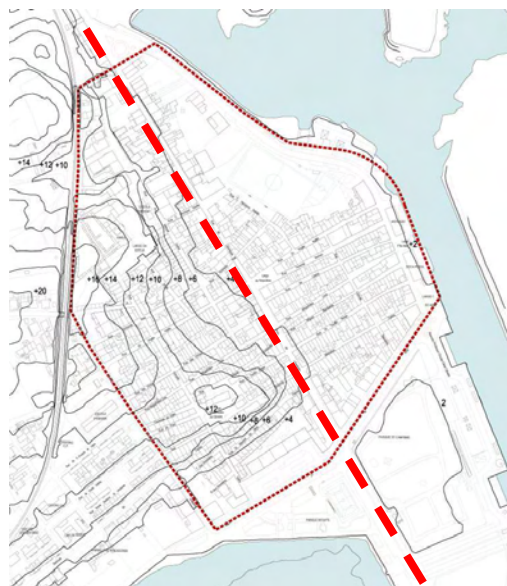


Fig.I.14 – Planta topográfica (ver Anexo II.1.2).
Planta à escala 1: 10000.

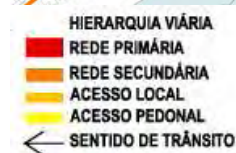


Fig.I.15 – Planta da hierarquia viária. (ver Anexo II.1.3).
Planta à escala 1: 10000.

designação de Bairro do Burguel, enquanto que os “terrestres” permaneceram na zona baixa, junto à margem. Havia um terceiro grupo designado de “mestres” composto por um número reduzido de indivíduos que se cujas casas se localizavam na Rua dos Mestres (a actual Rua Dr. Teófilo Braga)¹⁶, eixo que cruzava as áreas residenciais dos “marítimos” e dos “terrestres”.

Geralmente os pescadores estavam organizados pelo Compromisso Marítimo, ao qual pertenciam como membros, e que destinavam parte dos lucros de forma a garantirem assistência médica, farmacêutica e social.

Na análise da diferença entre População Residente e População Presente¹⁷ verificamos que até 2001 existe sempre um saldo negativo, facto justificado pela saída dos pescadores para o mar. Na última década o saldo tornou-se positivo devido também ao incremento do sector do turismo, despontado pela existência de praia na costa e na Ilha da Armona/Fuseta. O turismo torna-se assim, a par com a tradicional indústria da pesca e das salinas, numa das actividades económicas mais relevantes actualmente.



Fig.1.16 – Pescadores da Fuseta, na década de 1950-60. Fonte: Arquivo Fotográfico Foz do Eta, Fuseta.



Fig.1.17 – Crianças no barco, na década de 1950-60. Fonte: Arquivo Fotográfico Foz do Eta, Fuseta.

Fig.1.18 – Quadro Populacional¹⁸.

ANOS	1802	1828	1837	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1981	1991	2001
População residente	649	960	1090	1935	2014	2255	2268	2407	1620	1848	2332	2621	2713	2758	3036	2152
População presente	-	-	-	1576	1733	2242	2122	2135	1590	2049	2313	2591	2692	2640	2983	2302
P.residente - P.presente				-359	-281	-13	-146	-272	-30	-201	-19	-30	-21	-118	-53	+150

¹⁶ “A vida dos “marítimos” desenrolava-se entre o mar, a casa e a taberna (...) e alguns trabalhos em pedaços de terra que eventualmente possuíam. (...) Alguns “terrestres” fundaram um clube, que ainda hoje é designado por “sociedade”. Um dos principais objectivos na sua constituição era conseguir um local que propiciasse maior convivência entre os indivíduos e famílias daquele grupo, sendo completamente interdita a entrada de qualquer indivíduo da comunidade piscatória, incluindo os “mestres”. Como reacção a estas manifestações de estrito exclusivismo, os “marítimos” organizavam festas onde a entrada era rigorosamente reservada a membros só do grupo piscatório e onde os “terrestres” não tentavam penetrar. (...) Este molde de vida foi perdendo ênfase ao longo dos anos, e desde 1970 já não se verifica as zonas residenciais diferenciadas. Quanto aos grupos sociais só são mencionados pelos mais velhos.” Carlos Ramos – op.cit., p. 15.

“A maioria dos “terrestres” evitava esta zona [o Bairro do Burguel] sobretudo à noite, por problemas de desordem. O carácter exclusivista e impulsivo dos “marítimos” levou a que na altura da I Guerra Mundial, o Burguel fosse também designado por “Alemanha” por parte dos “terrestres”. Estes habitavam, por seu lado, a zona baixa da Fuzeta, designada de Largo e agrupada em torno de uma praça, que constitui, presentemente, o coração social da povoação” Carlos Ramos- op.cit., p.141.

¹⁷ “População Presente: Pessoas que, no momento de observação - zero horas do dia de referência - se encontram numa unidade de alojamento, mesmo que aí não residam, ou que, mesmo não estando presentes, lá chegam até às 12 horas desse dia. (...)População Residente: Pessoas que, independentemente de no momento de observação - zero horas do dia de referência - estarem presentes ou ausentes numa determinada unidade de alojamento, aí habitam a maior parte do ano com a família ou detêm a totalidade ou a maior parte dos seus haveres.” Segundo a definição disponível em: <http://metaweb.ine.pt/sim/conceitos/conceitos.aspx> [1/10/2009].

¹⁸ Os dados populacionais até ao ano de 1837 (inclusive) provêm de Silva Ramos citado por F.X.Ataíde de Oliveira - *Monografia do Concelho de Olhão da Restauração*. Porto: Editora in Foco, 1906. Apartir de 1864 os dados provêm do Instituto Nacional de Estatística - *Recenseamentos da População*. Lisboa: INE, 1864 a 2001. Segundo a definição disponível em: <http://www.ine.pt> [1/10/2009].

I.4. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA

Não se sabe ao certo a origem do nome de Fuseta. A teoria aceite pela população é de que o topónimo Fuseta, até ao século passado *Fuzeta*, deriva de *Fozeta* como diminutivo de foz, e que teria origem no facto de ali desaguar a Ribeira do Tronco, outrora com mais caudal. Esta teoria é defendida por alguns autores, como Ataíde de Oliveira (1906)¹⁹ e Pinho Leal (1990)²⁰. No entanto é Mascarenhas (1953) quem vai mais longe e encontra o primeiro documento escrito que faz referência a este local, onde se utilizou a grafia *Fozeta* e aparece num “instrumento de venda, renda e aforamento feito em 1572 por Francisco Nunes e sua mulher Luzia Vicente à Igreja de Nossa Senhora da Graça de Moncarapacho, referente a uma propriedade localizada em Belromão, sendo na “Fozeta” o local de residência do indivíduo”²¹.

Existe, porém, outra versão defendida por Vaz (1986), que afirma que o topónimo de *Fuzeta* deriva de “*Ficeta*”, plural de *Ficetum* e que significa “figueiras” em latim²². Argumenta com o aparecimento da legenda “*Fyeins*” ou “*Figera*” para os terrenos da actual Fuseta na “Carta do Reino de Portugal”, feita em Veneza em 1561, pelo cartógrafo Fernando Álvaro Seco²³.

No século XVIII, os mapas e cartas corográficas já referem o nome da povoação como sendo “*Fuzeta*”, um lugar inserido na Freguesia de Moncarapacho.

A representação da povoação da Fuseta nestes documentos gráficos é bastante esquemática, apenas salientando o carácter estratégico que tem na costa do Algarve.



Fig.1.19 – “Mappa da configuração de todas as praças, fortalezas e baterias do Reyno do Algarve” de Joze de Sande Vasconcellos. Lisboa, c.1780, p.4 nº12. Pormenor da bateria da Fuseta.

Fonte: Cartoteca da Biblioteca Nacional.
(<http://purl.pt/762>).

¹⁹ F. X. Ataíde de Oliveira – op. cit., p.147.

²⁰ “Antes de mais apresso-me a dizer que escrevi *Fuzeta*, porque assim vejo escrito em todos os autores, mas estou convencido de que é um grande erro, porque sendo esta palavra diminutivo de foz, dever-se-ia escrever sempre *Fozeta* e não *Fuzeta*.” Pinho Leal - *Portugal Antigo e Moderno - Dicionário Geográfico*. Lisboa: Cota D'Armas Livreros, 1990, p.25.

²¹ J.Fernandes Mascarenhas – “A origem do topónimo *Fuzeta* e a sua evolução”. Correio do Sul, Faro: 10/09/1953.

²² “(...) diz o foral de Faro “*et omnes Ficulneas de Marim*”, onde havia rastros figueirais que já vinham dos mouros e que se estendem certamente até à margem direita do pequeno Ribeiro do Tronco. Foram estes figueirais que devem ter dado a origem do topónimo que veio do latim – *Ficetum*, *i* – *Ficeta*. (...) A simples decomposição em Foz mais Eta, cujo sufixo é diminuição, significando uma foz pequena, embora o ribeiro em tempos antigos tivesse maior caudal, não convence e é uma fácil suposição.” Adérito Vaz - op. cit., p.9.

²³ “D. Paio Peres Correia tomou Ayamonte e Cacula, tendo D. Sancho doado à Ordem do Mestre e feito escritura em 18/2/1240. Foi nesta altura, quando Ayamonte fez parte do Algarve e em mapa referente a esse século, que aparece pela primeira vez um nome no local de Fuseta e muito parecido a *Fyeins* ou *Figera*. (...) mapa de Fernando Alvaro Seco, cartógrafo e autor da mais antiga carta gravada do reino de Portugal feita em 1561 em Veneza.” Adérito Vaz - op. cit., p.11.

Segundo o “*Mappa da Configuração de todas as Praças, Fortalezas e Baterias do Reyno do Algarve*”, feito por Joze Sande Vasconcellos nos finais do século XVIII (Fig.I.19), onde é reforçada a importância deste ponto na defesa da costa com a representação da “Bateria da Fuzeta”, a povoação é pela primeira vez representada na margem poente da foz da Ribeira do Tronco, segundo uma organização ortogonal das cabanas que constituem a povoação. Também do mesmo autor e da mesma época é a “*Configuração Corográfica de baxo dos preceitos da Geografia Moderna do Reyno do Algarve*” onde é apenas referida como ponto na ligação entre as cidades principais de Tavira e Faro e onde existe a *Barra da Fuzeta* (Fig.I.20).



Fig.I.20 – “Configuração Corográfica de baxo dos preceitos da Geografia Moderna do Reyno do Algarve”, de Joze de Sande Vasconcellos. Tavira, 22 de Dezembro de 1785. Pormenor da localização da Fuzeta e da Barra. Fonte: Instituto Geográfico Português através do programa FIGIEE (<http://www.igeo.pt>).

No “*Mapa da Costa do Algarve*”, feito também por Joze de Sande Vasconcellos em 1790, é uma vez mais representada a povoação na margem poente da foz da Ribeira do Tronco, acrescentado-nos em formato de legenda: “*Fuzeta: He huà plataforma com hum corpo de guarda: he muito distante da barra. Defende huà povoação grande e huà Armação*” (Fig.I.21).



Do mesmo período são os relatos do pároco da Freguesia de Moncarapacho, o Padre Manuel Mendes Correia, que em 1758 escrevia “*Tem Moncarapacho uma praia chamada Fuzeta, quasi logar, que consta de muitas cabanas e nellas moram os pescadores, cento e nove fogos com uma capella da Senhora do Carmo, onde se diz missa nos domingos e dias santos de guarda. (...) defronte da barra da Fuzeta está um fortim com uma praça, com um artilheiro e tem guarnição de quatro soldados, que vêem da cidade de Tavira*”.²⁴

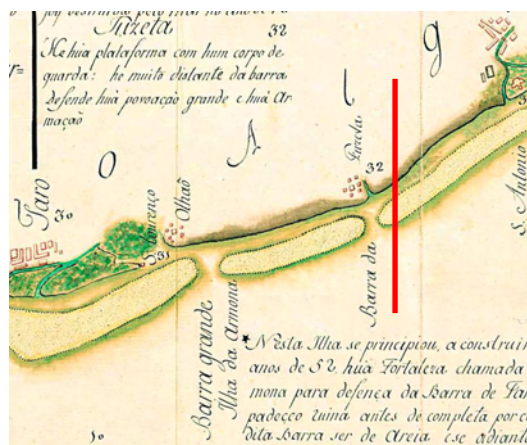


Fig.I.21 – “Mapa da Costa do Algarve” de Joze de Sande Vasconcellos. (s/l.), década de 1790. Pormenor com a localização da “Barra da Fuzeta”. Fonte: Instituto Geográfico Português através do programa FIGIEE (<http://www.igeo.pt>).

Em meados do século XIX, segundo a “*Carta de Corográfica do Reino do Algarve*” feita por João da Silva Lopes em 1842, o lugar da Fuzeta era então composto pelo *Bairro da Fuzeta*, a *Barra da Fuzeta* e o *Areal da Armação* localizado na Ilha. O acesso à povoação era composto por dois eixos: a ligação viária Tavira-Faro, com a *Ponte da Taboeira* sobre a Ribeira do Tronco, e um eixo secundário desde Olhão e passando pela povoação de *Bias* (Fig.I.22).

Transcrição da legenda existente na área em análise:

“* Nesta Ilha se principiou, a construir pelos anos de 52, huà Fortaleza chamada d’Armona para defença da Barra de Faro, a qual padeço ruina antes de completa por causa da dita Barra se de Areia e se adiantar para Leste”

²⁴ J.Fernandes Mascarenhas – op.cit. Correio do Sul, Faro: 10/09/1953.

Foi em 1784 que se fez o primeiro pedido para uma paróquia independente de Moncarapacho, com nova sede na Capela de Nossa Senhora do Carmo, visto que a Fuseta contava então com 132 habitantes²⁵. O pedido foi negado pelo Bispo D. André Teixeira Palha. No entanto a independência paroquial da Fuseta ficou prometida para quando se verificasse um crescimento significativo da população²⁶.

A 2 de Outubro de 1802 a população da Fuseta renovou o pedido, desta vez ao Bispo D. Francisco Gomes de Avelar, que por Alvará Régio de 15 de Abril de 1823 determinou a partilha da renda anual feita até então à Confraria de Moncarapacho, com a Confraria do Santíssimo Sacramento da Fuseta. Dois anos mais tarde nascia o Compromisso Marítimo da Fuseta.

Só em 1835, por decisão do governador do Bispado de Faro, Frei António de Santo Ilídio da Fonseca e Silva, foi autorizada a constituição de uma paróquia independente e a isenção da renda anual à Confraria de Moncarapacho.

A Igreja Paroquial da Nossa Senhora do Carmo da Fuseta foi assim começada em 1847. Ao longo das décadas os pescadores contribuíam não só para a fábrica da Igreja, cuja administração era da responsabilidade de dois homens nomeados pelos “marítimos”, que detinham os cargos de *fabriqueiro* e de *escrivão*, mas também para o sustento do pároco que tinha o cargo de presidente.

Em 1876, por Decreto Real, dá-se a passagem da Fuseta do Termo de Tavira (ao qual tinha pertencido até então) para o Termo de Olhão²⁷.

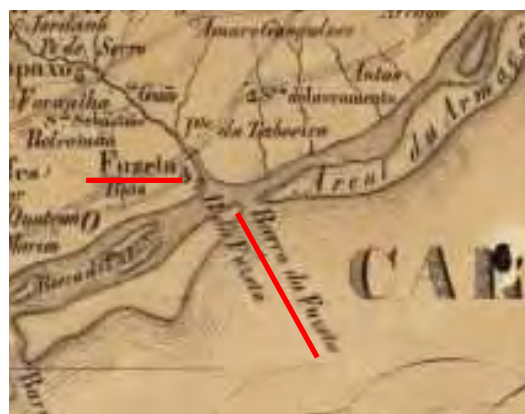


Fig.1.22 – “Carta Corográfica do Reino do Algarve” de João da Silva Lopes. Lisboa, 1842 e pormenor da Fuseta. Fonte: Cartoteca da Biblioteca Nacional. (<http://purl.pt/3973/1/p1.html>).

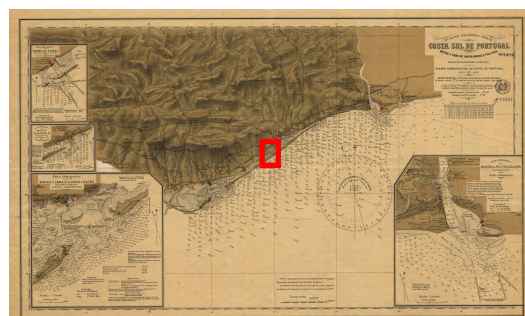


Fig.1.23 – “Barra da Fuzeta. Plano Hidrográfico levantado em 1915” de Ernesto Carvalho e Hugo Lacerda. Lisboa: Missão Hidrográfica da Costa de Portugal, 1916. Fonte: Cartoteca da Biblioteca Nacional. (<http://purl.pt/1931/>)

²⁵ O desenvolvimento mais significativo da povoação pode-se colocar nesta segunda metade do século XVIII, com as acções para a separação da Paróquia de Moncarapacho.

²⁶ Antero Nobre - *História breve da vila de Olhão da Restauração*. Olhão, 1984, p.63.

Obra disponível em <http://www.olhao.web.pt/Textos/HistoriaBreveOlhao.pdf>.

²⁷ Antero Nobre - op.cit., p.62.

II CAPÍTULO
EVOLUÇÃO URBANA

“Os aglomerados de pescadores procuram sempre a maior proximidade e facilidade de acesso ao mar. Depois é a topografia do local que toma grande importância, consoante a costa é ou não acidentada. (...) na de sotavento ou oriental, o acidentado é quase nulo nos aglomerados, tornando-se menos interessantes e movimentados. As casas de Olhão e Fuzeta, embora situadas em terrenos planos, constituem excepções em toda a costa algarvia”.

AAVV - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004 (1961), p.266.

II CAPÍTULO EVOLUÇÃO URBANA

II.1. A ORIGEM URBANA DA FUSETA

Os primeiros assentamentos da Fuzeta foram feitos por pescadores da armação de atum e tinham um carácter sazonal. Segundo Mascarenhas (1953), já no século XVI a "Fozeta" era um *lugar de residência* pertencente à Freguesia de Moncarapacho²⁸. Estes assentamentos eram compostos por um grupo de cabanas localizado na margem poente da foz da Ribeira do Tronco e seguiam regras de ortogonalidade quer na localização, quer na organização das cabanas no território, dando origem a um traçado regular, com frentes direccionadas ao mar²⁹, como transparece nas cartas realizadas por Sande Vasconcellos (1780).

Posteriormente foi edificado, na colina sobranceira à ria, um quartel para defesa da povoação e da entrada na barra. Vaz (1986) especifica que foi no século XVII, durante o reinado de D. João IV ou de D. Afonso VI³⁰, o que coincide com citação de Mascarenhas (1953), do Padre da Freguesia de Moncarapacho (1758) quanto à confirmação da existência de um "fortim com uma praça"³¹.

O principal acesso à povoação era composto por um eixo viário de direcção norte-sul, que dividia a área na zona leste, onde se localizavam as cabanas, da zona poente com o quartel, como vem representado nos dois mapas sequenciais da "Configuração da Costa desde a Fortaleza de S. João até a Bateria e Barra da Fuzeta" (Fig.II.1) e da "Configuração da Costa desde a Barra da Fuzeta até ao Ancão, compreendendo o Cabo de Stª Maria e as barras de Faro", (Fig.II.2)

O traçado inicial da Fuzeta constituída por cabanas foi a base para o crescimento urbano ocorrido nos séculos seguintes, sobretudo nos séculos XVIII e XIX.



Fig.II.1 – "Configuração da Costa desde a Fortaleza de S. João até a bateria e barra da Fuzeta, c.1800, autor desconhecido. Fonte: Instituto Geográfico Português através do programa FIGIEE (<http://www.igeo.pt>).

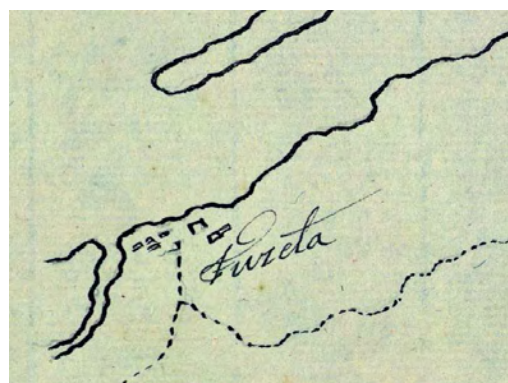
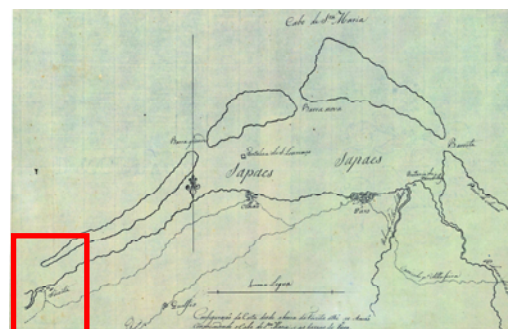


Fig.II.2 – "Configuração da Costa desde a barra da Fuzeta até ao Ancão compreendendo o Cabo de Stª Maria, e as barras de Faro" c.1800, autor desconhecido. Apesar de ser de autor desconhecido, poderá tratar-se de apontamentos feitos por Jozé de Sande Vasconcellos, devido à semelhança da caligrafia utilizada com outros mapas do mesmo autor.

Fonte: Instituto Geográfico Português através do programa FIGIEE (<http://www.igeo.pt>).

²⁸ O documento mais antigo remonta a 1572, como referido na nota 21 no capítulo I.

²⁹ "Estamos crentes que grande parte das cabanas não terá sido disposta de forma irregular e aleatória. (...) procurava-se a vigência de um traçado regular, com as frentes das casas e das cabanas viradas para o mar." Sandra Romba – op. cit., p.33.

³⁰ Ver nota 10, Adérito Vaz – op.cit., p.8.

³¹ Ver nota 24, J.Fernandes Mascarenhas – op.cit. Correio do Sul, Faro: 10/09/1953.

II.2. DESENVOLVIMENTO URBANO DA FUSETA

O pólo urbano inicial era constituído pelas ruas entre a ligação a Moncarapacho e a margem da ribeira, tendo sido desenvolvido possivelmente entre os séculos XVI e XVII. A consistência no traçado das ruas dentro deste rectângulo encaixado na zona baixa parece comprová-lo, visto que correspondente a uma área sem desnível topográfico que facilitava o assentamento das cabanas. (Fig.II.3.1)

Posteriormente o desenvolvimento foi feito através do prolongamento dessas ruas, possivelmente já no século XVIII, pela encosta da colina onde já existia um quartel com uma praça, e que possuía uma característica importante para os pescadores: uma melhor visibilidade da Barra³². Nascia assim o Sítio ou Bairro do Burguel, residência sobretudo de pescadores que migraram da zona baixa e cujo ponto fulcral era o topo da colina, coincidente com o Largo do Quartel ou do Burguel, actualmente Largo D^a. Benedita de Oliveira. A descentralização do núcleo da zona baixa face à nova área residencial do Burguel separou a população em dois sectores sociais: por um lado os “terrestres”, que se mantiveram na zona baixa, por outro lado os “marítimos” na colina. (Fig.II.3.2)

O prolongamento das primeiras ruas da baixa atravessando o assentamento desde a cota mais baixa à mais alta, fez com que adquirissem uma escala urbana ao funcionarem como eixos nordeste-sudoeste, dando acesso aos terrenos agrícolas denominados de “atalaias”. Ruas que são exemplos das que mais tarde se tornaram eixos urbanos são a Rua da Boavista (actual Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos) e a Rua dos Mestres (actual Rua Dr.Teófilo Braga) na qual se agrupou a classe piscatória dos “mestres” das embarcações de pesca.

A consolidação do pólo “baixa e Bairro do Burguel” parece ter sido feita na primeira metade do século XIX, com novas ruas e largos dentro da estrutura ortogonal, composta por quarteirões com orientação nordeste-sudoeste (Fig.II.3.3), que no decorrer do século foram depois subdivididos em outros



Fig.II.3.1 – 1ª Fase (século XVI-XVII)
Assentamento na margem oeste da foz da Ribeira do Tronco.

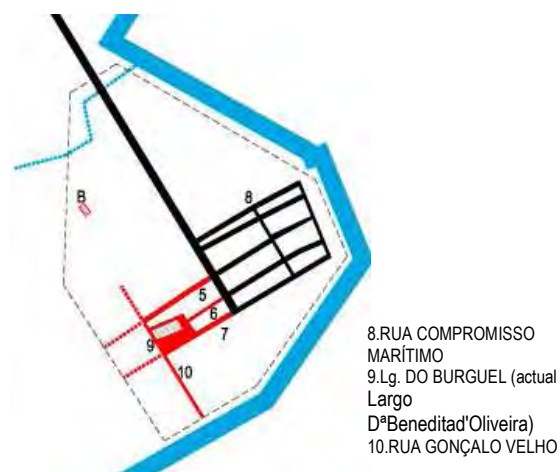


Fig.II.3.2 – 2ª Fase (século XVIII)
Crescimento do assentamento na encosta da colina, dando origem ao Bairro do Burguel.



Fig.II.3.3 – 3ª Fase (primeira metade do século XIX)
Consolidação do pólo inicial do baixa e Bairro do Burguel.
Fig.II.3 – Esquemas da evolução urbana à escala 1:15000.

³² “As povoações ganham as arribas para melhor observação da entrada e saída dos barcos, deixando sempre junto ao mar o espaço necessário à sua recolha.” Artur Pires Martins, Celestino Castro e Fernando Torres– op. cit., p.266.

EVOLUÇÃO URBANA E ARQUITECTÓNICA DA FUSETA

mais estreitos, nascendo ruas sinuosas de carácter local, provenientes das delimitações internas dos quintais. (Fig.II.3.4)

Surge, porém, em meados do século XIX, um novo pólo a norte constituído pela zona da Igreja³³ cujas características são distintas do primeiro. Para além de rematar o ponto mais alto do núcleo urbano, introduziu conceitos urbanísticos no território que até agora foi construído de forma empírica. A implantação do edifício de referência num pódio ao qual se acede por escadarias e o seu alinhamento com um eixo viário remetemos para o vocabulário de um plano urbanístico pela primeira vez na Fuseta. (Fig.II.3.4).

É também nesta época que se inicia a campanha de substituição das cabanas por construções em alvenaria de pedra. Até então o núcleo urbano era constituído por cabanas, como parece comprovar o mapa cartográfico feito por Sande de Vasconcellos (1780) ao não ser representada a povoação uma vez que não se enquadra em nenhuma das categorias de representação do edificado: nem de terra nem de alvenaria de pedra³⁴. Por outro lado, as datas inscritas nas vergas das portas das casas do núcleo histórico, cujas mais antigas são de 1850, reforçando a ideia de que o urbanismo da Fuseta foi definido por *bairros de cabanas*³⁵.

Nos finais do século XIX é iniciado o processo de urbanização dos terrenos a sul no limite da ria, com a urbanização “Trás-da-Cerca do Silva Ramos”³⁶, e posteriormente já no século XX com o Bairro dos Pescadores³⁷.

No decorrer do século XX aparecem os últimos eixos viários da hierarquia primária rematando, integrando e regrido as zonas periféricas e de aterro na sua relação com o núcleo histórico. (Fig.II.3.5)

³³ O início de construção da Igreja Nossa Senhora do Carmo da Fuseta data do ano de 1847.

³⁴ “Explicação: As linhas que vão de encarnado, são as obras de pedra e cal, as que vão de preto são as obras de terra; e as que vão de pontinhos são as obras arruinadas.” Texto patenta na capa do “Mappa da configuração de todas as praças, fortalezas e baterias do Reyno do Algarve” de Joze de Sande Vasconcellos, cerca de 1780.

³⁵ “(...) a um grupo de cabanas chamam Bairro.” Leite de Vasconcelos – op.cit., p.282.

³⁶ Também Sandra Romba identificou um período semelhante de desenvolvimento urbano do núcleo histórico de Olhão. “A primeira área que sobressai na documentação de Arquivo (...)tratava-se de uma série de cercas, hortas e fazendas que foram sendo transformadas, de finais do séc.XVIII até à primeira metade do séc.XIX, em espaços urbanizados” Sandra Romba - op.cit., p.3.

³⁷ Entre 1925-29, da autoria do arquitecto Carlos Ramos.



Fig.II.3.4 – 4ª Fase (século XIX)

Bairro da Igreja e consolidação do núcleo urbano.



Fig.II.3.5 – 4ª Fase (século XX)

Prolongamento dos eixos principais da Rua da Liberdade e da Av. Marginal.

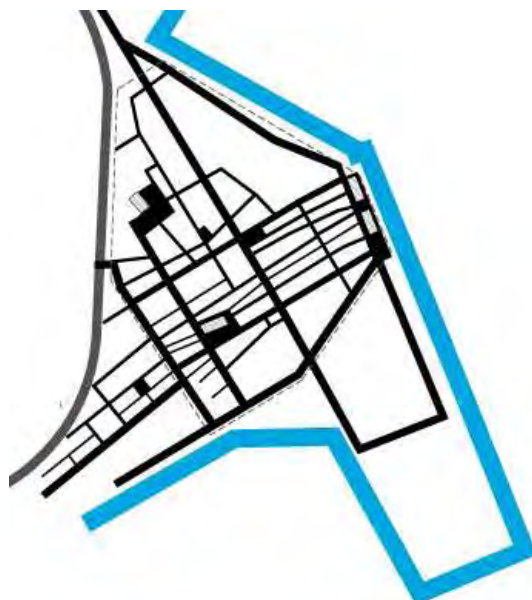


Fig.II.3.6 – (século XXI)

Estrutura viária actual.

Fig.II.3 – Esquemas da evolução urbana à escala 1:15000.

É o caso da ampliação da Rua da Liberdade que, através da demolição de um edifício dá-se o conseqüente prolongamento até à ria, ou o traçado da Avenida 25 de Abril, na segunda metade do século XX³⁸ e mais recente a Avenida Marginal.

Em suma, a evolução urbana da Fuseta pode ser dividida em três momentos:

- entre os séculos XVI e XVIII, que corresponde ao assentamento do núcleo histórico, feito na área da zona baixa e do Bairro do Burguel;

- no século XIX, correspondente ao que parece o "plano urbano" do pólo da Igreja e à campanha de substituição das cabanas por casas de alvenaria e ao desenho de pequenas bandas contínuas de edifícios³⁹;

- a partir do século XX, correspondente à expansão em novos terrenos provenientes de aterros feitos na margem da ria e da ribeira e a sua conseqüente urbanização.

Apesar da evolução ter sido feita nestes três períodos⁴⁰, a estrutura urbana adquiriu coerência através da uniformidade da malha ortogonal, em que só em alguns casos se verifica que é ligeiramente orgânica, resultante da adaptação à topografia local. Prevê-se que no futuro, em relação ao núcleo histórico, sejam densificadas as áreas a oeste da Avenida Marginal, uma vez que o recente traçado desta avenida originou novas frentes de lotes ainda sem construção.



Fig.II.4 – Planta do núcleo histórico da Fuseta na década de 1950. Fonte: Artur Pires Martins, Celestino Castro e Fernando Torres– op. cit., p.271.



Fig.II.5 – Fotografia aérea da Fuseta na década de 1950, com a localização do quartel e do largo, na margem direita. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Olhão.

Fig.III.6 – Fotografia aérea da Fuseta de 1972. Fonte: IGP F-38 Junho de 1972.

³⁸ A Av.25 de Abril não foi apresentada no mapa publicado por Artur Pires Martins, Celestino Castro e Fernando Torres– op. cit., p.271, no entanto já aparece na fotografia aérea de 1972 (IGP F-38 Junho de 1972).

³⁹ Este processo de substituição das cabanas por casas de alvenaria na Fuseta foi tardio comparando com as substituições de Olhão onde "(...) entre 1780 e 1790 as últimas cabanas teriam desaparecido." Orlando Ribeiro – op. cit., p.72.

⁴⁰ Na vizinha cidade de Olhão o processo de urbanização foi feito mais cedo, mas as etapas de evolução são semelhantes, como refere Romba (2008): "Para o povoamento da Praia de Olhão consideramos a existência de 3 fases. A primeira fase caracterizou-se pela ocupação sazonal e pela progressiva fixação da população, cuja data inicial rondará os finais do séc. XVI; a segunda fase diz respeito à expansão da área habitacional da praia que terá ocorrido a partir de 1715, e a terceira fase correspondeu à reestruturação da frente para o mar que terá ocorrido sobretudo a partir das primeiras décadas do séc. XIX." Sandra Romba - op. cit., p.13.

II.2. BAIRROS DO NÚCLEO URBANO

Vimos na análise dos principais acontecimentos que para o desenvolvimento urbano contribuiu a existência de pólos geradores de sectores urbanos, denominados de bairros. Analisamos em seguida as características dos bairros que compõem o núcleo urbano.

O pólo inicial desenvolveu-se na **zona baixa**, à cota +2m e com o tempo foi permanecendo como área residencial do grupo dos “*terrestres*”, cujo ponto principal é o Largo da República, onde ainda se localizam o principal comércio e a “*Associação*”, local de reunião do grupo. É delimitado a poente pela antiga Rua do Poço Novo⁴¹, a leste pela linha de margem, a Avenida Marginal, a norte delimita a antiga Rua do Besouro⁴² e a sudeste a parte baixa da antiga Rua dos Mestres (Fig.II.7.1).

A tipologia arquitectónica destinada à habitação que aparece neste sector urbano está implantada num lote (área correspondente ao antigo espaço ocupado por uma cabana) e com uma fachada cujo ritmo é Janela-Janela-Porta. Na zona a sul, mais precisamente na Rua dos Mestres, encontramos esta tipologia anexada a um armazém num lote mais estreito, cuja fachada de conjunto segue o ritmo Janela-Janela-Porta-Portão ou Janela-Janela-Porta-Janela.

No entanto na zona norte, no limite da Rua Nova Grande e a Rua do Besouro, verifica-se uma tipologia implantada em dois lotes de dimensões semelhantes e cuja fachada segue o ritmo Janela-Janela-Porta-Janela-Janela.

O Sítio ou **Bairro do Burguel** foi a zona habitacional dos pescadores, conhecidos pelo grupo dos “*marítimos*”. Desenvolve-se entre a cota +4m, na zona baixa, e no ponto mais alto à cota +12m, correspondente ao centro do bairro e ao antigo Largo do Burguel⁴³, onde se localizavam os comércios e serviços principais como a mercearia, o paiol, o posto da GNR e a Escola. Tem como delimitação a sudeste a antiga linha de margem, a Rua da Praia⁴⁴ e a “*Cerca*” de protecção das marés.

⁴¹ Actualmente Professor Manuel Carlos

⁴² Actualmente Rua C.Henrique Galvão.

⁴³ Actualmente Largo D^a Benedita de Oliveira.

⁴⁴ Actualmente Avenida 25 de Abril.



Fig.II.7.1
1º Pólo urbano (século XVII-XVIII) constituído pela zona baixa e Bairro do Burguel.



Fig.II.7.2
2º Pólo urbano (século XVII-XVIII) Largo da República e zona baixa.



Fig.II.7.3
3º Pólo urbano (século XX) Bairro da Igreja.

Fig.II.7 – Esquema da evolução urbana dos bairros, à escala 1:15000.

A oeste a delimitação era a Rua do Sol Aberto⁴⁵ e a leste o eixo principal da Rua Formosa⁴⁶, na época sem ligação à Ria. A noroeste o limite era menos rígido, feito por terrenos agrícolas, onde mais tarde surgiram a Rua das Vinhas e a Rua Nova Grande⁴⁷. A Rua dos Mestres⁴⁸, era uma das mais importantes, pois nela se concentravam a morada dos mestres das embarcações de pesca (Fig.II.7.1).

Continua a verificar-se as tipologias acima descritas, implantadas num ou dois lotes (área correspondente ao antigo espaço ocupado por uma cabana), com ritmo de fachada Janela-Janela-Porta ou Janela-Janela-Porta-Janela/Porta, respectivamente.

O terceiro pólo é constituído pelo **Bairro da Igreja** e tem como ponto central o ponto mais alto do núcleo histórico, correspondente ao Largo da Igreja, à cota +14m. É delimitado a oeste pela Linha do Caminho de Ferro, a sul pela Rua Nova Grande e a este pela Rua do Poço Novo.

Tem as características de plano urbano, uma vez que cria um largo em pódio que destaca o edifício principal da Igreja, ao qual se acede por um conjunto de escadarias e rampas. Também é marcada a axialidade através do alinhamento do novo eixo da Rua da Igreja. Quanto às ruas pré-existentes, remata-as de forma a que convirjam no largo, como é exemplo a Rua Comandante Henrique Galvão⁴⁹ e a Rua Gonçalo Velho⁵⁰ (Fig.II.7.3).

A tipologia arquitectónica que se encontra neste sector urbano continua a ser a já acima referida e apenas implantada num lote, com ritmo de fachada Janela-Janela-Porta.



Fig.II.8 – Rua do Bairro do Burguel.



Fig.II.9 – Largo da República.



Fig.II.10 – Bairro da Igreja.

⁴⁵ Actualmente Rua Humberto Delgado.

⁴⁶ Actualmente Rua da Liberdade.

⁴⁷ Actualmente Rua Dr. Vergílio Inglês.

⁴⁸ Actualmente Rua Dr. Teófilo Braga.

⁴⁹ Antigamente Rua do Besouro.

⁵⁰ “A Igreja da Fuzeta foi mandada construir no meio das palhotas dos pescadores, servindo isto para confirmar a diferenciação existente com as povoações rurais, porque enquanto nas primeiras nascia a povoação, embora de cabanas, e só depois a Igreja; nas rurais à roda da igreja nascia a povoação.” Adérito Vaz - op. cit., p.23.

II.3. EIXOS VIÁRIOS ESTRUTURANTES DO NÚCLEO URBANO

Analisamos agora os principais eixos viários que estiveram implicados na evolução urbana do núcleo da Fusetta, todos eles pertencentes à rede primária em algum momento da evolução urbana, e relacionados com pontos centrais de cada bairro.

Da actual rede primária analisamos o eixo antigo da Rua da Liberdade pela sua importância histórica e axial, e o recente eixo da Avenida Marginal, resposta às recentes mudanças urbanas. Da rede secundária a Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos, associado ao surgimento do primeiro pólo urbano e a Rua Dr. Virgílio Inglês ao segundo pólo.

O primeiro eixo viário estabelecido no território, com direcção noroeste-sudeste, foi a **Rua da Liberdade**, a antiga Rua Formosa, que faz a ligação à Freguesia de Moncarapacho, e dá acesso ao cruzamento com o eixo viário Faro-Tavira, actualmente a E.N.125.

É um exemplo de como traçado viário se foi adaptando à evolução do núcleo urbano ao longo dos séculos, e como o seu papel na distribuição urbana foi ganhando cada vez mais relevância. Teve outros nomes como Rua Formosa ou Rua Côrta, cujo próprio nome a caracteriza.

Da sua análise percebe-se que surgiu em três etapas, equivalentes aos três períodos de desenvolvimento urbano referidos anteriormente.

O primeiro traçado mantém-se sempre à cota +2m e corresponde ao tramo de rua que vai desde o início do núcleo urbano e termina no cruzamento com a Rua Magalhães Lima⁵¹. Topograficamente este antigo remate coincide com uma subida de 2m na cota do terreno, correspondente a um quarteirão que cruzava toda a povoação, com orientação nordeste-sudoeste e que tinha a outra frente para a Rua Dr. Teófilo Braga⁵². Era por isso conhecida também por Rua Côrta, cujo nome indica a

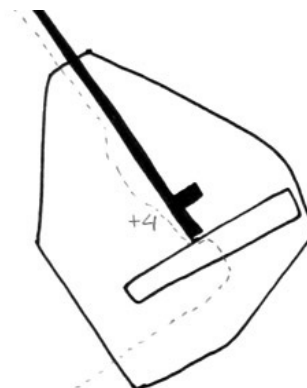


Fig.II.11 .1
1ª Fase da Rua da Liberdade (século XVII-XVIII).

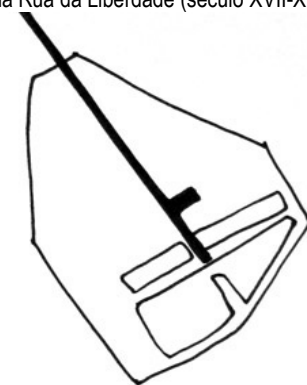


Fig.II.11 .2
2ª Fase da Rua da Liberdade (século XIX).

Fig.II.11 .3
3ª Fase da Rua da Liberdade (século XX).

Fig.II.11 – Esquema da evolução da Rua da Liberdade à escala 1:15000.

⁵¹ Antigamente Rua do Conde.

⁵² Antigamente Rua dos Mestres.

característica de rua sem saída que possuía até a década de 1930 (Fig.II.11.1).

Possivelmente a segunda etapa deu-se com a abertura de passagem no quarteirão referido, permitindo o prolongamento até à Rua Dr. Teófilo Braga, e posteriormente até à Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos (Fig.II.11.2).

A terceira fase corresponde à abertura de passagem no quarteirão com frente para a Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos cujo limite sul era pouco definido, com o derrube de dois edifícios. Dá-se assim, na primeira metade do século XX, o prolongamento do principal eixo viário até à ria, ligando todo o núcleo histórico (Fig.II.11.3).

Estas três etapas são confirmadas pelas diferentes larguras que a rua apresenta ao longo do seu traçado, em que se verifica um ligeiro alargamento no final do primeiro tramo ao chegar ao Largo da República. A segunda etapa tem uma largura constante que consiste praticamente no dobro da primeira e a terceira etapa é composta por duas larguras distintas, uma correspondente ao lote aberto para o prolongamento e a outra de maior largura já característica de um traçado urbanístico.

Outro eixo que estruturou o núcleo urbano e que está relacionado com o surgimento do primeiro pólo é a **Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos**, antigamente Rua da Boavista, de sentido nordeste-sudoeste. Trata-se de um das ruas mais antigas, que se direccionava ao cais e que separava a área construída da zona de praia a sul e sudeste. Actualmente ainda cruza toda a povoação até ao cais. Desenvolve-se entre a cota +10m, onde delimita o Largo D^a. Benedita de Oliveira e a cota +2m junto ao cais. O seu traçado e secção de rua são bastante homogéneos, com uma ligeira inflexão na parte alta, fruto de adaptação à topografia (Fig.II.12).

O surgimento do segundo pólo na zona baixa ficou associado ao eixo da **Rua Dr. Virgílio Inglês**, a antiga Rua Nova Grande, com sentido nordeste-sudoeste e que delimita o Largo da República. Trata-se de um eixo que cruza toda a povoação, fazendo a ligação no ponto mais alto, à cota +16m dos terrenos a oeste da Linha de Caminho de Ferro através da

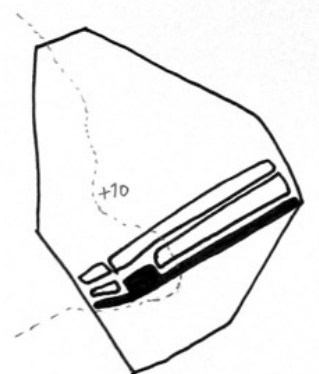


Fig.II.12 – Esquema da evolução da Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos.

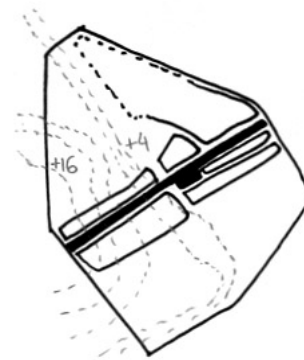


Fig.II.13 – Esquema da evolução da Rua Dr. Virgílio Inglês (século XVII-XVIII).

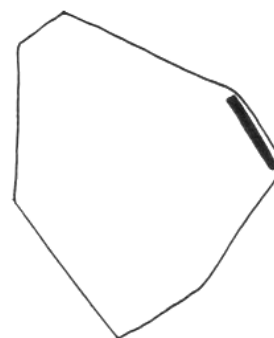


Fig.II.14.1
1ª Fase da Avenida Marginal (século XVII-XVIII).

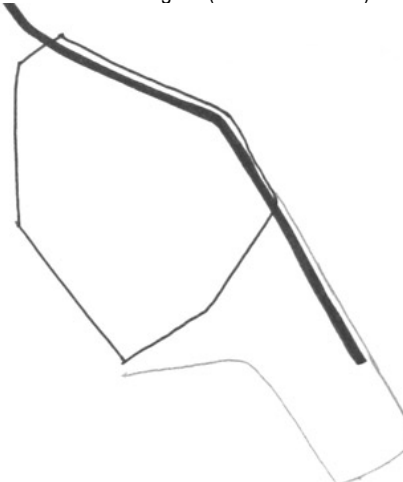


Fig.II.14.2
2ª Fase da Avenida Marginal (século XX).
Fig.II.14 – Esquema da evolução da Avenida Marginal.
Plantas esquemáticas à escala 1:15000.

Ponte Pequena, ao ponto mais baixo na margem do canal (Fig.II.13).

Como o antigo nome indica, foi um re-estruturar de um eixo pré-existente, e por isso o traçado e secção de rua apresenta-se bastante regular.

Um dos mais recentes eixos viários é a **Avenida Marginal**, cujo prolongamento para nordeste desde o cruzamento com a Rua Dr. Virgílio Inglês até à entrada na povoação, deu origem a um eixo periférico da rede primária de acesso à nova área de aterro, alternativo ao eixo central da Rua da Liberdade. Desenvolve-se sempre à cota+2m e é paralelo à margem do Canal/Ribeiro do Tronco (Fig.II.14.1).

O seu prolongamento deu um novo enquadramento às construções aí localizadas. No tramo antigo são construções com mais de um piso, de uso comercial relacionado maioritariamente com a pesca, destacando-se os edifícios do Mercado de Peixe, a Lota, pequenos estaleiros de construção naval e o cais de embarque⁵³. O novo tramo apenas tem frente construída pontualmente, tratando-se na maioria de quintais, terrenos baldios e dos terrenos do campo de futebol. São terrenos de grande potencialidade que no futuro seguramente vão sofrer alterações (Fig.II.14.2).

Não existem dados de quando se procedeu à substituição da antiga toponímia pela actual, mas ainda hoje a população se refere a determinados lugares com os nomes antigos, que eram descritivos das características locais⁵⁴. Topografia, delimitações geográficas, características morfológicas, habitantes e construções eram retratados nos nomes de ruas, dos quais se salienta os seguintes exemplos (segundo a legenda dos Esquemas Fig.II.3:

- A Rua do Sol Aberto(16), Rua da Praia(26), Rua da Boavista(7), Rua dos Quintais(22), Rua Nova Grande(3) e a Rua Formosa ou Corta(1), actuais Rua General Humberto



Fig.II.15 – Rua da Liberdade.



Fig.II.16 – Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos.



Fig.II.17– Rua Dr. Virgílio Inglês.

⁵³ Este processo é feito à semelhança do que aconteceu na frente de Olhão, como salienta Romba (2008) “Procedeu-se a uma série de aterros promovidos pela Câmara e levados a cabo por particulares que possuíam casas e armazéns junto à ria, de forma a alinharem os edifícios e construiram os cais, impedindo desse modo que o mar pusesse a população em risco. Uma nova frente, sinónimo de evolução económica que a Vila estava a ser alvo, passou a constituir uma das entradas principais, tendo em conta as relações comerciais realizadas aqui.” Sandra Romba - op. cit., p.23.

⁵⁴ A Lista de correspondência da actual toponímia com a antiga foi feita através da informação fornecida pela população, com posterior confirmação por escrito feita pela Junta de Freguesia da Fuseta.

Delgado(16), Avenida 25 de Abril(26), Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos(7), Rua Miguel Bombarda(22), Rua Virgílio Inglês(13), Rua da Liberdade(1), e também a Rua das Vinhas (21), que mantém o mesmo nome, dão-nos informação sobre as **características topográficas, morfológicas e urbanas** dos locais;

- A Rua do Poço Novo(14), Rua do Compromisso Marítimo(8), Rua de Trás-da-Cerca(23) e Rua do Rosário(18), correspondentemente a Rua Prof. Manuel Carlos(14), Rua Coronel Brandeiro (8), Rua Dr.Silva Ramos(23) e Rua Almirante Reis(18), informam-nos sobre a presença de **elementos e construções**. Assim como a Rua da Igreja(27), Rua e Travessa do Paiol (11), Rua da Ponte Grande (19) e Rua da Ponte Pequena, que ainda hoje mantêm o mesmo nome;

- A Rua do Conde(5) e Rua dos Mestres(6), actuais Rua Magalhães Lima (5) e (Rua Dr.Teófilo Braga(6) fornecem informação sobre a **residência de pessoas e grupos**.

Vemos assim que a vontade de homenagear figuras da história nacional levou à substituição da toponímia que tão bem caracteriza as ruas da Fusetá, apagando os poucos relatos que existiam da história desta localidade.



Fig.II.18 – Avenida Maginal.



Fig.II.19 – Largo Dª Benedita de Oliveira.

II.4. QUARTEIRÕES E LOTEAMENTO

A estrutura ortogonal que caracteriza a Fusetá é proveniente da forma regular como as cabanas foram organizadas, em filas simétricas e dispostas de frente para o mar. Leite de Vasconcelos dá-nos alguma informação sobre a sua implantação, descrevendo que *“eram construídas em filas simétricas de 15 a 20 cabanas, nalguns casos isoladas, e que possuíam entre 6 a 8 metros. (...) largura 3m a 5m”*⁵⁵.

Ao analisarmos o número de lotes existentes nos quarteirões centrais, correspondentes aos dois pólos mais antigos, verificamos que de facto estão orientados de frente para o mar, e que possuem um número de lotes a este do eixo da Rua da Liberdade que ronda os 20 e a oeste em dois

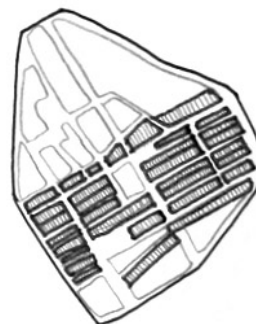


Fig.II.20– Planta esquemática do quarteirões com loteamentos no sentido noroeste-sudeste, no Bairro do Burguel, Largo da República e zona baixa (século XVII-XVIII), à escala 1:15000.

⁵⁵ Leite de Vasconcelos - op. cit., pp.279- 81.

conjuntos que ronda os 10 e outro os 20 lotes, podendo facilmente ilustrar a implantação regrada das cabanas (Fig.II.20).

Na área mais antiga, referente aos pólos do Bairro do Burguel e a zona do Largo da República, podemos agrupar os quarteirões em duas bases: quarteirão primário simples e quarteirão primário duplo.

O **quarteirão simples primário** tem um loteamento que segue a orientação noroeste-sudeste e é composto por apenas uma banda de lotes, com a frente de fachada para o mar e quintal para as traseiras (Fig.II.21).

As dimensões do loteamento de cada quarteirão são bastante semelhantes, quando analisadas a uma escala urbana⁵⁶. A largura varia de forma geral entre os 4,5m e os 6,5m e a profundidade depende do quarteirão, verificando-se entre os 14m e os 20m. Existe a excepção de dois quarteirões no centro do Bairro do Burguel, cuja profundidade de menos de 10m, origina larguras de lote maiores.

Temos o exemplo de quarteirão primário simples, na zona alta e a oeste da Rua da Liberdade, os quarteirões delimitados pela Rua das Vinhas e a Rua Magalhães Lima (Fig.II.20- 1.1) e os quarteirões delimitados pela Rua Almirante Reis e Rua Dr. Virgílio Inglês (Fig.II.20- 1.2). Na zona baixa, a este da Rua da Liberdade, são exemplos os quarteirões delimitados pela Rua Dr. Teófilo Braga e Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos (Fig.II.20- 1.3).

O **quarteirão duplo** tem um loteamento que segue a orientação noroeste-sudeste e é composto por duas bandas de lotes, que dão origem a duas frentes de fachada e quintais no interior do quarteirão (Fig.II.22).

As dimensões do loteamento continuam a ser bastante homogéneas dentro de cada quarteirão, seguindo a lógica dos quarteirões simples, em que a largura continua a variar entre os 4,5m e os 6,5m. A profundidade depende do quarteirão,

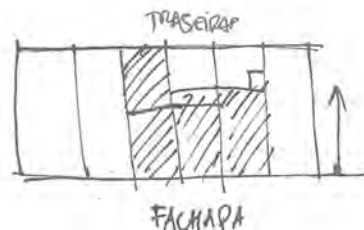


Fig.II.21 – Esquema de quarteirão simples primário, com uma banda de lotes com frente de fachada e traseiras de quintais.

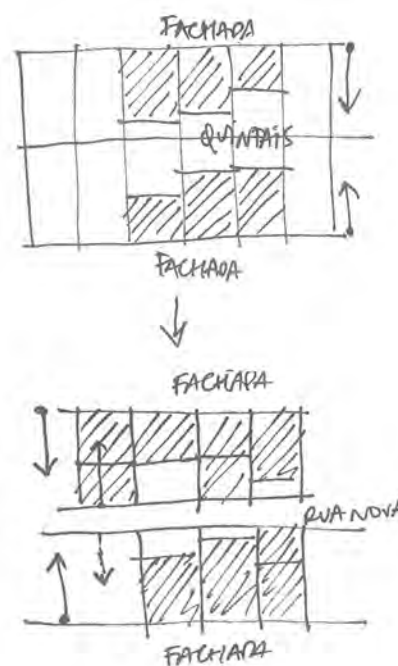


Fig.II.22 – Esquema da evolução de um quarteirão duplo, com uma duas bandas de lotes, duas frente de fachada e quintais no interior, e decomposição pelos limites de quintais, dando origem a uma rua nova e dois quarteirões simples secundários.

⁵⁶ À escala arquitectónica já é mais significativa, dando origem a diferentes tipologias de distribuição interna, como se analisará no capítulo seguinte.

variando entre os 25m e os 45m. Pelas características da morfologia viária percebe-se que os quarteirões de menor profundidade outrora formaram parte de um quarteirão mais profundo, como o caso dos quarteirões na zona baixa que integram o Largo da República.

Servem de exemplo de quarteirão primário duplo, na zona alta e a oeste da Rua da Liberdade, os dois quarteirões delimitados pela Rua Dr. Virgílio Inglês e a Rua das Vinhas (Fig.II.25- 2.1)⁵⁷.

O aumento da população e a consequente falta de fogos, a par com a evolução viária, levou à **decomposição** e **subdivisão** dos quarteirões simples primários e duplos, de forma a que se perdeu a divisão inicial, em que a divisão dos duplos em novos simples é mais antiga que a divisão dos simples⁵⁸.

No caso dos quarteirões primários simples foi feita uma subdivisão interna, dando origem a duas frentes de fachada. É exemplificativo o quarteirão a oeste da Rua da Liberdade, delimitado pela Rua Dr. Teófilo Braga e Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos (Fig.II.25-3.1), quando comparado com o lado este que ainda mantém os quarteirões simples. Outro exemplo ainda na zona alta é o quarteirão delimitado pela Rua Magalhães Lima e Rua Miguel Bombarda (Fig.II.25-3.2). A este da Rua da Liberdade o exemplo é dado pelo quarteirão delimitado pela Rua do Carmo e Rua Magalhães Lima (Fig.II.25-3.3).

No caso dos quarteirões primários duplos a divisão foi feita pelo eixo interno de quintais, que através da desagregação das duas metades deu origem a dois quarteirões simples. O maior número de decomposições de quarteirões deu-se na zona baixa. É o caso do quarteirão a este da Rua da Liberdade, delimitado pela Rua Magalhães Lima e Rua Dr. Teófilo Braga (Fig.II.25-4.1), separados pela Rua Miguel Bombarda, antigamente Rua dos Quintais. Menos óbvio, mas que também



Fig.II.23– Quarteirão primário simples.



Fig.II.24 – Quarteirão primário duplo.

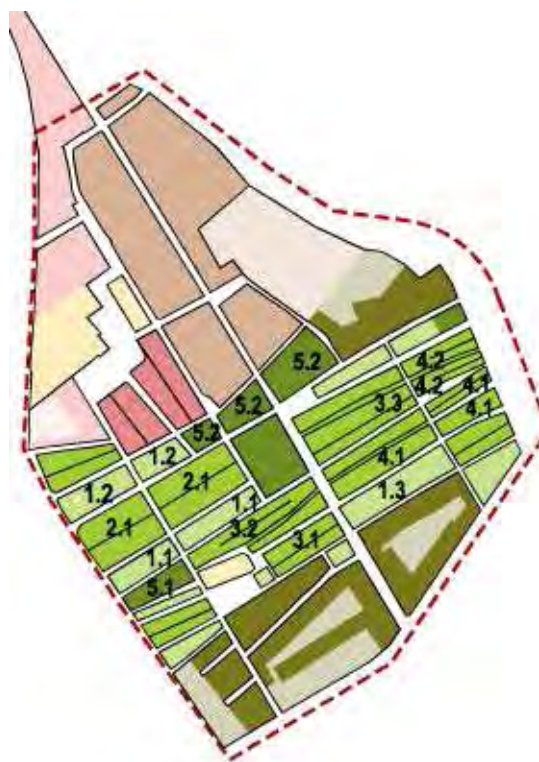


Fig.II.25 - Planta síntese de tipologias de quarteirão segundo o loteamento, à escala 1:7500. (Mais pormenores em II anexo)

⁵⁷ Este facto foi também constataado no núcleo antigo de Olhão por Romba (2008) “foi observado a constituição de alguns quarteirões com forma rectangular e com as frentes para as ruas e os fundos situados no interior do quarteirão. Nas frentes predominou um ritmo de fachadas de Porta-Janela.” Sandra Romba – op.cit., p.32.

⁵⁸ Tal como aconteceu no núcleo histórico de Olhão: “os quintais existentes na maioria dos lotes murados e alinhados, terão deixado de existir para neles se acrescentar outras divisões da casa, outros anexos ou a construção de outras casas independentes para alugar, perspectivando desse modo, a sua rentabilização” idem – op. cit., p.39.

constitui exemplo, é o quarteirão na zona baixa delimitado pela Rua Tenente Barroso e Rua Magalhães Lima, separados pela Rua do Carmo (Fig.II.25-4.2).

Existem outros quarteirões que outrora tiveram um loteamento homogéneo integrado em quarteirões simples ou duplos, cuja evolução urbana fez perder. É exemplo da origem em quarteirão duplo que se desagrega em dois quarteirões simples o quarteirão delimitado pela Rua Magalhães Lima e Travessa do Paiol (Fig.II.25-5.1) e os quarteirões delimitados pela Rua Almirante Reis e Rua Dr. Virgílio Inglês (Fig.II.25-5.2).

Na área correspondente ao terceiro pólo, o Bairro da Igreja, encontramos outra lógica de loteamento, com características que já não provêm da implantação das cabanas. O loteamento foi feito no sentido nordeste-sudoeste, perpendicular ao que vimos anteriormente, de forma a adaptar-se ao sentido dos eixos principais, como a Rua da Liberdade, a Rua Prof.Manuel Carlos e a Rua da Igreja. No entanto, a largura dos lotes continua a variar entre os 4,5m e os 6,5m, mantendo-se a mesma divisão que nos primeiros pólos, de forma a que se pode aplicar a mesma tipologia arquitectónica (Fig.II.26).

A zona de expansão a noroeste e nordeste do Bairro da Igreja, ao longo do eixo da Rua da Liberdade, apesar de manter a mesma direcção de loteamento, apresenta larguras de lotes maiores⁵⁹. Os exemplos de arquitectura tradicional verificados nestes loteamentos⁶⁰ são poucos, no entanto existem conjuntos de armazéns que também seguem a tipologia construtiva tradicional, o que nos leva a concluir que o uso dos edifícios inicialmente desta zona não era habitacional, mas de funções ligadas à indústria da pesca.

Até aqui analisámos quarteirões localizados na área central do núcleo histórico, que se caracterizavam por terem delimitações ortogonais e loteamentos homogéneos. Falta referir que se verificou pontualmente algumas deformações nas delimitações destes quarteirões, fruto de elementos construtivos

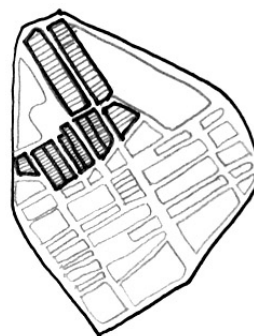


Fig.II.26 – Quarteirões com loteamentos no sentido nordeste-sudoeste, no Bairro da Igreja e expansão a nordeste (século XIX-XX).
Planta esquemática à escala 1:15000.

⁵⁹ Ver Planta análise de loteamento no II anexo.

⁶⁰ Ver Planta de levantamento de tipologias no II anexo.

que já não existem. Estas pré-existências deram origem a estreitamentos e alargamentos dos quarteirões, como o exemplo do quarteirão da Rua Prof. Manuel Carlos (antigamente a Rua do Poço Novo) com a Rua Almirante Reis, que devido ao contorno do poço originou um quarteirão chanfrado. Ou ainda o alargamento da Rua Magalhães Lima, no cruzamento da Rua Coronel Brandeiro (antigamente Rua do Compromisso Marítimo).

No entanto, existe outro tipo de quarteirões, **quarteirões de remate**, que estão localizados no limite do núcleo histórico em zonas com características orgânicas (como a ribeira, a ria e a Linha de Caminho de Ferro) cujas construções são recentes e que seguem outras tipologias de construção.

São quarteirões heterogéneos, de traçado sinuoso e que se adaptam à barreira que os delimita, e que podem ser associados aos pólos que rematam.

O conjunto de quarteirões que rematam a sudeste a ria estão associados ao pólo urbano do Bairro do Burguel. Têm a característica de ter a frente virada a noroeste bem definida, pela Rua Dr. Silva Ramos e Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos, e as traseiras a sudeste sem remate até há poucas décadas, como comprova a banda de edifícios da década de 70 do século passado. Eram terrenos agrícolas denominados de “cercas”, cujos limites, feito pela Rua da Praia, dependiam da maré.

O prolongamento do eixo da Rua da Liberdade até à ria e o aterro de parte dela, nas primeiras décadas do século passado, estabilizaram as características naturais e deram origem à separação em dois quarteirões trapezoidais e de duas novas frentes, cujo loteamento se fez no sentido nordeste-sudoeste.

No caso do novo quarteirão a leste da Rua da Liberdade, o novo remate coincide com a frente edificada de uma banda de edifícios. No quarteirão a poente o remate é mais ambíguo, pelo recuo da frente edificada. Se as delimitações exteriores estão actualmente resolvidas, já o interior destes dois quarteirões continua a apresentar a mesma incoerência de outrora.

Associado ao primeiro pólo urbano na zona do Largo da República está o quarteirão delimitado pela Rua Virgílio Inglês e



Fig.II.27 – Quarteirão de remate.



Fig.II.28 – Pormenor de quarteirão de remate.

a Rua C. Henrique Galvão. Tal como no caso anterior, tem uma frente a sudeste bem delimitada, mas umas traseiras pouco definidas devido há pouca estabilidade da linha de maré do Ribeiro do Tronco teve até ao século passado, que só foi estabilizada pelo traçado da Avenida Marginal. Os loteamentos são sinuosos e com frentes de rua um pouco mais largas que no resto do núcleo histórico. Eram terrenos agrícolas onde se implantou o campo de futebol da vila. Actualmente ainda se mantém o antigo muro paralelo à linha de margem.

No pólo do Largo da Igreja encontramos áreas de remate com a Linha de Caminho de Ferro, mas que não chegam a constituir quarteirões.

Concluindo, desde que o núcleo urbano ficou definido, através de uma estrutura reticulada com origem em quarteirões e lotes ortogonais, a evolução urbana foi feita essencialmente de três formas: a densificação no núcleo histórico, a expansão fora do núcleo histórico e a expansão em novos terrenos. A **densificação no núcleo histórico** consistiu em novas construções dentro dos lotes existentes na maioria zonas de quintais, dando origem a novas frentes de rua, separação de quarteirões e surgimento de novas ruas. A **expansão fora do núcleo histórico** consistiu no prolongamento a oeste da linha férrea de ruas já existentes, como a Rua da Ponte Grande, a Rua da Ponte Pequena e do lado sudeste da linha férrea a Rua da N^a Sr^a. do Carmo e o Bairro dos Pescadores e a **expansão em novos terrenos** resultantes dos aterros da ria e da Ribeiroa do Tronco, respectivamente a sul e a nordeste, em meados do século XX.

A disposição das cabanas da Fusetá poderá expressar uma organização espacial inerente ao tipo de pesca praticada pela armação de atum, mais complexa que outros tipos, como refere Vaz (1986): *“(…) [A Fusetá] começou por uma povoação fixa de cabanas, devido à modalidade da pesca do atum por meio de armações, as almadravas árabes, que tinham uma característica totalmente diferente e mais complexa em relação às outras artes de costa e a qualquer do tipo artesanal da ria.”*⁶¹. Uma vez que esta técnica pressupõe uma metodologia apoiada na organização e na regra, feita de forma empírica, a origem da ortogonalidade do núcleo urbano da Fusetá.

⁶¹ Adérito Vaz – op. cit., p.14.

III CAPÍTULO
EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

“O que verdadeiramente impressiona, em particular no Algarve oriental, é a possibilidade de todos os tipos de cobertura surgirem combinadas num só edifício.”

João Vieira Caldas, A Arquitectura Rural do Antigo Regime no Algarve, Lisboa, IST, 2007, op.cit. p.193.

III CAPÍTULO EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

Como já referimos, o desenvolvimento urbano da Fuseta foi feito essencialmente ao longo dos séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX. Durante este período, a organização espacial das cabanas de pescadores foi consolidando-se numa malha essencialmente ortogonal, com pequenas variações resultantes da adaptação à topografia do terreno e que deram origem a bandas de lotes dispostos em paralelo. A estrutura viária foi mantida, e na maioria dos casos também o loteamento e a ocupação dentro do lote. O que sofreu uma profunda alteração foi a organização interna das casas, com o surgimento de uma tipologia cuja repetição deu origem a conjuntos arquitectónicos com uma forte componente de *standardização* e globalização.

Analisando o quadro de registos prediais e de fogos verificamos que foi entre 1981 e 1991 que se deu a maior taxa de crescimento do número de fogos, facto também associado ao incremento do turismo. Na maioria dos casos traduziu-se em ampliações às construções existentes, para o quintal ou de anexos nas açoteias, o que justifica o número bastante inferior de prédios face ao de fogos. Também verificamos que desde 1950 (cujos limites da vila se resumiam ao núcleo histórico em estudo como vemos na Fig.II.4)⁶² até aos registos de 2001, o número de fogos passou de 771 a 1287, crescendo 67% em apenas 50 anos.

ANOS	1802	1828	1837	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991	2001
PRÉDIOS ⁶³				-	-	-	-	-	-	-	685	796	874	-	895	1152	970
FOGOS ⁶⁴	172	249	272	506	438	573	538	564	402	-	604	771	807	770	882	1498	1287
FAMÍLIAS				-	-	-	-	-	-	536	594	699	741	-	912	970	824

Quadro.III.1 - Quadro de prédios, fogos e famílias⁶⁵.

⁶² Ver Fig.II.4 – Planta do núcleo histórico da Fuseta na década de 1950. Fonte: Artur Pires Martins, Celestino Castro e Fernando Torres – op. cit., p.271.

⁶³ “Prédio: entende-se como tal a construção independente que compreende uma ou várias divisões e outros espaços, coberta por um telhado, limitados por paredes exteriores que vão dos alicerces ao telhado e destinada a ser utilizada como habitação ou para servir a outros fins (agrícolas, comerciais, industriais, etc.)” Instituto Nacional de Estatística - *1º Recenseamento da Habitação 1970 - Continente e Ilhas Adjacentes, Estimativa a 20%*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1975, p.12.

⁶⁴ “Alojamento clássico ou fogo: entende-se como tal, a divisão ou o conjunto de divisões e seus anexos num edifício de carácter permanente ou semi-permanente, ou numa parte distinta do edifício do ponto de vista estrutural, que dado modo foi construído, reconstruído, ampliado ou transformado, se destina a servir de habitação familiar e que no momento do recenseamento não estivesse a servir totalmente para outros fins.” Idem, p.11.

III.1. EXEMPLOS ARQUITECTÓNICOS DO NÚCLEO HISTÓRICO

No que respeita ao núcleo histórico, crê-se que estabilizou até à década de 1950. Antes só o Bairro dos Pescadores (1925-1929) tinha expandido-se para fora dos limites históricos.

Actualmente a Freguesia da Fuseta tem um número de registos prediais de 970, dos quais aproximadamente 750 estão inseridos no núcleo histórico (77%), que corresponde à área em estudo.

O núcleo histórico ainda apresenta um número significativo de exemplos tradicionais. O processo de selecção das casas a estudar foi feito através dos seguintes critérios, desde o geral para o particular:

1º segundo o bairro ou conjunto urbano em que está inserido;

2º escolha de edifícios com apenas um piso e de fachada original de ritmo Janela-Janela-Porta ou semelhante que denote uma organização interna representativa de uma tipologia;

3º edifício com *telhado de tesouro* e/ou cobertura em açoteia sobre abóbada no compartimento junto à fachada.

O critério de selecção foi, em alguns casos, completado por sugestões dos habitantes, apresentando-se por isso alguns exemplos que não cumprem todos os pontos do critério acima referido, mas que têm características construtivas que não podiam ser omitidas. Quadro.II.2 - Quadro do número de edifícios na Freguesia da Fuseta e no núcleo histórico.

NÚMERO DE EDIFÍCIOS	1950	2009
Edifícios na Freguesia da Fuseta	796	970
Edifícios dentro do núcleo histórico	±750 ⁶⁶	750
Edifícios fora do núcleo histórico	46 ⁶⁷	220 ⁶⁸

⁶⁵ Os dados até ao ano de 1837 (inclusive) provêm de Silva Ramos citado por F.X. Ataíde de Oliveira - *Monografia do Concelho de Olhão da Restauração*. Porto: Editora in Foco, 1906. A partir de 1864 os dados provêm do Instituto Nacional de Estatística - *Recenseamentos da População*. Lisboa: INE, 1864 a 2001.

⁶⁶ Foi considerado o mesmo número de construções do núcleo antigo, com base no número de edifícios do estado actual na área correspondente ao núcleo antigo.

⁶⁷ Referente a construções no Bairro dos Pescadores.

⁶⁸ Referente a construções no Bairro dos Pescadores e nos terrenos das "atalaias", a Oeste da Linha Férrea.

A tipologia de casa mais comum que se encontrou tem uma distribuição interna unilateral e adaptou-se à estrutura de um lote, por isso os exemplos desta tipologia foram organizados no conjunto “U” de Unilateral. Verificou-se que surge uma variante a esta tipologia associado a um lote mais estreito que tem a função de armazém, cujos exemplos foram agrupados em “U.A” de Unilateral com Armazém.

Existe outra tipologia mais complexa que tem uma distribuição bilateral e que se adaptada a dois ou mais lotes. Estes exemplos foram organizados no grupo “B” de Bilateral.

Verificaram-se alguns casos com o mesmo sistema construtivo de açoteia e abóbada, adaptado à tipologia de armazém, e que por isso foram agrupados na categoria “A”.

Os restantes exemplos foram agrupados em “O” de Outras Tipologias, e consistem em exemplos pontuais de casas de remate de quarteirão ou sem tipologia, que seguem o mesmo sistema construtivo.

Apresenta-se em seguida o quadro síntese dos exemplos estudados, com relação entre data, tipologia construtiva da cobertura e pormenores da fachada.

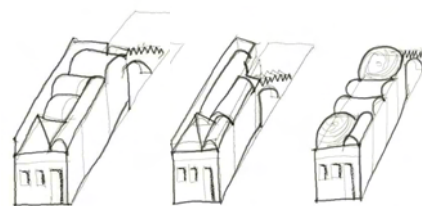





















































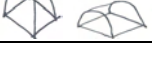































Fig.III.2 - Esquemas de tipologias arquitectónicas no núcleo histórico.

Legenda de símbolos:

-  Abóbada de berço abatido
-  Abóbada de vela
-  Abóbada em barrete de clérigo
-  Telhado de Tesouro
-  Janela com verga curva
-  Janelas geminadas com verga curva
-  Janela com verga recta
-  Janelas geminadas com verga recta
-  Janela substituída

Quadro.III.3 - Quadro síntese dos exemplos estudados.

TIPO	LOCALIZAÇÃO	DATA	COBERTURA	FACHADA
UNILATERAL sem corredor inicial				
U.S.01	R. Dr. Virgílio Inglês nº 61	1906	 	
U.S.02	R. Dr. Teófilo Braga nº 48	sem data	 	
UNILATERAL com corredor inicial				
U.01	R. Silva Ramos nº 12	sem data		
U.02	R. Silva Ramos nº 18	sem data	 	
U.03	Trav. Das Amoreiras nº 8	1900		
U.04	R. Contra Almirante Marcelino Carlos nº 85	1901	 	
U.05	R. Manuel Carlos nº 33	1900	 	
U.06	R. Gonçalo Velho, nº 12	sem data		
U.07	R. das Vinhas nº 4	sem data	 	
U.08	R. da Igreja nº 20	1906		

TIPO	LOCALIZAÇÃO	DATA	COBERTURA	FACHADA
U.09	R. Henrique Galvão nº 14	1910		
U.10	R. Dr Virgílio Inglês nº 28	sem data		
U.11	R. Dr Virgílio Inglês nº 14	1909		
U.12	R. Teófilo Braga nº 75	1899		
U.13	R. Teófilo Braga nº 21	sem data		
U.14	R. Teófilo Braga, nº 37	sem data		
U.15	R. do Carmo, nº 31 e 33	1897e1916		
U.16	R. do Carmo nº 53	sem data		
U.17	R. do Carmo nº 59	sem data		
UNILATERAL com armazém				
U.A.01	R. Teófilo Braga, nº 35	1900		
U.A.02	R. Teófilo Braga, nº 51	sem data		
U.A.03	R. Contra Almirante Marcelino Carlos nº 35	sem data		
BILATERAL simples				
B.01	R. Dr Virgílio Inglês nº 24	1900		
B.02	Av. da Liberdade nº 35	1900		
B.03	R. Magalhães Lima nº 65	1923		
B.04	R. Henrique Galvão nº 3	1918		
B.05	R. Dr Virgílio Inglês nº 8	1922		
BILATERAL composta				
B.06	R. Teófilo Braga nº 34	1916		
B.07	R. Tenente Barroso nº 30/ R. Virgílio Inglês nº 17	1907		
ARMAZÉM				
A.01	R. Miguel Bombarda nº 14	sem data		
A.02	R. da Liberdade nº 120	1908		
A.03	R. Manuel Carlos nº 35	sem data		
OUTRAS TIPOLOGIAS				
O.01	R. Manuel Carlos nº 1	1900		
O.02	R. Dr Virgílio Inglês nº 92	sem data		

III.2. EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

Se a evolução urbana se fez de forma gradual, já a evolução arquitectónica foi feita com outro ritmo. Num determinado período específico procedeu-se a uma campanha de substituição de um tipo de construção provisório por outro permanente. Este facto deveu-se a motivos de ordem legislativa que não permitia, até dado momento, a existência neste território de construções de alvenaria de pedra⁶⁷. Entre meados do século XIX e inícios do século XX, dá-se então a rápida substituição da provisória tipologia construtiva de cabana de colmo por uma tipologia construtiva de alvenaria de pedra com cobertura em açoteia sobre abóbadas⁶⁸.

As primeiras cabanas eram construções destinadas a guardar os utensílios da pesca, e de uso sazonal, que com o acentamento definitivo na zona passaram a ter um novo uso habitacional. Surgiram no século XVII e foram substituídas a partir da segunda metade do século XIX, quando legislativamente foi permitida a construção de casas em alvenaria de pedra. Leite de Vasconcelos caracterizou-as como tendo uma estrutura básica rectangular, dividida em dois espaços: o da entrada com a cozinha e o de dentro com quarto⁶⁹. Em relação às cabanas de Monte Gordo, que desapareceram há menos tempo e que são semelhantes às existentes na Fusetá, Leite de Vasconcelos descreve:

“cada cabana possui dois compartimentos: um de entrada, onde estão comestíveis e outros arranjos domésticos, bem como, a um

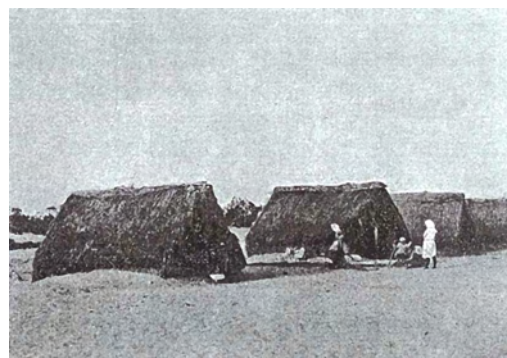


Fig.III.4 - Cabanas em Monte Gordo. Fotografia publicada por Leite de Vasconcelos - op.cit., p.280.



Fig.III.5 - Cabanas em Monte Gordo. Fotografia publicada por Leite de Vasconcelos - op.cit., p.280.



Fig.III.6 - Cabanas na Ilha da Armona. Fotografia publicada por Carlos Ramos - op.cit., p.4.

⁶⁷ Em Olhão a partir de 1715 por Decreto Real.

⁶⁸ “A hipótese de Olhão ser o centro urbano difusor das açoteias e das abóbadas que as suportam, logo seguida da Fusetá, é corroborada pela similitude entre as técnicas e as formas de cobertura usadas nesses aglomerados urbanos e as abóbadas das casas rurais. Só que naqueles as abóbadas de vela só cobrem alcovas e, raramente, vestíbulos ou corredores.(...)As abóbadas de vela com decorações oitocentistas ou mais tardias aparecem, assim, combinadas com as abóbadas de berço simples nas mesmas casas de Olhão e Fusetá. Em contexto urbano não há razão, portanto, para considerar estas últimas mais antigas. E se não fosse a tipologia contemporânea da maioria destas casas, a sua frequente datação na porta de entrada, tanto em Olhão como na Fusetá, desfaria todos os equívocos. Grande parte é já do século XX.” João Vieira Caldas - op.cit., p.224.

⁶⁹ “Na Ilha da Culatra, ao lado de Olhão, há casas de pescadores feitas de madeira e cobertas de colmo ou junco, assentes em espeques, sem estarem, portanto em contacto com a areia. (...) Uma cabana era formada de junco que revestia uma armação de madeira (tanto os espeques, que sustentavam o telhado, como a armação deste eram de pinheiro). Tudo atado com cordas de pita (piteira) e tamiça (corda feita de palma). Mais modernamente empregavam pregos. Também às vezes a forravam por dentro com caniçado (de cana), atado com tamiça, o qual era caiado. Este caniçado servia também para se fazerem as divisões na barraca. Porta de madeira, baixa e estreita, às vezes com postigo. A luz entrava pela porta. O lume acendia-se fora, em fogareiros.” Leite de Vasconcelos - op.cit., pp.280-1.

canto, a cozinha; e um compartimento interior, que serve de quarto de dormir.(...) separa os dois compartimentos um tabique, onde existem aberturas fechadas por cortinas em vez de portas. Comprimento total da cabana, desde a porta de entrada, que é de madeira, até ao topo, uns 5m; largura 3m a 5m. A cozinha forma-a uma caixa de alvenaria, caiada de paredes muito pequenas: 0,80mx0,50m; o fumo sai pela porta de entrada, única abertura na habitação.”⁷⁰ (Fig.III.7-8-9)

Não se sabe ao certo a data da primeira casa de alvenaria de pedra construída na Fuseta. Leite de Vasconcelos precisa que “(...) em 1887 uma terça parte da Fuzeta (Concelho de Olhão) era constituída pelo Bairro do Burguel [espécie de bairro ou burgo], só de cabanas, e foi-me dito que, por 1860, quase só se viam cabanas na povoação”⁷¹, à semelhança do que aconteceu em Olhão mais de um século antes, cujo processo de substituição se deu a partir de 1715⁷². No entanto Adérito Vaz é de outra opinião, afirmando que foi no século XVIII que se procedeu à substituição das cabanas⁷³. Segundo os dados recolhidos, a ideia de Vasconcelos parece a mais plausível.

No levantamento realizado detectaram-se algumas habitações cuja distribuição interna é feita de forma simples e que não se relacionam com as tipologias mais encontradas. Poderão ser exemplos das primeiras substituições de cabanas por casas de alvenaria de pedra, antes de proliferar a tipologia em alvenaria de pedra com cobertura em açoteia sobre abóbadas.

Trata-se de construções simples, com paredes em alvenaria de pedra, cobertura em telhado, vãos abertos sem rigor métrico e onde se verifica a ausência de cantarias, platibandas, beirados ou outros elementos de expressão construtiva.

O caso da Rua Dr. Virgílio Inglês nº92 (ficha anexa **O.02**,(Fig.III.10) apresenta uma planta quadrangular, provavelmente parte de um conjunto de maior dimensão em

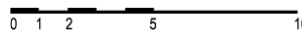
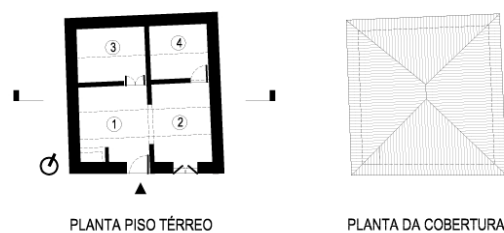


Fig.III.7 - Exemplo da Rua Dr.Virgílio Inglês nº92. (O.02). Escala 1:300



Fig.III.8-9 - Cabana típica da Fuseta por Leite de Vasconcelos - op.cit., p.281.



Fig.III.10-11 - Fotografia actual da Rua Dr.Virgílio Inglês nº92 e Rua Dr.Silva Ramos nº5.



Fig.III.12- Fotografia da década de 1930 da Avenida da Liberdade.

⁷⁰ Leite de Vasconcelos - op.cit., pp. 280.

⁷¹ Idem - op.cit., p. 281.

⁷² Antero Nobre - op.cit., p.29.

⁷³ “A substituição das cabanas por casas de pedra e cal começou no século XVIII, onde em 1784 segundo as estatísticas tinha 132 moradores e em 1790 ou no princípio do século XIX foi construído o primeiro templo local. É a partir da construção em pedra e cal que há mais referências à povoação da Fuzeta, embora o tempo das cabanas desde as almadravas não seja para ignorar.” Adérito Vaz - op. cit., p.16.

profundidade. A distribuição interna é feita em duas zonas: uma social e outra privada. A cobertura é feita com telhado de quatro águas. No exemplo da Rua Dr.Silva Ramos nº5 (Fig.III.11), cuja implantação em relação aos alinhamentos da rua revela que se trata de uma pré-existência, verificamos uma planta rectangular de dimensões semelhantes às das antigas cabanas, com cobertura de telhado de duas águas. Na análise de fotografias antigas descobrem-se ainda outros exemplos com as mesmas características.

III.3 AS TIPOLOGIAS ARQUITECTÓNICAS






NÚMERO DE EDIFÍCIOS	2009	
	%total	%parcial
No núcleo histórico	750(100%)	
Identificados por Tipologia Construtiva com açoteia sobre abóbada com outros sistema construtivo	250(33%)	250(100%) 158(63%) 92(34%)

Fig.III.13 - Quadro Síntese de Levantamento.

As novas casas de alvenaria de pedra, construídas a partir do século XIX, têm a mesma implantação que as cabanas de colmo, mantendo a estrutura dos quarteirões, lotes, parcelas e arruamentos, cujas dimensões de fachada são muito semelhantes entre si (variam entre os 4,5m e os 6,0m).

Das cerca de 250 casas existentes cuja tipologia arquitectónica foi analisada, confirmou-se que pelo menos uma terça parte correspondente a 158 casas, ainda mantém a tipologia tradicional de açoteia sobre abóbada.

No levantamento foram analisadas 34 construções exemplos da tipologia tradicional todas com açoteia assente em abóbada pelo menos em parte da casa. Foram identificados 22 casos de organização interna unilateral, dos quais 2 são exemplos sem corredor inicial e 5 têm armazém em anexo; 7 de organização bilateral, dos quais 5 são simples e 2 compostos; 3 de organização de nave única e apenas 2 com organizações internas diversas.

-  Compartimento Principal ou "Casa de Fora"
-  Corredor
-  Vestíbulo
-  Alcovas
-  Cozinha

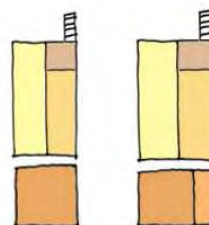


Fig.III.14-15 - Esquema de organização funcional da tipologia unilateral.

III.3.1 A TIPOLOGIA UNILATERAL

A Tipologia Unilateral foi a mais usada na campanha de substituição, a partir da segunda metade do século XIX até às primeiras décadas do século XX. Tem uma distribuição interna unilateral e adaptou-se à estrutura de uma unidade de lote.

Exteriormente a fachada segue um ritmo de Porta-Janela-Janela, tem uma platibanda de remate e marcação dos vãos com cantaria de pedra ou de argamassa.

Internamente pode-se dividir o conjunto em 2 partes sequenciais: primeiro o **sector da anterior** (junto à fachada) e depois o **sector posterior**. Muitas vezes esta separação de sectores é detectada através da mudança de níveis ou tipologias da cobertura.

O **sector anterior** corresponde ao conjunto composto pelo corredor de entrada, de localização lateral, e do compartimento principal com janelas abertas na fachada. Geometricamente trata-se de um rectângulo (corredor) anexado a um quadrado (compartimento principal). Estes dois espaços têm a mesma profundidade que, normalmente, é igual à largura do compartimento principal. A cobertura deste primeiro sector pode variar entre abóbada de berço abatido no corredor anexado a uma abóbada (de vela ou barrete de clérigo) no compartimento principal, ou então abóbada de berço abatido no corredor anexado a um *telhado de tesouro* no compartimento principal.

O **sector posterior** é geometricamente composto por dois retângulos paralelos e de largura quase sempre igual. Um corresponde à antecâmara, tem dimensões maiores que um corredor e que não só dá acesso às alcovas, como tem um sentido polivalente que alberga diversas funções como sala de estar, sala de jantar, de costura, de reunião, etc. Nas alcovas a iluminação é por vezes resolvida pela abertura de clarabóias no fecho da abóbada. Na antecâmara a iluminação é solucionada pela porta para o pátio posterior e a ventilação cruzada. A cobertura destes dois volumes é feita com duas abóbadas de berço abatido paralelas e de sentido longitudinal, cujo

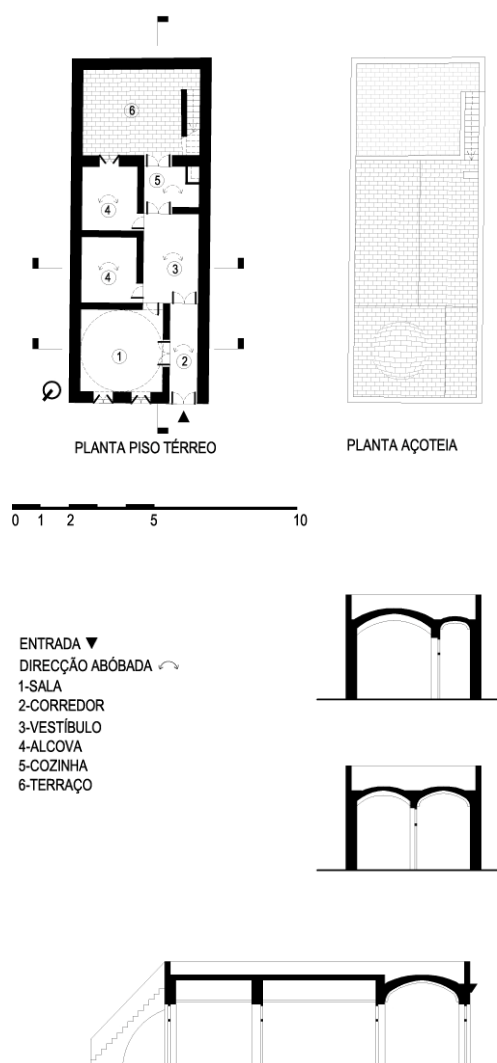


Fig.III.16 – Exemplo de tipologia unilateral (U.03).
Escala 1:300.

comprimento pode variar segundo o remate. O volume do vestíbulo, na sequência do corredor do sector da fachada, é na maioria dos casos, rematado pela cozinha e escadas de acesso à açoteia que são assentes sobre uma estrutura em arco.

A diferenciação entre a cobertura da divisão principal, no sector anterior, e o sector posterior confirma a importância deste compartimento. Supõe-se que a utilização dos *telhados de tesouro*⁷⁴ é uma influência proveniente de centros urbanos próximos, como Tavira ou Faro, e por isso associada a uma imagem erudita e urbana. A sua utilização é denunciada exteriormente pelo remate em pirâmide que timidamente sobressai acima da platibanda da fachada. A solução alternativa ao *telhado de tesouro* é a cobertura com açoteia⁷⁵ assente em abóbada de vela, primeiro, e depois sobre abóbada em barrete de clérigo.

No contexto de Olhão, Romba (2008) detectou que a tipologia com organização unilateral de porta-janela-janela se encontra nas áreas habitacionais onde os lotes possuíam dimensões menores, como o Bairro da Barreta, e que nas áreas intituladas de hortas e fazendas a poente das Igrejas, predominou a tipologia com organização axial janela-porta-janela.

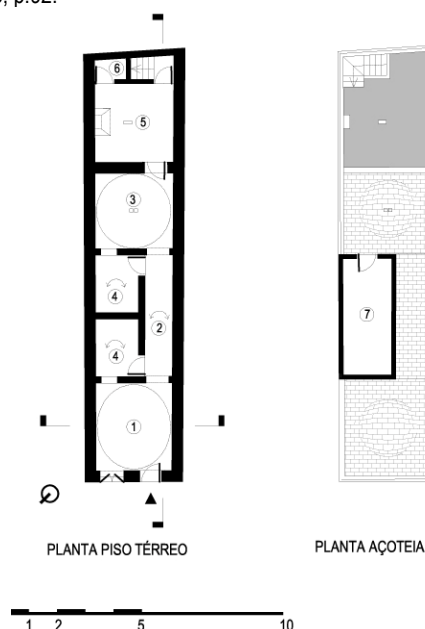
Também outras povoações costeiras do mediterrâneo possuem a mesma tipologia de casas em lotes estreitos, com distribuição linear unilateral e desenvolvida em profundidade, com um compartimento principal junto à fachada, seguido de antecâmara interna de acesso às alcovas e posterior cozinha. (Fig.III.17)

Dentro da **Tipologia Unilateral** existem duas variantes que diferem consoante a dimensão da frente do lote e consequentemente se têm ou não com corredor inicial.



Fig.III.17 - Esquema de casa típica no bairro de pescadores de Rota, povoação a norte da baía de Cádiz, também organizada linearmente, numa sucessão de espaços destinados a dormitórios, com uma sala de jantar central e cozinha num extremo, com cobertura em abóbada de canhão que se transforma, na sala de jantar, numa abóbada de vela.

Planta segundo o “Estudio sobre Mejoramiento de la Vivienda del Pescador”, D.G. Arquitectura, EMVP, publicada por Luis Feduchi - “Itinerarios de la Arquitectura Popular Española”, volume III. Barcelona: Editorial Blume, 1975, p.92.



- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-SALA DE JANTAR
- 4-ALCOVA
- 5-COZINHA
- 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 7-ANEXO NA AÇOTEIA

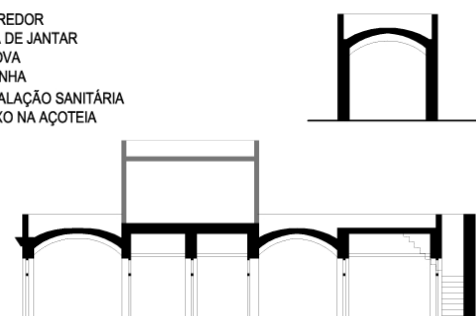


Fig.III.18- Exemplo de tipologia unilateral sem corredor inicial. (U.S.01). Escala 1:300.

⁷⁴ “Os telhados de tesouro de Olhão e Fuseta apareciam associados aos mesmos tipos de casa onde se vêm as abóbadas de vela; casas de lote estreito, com uma porta e duas janelas, organizadas em banda e de tal forma repetitivas que só podem ter resultado de um plano prévio e de um projecto tipo. A sala, junto à porta, era abobadada ou coberta por um telhado de tesouro escondido por trás da platibanda. Pode ter havido telhados de tesouro noutras casas mais antigas e menos normalizadas.” João Vieira Caldas - op.cit., p.225.

⁷⁵ “em todo o caso, a açoteia (...) é remate de casas humildes (...) relações distantes haviam de trazer para os principais portos desta província outro tipo de cobertura muito mais prestigioso, de que Tavira conserva um verdadeiro museu.” Orlando Ribeiro - op.cit., p.78.

Os exemplos mais simples têm uma implantação em lotes mais estreitos, com menos de 4,5m de largura, e correspondem à **Tipologia Unilateral sem Corredor inicial**, onde o acesso é feito directamente à divisão principal, desaparecendo o corredor de entrada, e que é ilustrado pelos anexos **U.S.01** e **U.S.02**.

A **Tipologia Unilateral com Corredor inicial** está implantada em lotes com largura de fachada entre 4,5m e os 6,5m, em que o acesso desde o exterior é feito ao corredor ou vestibulo de entrada que tem uma localização lateral no lote. São exemplos desta tipologia os anexos de **U.01** ao **U.17**.

Em alguns casos a tipologia unilateral foi anexada a uma nave única com a função de armazém e implantada em lotes com largura dimensões de fachada mais pequena, entre 2,5m e 3,5m. Usam os mesmos sistemas construtivos da tipologia unilateral adaptado a uma nave única em abóbada de berço abatido. Quando necessária, a compartimentação é feita no sentido longitudinal do lote.

São exemplos da **Tipologia Unilateral com Armazém** os anexos de **U.A.01** ao **U.A.03**.

A UNIDADE DA COZINHA E ESCADA DA AÇOTEIA

Na Tipologia Unilateral a cozinha não é o compartimento fundamental, mas sim resultante de uma integração com o volume das escadas que dão acesso à açoteia. Não se trata de uma verdadeira cozinha, mas um canto de cozinha segundo a definição feita pelo 1º Recenseamento da Habitação⁷⁶. Este facto, possibilitado pelo clima favorável à preparação de refeições no exterior, levou a que fosse o ponto que mais alterações sofreu, de forma a responder às necessidades actuais. As escadas, localizadas na zona posterior do conjunto, são exteriores e a sua tipologia define as características da cozinha.

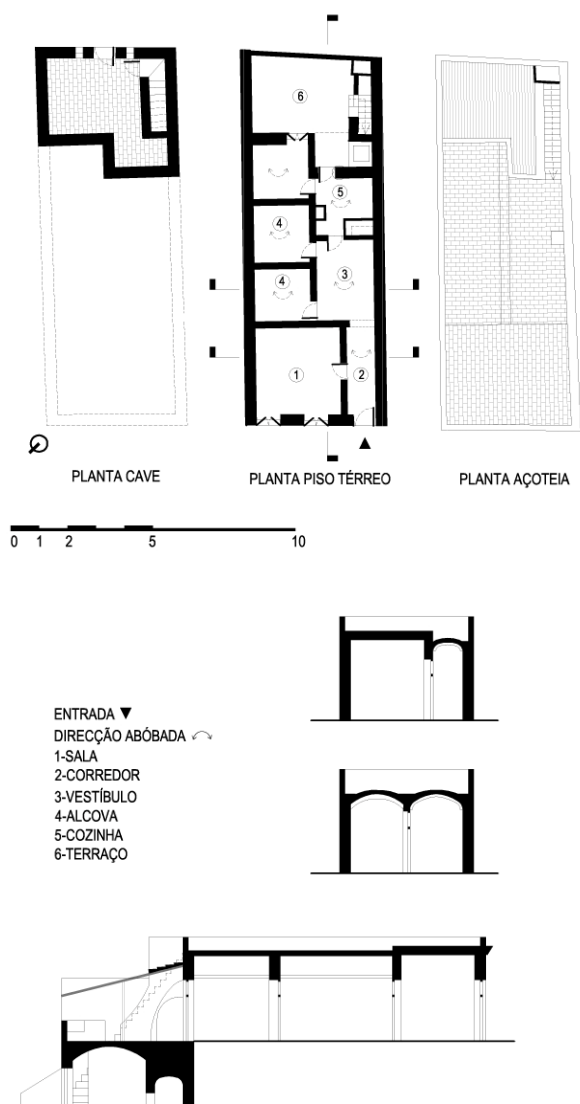


Fig.III.19 – Exemplo de tipologia unilateral do conjunto “Casas da Cerca”. (U.01). Escala 1:300

⁷⁶ Segundo o 1º Recenseamento da Habitação 1970, existe uma diferença entre cozinha e canto cozinha. Por “cozinha entende-se como o local (com pelo menos quatro metros quadrados de superfície) destinado, equipado e utilizado para a preparação de refeições, ainda que também sirva a outros fins”, enquanto que por “canto cozinha é o local com menos de quatro metros quadrados de superfície, destinado à preparação de alimentos”. 1º Recenseamento da Habitação 1970 Continente e Ilhas Adjacentes, Estimativa a 20%, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa: 1975. p.11.

Analisando os 24 exemplos da Tipologia Unilateral, verificamos que existem 3 tipos de localização da escada para a açoteia: **longitudinal**, **transversal** e de **canto**.

A escada com localização **longitudinal** é a mais comum e a original na tipologia. Está localizada no enfiamento do corredor de entrada e da antecâmara, e é composta essencialmente por um só tramo de tiro, assente numa estrutura em arco, onde está encaixado o canto de cozinha. São exemplos os casos **U.01** ao **U.04**, **U.08**, **U.09**, **U.10**, **U.13** e **U.A.02**, que correspondem a lotes implantados na mesma tipologia de quarteirão: apenas com uma banda de lotes, cuja profundidade varia entre os 12m e os 20m. Esta tipologia de escada também se encontra nos exemplos da tipologia unilateral com armazém no lote adjacente, em que a escada é localizada longitudinalmente na extremidade do armazém. São exemplos as habitações **U.A.01** e **U.A.02**, e a excepção de **U.A.03** cuja escada está no alinhamento da entrada e centralizada em relação aos dois lotes. Em todos os casos a escada dá acesso tanto à açoteia da casa como do armazém.

Nos quarteirões com duas bandas de lotes, cuja profundidade varia entre os 20m e 40m, a localização da escada sofre uma rotação como adaptação a um lote de comprimento menor. Encontraram-se a localização **transversal** e em **canto**.

A localização **transversal**, tal como a longitudinal, é feita por um só tramo de tiro assente numa estrutura em arco. São exemplos os casos **U.S.01**, **U.S.02** e **U.06**.

A escada de localização em **canto** é construída em dois tramos adjacentes ao lote no canto oposto ao da entrada e é um elemento exterior. A cozinha ganha outro protagonismo, localizando-se num compartimento expressamente destinado à sua função. São exemplos os casos **U.05**, **U.07**, **U.12**, **U.14**, **U.16** e **U.17**.

Só com o surgimento da nova tipologia bilateral é que se dá mais importância, com a cozinha em um compartimento específico.

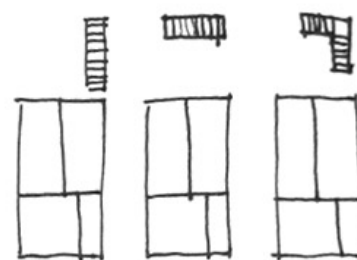


Fig.III.20 – Esquema de localização das escadas na tipologia unilateral.

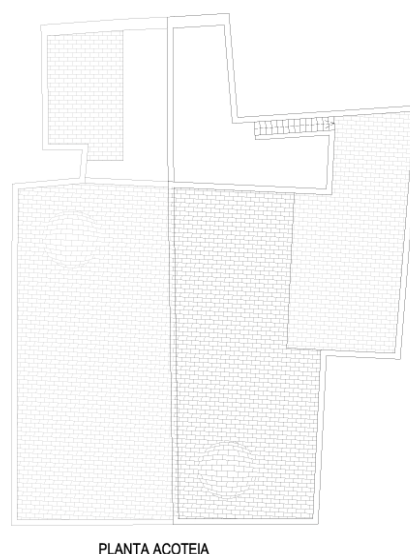
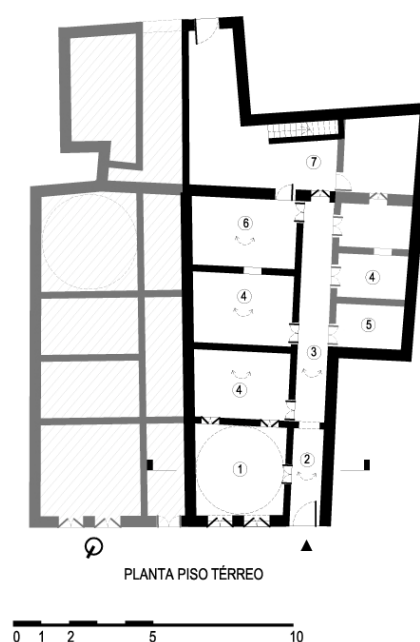


Fig.III.21 – Exemplo de tipologia unilateral do na Rua do Carmo (U.15). Escala 1:300.

CONJUNTOS EDIFICADOS DA TIPOLOGIA UNILATERAL



Observamos que a tipologia unilateral se encontra distribuída e repetida de forma homogênea pelo núcleo histórico, pelo facto de ter sido adaptada como um modelo *standard* ou *projecto tipo* da “campanha de substituição” dos séculos XIX e início de XX, dando origem a conjuntos de edifícios cujas fachadas têm características rítmicas e compositivas.

Remete-nos em alguns casos para a ideia de um plano prévio, dirigido a um tipo de cliente com hábitos sociais de grupo, provenientes da actividade profissional organizada por um género de *cooperativa*: o Compromisso Marítimo. Não é por acaso que os exemplos mais marcantes de conjunto da Tipologia Unilateral estão localizados na zona “*baixa*” e no Bairro do Burguel, zonas maioritariamente de pescadores.

O conjunto da Rua Teófilo Braga e da Rua do Carmo (mais significativo) em ruas de traçado antigo parece ter surgido de forma espontânea, pela existência de pequenas variantes na fachada, como o número ou tipologia dos vãos ou, mais significativamente, as variantes na fachada posterior, que não têm norma.

Os conjuntos da Cerca (Rua Dr. Silva Ramos) e das Amoreiras (Travessa das Amoreiras) por se localizarem em zonas no limite do núcleo histórico são mais recentes e por isso a construção das respectivas casas foi simultânea e não tem variações, quer nas fachadas principal, e posterior, quer na distribuição interior. São os exemplos que mais claramente apontam para a existência de um projecto prévio.

Fig.III.22 - Conjunto da Rua do Carmo, com estrutura da fachada Janela-Janela-Porta, e Porta-Janela-Janela.



Fig.III.23 – Fachadas na Rua do Carmo.



Fig.III.24 – Fachadas na Teófilo Braga.



Fig.III.25 – Fachadas na Rua das Vinhas.



Fig.III.26 – Conjunto da Rua Dr. Silva Ramos conhecido como “Casas da Cerca”, com estrutura da fachada Janela-Janela-Porta.

O **Conjunto da Cerca**, na Rua Dr, Silva Ramos (antiga Rua de Trás da Cerca), estudado pelos arquitectos da Arquitectura Popular em Portugal⁷⁷, está implantado numa zona que varia topograficamente entre a cota +3m, cota da antiga praia, e a cota +6m, rua limite do antigo Bairro do Burguel e é composto por 12 lotes em banda de tipologia unilateral. Apesar de existirem actualmente fachadas modificadas, consegue-se perceber o desenho original através do ritmo repetido dos vãos com cantarias e platibanda.

Actualmente mantém-se a distribuição interior original, seguindo a tipologia unilateral com corredor e vestibulo interior, à excepção de alguns casos que tiveram obras recentes.

O sector posterior é composto por três compartimentos, tendo o último vão para o exterior. No entanto, a novidade está na existência de um **terceiro sector**, de remate ao sector posterior, resultante da adaptação à topografia acidentada. Este novo sector é composto por um terraço ao nível do piso térreo, que cobre um compartimento semi-subterrâneo, em abóbada de berço abatido, que dá acesso à cota mais baixa do terreno. Este novo compartimento, destinado às funções da pesca, possui uma cisterna anexa que acumula a água pluvial proveniente da açoteia e do terraço. As paredes portantes têm mais de 50cm de espessura, possuem no interior um reforço estrutural horizontal composto por um cabo de aço que atravessa todo o comprimento e no exterior contrafortes nos limites dos lotes.

A **escada**, como elemento compositivo desta tipologia, é de localização longitudinal de tiro, no entanto prolongada até ao limite do lote, fazendo a ligação desde a açoteia até ao subterrâneo, mantendo-se a cozinha localizada no vão da escada no tramo de acesso à açoteia. Encontramos este sector equipado com **elementos funcionais** originais do período



Fig.III.27 – Conjunto da Travessa das Amoreiras, com estrutura da fachada Janela-Janela-Porta.

Fig.III.28 – Conjunto da Rua Dr. Silva Ramos conhecido como “Casas da Cerca”.



Fig.III.29 – Conjunto da Rua Dr. Silva Ramos conhecido como “Casas da Cerca”.



Fig.III.30 – Conjunto da Travessa das Amoreiras.

⁷⁷ Artur Pires Martins, Celestino Castro e Fernando Torres– op.cit.

construtivo, como é o caso do tanque no canto que aproveita a cobertura da escada para o subterrâneo, do poço no canto oposto em semicírculo e geminado com o lote adjacente, e o alpendre em telhado de uma água, na entrada para a cozinha. São exemplos os casps **U.01** e **U.02**.

O **Conjunto das Amoreiras** é contemporâneo do da Cerca mas, apesar de não possuir a originalidade de um terceiro sector de remate, as fachadas dos dois lados da rua com lotes em banda, são de uma perfeita repetição. Está também implantado numa zona topograficamente acidentada, que varia entre a cota +4m e +8m, e pela actual falta de remate do conjunto, previa-se a sua extensão até à Rua General Humberto Delgado (Antiga Rua do Sol Aberto). Segue também a Tipologia Unilateral com corredor e antecâmara interior, no entanto o sector posterior é composto apenas por dois compartimentos. A unidade da escada de acesso à açoteia, na banda noroeste, adapta-se à topografia tendo acesso à rua das traseiras.

Existem ainda outros conjuntos compostos por duas construções contemporâneas geminadas. Do ponto de vista de conjunto arquitectónico não são tão significativos como os primeiros exemplos. São casos que aparecem pontualmente, e diferem da Tipologia Unilateral com Armazém, apesar destes exemplos também terem características de conjunto que, no entanto, surgiram de forma espontânea e não com uma ideia de pré-concepção. Os casos **U.09** de 1910, **U.11** de 1909 e o **U.15** de 1897/1916 são exemplos desses conjuntos, e possuem elementos construtivos idênticos, como as vergas curvas e, inicialmente, as abóbadas em barrete de clérigo dos compartimentos principais.

III.3.2 A TIPOLOGIA BILATERAL

Em meados do primeiro quartel do século XX surge uma nova tipologia arquitectónica, implantada em dois lotes adjacentes e com elementos decorativos, quer na fachada quer no interior, que nos leva a pensar que esteja associada a famílias abastadas.

Têm uma distribuição interna bilateral (axial), que remete para alguns casos de Tipologia Unilateral com Armazém **U.A.01**, **U.A.02** e **U.A.03** em que o **sector anterior** (compartimento principal à fachada e corredor) é agregado a um compartimento de armazém, resultando numa estrutura axial por agregação.

Exteriormente a fachada da **Tipologia Bilateral** segue um ritmo de Janela-Janela-Porta-Janela-Janela, com cantarias de formato rectangular e geminadas. A fachada é rematada por uma platibanda com elementos decorativos. As **platibandas** rematam a fachada e têm quase sempre uma marcação axial, correspondente à porta de entrada (a única excepção é o exemplo **B.06**, com uma balaustrada contínua).

Quanto à distribuição interna, a **Tipologia Bilateral**, tal como na Tipologia Unilateral, também se divide em duas partes sequenciais: primeiro o **sector anterior** e depois o **sector posterior**.

O **sector anterior** corresponde ao conjunto composto por dois compartimentos principais com corredor de entrada axial. Geometricamente trata-se de dois quadrados simétricos (quartos ou sala) separados por um retângulo (corredor). Estes três espaços têm a mesma profundidade que, normalmente, é igual ou aproximada à largura do compartimento principal. A cobertura deste primeiro sector é sempre em açoteia sobre abóbada em barrete de clérigo, tanto nos compartimentos como no corredor. Ao contrário da Tipologia Unilateral, nunca se verifica a utilização de *telhado de tesouro* no compartimento principal.

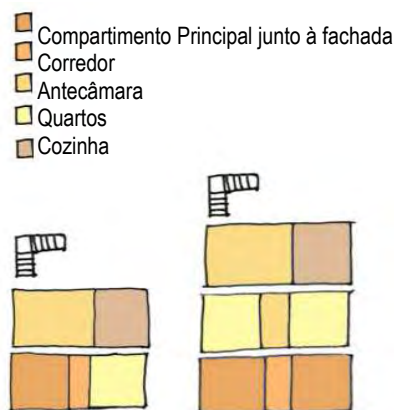
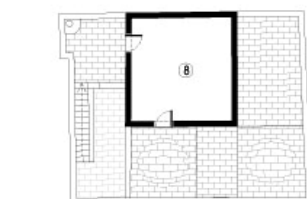


Fig.III.31 - Esquema de organização funcional da tipologia bilateral simples e composta.



PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-QUARTO
- 4-ALCOVA
- 5-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 6-COZINHA
- 7-PÁTIO
- 8-ANEXO NA AÇOTEIA

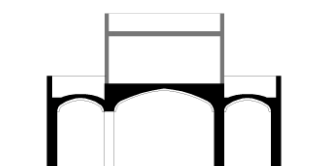
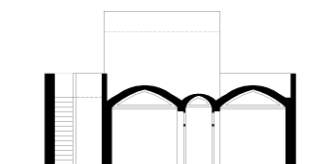


Fig.III.32 – Exemplo de tipologia bilateral simples na Rua Magalhães Lima nº65 (B.03). Escala 1:300.

O **sector posterior** é um rectângulo (composto pela cozinha ou outras funções) cujo lado provém dum dos quadrados do sector da fachada, anexado a outro rectângulo (sala de jantar) que corresponde à antecâmara/vestíbulo da Tipologia Unilateral. A cobertura deste sector é feita por duas abóbadas de berço abatido de sentido longitudinal, e a profundidade é semelhante à do sector anterior.

A separação dos dois sectores não é tão visível na cobertura como na Tipologia Unilateral, por se tratar de uma construção que, desde a origem, é toda ela em açoteia sobre abóbadas. Por haverem nestas casas um menor número de compartimentos, mas de maiores dimensões que nas casas da Tipologia Unilateral, o problema da iluminação fica resolvido com os vãos abertos para a fachada principal ou para a fachada posterior. Esta tipologia é assim representativa dos sectores mais abastados da população quer pela necessidade de dois lotes para a sua implantação, quer pelo grau de decoração.

A Tipologia Bilateral tem duas variantes: simples ou composta. O que diferencia simples da composta da é a existência nesta última de um **sector intermédio** semelhante ao sector anterior, composto por dois compartimentos simétricos com corredor axial, com cobertura em abóbada de berço abatido de sentido longitudinal.

São exemplos da **Tipologia Bilateral Simples** os casos **B.01** ao **B.05**, enquanto que os **B.06** e **B.07** são exemplos da **Tipologia Bilateral Composta**.

A COZINHA E A ESCADA DA AÇOTEIA

O binómio escada/cozinha que, na Tipologia Unilateral estava bastante definido como canto de cozinha, nesta tipologia desaparece, dividindo-se em dois elementos sem força tipológica. A cozinha normalmente está localizada no sector posterior, ao lado da antecâmara ou num anexo a esta, que dependendo da profundidade do lote é feita lateralmente ou em profundidade.

Na anexação lateral da cozinha, a escada de acesso à açoteia é feita de tiro e também localizada lateralmente. São



Fig.III.33 – Exemplo de tipologia bilateral composta e de conjunto arquitectónico na Rua Dr. Teófilo Braga nº34 (B.06). Escala 1:300.

exemplos os casos **B.03** e **B.04**. Na anexação em profundidade a escada localiza-se no canto oposto ao anexo da cozinha, como nos exemplos **B.05**, **B.06** ao **B.07**.

III.3.3 A TIPOLOGIA UNIESPACIAL

Encontraram-se algumas construções implantadas em frentes de uso habitacional, mas que se destinam ao uso industrial e comercial. Usam os mesmos sistemas construtivos das casas tradicionais adaptados às necessidades de uma função diferente. Trata-se de construções implantadas num ou mais lotes só com uma nave em abóbada de berço abatido por lote. Quando necessária, a compartimentação é feita no sentido longitudinal da construção. Temos os exemplos dos já abordados armazéns de pescadores anexados às habitações (**U.A.01** ao **U.A.03**). Mas existem também exemplos de uso independente, sem se tratar de um complemento da habitação, e que podem ser compostos por uma ou mais naves implantadas em vários lotes. O exemplo **A.01** corresponde à adaptação de um armazém composto por três que foi adaptado a habitação. Também de três naves é o exemplo **A.02** em que cada nave corresponde a um lote. **A.03** ilustra o exemplo de uma só nave implantada num só lote.

III.3.4 EDIFÍCIOS EM ESQUINA DE QUARTEIRÃO

As construções localizadas em lotes de remate de quarteirão são, em alguns casos, passíveis de serem integradas nas Tipologias Unilateral ou Bilateral, e só diferem dos restantes exemplos da mesma tipologia no que respeita à abertura de vãos na fachada lateral, como nos casos **U.06** e **U.13**. No entanto encontram-se exemplos com outras organizações internas, originadas pelas dimensões do lote. A cobertura mantém-se em açoteia sobre abóbada de berço abatido, como no exemplo **O.01**. Seria necessário, numa continuação do estudo, o levantamento de outros exemplos de remate, de

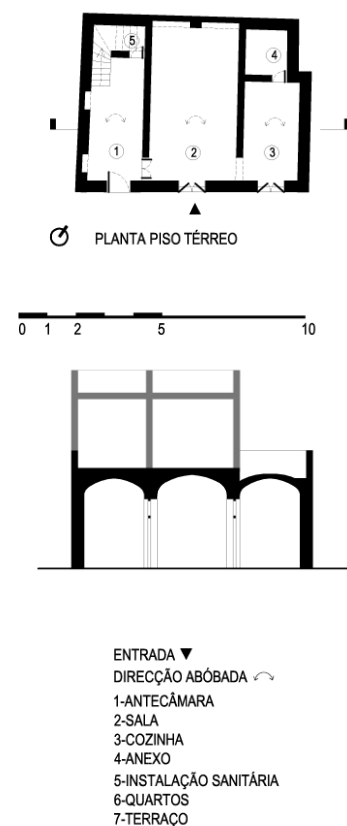


Fig.III.34 – Exemplo de tipologia uniespacial (armazém) na Rua Miguel Bombarda nº14 (A.01). Escala 1:300.

forma a verificar se existe uma nova tipologia ou se são apenas excepções.

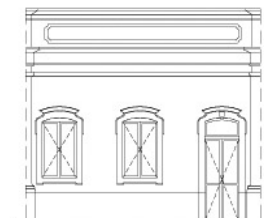
Resumindo o estudo feito sobre as várias tipologias arquitectónicas existentes no núcleo histórico da Fusetá, a mais comum é de facto a unilateral implantada num só lote (64%), sobretudo a tipologia com corredor inicial (50%).

NÚMERO DE EDIFÍCIOS	2009	
Edifícios analisados	34(100%)	
Unilateral	22(64%)	
com corredor inicial		17(50%)
sem corredor inicial		2 (6%)
unilateral com armazém		3(9%)
Bilateral	7 (21%)	
simples		5 (15%)
composta		2 (6%)
Outros	5 (15%)	
Uniespacial		3 (9%)
Sem tipologia		2 (6%)

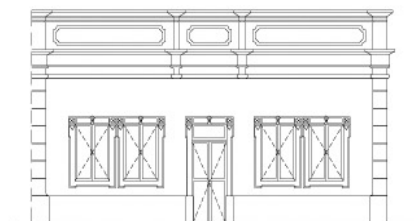
Quadro.III.35 - Quadro síntese de levantamento por tipologia arquitectónica.



Fachada da Tipologia Unilateral sem corredor inicial.



Fachada da Tipologia Unilateral com corredor inicial.



Fachada da Tipologia Bilateral.

Fig.III.35 – Fachadas das tipologias arquitectónicas.

III.3.5 TIPOLOGIA POR DATAS

Para a análise da evolução arquitectónica procedeu-se ao levantamento das datas inscritas nas cantarias das porta dos edifícios do núcleo histórico, bem como ao registo da tipologia construtiva de cerca de um terço do núcleo histórico. Desse grupo contabilizado foram analisados 34 casos que servem de base para a análise da evolução arquitectónica.

As datas existentes nas cantarias não coincidem necessariamente com início de construção, pois pode corresponder a obras de melhoramento e de embelezamento. No exemplo **U.15**, composto por duas casas em lotes adjacentes cuja construção foi feita em simultâneo, encontramos inscritos na verga da porta duas datas distintas: 1897 e 1916.

Foi no último ano do século XIX que se encontram mais casas com data, cerca de 65% dos exemplos existentes. Também encontramos muitas casas cuja data corresponde aos primeiros anos do século XX, em que os exemplos do mesmo período apresentam características de fachadas semelhantes. Os exemplos de tipologia unilateral datados entre **1900** e **1916**, apresentam todos o mesmo desenho de **verga curva** com pequenas cornijas. O caso **U.12** (1899) apresenta uma verga curva em que a moldura tem um rebordo contínuo e **B.01** (1900) apresenta um desenho também curvo, mas mais simples e sem saliências. Os casos datados de tipologia bilateral datados entre **1916** e **1923**, à excepção de um anterior de 1907, apresentam janelas de verga recta e geminada, com pequenas decorações no topo central.

Se o desenvolvimento da estrutura urbana levou quase três séculos, já o processo de consolidação arquitectónica (substituição de cabanas por casas) tardou menos de 100 anos.

Apesar do grande número de casos analisados, não foi possível analisar todos os exemplos de arquitectura tradicional que ainda subsistem. Ficarão em aberto para outros estudos, especialmente os exemplos de remate de quarteirão, de forma a que acrescentem e fortaleçam o presente estudo.

DATA	Nº CASAS	TIPOLOGIA			
		UNILATERAL	UNILATERAL COM ARMAZÉM	BILATERAL	OUTRAS
1850	2				
1855	1				
1862	1				
1890	1				
1896	1				
1897	3	U.15			
1898	1				
1899	6	U.12			
1900	16	U.03, U.05	UA.01, UA.04, UA.05		
1901	4	U.04			
1902	7				
1903	11				
1904	2				
1905	3				
1906	6	U.08, US.01			
1907	3			B.02	
1908	4				A.02
1909	2	U.11			
1910	4	U.09			
1912	1				
1913	3				
1914	5				
1916	2	U.15		B.03	
1917	1				
1918	1			UA.05	
1922	2			B.01	
1923	2			B.05	
1924	1				
1925	1				
1936	1				
TOTAL	96				

Fig.III.36 - Quadro de levantamentos organizados por datas e tipologias.

Fig.III.38 – Secção do *Telhado de Tesouro*.

III.4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS TIPOLOGIAS CONSTRUTIVAS

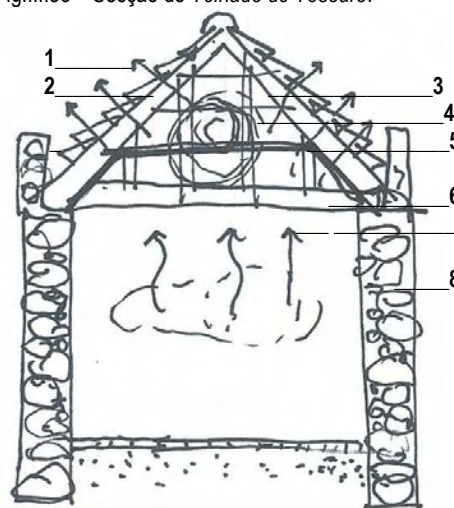
NÚMERO DE EDIFÍCIOS	1950	2009
No núcleo histórico	±750 (100%)*	750 (100%)
Identificados por Tipologia Construtiva: com açoteia e <i>Telhado de Tesouro</i> com Açoteia	- 87 (12%) -	250 (33%) 4 (0,5%) 246 (32,5%)
Analisados por Tipologia Construtiva: Com <i>telhado de tesouro</i> Com abóbada de vela Com abóbada barrete de clérigo Com laje de betão armado		34 (5%) 4 (10%) 14 (42%) 7 (22%) 9 (26%) Total 34 (100%)

Quadro III.37 - Quadro síntese do levantamento 1950 e 2009 por tipologia construtiva.

As tipologias arquitectónicas que analisamos pouco se fundamentaram nas construções em cabanas dos primeiros acentamentos. A única aproximação que se pode fazer é através dos *telhados de tesouro* pelas características semelhantes do espaço interior que é gerado.

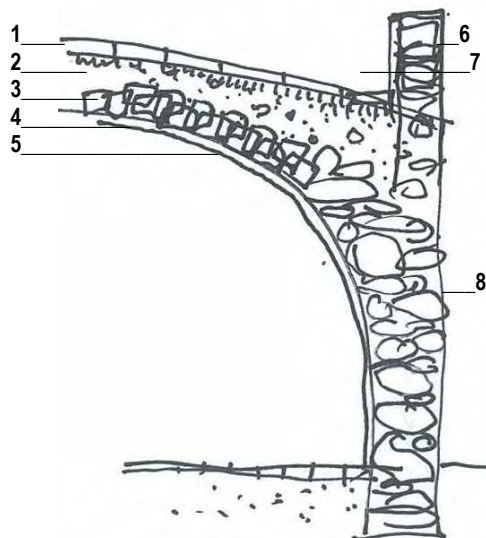
Fizemos anteriormente referência a dois tipos de cobertura empregues na tipologia tradicional: a açoteia sobre abóbadas de berço abatido, de vela e em barrete de clérigo e o de *telhado de tesouro*. No levantamento actual percebemos que desta última tipologia construtiva poucos exemplos ficaram, mas as fotografias da década de 1950 dão-nos a conhecer este tipo. Procedeu-se à contabilização dos telhados através do maior número possível de exemplos fotográficos, donde se concluiu que, pelo menos 12% das construções tinham um telhado de tesouro, o que deveria ser mais, mas que ficou oculto nas fotografias por não apanharem a zona baixa.

No entanto, se analisarmos uma área da qual se tenha total visibilidade das fotografias de 1950, como é o caso da Rua da Igreja, verificamos que existe uma percentagem maior, em que de um total de 14 edifícios, 6 (43%) têm *telhado de tesouro* e 8 (57%) com açoteia. Actualmente a percentagem de construções com *telhado de tesouro* é de 0,5%, correspondente a 4 casas, a maioria em mau estado de conservação ou ruína.



- 1- Revestimento em telhas assente sobre argamassa
- 2- Perna da asna a 45°
- 3- Saída de ar quente
- 4- Volume de retenção de ar quente
- 5- Revestimento interior em encançado sobre as linhas
- 6- Trave horizontal
- 7- Ascensão de ar quente
- 8- Parede em alvenaria de pedra, com pedra calcária, por vezes muito branda (pedra caliça).

Fig.III.39 – Secção do Açoteia sobre abóbada.



- 1- Pavimento em ladrilho, por vezes caiado, sobre argamassa de areia e cal hidráulica;
- 2- Camada de isolamento composta por mistura de areias de grão médio com conchas de berbigão pisadas e compactadas;
- 3- Rede de aderência de "morojonas" (material do qual são feitas as armações de pesca) ou de rede de galinheiro;
- 4- Abóbada estrutural feita em tijolo bruro;
- 5- Caiado como acabamento interior;
- 6- Platibanda de remate da açoteia;
- 7- Caleira de escoamento
- 8- Parede em alvenaria de pedra, com pedra calcária, por vezes muito branda (pedra caliça).

COBERTURAS DO PONTO DE VISTA CONSTRUTIVO E FUNCIONAL

Os *telhados de tesouro* começaram a aparecer nas cidades algarvias no século XVI como um elemento da arquitectura de prestígio e foram empregues em Olhão e na Fusetá, nas campanhas de substituição das cabanas por casas de alvenaria de pedra, exclusivamente no compartimento principal com fachada para a rua. A proximidade que existe com as cidades de Faro e Tavira, deu origem à migração do conhecimento e técnica construtiva que aí existia.

De forma sintética, os telhados de tesouro são coberturas de quatro águas com estrutura em ângulo de 45° contrastante com o beiral que assenta na parede de forma quase horizontal, e que cobrem apenas um compartimento, na maioria dos casos de planta quadrangular.

Estruturalmente são compostos por *níveis ou linhas* (traves horizontais que ligam as pernas da asna) que integram frequentemente uma armação horizontal atravessada por uma trave que as une pelos pontos médios e as liga às pernas axiais. Os barrotes dos rincões são unidos aos cruzamentos da armação pelas aspas, duas traves cruzadas a 45°. Interiormente o revestimento é feito pelas esteiras de cana (caniço) e que apertadas formam o *encaniçado*, por vezes *argamassado* às telhas por uma fina camada, e que é disposto sobre a estrutura de madeira do telhado.

Sobre a funcionalidade dos *telhados de tesouro* Ribeiro (1961) escreveu “os telhados múltiplos não têm qualquer função de recolha de água, e não correspondem portanto a nenhum fim utilitário.” Não nos parece corresponder à realidade quando confrontado com o facto de se adaptar de forma imprescindível ao clima da zona, não pela pluviosidade, mas pelas características geométricas em pirâmide que dá origem a um volume de retenção de ar quente, em que este se estratifica e fica acomodado na zona superior, ventilando-se posteriormente pela porosidade do forro. A capacidade relativamente isolante do forro de caniço colocado entre a armação de madeira e a



Fig.III.40 – Telhado de Tesouro na Rua da Liberdade nº45.



Fig.III.41 – Pormenor do Telhado de Tesouro na Rua da Liberdade nº 45.



Fig.III.42 – Pormenor do forro.



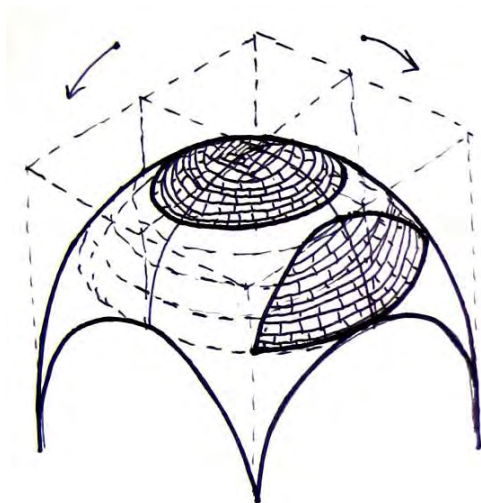
Fig.III.43 – Pormenor do tecto em encaniçado da sala.

telha, complementa a contribuição para o conforto térmico.

Portanto, os *telhados de tesouro* fazem parte dum sistema de ventilação cíclico com a subida do ar quente, que proporcionava um conforto assumido pela população de forma inconsciente e que se perdeu com a substituição por coberturas planas de betão armado, que diminuíram o equilíbrio térmico.

Em todo o caso, os *telhados de tesouro* aparecem combinados e em contacto directo com as açoteias sobre abóbada. Em ambos os processos há uma vertente utilitária mas quanto ao *telhado de tesouro* prevalece também a função simbólica, enquanto que nas abóbadas com açoteias predomina o lado prático.

Vários autores escreveram sobre a época e local de origem das açoteias e se de facto se adaptam às características algarvias. As dúvidas continuam no ar, se sempre foram inspiradas pelo Norte de África ou se é um sistema construtivo genericamente mediterrânico.



As coberturas em açoteias são assentes estruturalmente sobre abóbadas de berço abatido constituído por fiadas de tijolo burro com inclinação de 45° e colocados de forma a assentarem sobre a fiada anterior. A primeira fiada assenta directamente sobre a parede de alvenaria de pedra. Na zona central da abóbada dá-se o fecho construindo fiadas em sentido perpendicular ao anterior, desde a parede para o centro, sendo um método que não necessita de suporte auxiliar durante a



Fig.III.44 – Utilização da açoteia para secagem de peixe.



Fig.III.45 – Utilização da açoteia para secagem de figos.



Fig.III.46 – Utilização da açoteia para secagem de peixe.



Fig.III.47 – Pormenor da açoteia sobre abóbada de vela existente no compartimento da fachada.

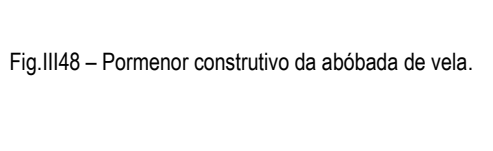
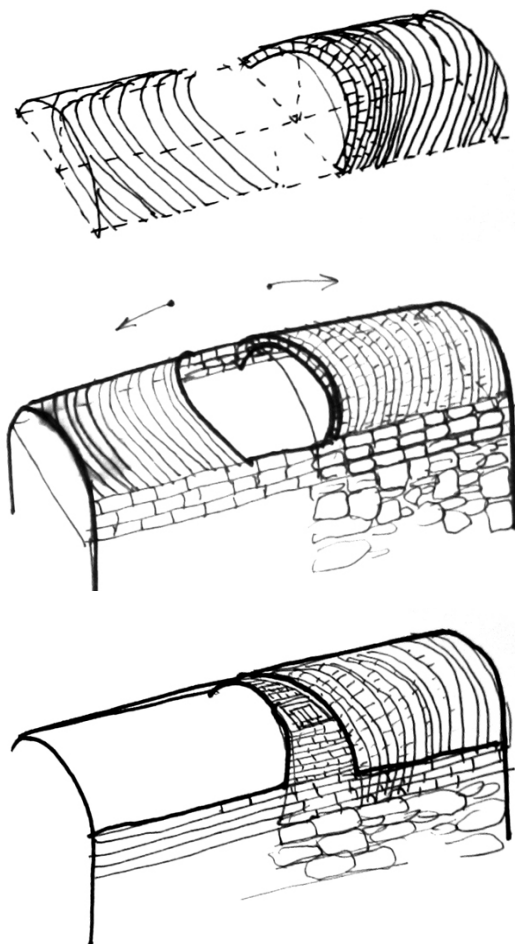


Fig.III.48 – Pormenor construtivo da abóbada de vela.

construção.

Além das abóbadas em berço abatido que fazem a cobertura de quase toda a construção, vimos que existem compartimentos especiais que são destacados com outro tipo de abóbada: de vela ou esférica⁶⁰.



Este sistema construtivo ainda hoje traz vantagens no que respeita a aspectos funcionais como a recolha de água e a secagem de frutos ou de peixe, na manutenção das redes e armações usadas na pesca, em estendais provisórios, mantendo o afastamento necessário do solo em caso de retenção de água e sobretudo de resistência ao fogo, e por isso o seu emprego sempre nas cozinhas. A açoteia é sem dúvida



Fig.III.49 – Canalização das águas da açoteia, em tipologia unilateral com cobertura de *Telhado de Tesouro*, na Rua da Liberdade.



Fig.III.50 – Açoteia com drenagem de águas, em tipologia unilateral na Rua Dr. Virgílio Inglês.



Fig.III.51 – Açoteia com drenagem de águas, em tipologia unilateral na Rua Dr.Manuel da Silva Ramos.



Fig.III.52 – Açoteia com drenagem de águas, em tipologia unilateral na Rua Dr.Manuel da Silva Ramos.

Fig.III.53– Pormenores da Abóbada de berço abatido das açoteias.

⁶⁰ Ao contrário do que verificou Caldas "As que mais se destacam nas alcovas, vestíbulos ou mesmo em cozinhas, são abóbadas de perfil esférico que cobrem pequenos compartimentos quadrangulares. Têm as pontas, nos cantos, repuxadas para baixo em consequência da intersecção da calote esférica com o prisma quadrangular do compartimento. São portanto abóbadas de vela (à semelhança das que Brunelleschi utilizou no Hospital dos Inocentes e nas Igrejas de São Lourenço e do Santo Espírito) mas têm os florões, ou as circunferências centrais, em estuque, segundo o hábito decorativo da segunda metade do século XIX. Normalmente a calote esférica é acusada na açoteia através de uma ligeira elevação do pavimento." João Vieira Caldas - op.cit., p.211.

um ponto fulcral no tipo de vida e subsistência dos hábitos de outros tempos, alguns ainda de hoje⁶¹.

As tipologias construtivas das coberturas, quer telhados de tesouro quer as açoteias, relacionam-se assim com condições climáticas específicas, como a conservação do ar fresco dentro de casa e o facto primordial da recolha de água das chuvas, que em certos períodos é escassa, como comprovam os sistemas que fazem a recolha da água nas açoteias e que as direcciona pelos canais exteriores formados naturalmente entre as abóbadas, cujo dinamismo evita a estagnação de água, e que é posteriormente armazenada em cisternas, subterrâneas ou exteriores, conforme a topografia, e caídas como a açoteia constituindo um processo de desinfecção e manutenção da qualidade da água⁶².

É evidente a quantidade de *telhados de tesouro* que foram substituídos por lajes de betão armado, pela forma como a antiga estrutura quadrangular ainda se mantém nas açoteias. Tal facto deveu-se a factores de ordem social pela falta de manutenção devido à não identificação da população com este tipo de cobertura, com um aspecto mais urbano que outrora se quiz conferir, e que dessa forma não tem a vontade de o preservar. Os exemplos mais significativos de substituição encontram-se nas “Casas da Cerca” da Rua Silva Ramos e na Rua da Igreja, que perderam todos os exemplos que tinham. As abóbadas por sua vez resistiram em maior número, pela rigidez da sua construção, face à efemeridade dos telhados e pela sua ligação com os hábitos da população no que respeita ao seu uso.

Tratam-se de dois aspectos que interferem na durabilidade destes elementos construtivos, telhados e abóbadas: o aspecto técnico e o socio-cultural. Técnico no que se refere aos sistemas



Fig.III.54 A,B - Canalização das águas da açoteia e poço adjacente localizado no terraço; contraforte com escoamento de águas do mesmo terraço, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia na Rua Dr. Manuel Silva Ramos.



Fig.III.54C - Antiga cisterna no piso subterrâneo, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia na Rua Dr. Manuel Silva Ramos.



Fig.III. 55 - Escada de acesso à açoteia com poço no alinhamento, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia no conjunto da Rua do Carmo.

⁶¹ Ao contrário do que afirma Orlando Ribeiro “No ladrilho seca-se figo e alfarroba e, em cordas, a roupa e os oleados usados pelos pescadores; mas nunca se seca peixe-às vezes apenas polva, aberto e pendurado em arames” e “Um inquérito muito sumário entre pescadores e suas mulheres revela que nunca se seca peixe nas açoteias, tanto em Olhão como na Fuseta” Orlando Ribeiro – op.cit., p.68 e p.71.

⁶² “Pode concluir-se que os telhados de tesouro e a respectiva técnica construtiva, sendo característicos da Idade Moderna, persistiram muito para além deste período histórico chegando mesmo ao século XX. E persistiram não apenas por atavismo construtivos, mas porque cumpriam duas funções, uma climática, outra simbólica. A primeira, embora de um modo diverso, era cumprida também pelas coberturas em abóbadas cuja inércia térmica permitia conservar temperaturas agradáveis no interior dos compartimentos. Portanto tanto os telhados de tesouro como as abóbadas são formas de cobertura que cumprem uma função prática embora, evidentemente, não constituam uma resposta unívoca a um problema climático (tanto que são duas respostas completamente diferentes) e que dependem de outros factores entre os quais o factor cultural que é determinante. João Vieira Caldas - op.cit., p.237.

construtivos, na medida em que o *telhado de tesouro* é mais vulnerável e necessita uma maior manutenção⁶³ e que tem deficiências no isolamento em comparação com o sistema açoteia sobre abóbada, uma construção mais sólida e duradoura, de grande eficácia quando bem impermeabilizado na açoteia.

O aspecto socio-cultural relaciona-se, como referimos, com a identificação dos tipos de cobertura com os hábitos de vida desta população. A açoteia torna-se na extensão do pátio, muitas vezes de reduzidas dimensões, pela ampliação da cozinha. No que respeita aos telhados de tesouro o tipo de vida desta população pouco se identifica, aparentemente, com ele. Num primeiro momento, a fase de construção, a sua aplicação tratou-se de uma influência urbana, de construir como era comum nas cidades vizinhas de Tavira e Olhão.

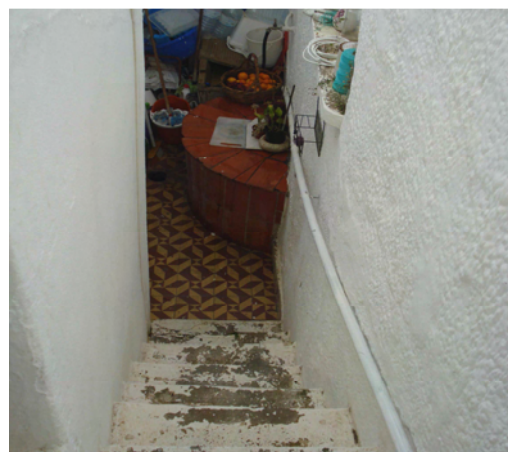


Fig.III.56 – Escada de acesso à açoteia com poço no alinhamento, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia no conjunto da Rua do Carmo.



Fig.III. 57 – Escada de acesso à açoteia com poço no alinhamento, em tipologia unilateral com cobertura em açoteia, no conjunto da Rua Contra-Almirante Marcelino Carlos.



Fig.III.58– Escada de acesso à açoteia com poço no vão, em tipologia bilateral com cobertura em açoteia, na Rua Dr. Teófilo Braga.

⁶³ “Já em 1951, o Regulamento Municipal das Edificações Urbanas do Concelho de Faro, elaborado à luz da legislação específica da mesma data, obrigava à realização de obras de conservação nos telhados ou coberturas dos edifícios (de 5 e 5 anos), isentando de licença pequenas reparações (não superiores a 2 dias). Ora, socorrendo-nos do Manual de Reabilitação do Património de Faro, a página 42, somos alertados para os telhados de tesouro a requererem “cuidados especiais nas uniões dos diferentes telhados-caleiras (cuja) inclinação é igual ou superior a 45° (C.M.F,1995). No passado, tal como agora, a manutenção/conservação deste tipo de cobertura obrigaria a intervenções dispendiosas por específicas” Rui M. RATO – “Telhados de Tesouro de Faro e Tavira – Um Contributo ao Património do Sotavento Algarvio. 11º Congresso do Algarve. Faro: Estria, Produções Gráficas, SA, 2001, p.291.

CONCLUSÕES

CONCLUSÕES

Da análise da **evolução urbana** ressalta a forma organizada e regrada em eixos ortogonais com que os primeiros assentamentos de cabanas foram feitos, definindo a malha urbana do que é a actual Fuseta.

O pólo inicial, implantado na margem poente da Ribeira do Tronco e desenvolvido depois em direcção à encosta, deu origem ao novo Bairro do Burguel, com melhor visibilidade marítima. Este facto foi contemporâneo da divisão social entre “marítimos” e “terrestres”, reflectida na concentração de “marítimos” no novo bairro com o respectivo Largo D^a. Benedita de Oliveira e a permanência dos “terrestres” na zona baixa com o respectivo Largo da República, bipolarizando o núcleo urbano.

O pólo inicial, caracterizado por um loteamento no sentido noroeste-sudeste, contrasta com o pólo posterior constituído pelo Bairro da Igreja, cujo loteamento é feito no sentido nordeste-sudoeste.

O surgimento deste segundo pólo urbano faz a viragem do que seria o urbanismo empírico para o urbanismo planeado, com a utilização de conceitos urbanísticos no traçado de novos eixos.

A consolidação do núcleo urbano ao longo dos séculos não extrapolou as delimitações físicas, crescendo, sobretudo, no seu interior através da subdivisão de quarteirões e conseqüente criação de novas ruas.

Da análise da **evolução arquitectónica**, uma das questões que se coloca é a extraordinária passagem de um tipo de construção precária e provisória para a laboriosa construção com *telhados de tesouro* e abóbadas sobre açoteias, cujas características construtivas lembram construções eruditas de centros urbanos e ambientes internos de templos e edifícios notáveis, e que não tem relações directas construtivas, formais e tipológicas com as pré-existentes cabanas de colmo, compostas por estruturas de organização espacial básicas.

Salienta-se o uso de uma tipologia arquitectónica *standard* na maioria das substituições, adaptável às dimensões de um lote (espaço ocupado pelas antigas cabanas) e caracterizada por uma distribuição interna unilateral composta por dois sectores: um sector anterior de carácter público com corredor de acesso e divisão principal junto à fachada; e um sector posterior de carácter privado, composto por uma antecâmara polivalente de acesso às alcovas e ao canto de cozinha, cuja cobertura é total ou parcialmente em açoteia sobre abóbada de berço abatido, conjugada com a cobertura em *telhado de tesouro* ou abóbada de vela. Assim sendo, a repetição e *standardização* de uma tipologia arquitectónica e construtiva de forma homogénea no edificado do núcleo histórico, deram origem à formação de conjuntos urbanos.

A *maturidade* da Tipologia Unilateral da Fuseta e a falta de antecedentes tipológicos locais que caracterizem a existência de fases intermédias de experimentação e de evolução entre a cabana de colmo e a tipologia de alvenaria de pedra usada, levam-nos a concluir que foi um processo trazido de outro lado, seguramente da vizinha cidade de Olhão, onde estaria então muito divulgada, provavelmente já com um século de experiência. Este processo tardio em relação às substituições de Olhão permitiu o uso de uma tipologia já experimentada e definida sem processo de gestação na Fuseta.

Do desenvolvimento da Tipologia Unilateral surgiu uma variante representativa dos sectores mais abastados da população, implantada em dois ou mais lotes, com uma distribuição interna bilateral e associada ao emprego da abóbada em barrete de clérigo numa parte da cobertura de açoteia, a Tipologia Bilateral.

Do ponto de vista dos **aspectos construtivos** destacam-se o carácter funcional do *telhado de tesouro* no que respeita à estabilização das condições térmicas do interior do compartimento através do sistema de ventilação cíclico do ar, bem como da açoteia sobre abóbada no que diz respeito à recolha e tratamento de água, à secagem de alimentos, à manutenção das condições térmicas no interior do compartimento pela inércia térmica do tijolo e à resistência ao fogo. Estes dois sistemas construtivos imprescindíveis para a adaptação às condições climáticas e aos hábitos locais acabam por conviver lado a lado na mesma cobertura, apesar de serem tipologias construtivas de natureza bastante diferente.

Ressalta ainda o engenhoso processo construtivo das abóbadas que através da sequência rotativa das etapas de construção dispensa a utilização de estruturas de apoio à abóbada, assim como a sensibilidade na aplicação e acabamento dos materiais das diferentes partes, diferenciando o tratamento da alvenaria de pedra da parede, do arranque da abóbada e das fiadas de tijolo de burro, cujo encaixe rigoroso em processo rotativo permite o fecho.

Seria interessante perceber, no futuro, se Olhão foi o laboratório experimental da Tipologia Unilateral, face à Fuseta que, não tendo interferido no processo de desenvolvimento dessa tipologia, foi um campo de *standardização* cuja aplicação repetitiva poderá ter permitido a mutação para uma tipologia mais complexa, a Tipologia Bilateral.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES FOTOGRÁFICAS

ANDRADE, F. – **Fotografias da Fuseta décadas de 1940-1960**. Fonte: Arquivo Fotográfico Foz do Eta.

IPCC/ IGCP - **Fotografia aérea da Fuseta de 1972**. Instituto Português de Cartografia e Cadastro, F-38 Junho de 1972.

Fonte: Instituto Geográfico Português (<http://www.igeo.pt>).

IPCC/ IGCP - **Fotografia aérea da Fuseta de 1985**. Instituto Português de Cartografia e Cadastro, F-58 Setembro de 1985.

Fonte: Instituto Geográfico Português (<http://www.igeo.pt>).

IPCC/ IGCP - **Fotografia aérea da Fuseta de 1991**. Instituto Português de Cartografia e Cadastro, F-114E Maio de 1991.

Fonte: Instituto Geográfico Português (<http://www.igeo.pt>).

IGCP - **Fotografia aérea da Fuseta de 2009**. Instituto Português de Cartografia e Cadastro/GoogleMaps Maio de 2009. Fonte: GoogleMaps. (<http://maps.google.com>).

SANTOS, José Beira – **Fotografias aéreas da Fuseta de 2008**. Fonte: TAF 98 – Fotografia Aérea, Lda., Julho 2008.

(autor desconhecido) – **Fotografia aérea da Fuseta de 1950**. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Olhão

FONTES CARTOGRÁFICAS

CARVALHO, Ernesto Tavares; Lacerda, Hugo – **Barra da Fuzeta. Plano Hidrográfico levantado em 1915**. Lisboa: Missão Hidrográfica da Costa de Portugal, 1916.

Fonte: Cartoteca da Biblioteca Nacional. (<http://purl.pt/1931/>).

DODI, Luigi, **Plano Regional do Algarve**, folha 2. DGOTDU, 1966.

IPCC/ IGCP - **Carta Corográfica de Portugal-53b m7810**. Instituto Português de Cartografia e Cadastro, 4ª edição, 1964.

Fonte: Instituto Geográfico Português (<http://www.igeo.pt>).

LOPES, João da Silva - **Carta Corográfica do Reino do Algarve**. Lisboa, 1842.

Fonte: Cartoteca da Biblioteca Nacional. (<http://purl.pt/3973/1/p1.html>).

VASCONCELOS, Joze de Sande – **Mappa da configuração de todas as praças, fortalezas e baterias do reyno do Algarve**. Lisboa, 1775, p.4 n.º12. Fonte: Cartoteca da Biblioteca Nacional. (<http://purl.pt/762>).

VASCONCELOS, Joze de Sande – **Configuração Corografica de baxo dos preceitos da Geografia Moderna do Reyno do Algarve**. Tavira, 22 de Dezembro de 1785.

Fonte: Instituto Geográfico Português. (<http://www.igeo.pt>).

VASCONCELOS, Joze de Sande – **Mapa da Costa do Algarve**. (s.l.), 179--.

Fonte: Instituto Geográfico Português. (<http://www.igeo.pt>).

(Autor desconhecido) – **Configuração da Costa desde a Fortaleza de S. João até a bateria e barra da Fuzeta**. (s.l.), 18--., provavelmente último quartel século XVIII.

Fonte: Instituto Geográfico Português (<http://www.igeo.pt>).

(Autor desconhecido) – **Configuração da Costa desde a barra da Fuzeta até ao Ancão compreendendo o Cabo de Stª Maria, e as barras de Faro**. (s.l.), 18--., provavelmente último quartel século XVIII.

Fonte: Instituto Geográfico Português (<http://www.igeo.pt>).

ARQUITECTURA REGIONAL

AFONSO, Isabel M.V. – “Telhados de Tesouro em Faro”, *Monumentos*, nº24. Lisboa: DGEMN, 2006.

AFONSO, Isabel M.V. – “Telhados de Tesouro em Tavira”, *Relatório do Seminário do Curso de Licenciatura em Património Cultural*. Algarve: FCUS/Universidade do Algarve, 2004.

CALDAS, João Vieira Caldas – *A Arquitectura Rural do Antigo Regime no Algarve* vol. I e II, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2007.

CMF- *Regulamento Municipal de Edificações Urbanas do Concelho de Faro*. Faro:CMF, 1951.

FERNANDES, José Manuel; e outros – *Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve: Edições Afrontamento, 2005.

MARTINS, Artur Pires; Castro, Celestino e Torres, Fernando – *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.II zona 6. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004 (1961), pp.241-359.

PINTO, Conceição – *Manual de Reabilitação do Património de Faro*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1995.

RATO, Rui Damasceno – “Telhados de Tesouro de Faro e Tavira – um contributo ao património do sotavento algarvio”, *11º Congresso do Algarve*: Faro: Estria, Produções Gráficas, SA, 2001.

RIBEIRO, Orlando – “Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira”, *Influências orientais na Arquitectura Urbana., Geografia e Civilização- Temas Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1992 (1961).

ROMBA, Sandra – *Evolução Urbana de Olhão*. Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Sociais e Humana, 2008.

CIÊNCIAS SOCIAIS E GEOGRAFIA DA REGIÃO

CABREIRA, Thomaz – *O Algarve económico*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1918.

CAVACO, Carminda – *O Algarve Oriental. As vilas, o campo e o mar*. Faro: Gabinete de Planeamento da Região do Algarve, 1976.

COSTA, Américo, *Dicionário Chorográfico de Portugal Continental e Insular*. Vol.VI, 1938.

DOMINGUES, José Gaia – “Novos aspectos da Silves árabe”, *Gil Vicente*, vol 8 nº1-10. Guimarães, 1957.

DOMINGUES, José Gaia – “Património cultural árabe algarvio”, *Estudos Algarvios II*.Lisboa: Casa do Algarve, 1956.

FEIO, Mariano – *Le Bas Alentejo et l'Algarve*. Lisbonne: Congrès International de Géographie, 1949.

FRAQUEZA, Maria Jose - *Jornal brisas do Sul: mensário regional de defesa dos interesses e valores*

algarvios. Olhão: L.G. Viegas, 1997.

HURTADO, Iñigo; IBARRETCHÉ, Inês; ALVES, Patrícia – **Aeroguia do Litoral, Portugal**. Lisboa: Editorial GeoPlaneta, S.A., 2000.

INE - **Recenseamentos da População** 1864-78-90, 1900-11-20- 30-40- 50-60-70-81-91, 2001. Lisboa, INE.

INE - **1º Recenseamento da Habitação 1970 - Continente e Ilhas Adjacentes, Estimativa a 20%**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística-Serviços Centrais, 1975.

LEAL, A.S. Barbosa Pinho – **Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geográfico**. Lisboa: Cota D'Armas Livreiros, 1990.

LOUREIRO, Adolpho – **Os portos marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes**, Vol. IV. Lisboa: Imprensa Nacional, 1909.

MASCARENHAS, J. Fernandes – “A origem do topónimo Fuzeta e a sua evolução”, **Correio de Sul**. Faro: 1953.09.10.

MASCARENHAS, J. Fernandes - **O vinho da fuzeta na economia do algarve : subsídios**. 1954.

MOREIRA, Carlos D. – **Populações marítimas em Portugal** , Dissertação de doutoramento. Lisboa: ISCSP 1987.

NOBRE, Antero – “ Do logo de Olham... à vida de Olhão da Restauração ” , **Estudos Algarvios**. Lisboa: Casa do Algarve, 1959.

OLIVEIRA, Carlos Manuel G. Ramos de - **Fuzeta: uma abordagem antropológica**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1971.

OLIVEIRA, F.X. Ataíde de - **Monografia do Concelho de Olhão da Restauração**. Porto: Editora in Foco, 1906.

PEREIRA, Victor Gabriel; e outros – **Algarve Económico na época do Marquês de Pombal**, Ano XX : nº 2, 29, 232, 233, 236; Ano XXI: nº 239. Lisboa: Indústria Portuguesa, 1947.

PITA, Cristina Brice - **O perfil sócio-económico de uma comunidade costeira portuguesa: a Fuzeta**. [Texto policopiado]. Faro : [s.n.], 2003.

RAMOS, Carlos – **Fuzeta: Uma Abordagem Antropológica** (policopiado). Lisboa: I.S.C.S.P.U. - Universidade Técnica de Lisboa, 1971.

REIA-BAPTISTA – **Da Terra, das Gentes**. Tavira: Stiege /Zachrisson Productions, 1999.

SANTOS, Mariana; e outros – **Olhão: uma vila típica do litoral algarvio**, vol X. Coimbra: Biblos, 1934.

VAZ , Adérito Fernandes - **As origens da Fuzeta e seu topónimo**. Olhão, Biblioteca Cultural Olhanense, 1986.

VASCONCELOS, Leite de – **Etnografia Portuguesa** volume VI. Lisboa: Casa da Moeda, 1975.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira vol.XI. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada, (sem data).

ARQUITECTURA VERNÁCULA NACIONAL

BELÉM, Margarida da Cunha; TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa – *Diálogos de Edificação, estudos das técnicas de construção*. Lisboa: Centro Regional de Artes Tradicional, 1998.

BRITO, Raquel Soeiro – *No trilho dos Descobrimentos, Estudos geográficos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Printer Portuguesa, 1997.

CARITA, Helder – *Palácios de Goa, Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. Lisboa: Quetzdal Editores, 1995.

FERNANDES, Maria; CORREIA, Mariana – *Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum, 2005.

MACHADO, José Luis Pinto – *Habitação rural, sugestões para a renovação ou construção. Métodos construtivos ou elementos tradicionais*. Lisboa: Livraria Popular Francisco França Lda, 1987.

MOUTINHO, Mário – *A Arquitectura Popular Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Universitária, Editorial Estampa, 1979.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; e outros – *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações D.Quixote, Portugal de perto, 1992.

ARQUITECTURA VERNÁCULA ESTRANGEIRA

BOURGEOIS, Jean-Louis – *Spectacular Vernacular: The Adobe Tradition*. Hong Kong: ApertureFoundation, Inc., 1989.

CARVIER, Norman F. Jr. – *Italian Hill Towns*. United States: Document Press, 1983.

CARVIER, Norman F. Jr. – *Iberian Villages Portugal & Spain*. United States: Document Press, 1981.

DOE, Jean – *Aspectos da arquitectura popular no Mundo*. Porto: Edições Paris Albert Morance, Faculdade de Letras do Porto, 1954.

DOLLFUS, Jean – *Aspectos de la Arquitectura Popular en el Mundo*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1955.

FEDUCHI, Luis – *Itinerarios de la Arquitectura Popular Española*, Vol.III e IV.Barcelona:Editorial Blume, 1975.

FLORES, Carlos – *Arquitectura Popular Española*, Vol. IV. Bilbao: Tolle Lage Aguliar, 1973.

GOLDFINGER, Myron – *Antes de la Arquitectura: Edificación y hábitat autónomos en los países mediterráneos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1970 y 1993.

GROSSI, Oscar – *Arquitectura Popular*. Buenos Aires: Centro Editorial América Latina S.A., 1977.

OLIVER, Paul – *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*, Vol. I,II,III.United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.

OLIVER, Paul – *Built to Meet Needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture*. Oxford: Architectural Press, 2006.

PHILIPPIDES, Dimitri - ***Greek Traditional Architecture: Eastern Aegean, Sporades, Ionian Islands***, Vol.I. Athens: Melissa Publishing House, 1983.

PHILIPPIDES, Dimitri - ***Greek Traditional Architecture: Aegean: Cyclades***, Vol.II. Athens: Melissa Publishing House, 1983.

REGUANT, Joan – ***Architecture Traditionelle Méditerranéenne***, Barcelona, Grup 4, 2002

ROSSI, Aldo – ***A Arquitectura da Cidade***. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

RUDOFISKY, Bernard – ***The Prodigious Builders***. New York, United States: Harcourt Brace Jovanovich, 1977.

RUDOFISKY, Bernard – ***Arquitectura sin Arquitectos: Breve Introducción à la Arquitectura sin Genealogía***. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1973.

SERT, Josep Lluís – ***Ibiza***. Barcelona: (s.e), 1967.

SEGUES, Carlos Garcia – ***Arquitectura Tradicional de la Isla de Mallorca: Influencia de Roma, el Islam y Cataluña***. Mallorca: José J.Olañeta Edición, 1992.

STEEN, Bill – ***Built by Hand: Vernacular Buildings Around the World***. Utah: Gibbs Smith Publisher, 2003.

TAYLOR, John S. – ***Arquitectura Anónima: una visión cultural de los principios prácticos del diseño***. New York: Editorial Stylos, 1983.

ANEXOS

I ANEXO
CONTEXTUALIZAÇÃO DA VILA DA FUSETA

CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA | VISTAS AÉREAS

CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA | VISTA AÉREA 1972

(Fonte:IGP F-38-Junho1972)



PLANTA ESC. 1/3000

CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA | VISTA AÉREA 1985

(Fonte:IGP F-58 Setembro 1985)



PLANTA ESC. 1/3000

CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA | VISTA AÉREA 1991

(Fonte:IGP F-114E Maio 1991)



PLANTA ESC. 1/3000

CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA | VISTA AÉREA 2009

(Fonte:Google Maps/IGP-DGRF Maio 2009)



PLANTA ESC. 1/3000

CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA | PERSPECTIVAS AÉREAS

PERSPECTIVA AÉREA DIRECÇÃO SUL

(Fonte: José Beira Santos - Fotografia Aérea, Lda. TAF 98 Julho 2008)



PERSPECTIVA AÉREA DIRECÇÃO ESTE

(Fonte: José Beira Santos - Fotografia Aérea, Lda. TAF 98 Julho 2008)



PERSPECTIVA AÉREA DIRECÇÃO NORTE (Fonte: José Beira Santos - Fotografia Aérea, Lda. TAF 98 Julho 2008)



PERSPECTIVA AÉREA DIRECÇÃO SUL

(Fonte: José Beira Santos - Fotografia Aérea, Lda. TAF 98 Julho 2008)



II ANEXO

EVOLUÇÃO URBANA

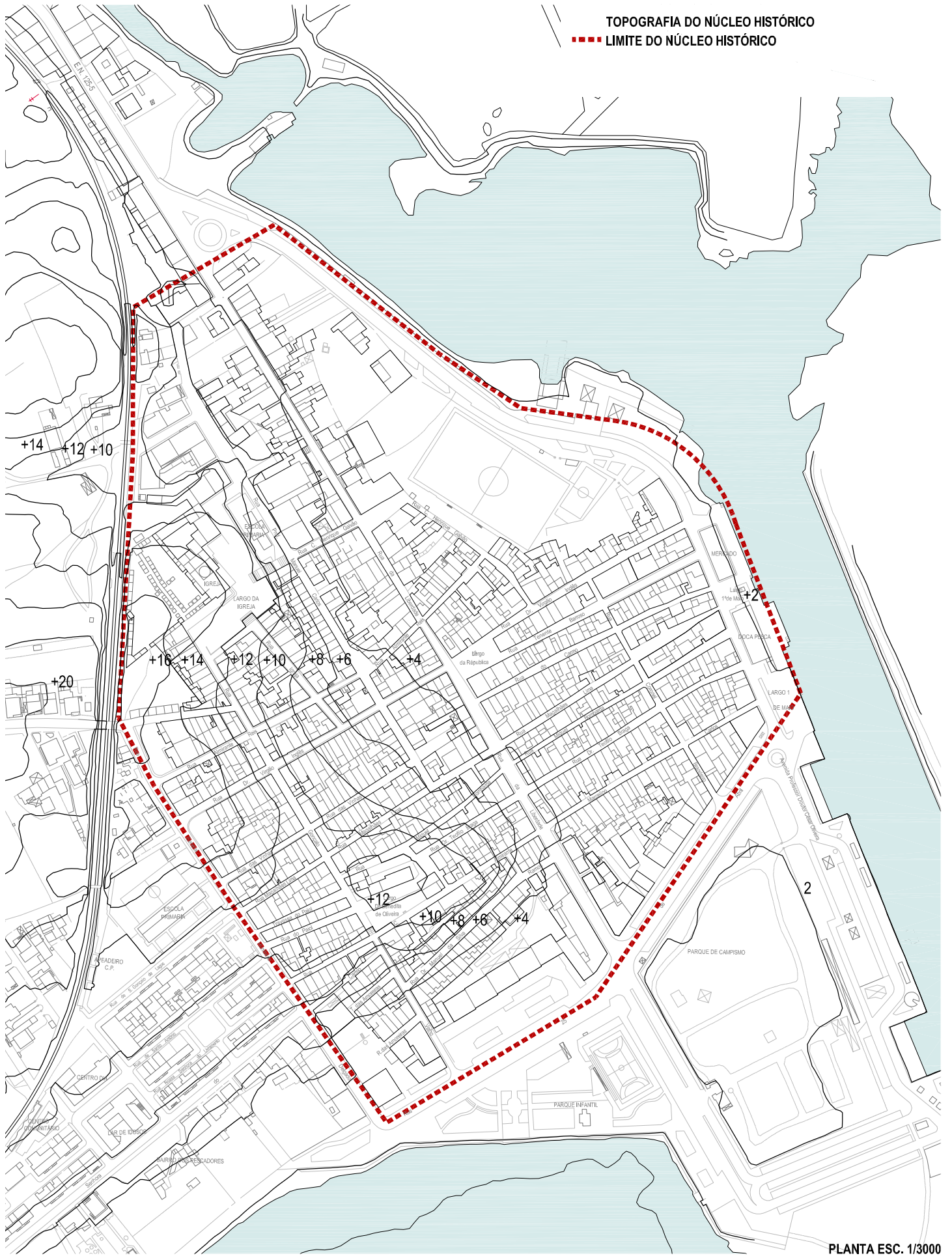
EVOLUÇÃO URBANA | ANÁLISE NÚCLEO HISTÓRICO

EVOLUÇÃO URBANA | ANÁLISE NÚCLEO HISTÓRICO

ÁREA DE ESTUDO

EVOLUÇÃO URBANA | ANÁLISE NÚCLEO HISTÓRICO

TOPOGRAFIA

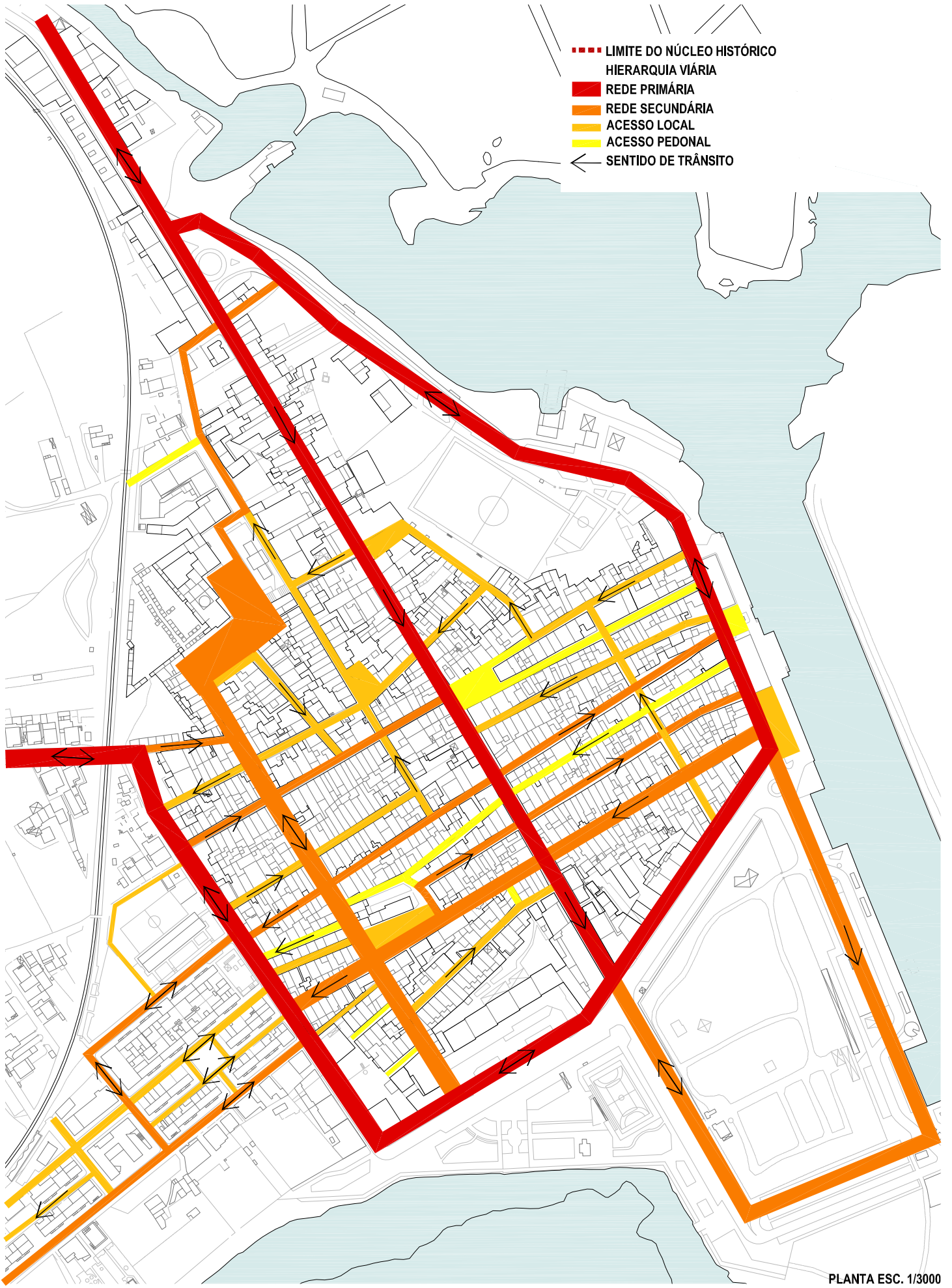


PLANTA ESC. 1/3000

EVOLUÇÃO URBANA | ANÁLISE NÚCLEO HISTÓRICO

HIERARQUIA VIÁRIA

EVOLUÇÃO URBANA E ARQUITECTÓNICA DA FUSETA



PLANTA ESC. 1/3000

EVOLUÇÃO URBANA | ANÁLISE NÚCLEO HISTÓRICO

EVOLUÇÃO URBANA E VIÁRIA

II CAPÍTULO: EVOLUÇÃO URBANA



EIXOS PRINCIPAIS

1. RUA FORMOSA > Ligação noroeste a Moncarapacho (actual R. da Liberdade)
2. MARGEM DA RIBEIRA
16. RUA DO SOL ABERTO (actual R. General Humberto Delgado)
26. RUA DA PRAIA (actual Av. 25 de Abril)
28. AV. MARGINAL

OUTROS EIXOS

3. RUA NOVA GRANDE > eixo viário ribeira- terrenos agrícolas (actual R. Virgílio Inglês)
4. RUA DA ALEGRIA (actual R. Tenente Barroso)
5. RUA DO CONDE (actual R. Magalhães Lima)
6. RUA DOS MESTRES (actual R. Dr. Teófilo Braga)
7. RUA DA BOAVISTA > eixo viário ribeira-terrenos agrícolas (actual R. Contra-Almirante Marcelino Carlos)
8. RUA COMPROMISSO MARÍTIMO
10. RUA GONÇALO VELHO > eixo viário igreja - margem da ria
11. RUA e TRAV. DO PAIOL
14. RUA DO POÇO NOVO (actual R. Prof. Manuel Carlos)
15. RUA DO CARMO
17. RUA DA IGREJA
18. RUA DO ROSÁRIO (actual R. Almirante Reis)
19. RUA DA PONTE GRANDE
20. RUA DO BESOURO (actual R. C. Henrique Galvão)
21. RUA DAS VINHAS
22. RUA DOS QUINTAIS (actual R. Miguel Bombarda)
23. RUA TRÁS DAS CERCAS (actual R. Dr. Manuel Silva Ramos)
24. RUA e TRAV. DAS AMOREIRAS
26. RUA Nº. Sª DO CARMO (BAIRRO DOS PESCADORES)

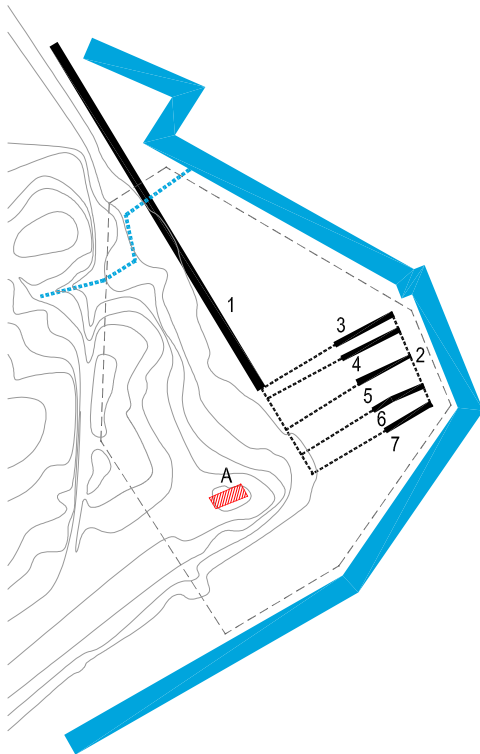
LARGOS

9. Lg. DO BURGUEL (actual Largo Dª Beneditad' Oliveira)
12. Lg. DA RÉPUBLICA
13. Lg. DO POÇO NOVO
16. Lg. DA IGREJA
25. Lg. DO "MERCADO E DA DOCA" (actual Lg. 1º Maio)

EDIFÍCIOS

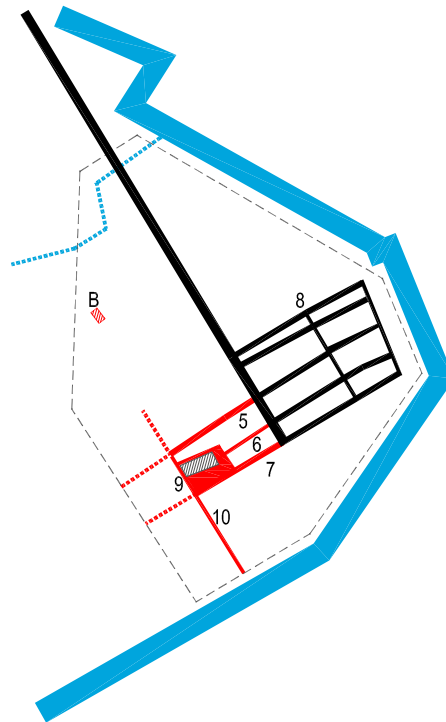
- A- QUARTEL
- B- CAPELA (possível localização)
- C- IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO
- D- MERCADO
- E- DOCA DE PESCA

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC. 1/15 000
 FOTOGRAFIA AÉREA 2009: ESC. 1/15 000
 PLANTA ESQUEMA ESC. 1/10 000



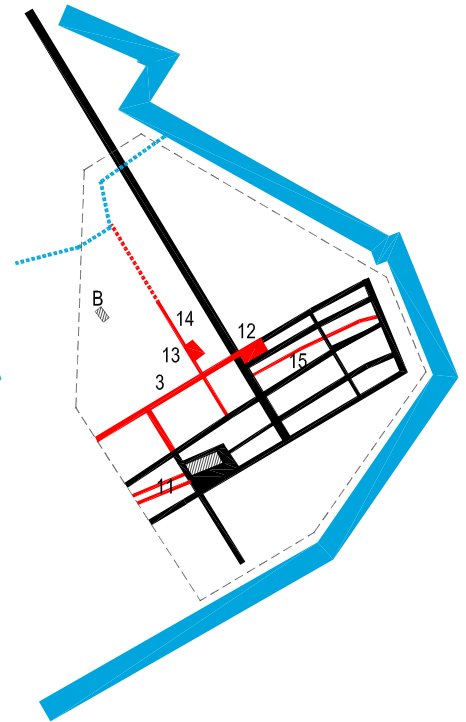
1ª FASE (SÉC. XVI-XVII)

Assentamento definitivo dos pescadores (a partir do século XVI)
 Construção do quartel da Fuseta (século XVII)



2ª FASE (SÉC. XVIII)

Pólo inicial (zona baixa e Bairro do Burguel).



3ª FASE (meados do SÉC. XIX)

Consolidação do pólo inicial.

1ªFASE - século XVI-XVII

Os primeiros assentamentos da Fuseta foram feitos por pescadores da armação de atum e tinham um carácter sazonal. Eram constituídos por cabanas localizadas na margem poente da foz da Ribeira do Tronco, que seguiam regras de ortogonalidade na localização e organização das cabanas no território, traduzidas num traçado regular de frentes direccionadas ao mar. O único eixo viário consistia na ligação norte à localidade de Moncarapacho, que divide a zona plana do início da colina.

Segundo Mascarenhas (1953), no século XVI a "Fozeta" era já um *lugar de residência* pertencente à Freguesia de Moncarapacho.

2ªFASE - século XVIII

A construção do Quartel da Fuseta na colina sobranceira à ria remonta ao século XVII no reinado de D. João IV e D. Afonso VI, segundo afirma Vaz (1986). Também Mascarenhas (1953), citando o Padre da Freguesia de Moncarapacho (1758), confirmada a existência no século XVIII de um *fortim com uma praça*.

Com a defesa da entrada na barra e da povoação, a par com o crescente aumento da população, deu-se o desenvolvimento urbano através do prolongamento da malha ortogonal do núcleo da zona baixa pela encosta da colina e, conseqüentemente, um novo pólo residencial com forte implantação topográfico-marítima de supremacia sobre a costa.

A existência de dois pólos, o primeiro na zona baixa e o segundo na colina, resultou na divisão social dos pescadores que se instalaram no novo bairro.

3ªFASE - meados século XIX

O núcleo urbano é consolidado por novas ruas e largos dentro da estrutura ortogonal formada por quarteirões com orientação nordeste-sudoeste, que posteriormente foram subdivididos em outros mais estreitos, originando ruas de traçados sinuosos provenientes das delimitações internas dos quintais.

Até então o núcleo urbano era constituído por cabanas, como comprova a representação cartográfica feita por Sande de Vasconcello (1780) que não representa a povoação por não se tratarem de construções nem de terra nem de alvenaria de pedra.

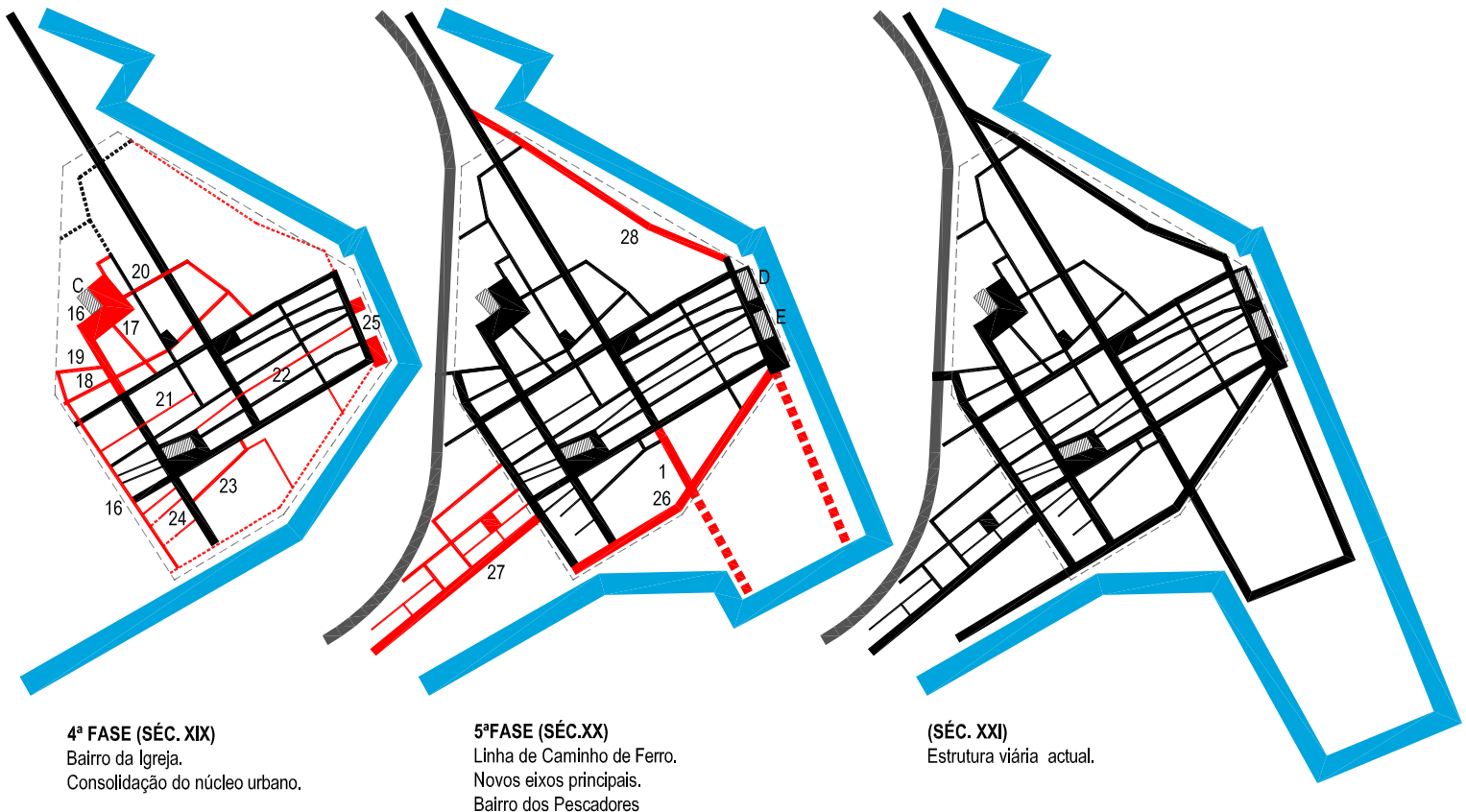
A considerar pelas datas inscritas nas vergas das portas das casas do núcleo histórico (as mais antigas são de 1850), é em meados do século XIX que se iniciam as campanhas de substituição das cabanas por construções em alvenaria de pedra. A utilização e repetição de tipologias arquitectónicas standard deu origem a uma uniformização do edificado do núcleo urbano.

4ªFASE - segunda metade do século XIX

Com o início da construção da Igreja (1847) consolida-se um novo pólo que remata o ponto mais alto do núcleo urbano, cujos quarteirões seguem o sentido noroeste-sudeste, e onde foram introduzidos novos conceitos urbanísticos, como a implantação do edifício de referência num pódio e o alinhamento a sua axial com um eixo viário.

5ªFASE - século XX

Em meados do século XX produzem-se os últimos traçados viários no núcleo histórico, com o objectivo de rematar e de integrar as zonas periféricas. Surgem novos eixos viários de hierarquia primária, como a Avenida Marginal ou o prolongamento da Rua da Liberdade até à ria, de forma a regar a circulação na periferia do núcleo histórico.



4ª FASE (SÉC. XIX)
Bairro da Igreja.
Consolidação do núcleo urbano.

5ªFASE (SÉC.XX)
Linha de Caminho de Ferro.
Novos eixos principais.
Bairro dos Pescadores

(SÉC. XXI)
Estrutura viária actual.

II CAPÍTULO: EVOLUÇÃO URBANA

■■■■ LIMITE DO NÚCLEO HISTÓRICO

PÓLO INICIAL: ZONA BAIXA E BAIRRO DO BURGUEL

■ SÉCULO XVI

■ SÉCULO XVII

■ SÉCULO XVIII

PROLONGAMENTO DO PÓLO INICIAL

■ SÉCULO XVIII

■ SÉCULO XIX

■ SÉCULO XX

BAIRRO DA IGREJA

■ SÉCULO XIX

■ SÉCULO XX

LARGOS

9.Lg. DO BURGUEL (actual Largo D^aBeneditad'Oliveira)

12.Lg. DA RÉPUBLICA

13.Lg. DO POÇO NOVO

16.Lg. DA IGREJA

25.Lg. DO "MERCADO E DA DOCA"(actual Lg. 1^oMaio)

EDIFÍCIOS

A-QUARTEL

B-CAPELA (possível localização)

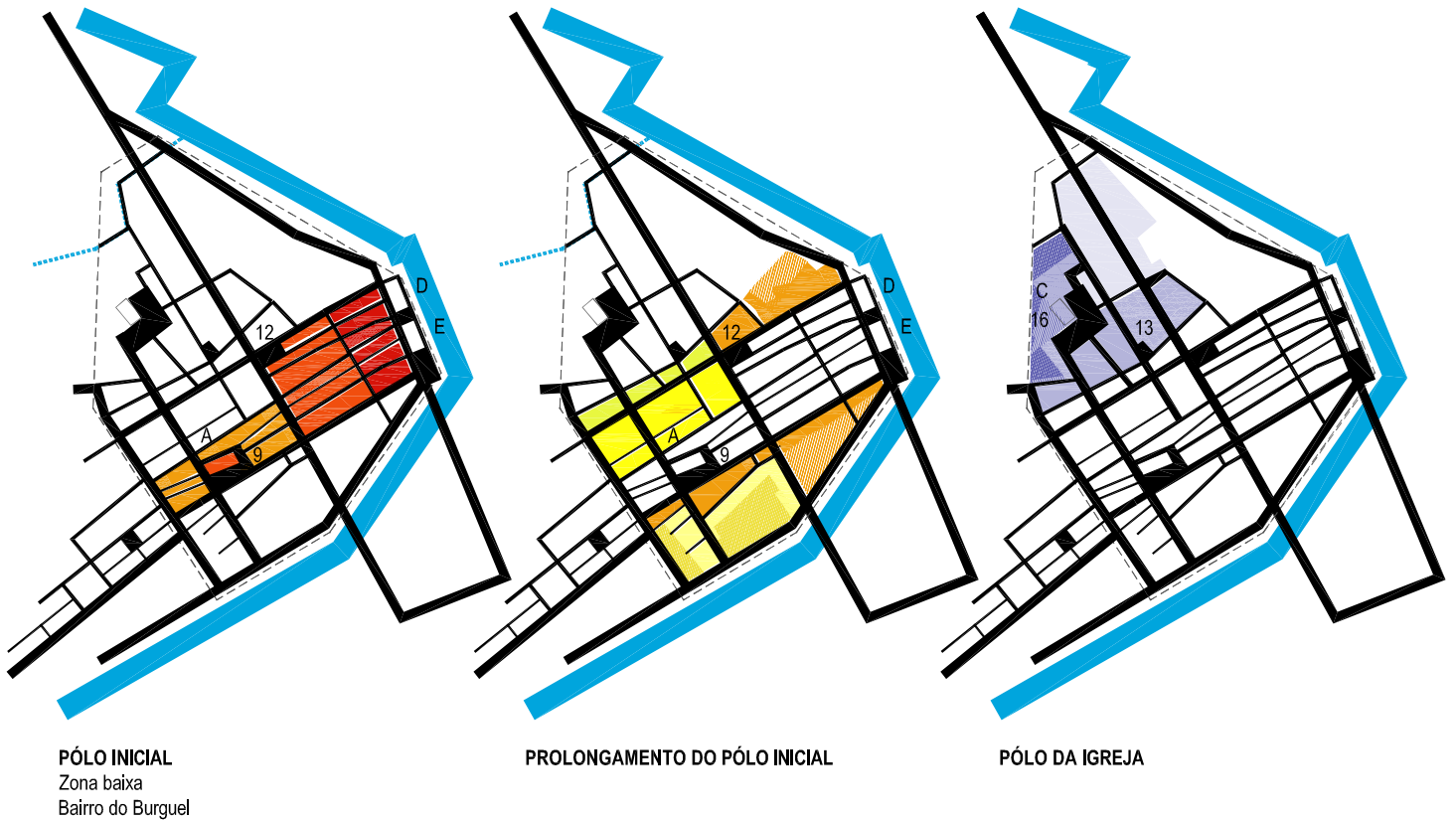
C-IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO

D-MERCADO

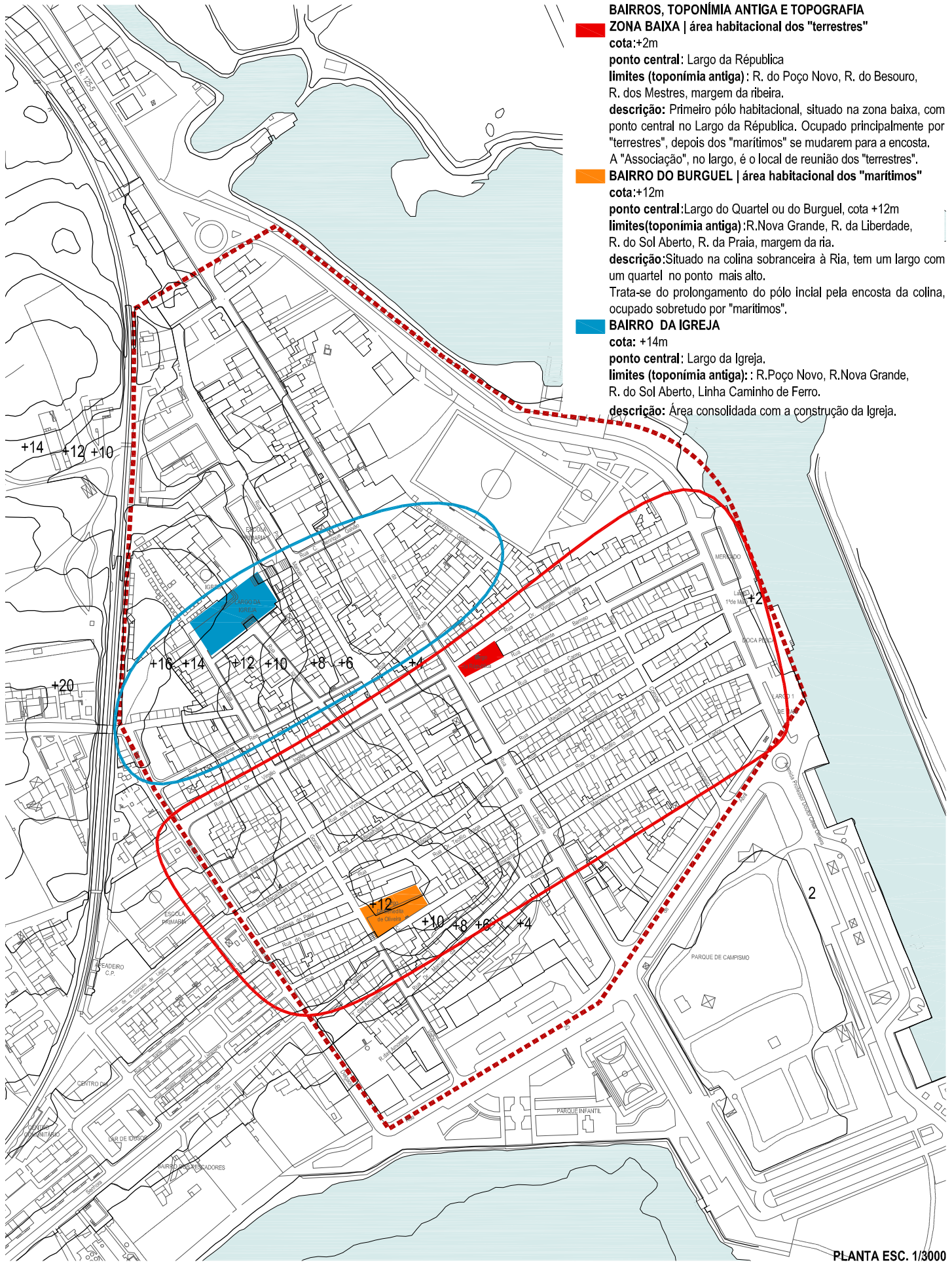
E-DOCA DE PESCA

PLANTA ESC.1/3 000

PLANTA ESQUEMA ESC.1/10 000



EVOLUÇÃO URBANA E ARQUITECTÓNICA DA FUSETA



----- LIMITE DO NÚCLEO HISTÓRICO

BAIRROS, TOPONÍMIA ANTIGA E TOPOGRAFIA

ZONA BAIXA | área habitacional dos "terrestres"

cota: +2m

ponto central: Largo da República

limites (toponímia antiga): R. do Poço Novo, R. do Besouro, R. dos Mestres, margem da ribeira.

descrição: Primeiro pólo habitacional, situado na zona baixa, com ponto central no Largo da República. Ocupado principalmente por "terrestres", depois dos "marítimos" se mudarem para a encosta. A "Associação", no largo, é o local de reunião dos "terrestres".

BAIRRO DO BURGUEL | área habitacional dos "marítimos"

cota: +12m

ponto central: Largo do Quartel ou do Burguel, cota +12m

limites (toponímia antiga): R. Nova Grande, R. da Liberdade, R. do Sol Aberto, R. da Praia, margem da ria.

descrição: Situado na colina sobranceira à Ria, tem um largo com um quartel no ponto mais alto. Trata-se do prolongamento do pólo inicial pela encosta da colina, ocupado sobretudo por "marítimos".

BAIRRO DA IGREJA

cota: +14m

ponto central: Largo da Igreja.

limites (toponímia antiga): R. Poço Novo, R. Nova Grande, R. do Sol Aberto, Linha Caminho de Ferro.

descrição: Área consolidada com a construção da Igreja.

EVOLUÇÃO URBANA | ANÁLISE NÚCLEO HISTÓRICO

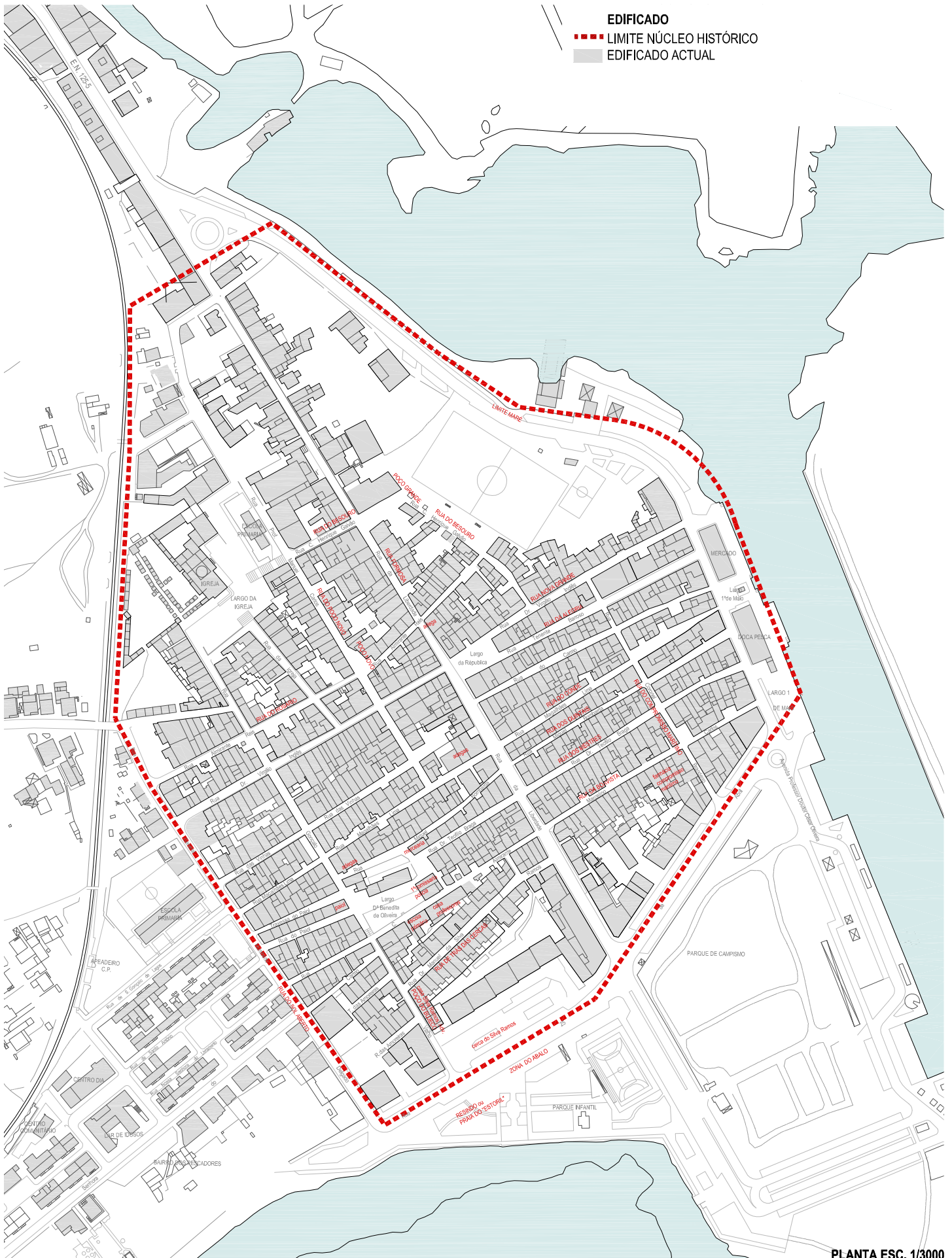
PLANTA DE EDIFICADO (1950)



EVOLUÇÃO URBANA | ANÁLISE NÚCLEO HISTÓRICO

PLANTA DE EDIFICADO (2009) E TOPONÍMIA ACTUAL

EVOLUÇÃO URBANA E ARQUITECTÓNICA DA FUSETA



PLANTA ESC. 1/3000

EVOLUÇÃO URBANA | ANÁLISE NÚCLEO HISTÓRICO

REGISTO FOTOGRÁFICO

SIMBOLOGIA

> LOCAL E ÂNGULO DE ONDE FOI TIRADA A FOTOGRAFIA



TEMAS FOTOGRÁFICOS

Vistas dos terrenos na margem da ria nº1-12

Vistas gerais desde a igreja nº13-27

(Fonte: Associação Fotográfica Foz do Eta, fotógrafo: Sr. Andrade, décadas de 1930,40,50)



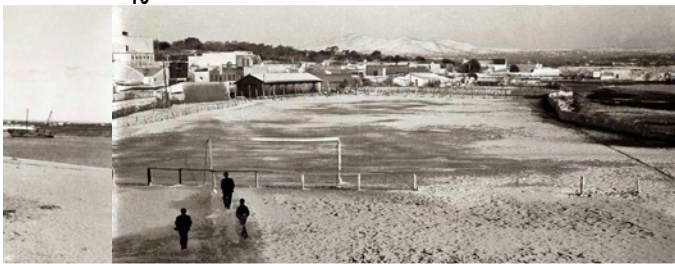
4



5



10



11



12



17



18



19



24



25



26



27



TEMAS FOTOGRÁFICOS

Vistas gerais desde o largo da républica nº28-34

Vistas urbanas nº35-42

Vistas urbanas nº 43-50

Av.da Liberdade (eixo principal) nº51-57

(Fonte: Associação Fotográfica Foz do Eta, fotógrafo: Sr. Andrade, décadas de 1930,40,50)



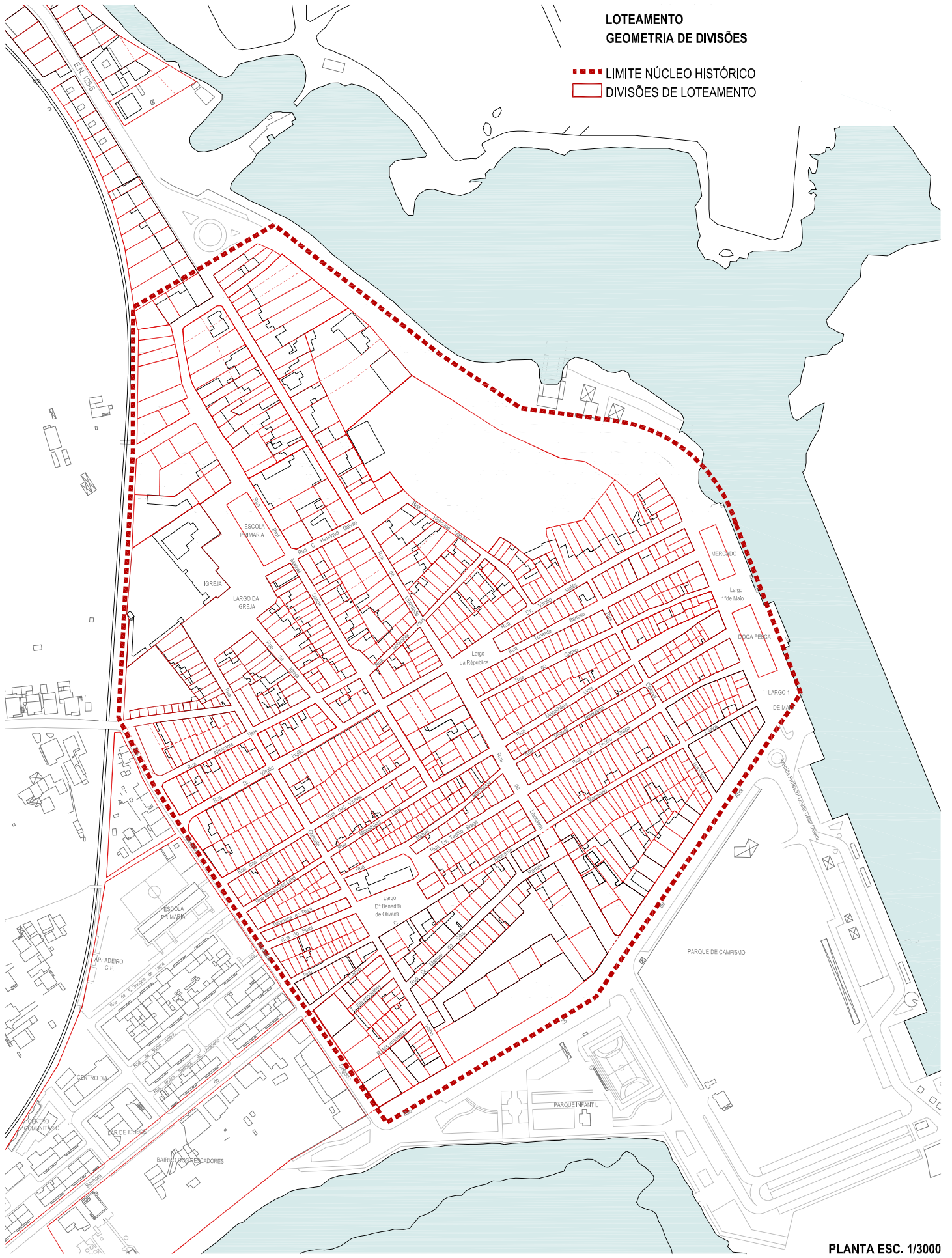


III ANEXO

EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | ANÁLISE DO LOTEAMENTO

GEOMETRIA DE DIVISÕES



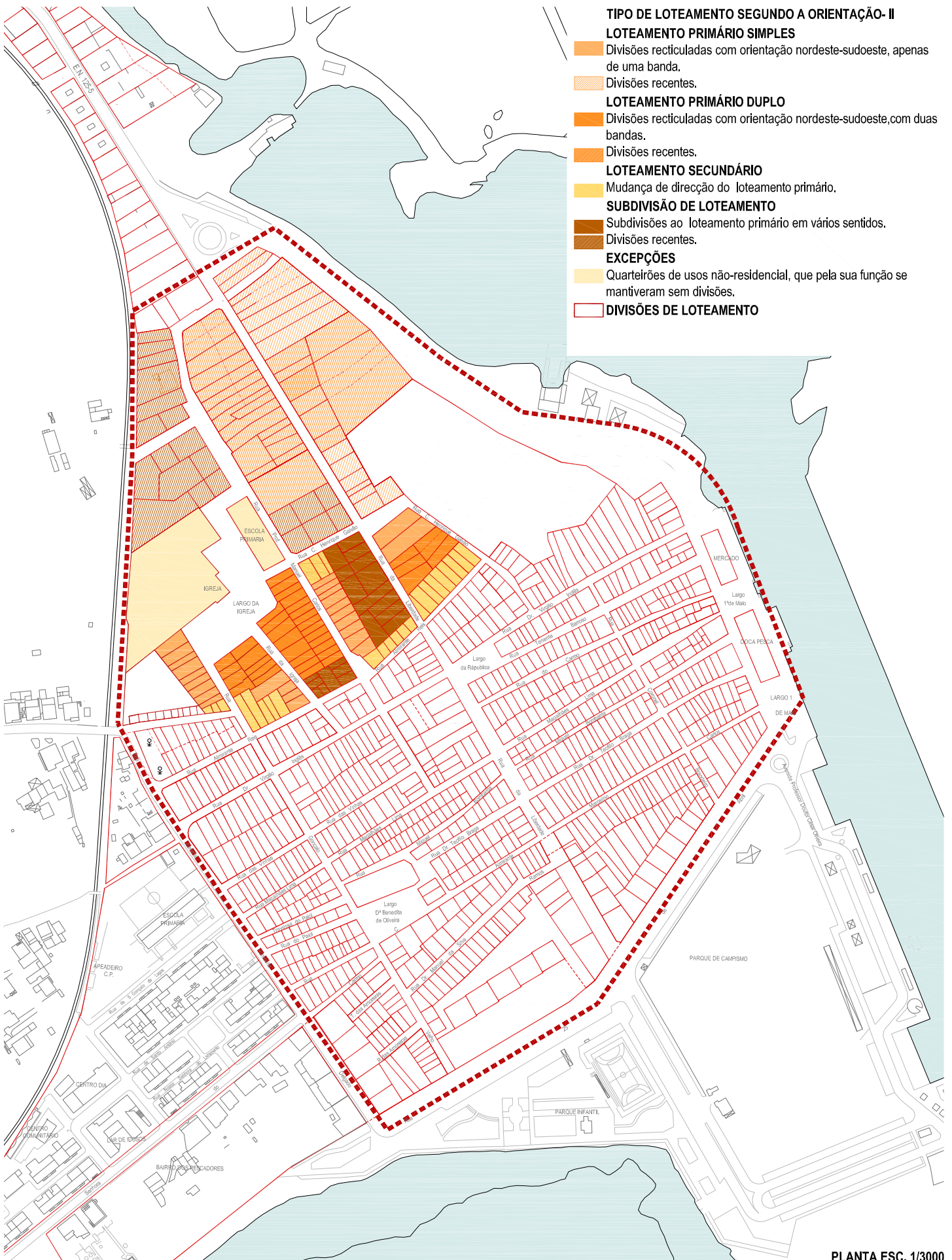
PLANTA ESC. 1/3000

EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | ANÁLISE DO LOTEAMENTO

SENTIDO NOROESTE-SUDESTE

EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | ANÁLISE DO LOTEAMENTO

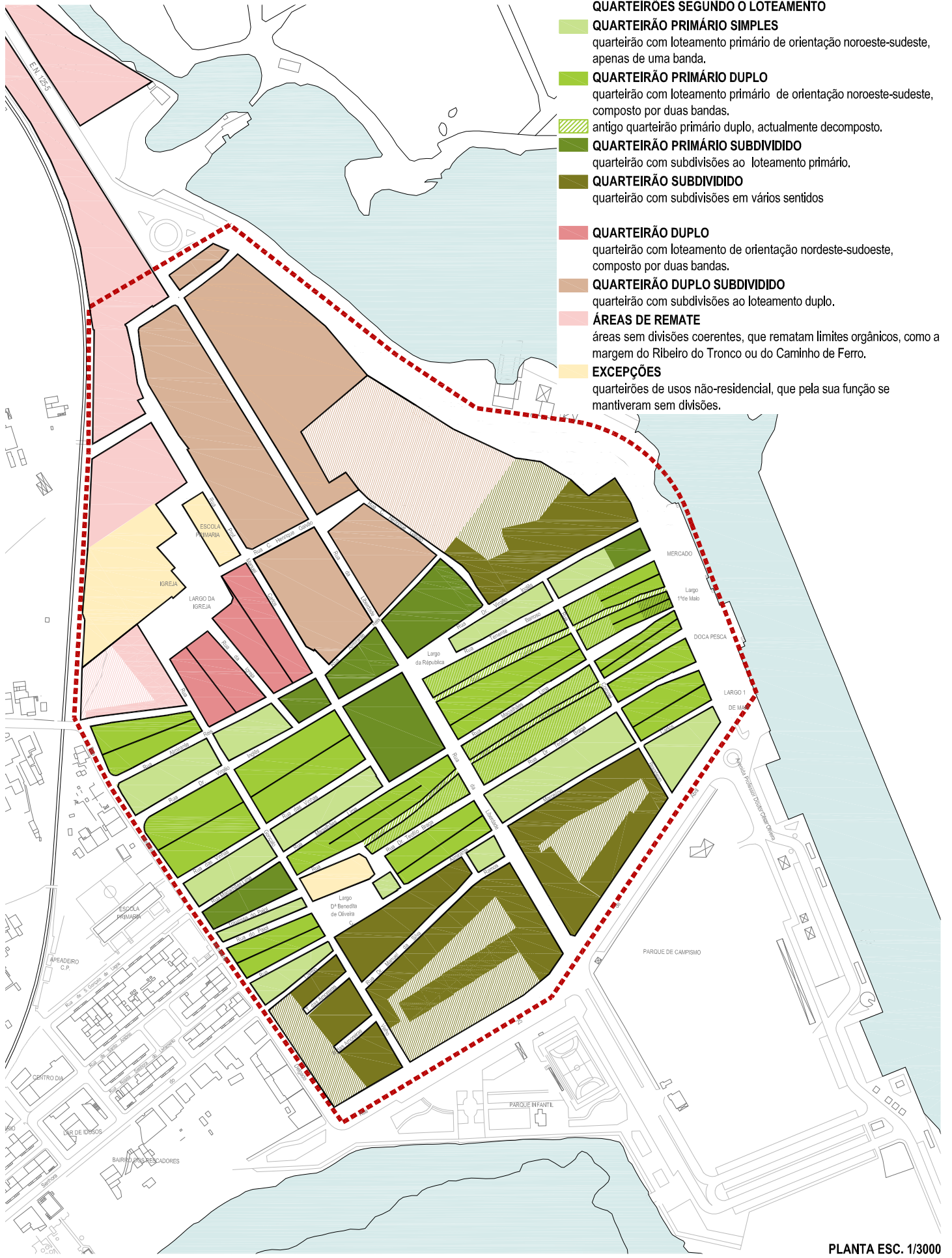
SENTIDO NORDESTE-SUDOESTE



EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | ANÁLISE DO LOTEAMENTO

SÍNTESE DE DIRECÇÕES

EVOLUÇÃO URBANA E ARQUITECTÓNICA DA FUSETA



QUARTEIRÕES SEGUNDO O LOTEAMENTO

- QUARTEIRÃO PRIMÁRIO SIMPLES**
quarteirão com loteamento primário de orientação noroeste-sudeste, apenas de uma banda.
- QUARTEIRÃO PRIMÁRIO DUPLO**
quarteirão com loteamento primário de orientação noroeste-sudeste, composto por duas bandas.
- antigo quarteirão primário duplo, actualmente decomposto.
- QUARTEIRÃO PRIMÁRIO SUBDIVIDIDO**
quarteirão com subdivisões a loteamento primário.
- QUARTEIRÃO SUBDIVIDIDO**
quarteirão com subdivisões em vários sentidos
- QUARTEIRÃO DUPLO**
quarteirão com loteamento de orientação nordeste-sudoeste, composto por duas bandas.
- QUARTEIRÃO DUPLO SUBDIVIDIDO**
quarteirão com subdivisões ao loteamento duplo.
- ÁREAS DE REMATE**
áreas sem divisões coerentes, que rematam limites orgânicos, como a margem do Ribeiro do Tronco ou do Caminho de Ferro.
- EXCEPÇÕES**
quarteirões de usos não-residencial, que pela sua função se mantiveram sem divisões.

EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

PLANTA DE NÚMERO DE PISOS

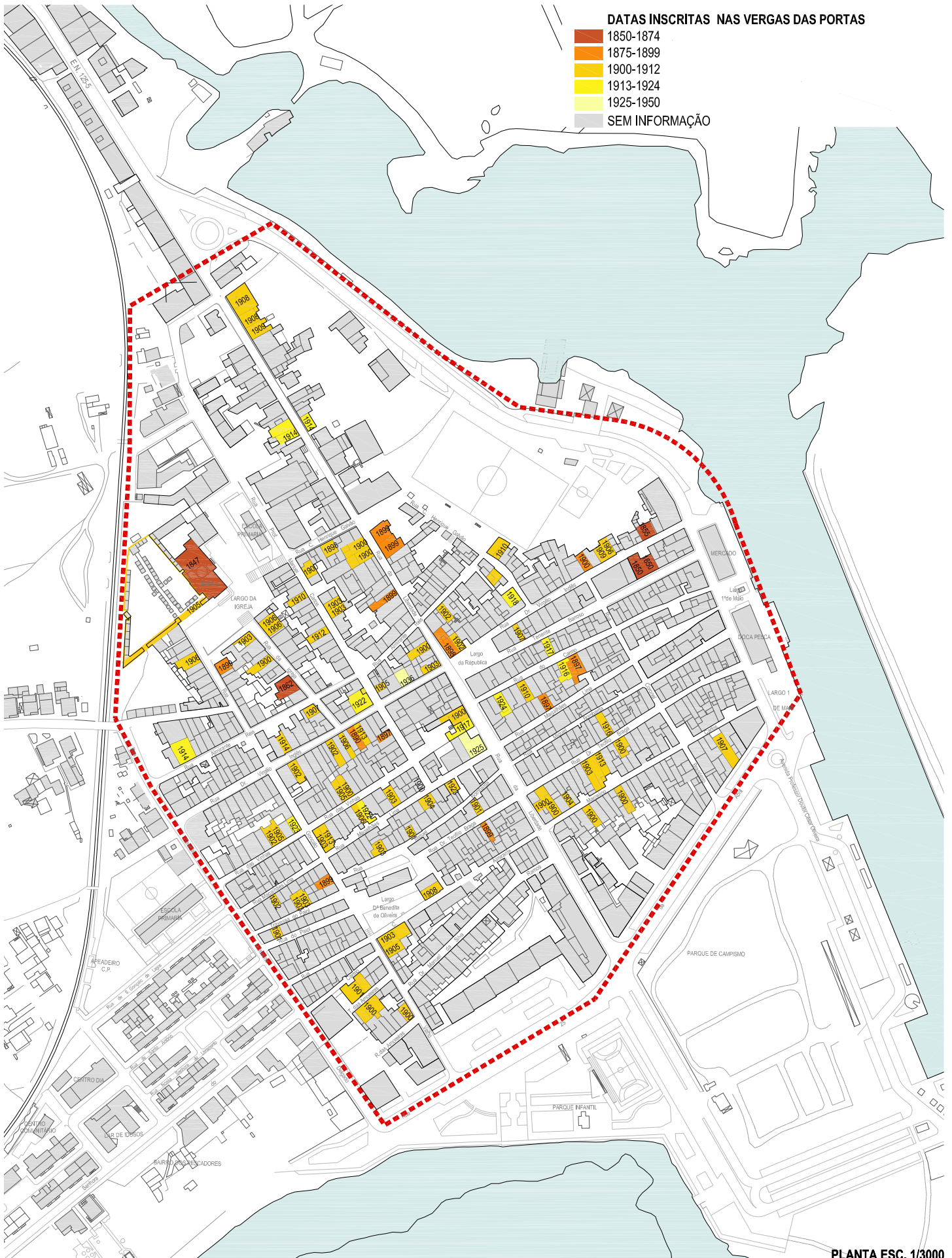
EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

PLANTA DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

PLANTA DE EDIFÍCIOS COM DATA NA VERGA DA PORTA

EVOLUÇÃO URBANA E ARQUITECTÓNICA DA FUSETA



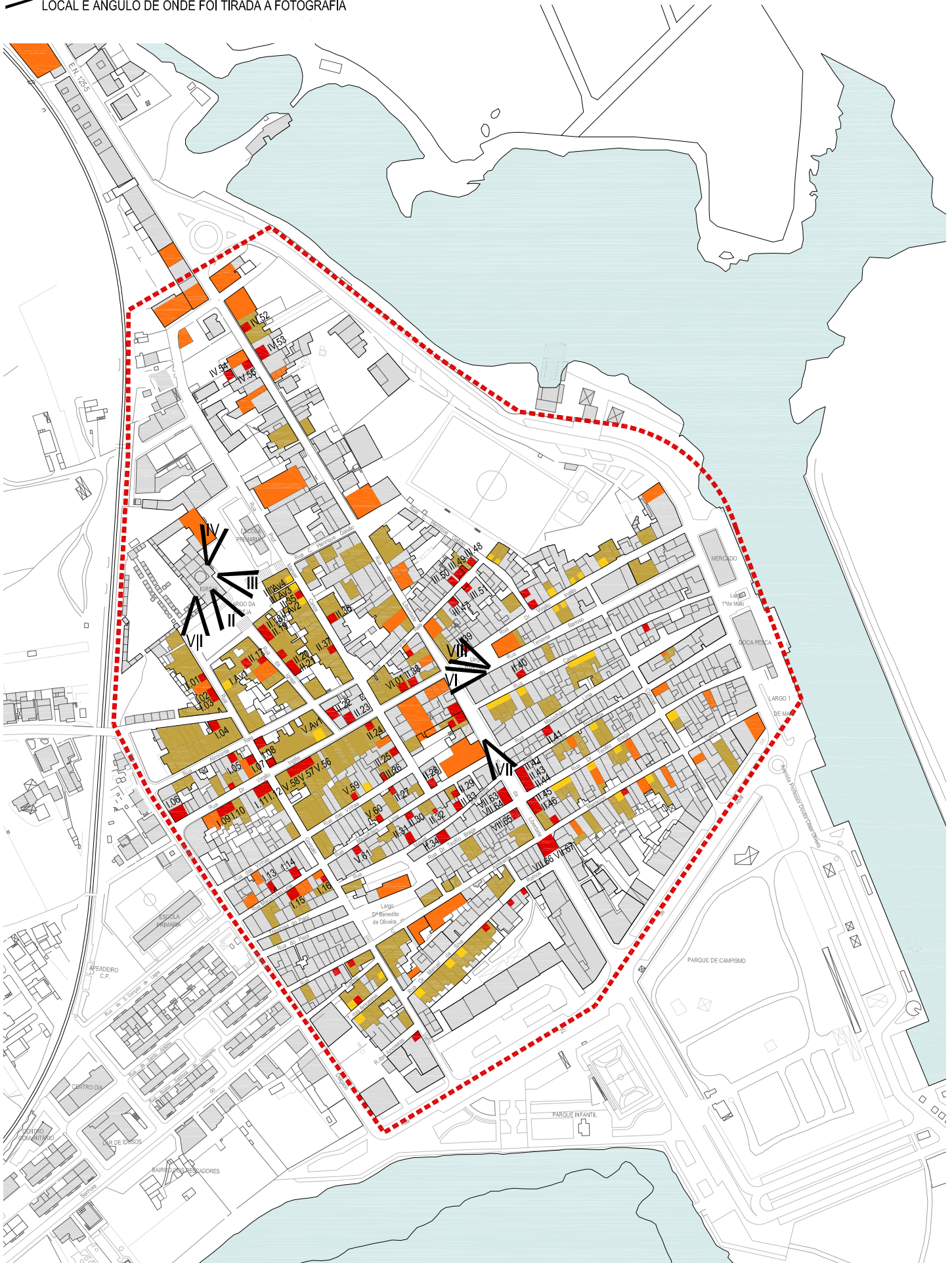
PLANTA ESC. 1/3000

EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

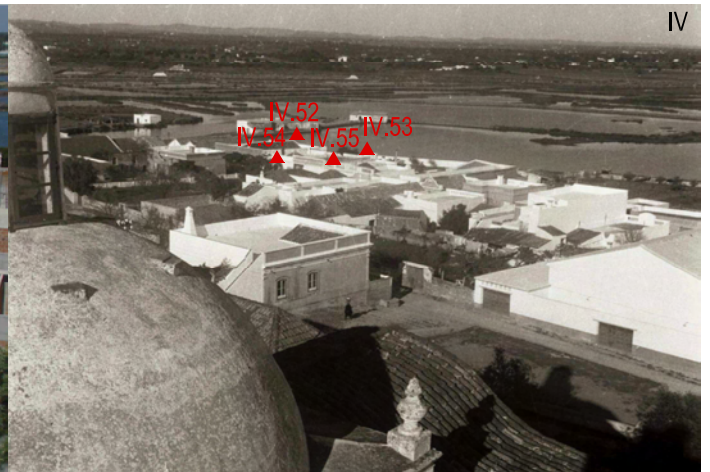
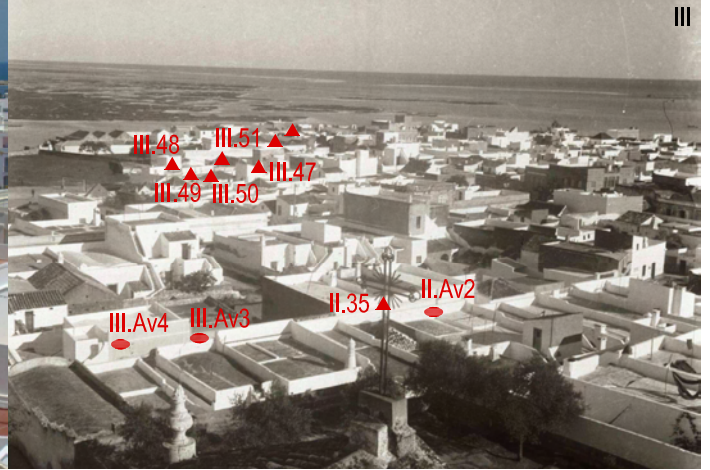
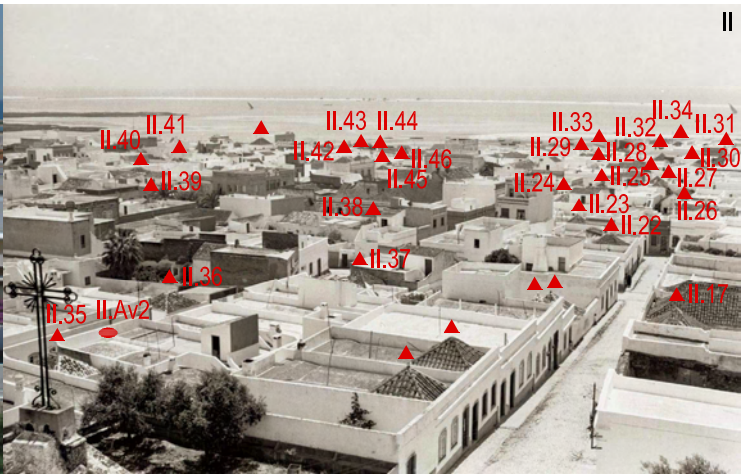
PLANTA DE TIPOLOGIAS CONSTRUTIVAS 1950/60 e 2009

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

V PLANTA DE RECONSTITUIÇÃO POR FOTOGRAFIA 1950/60
LOCAL E ÂNGULO DE ONDE FOI TIRADA A FOTOGRAFIA



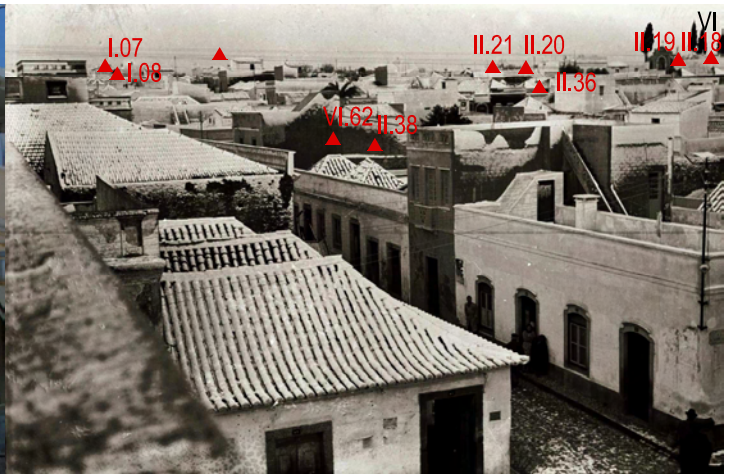
III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA



EVOLUÇÃO URBANA E ARQUITECTÓNICA DA FUSETA

SIMBOLOGIA

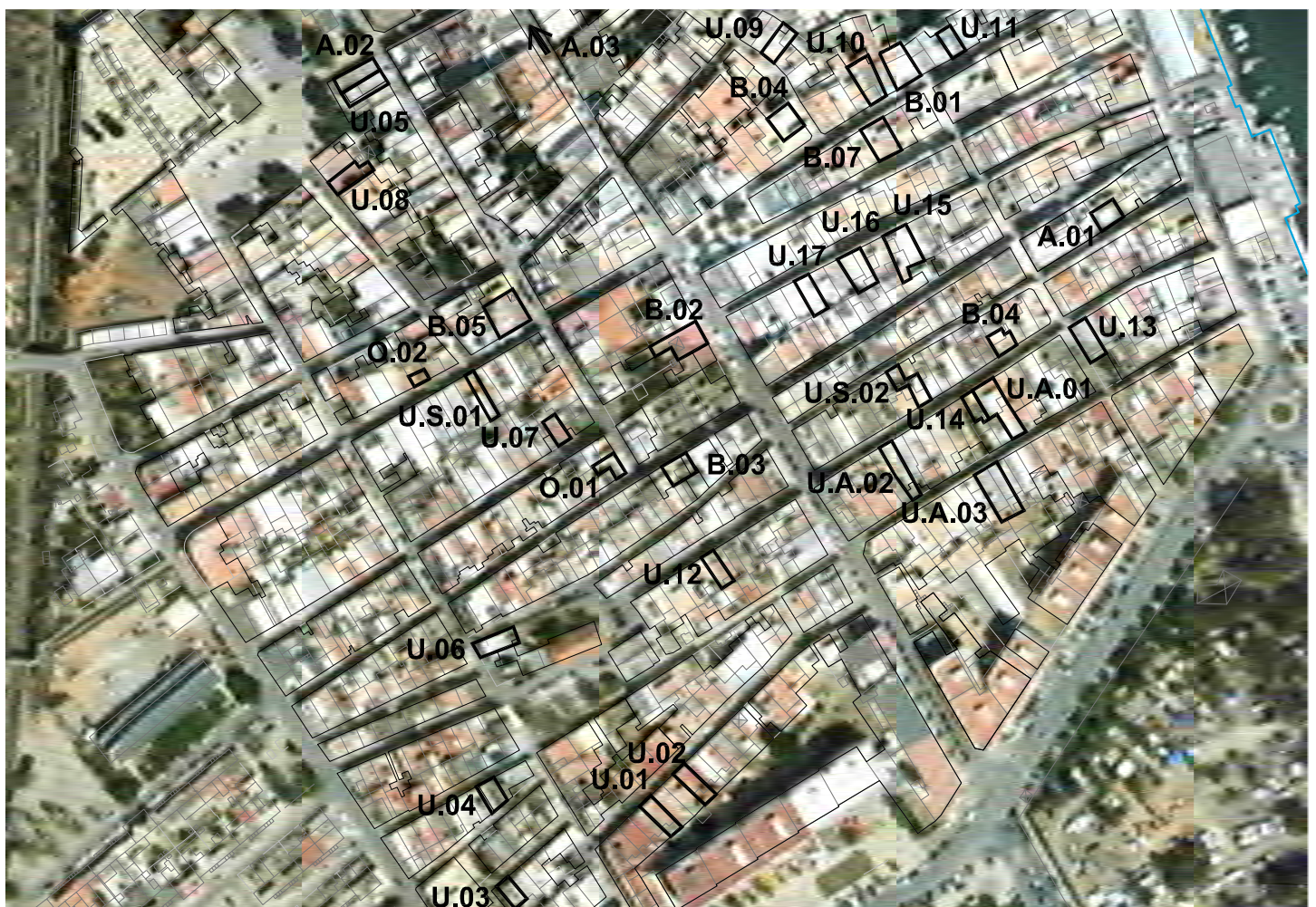
- ▲ EDIFÍCIO COM TELHADO DE TESOURO
- EDIFÍCIO COM ABÓBADA DE VELA OU BARRETE DE CLÉRIGO



PLANTA ESC. 1/3000











































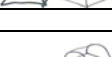









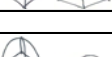



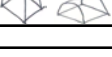











EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA

TIPOLOGIAS ARQUITECTÓNICAS: LOCALIZAÇÃO










ESC 1/2500

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS

TIPO	LOCALIZAÇÃO	DATA	COBERTURA	FACHADA
UNILATERAL sem corredor inicial				
U.S.01	R. Dr. Virgílio Inglês nº 61	1906		
U.S.02	R. Dr. Teófilo Braga nº 48	sem data		
UNILATERAL com corredor inicial				
U.01	R. Silva Ramos nº 12	sem data		
U.02	R. Silva Ramos nº 18	sem data		
U.03	Trav. Das Amoreiras nº 8	1900		
U.04	R. Contra Almirante Marcelino Carlos nº 85	1901		
U.05	R. Manuel Carlos nº 33	1900		
U.06	R. Gonçalo Velho, nº 12	sem data		
U.07	R. das Vinhas nº 4	sem data		
U.08	R. da Igreja nº 20	1906		
TIPO	LOCALIZAÇÃO	DATA	COBERTURA	FACHADA
U.09	R. Henrique Galvão nº 14	1910		
U.10	R. Dr Virgílio Inglês nº 28	sem data		
U.11	R. Dr Virgílio Inglês nº 14	1909		
U.12	R. Teófilo Braga nº 75	1899		
U.13	R. Teófilo Braga nº 21	sem data		
U.14	R. Teófilo Braga, nº 37	sem data		
U.15	R. do Carmo, nº 31 e 33	1897e1916		
U.16	R. do Carmo nº 53	sem data		
U.17	R. do Carmo nº 59	sem data		
UNILATERAL com armazém				
U.A.01	R. Teófilo Braga, nº 35	1900		
U.A.02	R. Teófilo Braga, nº 51	sem data		
U.A.03	R. Contra Almirante Marcelino Carlos nº 35	sem data		
BILATERAL simples				
B.01	R. Dr Virgílio Inglês nº 24	1900		
B.02	Av. da Liberdade nº 35	1900		
B.03	R. Magalhães Lima nº 65	1923		
B.04	R. Henrique Galvão nº 3	1918		
B.05	R. Dr Virgílio Inglês nº 8	1922		
BILATERAL composta				
B.06	R. Teófilo Braga nº 34	1916		
B.07	R. Tenente Barroso nº 30/ R. Virgílio Inglês nº 17	1907		
ARMAZÉM				
A.01	R. Miguel Bombarda nº 14	sem data		
A.02	R. da Liberdade nº 120	1908		
A.03	R. Manuel Carlos nº 35	sem data		
OUTRAS TIPOLOGIAS				
O.01	R. Manuel Carlos nº 1	1900		
O.02	R. Dr Virgílio Inglês nº 92	sem data		

Legenda de símbolos:

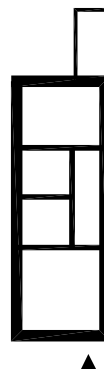
-  Abóbada de berço abatido
-  Abóbada de vela
-  Abóbada em barrete de clérigo
-  *Telhado de Tesouro*
-  Janela com verga curva
-  Janelas geminadas com verga curva
-  Janela com verga recta
-  Janelas geminadas com verga recta
-  Janela substituída

Nota prévia:

A representação dos edifícios estudados foi elaborada com base nos levantamentos realizados expressamente para o efeito, entre Maio e Agosto de 2009. Nas secções dos edifícios foi utilizado pontualmente um tom mais claro, procurando diferenciar a construção inicial (a preto) das alterações (a cinzento).

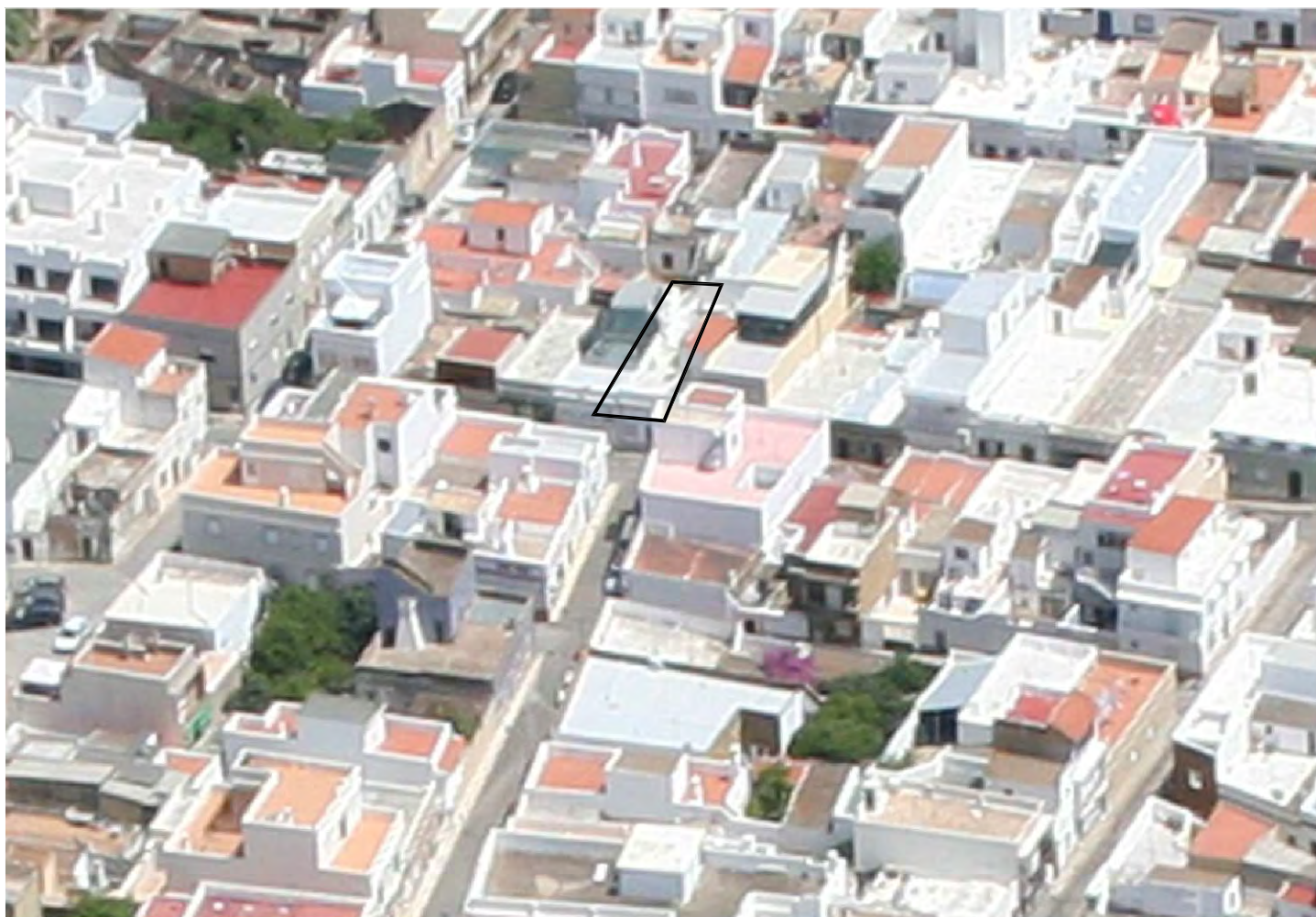
TIPOLOGIA: UNILATERAL sem corredor inicial

U.S.01-U.S.02

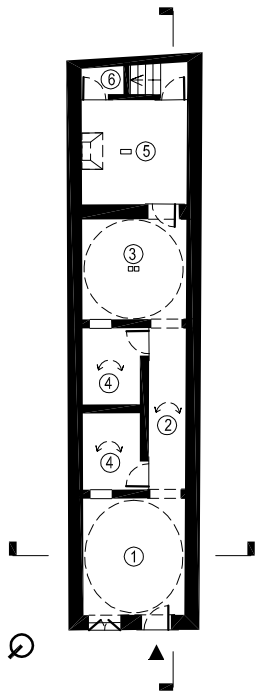


TIPOLOGIA: UNILATERAL

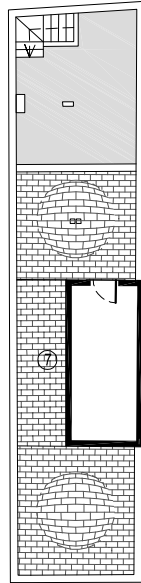
RUA DR. VIRGÍLIO INGLÊS, 61 U.S.01 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

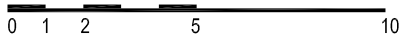
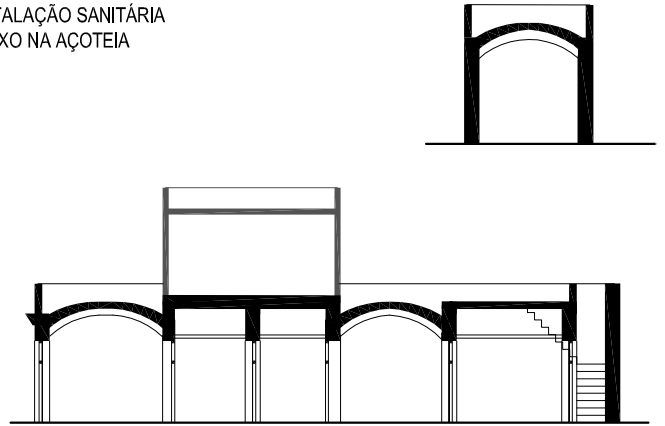


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-SALA DE JANTAR
- 4-ALCOVA
- 5-COZINHA
- 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 7-ANEXO NA AÇOTEIA



U.S.01 P.3/3

TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DR. TEÓFILO BRAGA, 48 U.S.02 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPOLOGIA: Unilateral com armazém

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr.Téofilo Braga nº51(Antiga Rua dos Mestres)

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Bom estado

DESCRIÇÃO: Localizada na antiga Rua dos Mestres segue a tipologia de casa unilateral com armazém de apoio anexado, destinado aos pescadores.

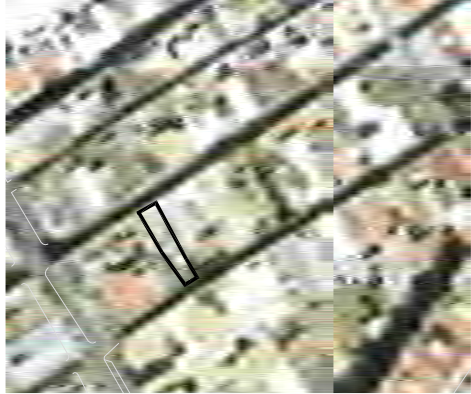
Casa de piso térreo, desenvolvida em profundidade. Acesso desde o exterior a corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas, actualmente juntas por demolição de uma parede, e às restantes divisões.

Existência de abóbada em barrete de clérigo na divisão principal e de abóbada de berço abatido nas restantes divisões.

Adaptação de uma das divisões posteriores para instalação sanitária.

O Armazém é originalmente composto por uma única nave dividida em dois compartimentos.

Actualmente não pertence à casa, deixando de existir o acesso pelo interior.

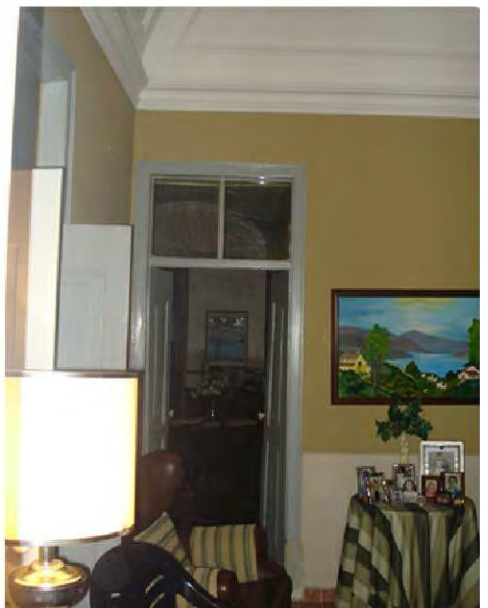


PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

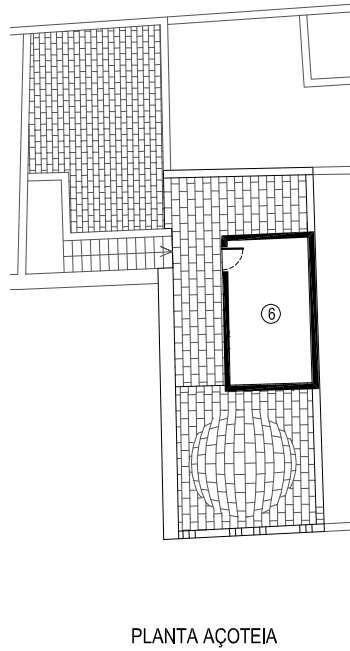
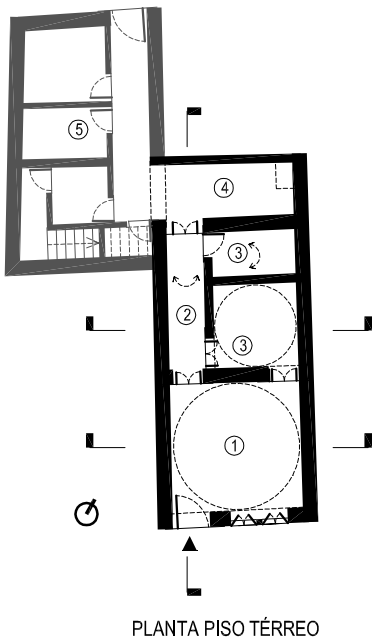
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

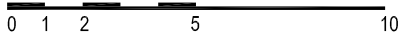
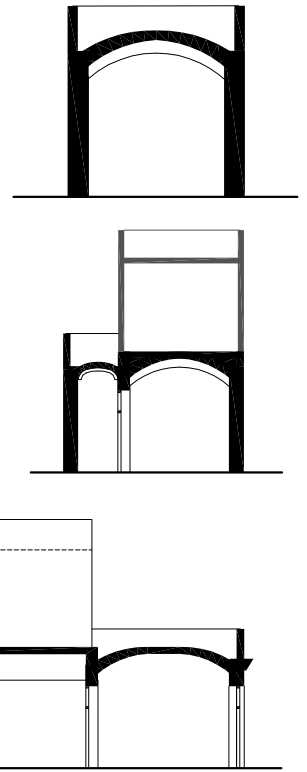
U.A.02 P.2/3



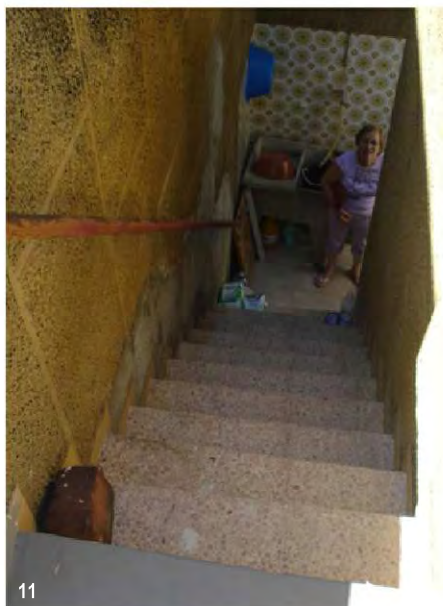
1.Abóbada em barrete de clérigo do compartimento principal (sala) 2.Pormenor central da abóbada em barrete de clérigo 3.Pormenor lateral da abóbada em barrete de clérigo 4,Fachada principal 5.Abóbada de berço abatido do corredor 6.Compartimento principal com abóbada em barrete de clérigo. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ALCOVA
- 4-COZINHA
- 5-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 6-ANEXO NA AÇOTEIA



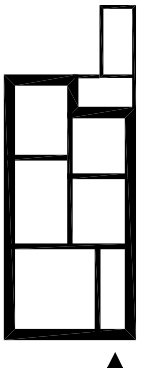
U.S.02 P.3/3



;7. Pormenor da platibanda da açoteia 8.Abóbada de vela numa das divisões interiores (alcova) 9.Pormenor lateral da abóbada de vela e passagem para a divisão principal 10.Vista da açoteia 11.Escada exterior de acesso à açoteia 12.Abóbada de vela numa das divisões interiores (alcova), (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: UNILATERAL com corredor inicial

U.01 - U.17



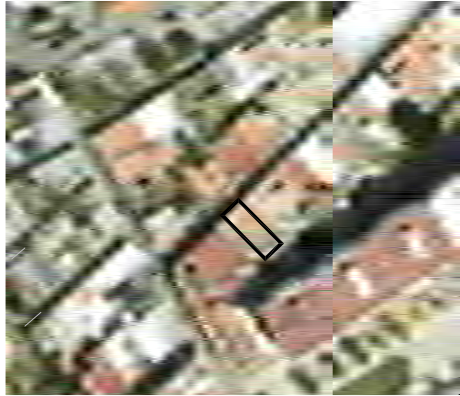
TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DR. MANUEL DA SILVA RAMOS, 12 U.01 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Unilateral com antecâmara no interior
LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Manuel da Silva Ramos nº12
ANO FACHADA: sem data
FUNÇÃO: Habitação
CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizada numa das zonas mais antigas, o Bairro do Burguel, num quarteirão antigamente rematado a sudeste pela "cerca" de protecção da maré alta, pertence a um conjunto de 12 construções iguais composto por uma cave e piso térreo que segue a tipologia de casa desenvolvida em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal (sala) com recente laje de betão armado.

Cozinha localizada lateralmente no vão da escada de acesso à açoteia.

Existência de uma cave com acesso pelo prolongamento da escada exterior que dá acesso à açoteia, e pelo exterior desde os terrenos da "Cerca". Tem um poço e um tanque integrados na construção da casa.

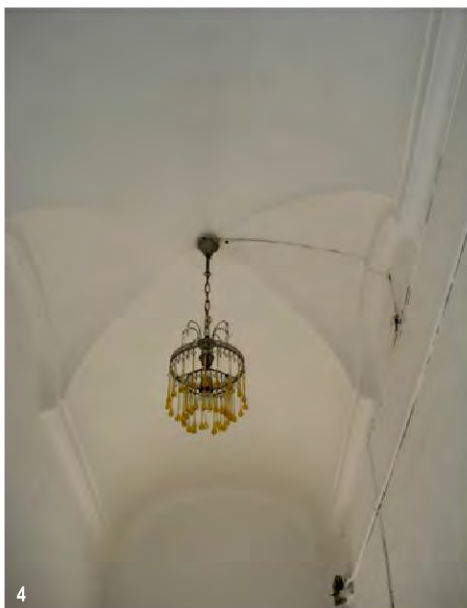
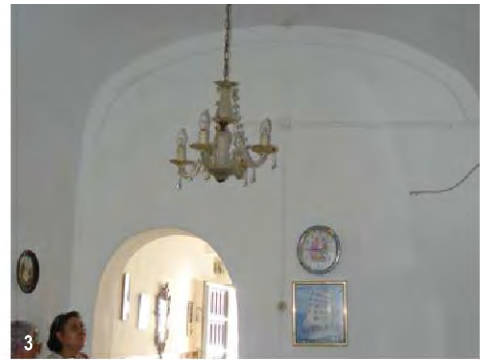
A fachada posterior apresenta contrafortes.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

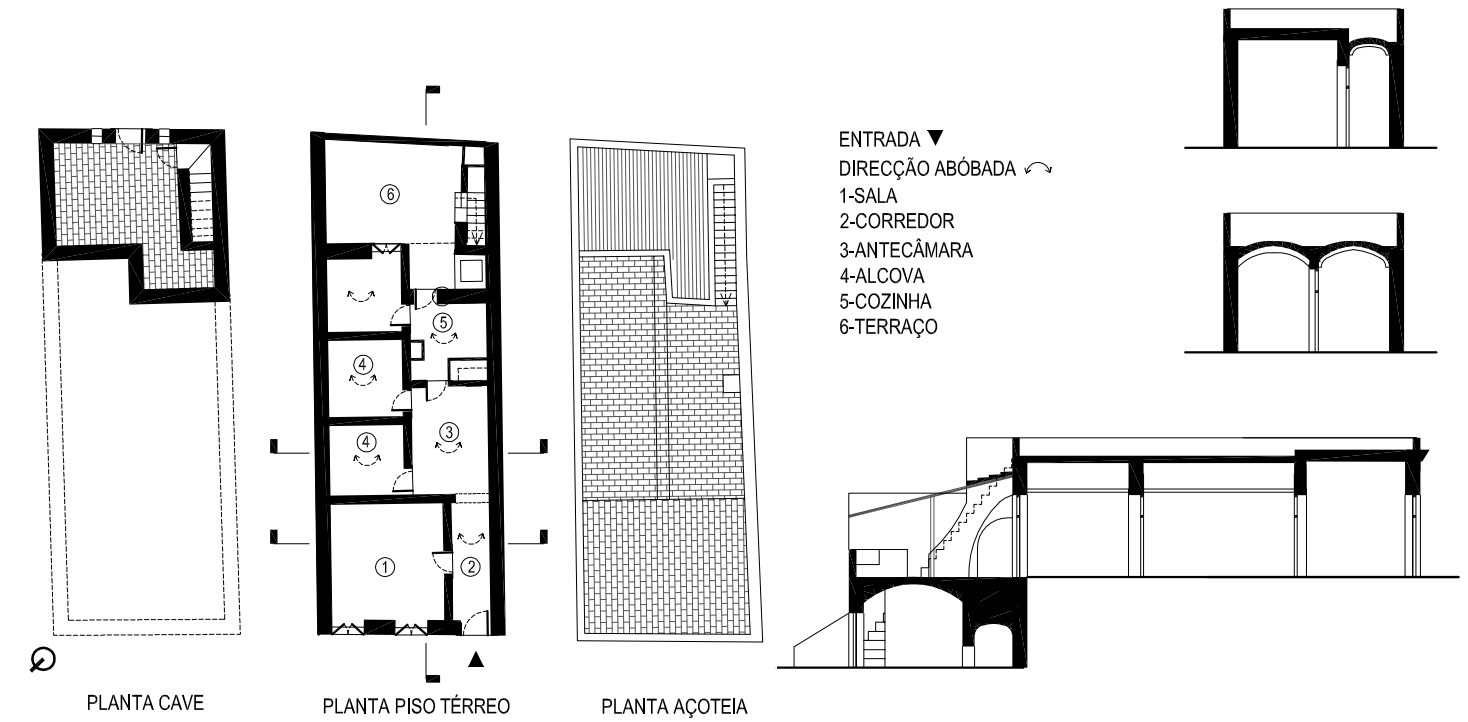
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

U.01 P.2/3



1.Fachada principal 2.Abóbada de berço abatido da cozinha 3.Abóbada de berço abatido da antecâmara 4.Pormenor central da abóbada de berço abatido do corredor 5.Pormenor lateral da abóbada de berço abatida da antecâmara 6.Antigo canto de cozinha no vão da escada de acesso à açoteia. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



U.01 P.3/3



7.Açoteia com abóbadas de berço abatido das divisões interiores e recente pavimentação da divisão principal 8.Pormenor da açoteia 9.Escada exterior de acesso à açoteia 10.Fachada posterior para a "Cerca" com contrafortes. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DR. MANUEL DA SILVA RAMOS, 18 U.02 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Unilateral com antecâmara interior

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Manuel da Silva Ramos nº18

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Boa

DESCRIÇÃO: Localizada numa das zonas mais antigas, o Bairro do Burguel, num quarteirão antigamente rematado a sudeste pela "cerca" de protecção da maré alta, pertence a um conjunto de 12 construções iguais composto por uma cave e piso térreo que segue a tipologia de casa desenvolvida em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

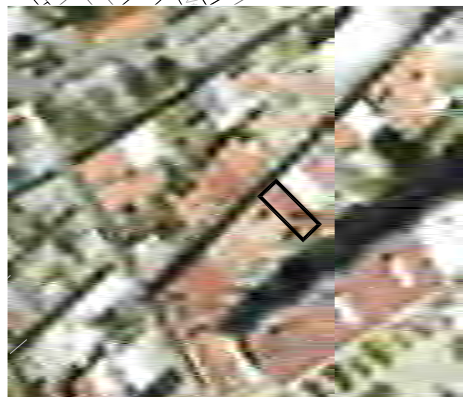
Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal (sala) com recente laje de betão armado.

Cozinha localizada lateralmente no vão da escada de acesso à açoteia.

Existência de uma cave com acesso pelo prolongamento da escada exterior que dá acesso à açoteia, e pelo exterior desde os terrenos da "Cerca". Tem um poço e um tanque integrados na construção da casa.

A fachada posterior apresenta contrafortes.

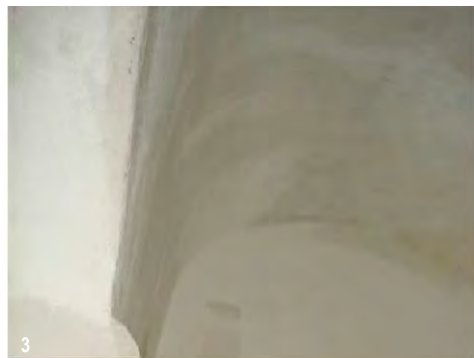
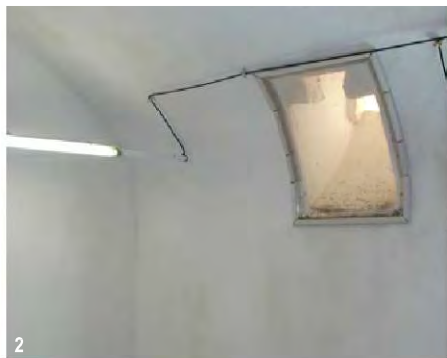


PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

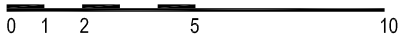
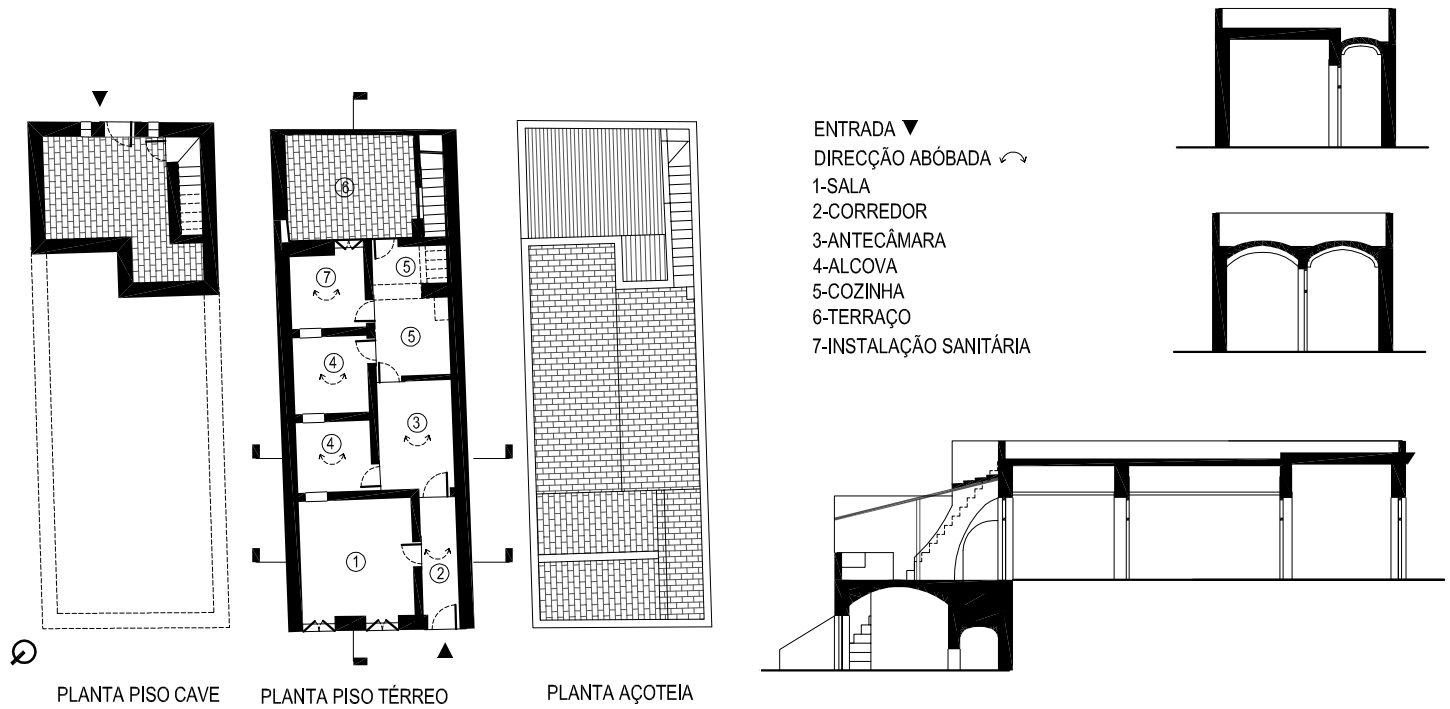
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

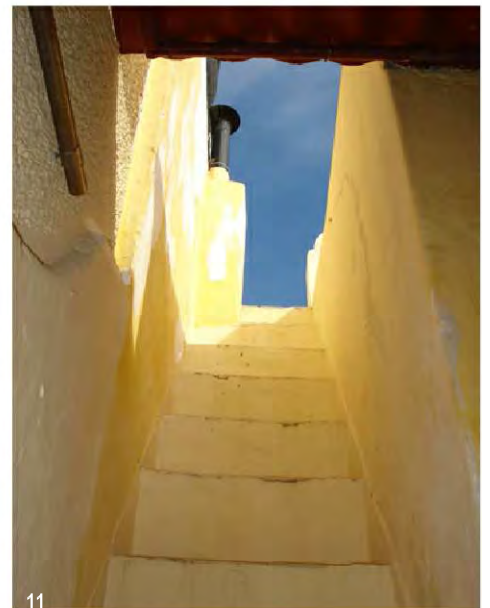
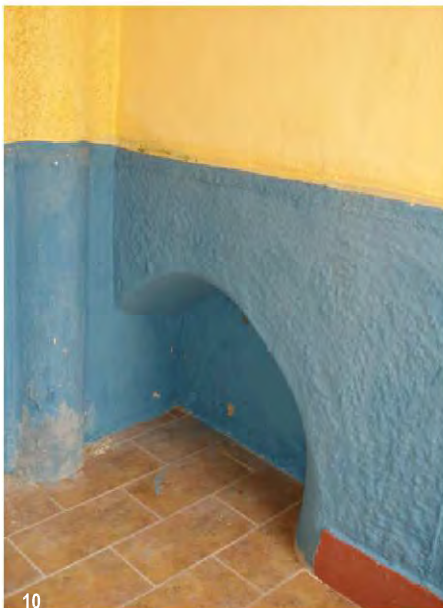
U.02 P.2/3



1.Pormenor da cave, antiga cisterna 2.Pormenor de abertura na cave 3.Pormenor da abóbada de berço abatido da cave 4.Fachada principal 5.Fachada posterior 6.Cozinha com vão de escada para a açoteia. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



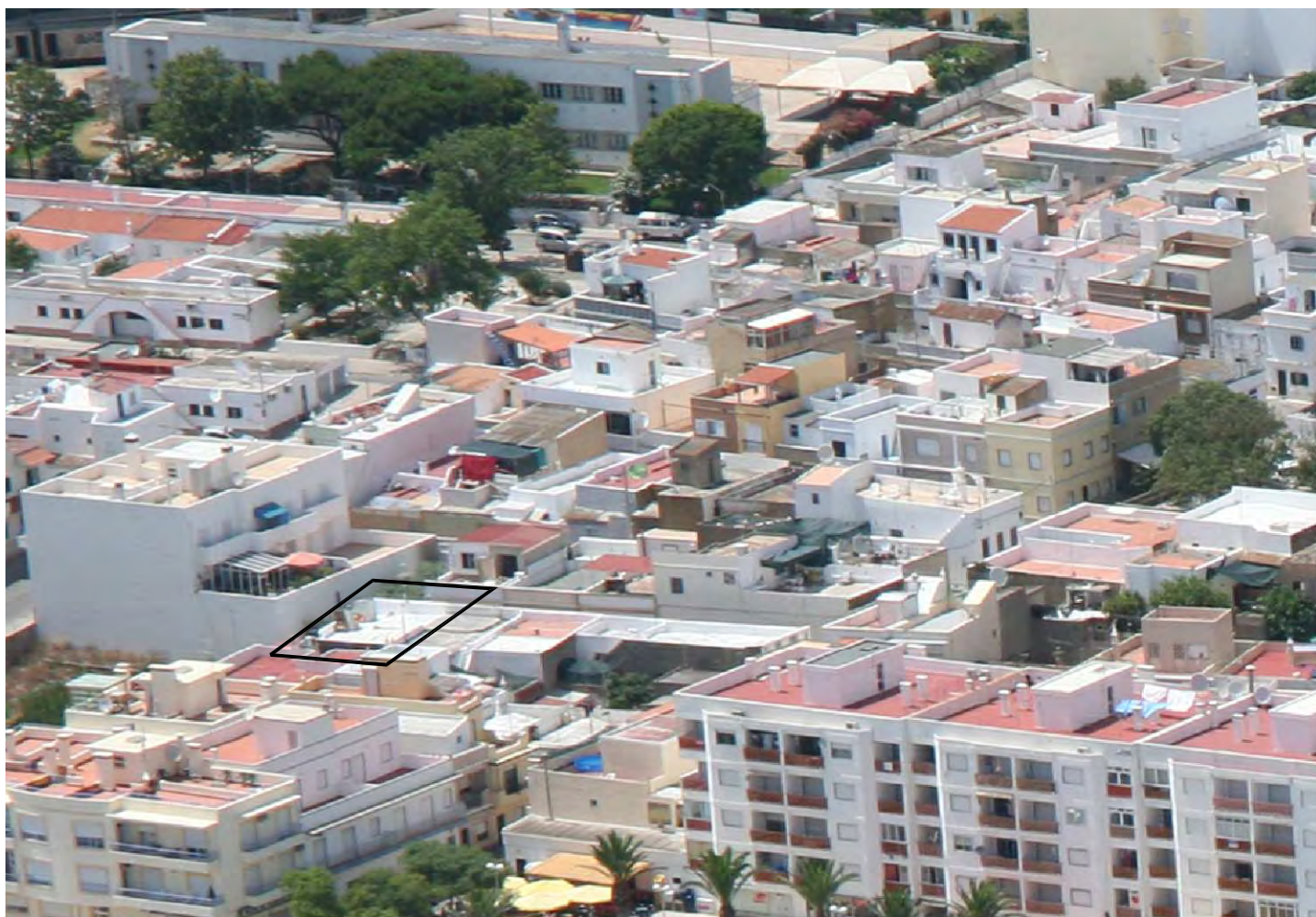
U.02 P.3/3



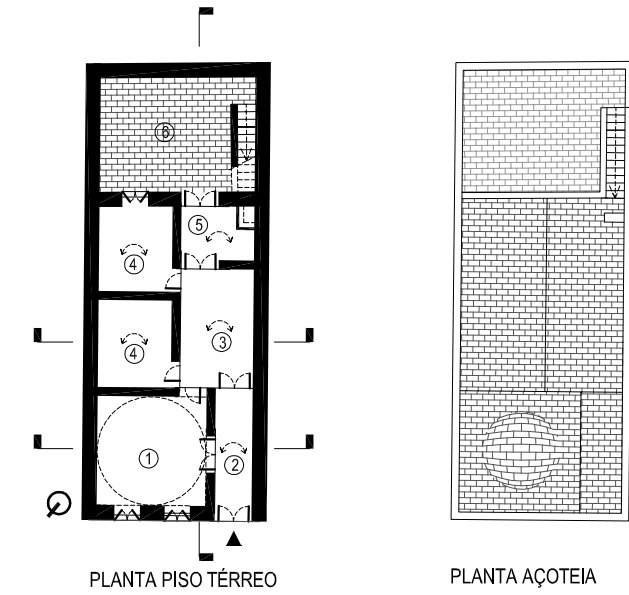
7. Açoteia na zona da divisão principal onde existia telhado de tesouro 8. Açoteia na zona das abóbadas de berço abatido das divisões interiores 9. Escada de acesso à cave. 10. Poço simétrico com a casa adjacente 11. Escada de acesso à açoteia. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: UNILATERAL TRAVESSA DAS AMOREIRAS, 8

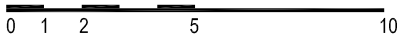
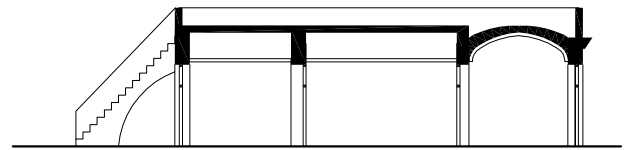
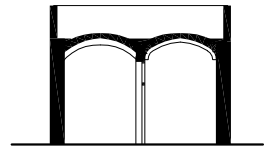
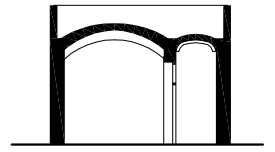
U.03 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



ENTRADA ▼
 DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
 1-SALA
 2-CORREDOR
 3-ANTECÂMARA
 4-ALCOVA
 5-COZINHA
 6-TERRAÇO



U.03 P.3/3



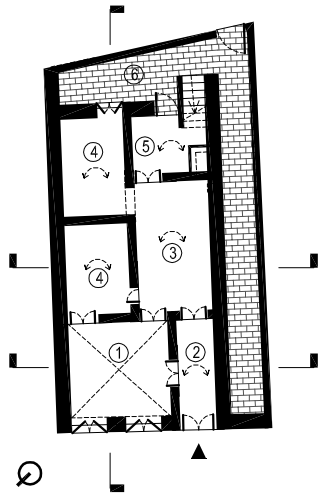
6.Pormenor da açoteia na zona da abóbada de vela 7.Pormenor da abóbada de berço abatido e chaminé, na cozinha 8.Escada de acesso à açoteia 9.Vista da açoteia na zona das abóbadas de berço. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: UNILATERAL

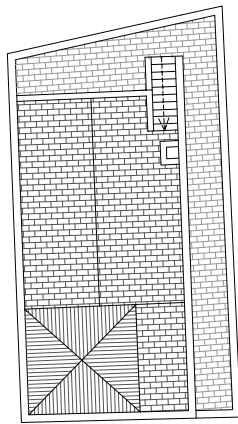
RUA CONTRA ALMIRANTE MARCELINO CARLOS, 85 U.04 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

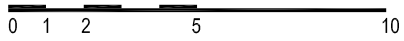
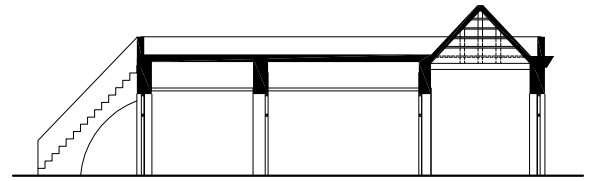
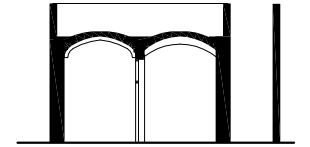
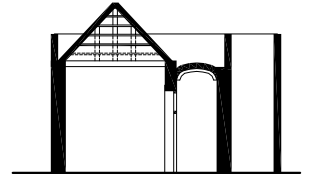


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-COZINHA
- 6-TERRAÇO



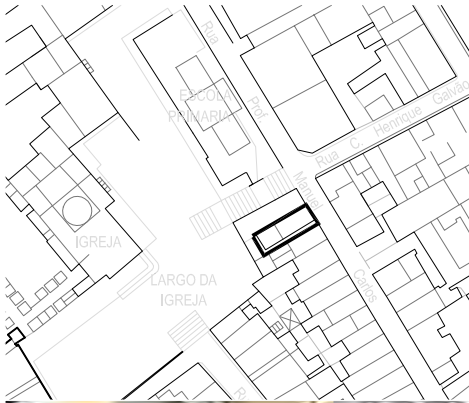
TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA MANUEL CARLOS, 33 U.05 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPOLOGIA: Unilateral sem antecâmara Interior

LOCALIZAÇÃO: Rua Manuel Carlos nº33

ANO FACHADA: 1900

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizada na zona da Igreja, num lote com apenas uma frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior sem antecâmara, apenas com corredor que dá acesso às alcovas e restantes divisões interiores.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões de origem, à excepção da divisão principal (sala) onde existe abóbada de vela.

Cozinha constituída por um compartimento a toda a largura do lote.

Ampliação para a zona do pátio, destinada a instalação sanitária.

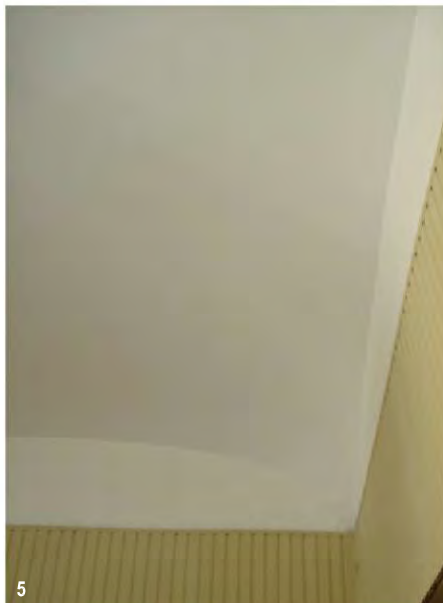
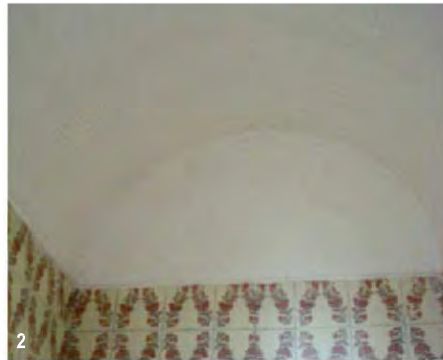


PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

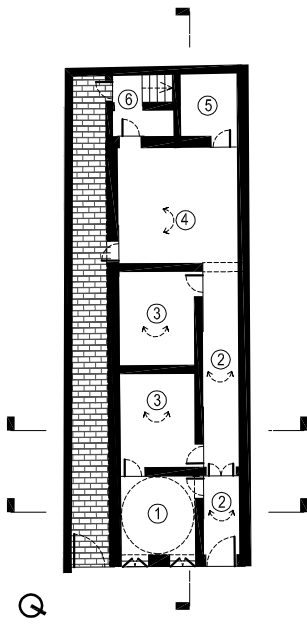
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

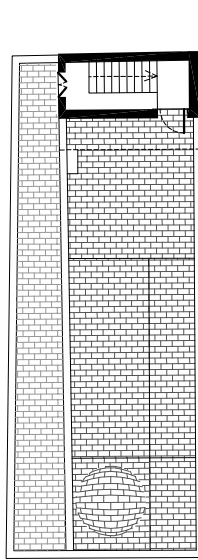
U.05 P.2/3



1.Vista geral da açoteia 2.e 3.Abóbada de berço abatido do corredor 4.Fachada principal 5.e 6.Pormenor da abóbada de vela do compartimento principal (sala). (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

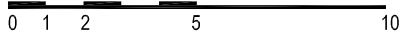
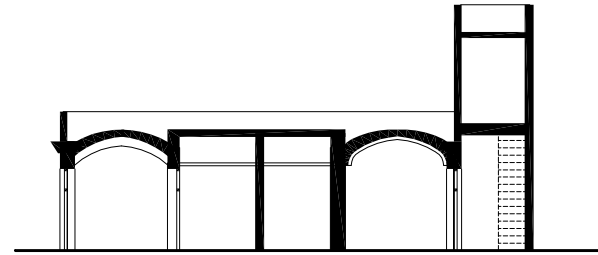
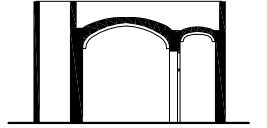
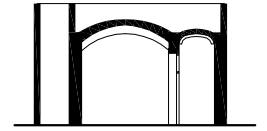


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ALCOVA
- 4-COZINHA
- 5-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 6-PÁTIO

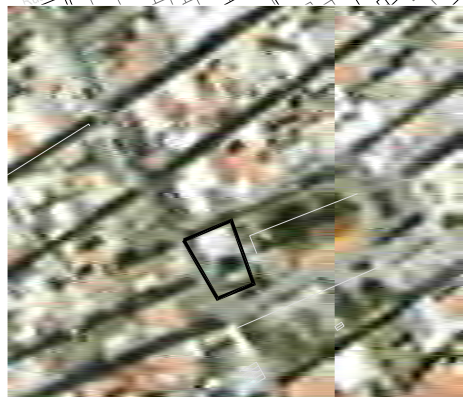


TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA GONÇALO VELHO, 12 U.06 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPOLOGIA: Unilateral com antecâmara interior

LOCALIZAÇÃO: Rua Gonçalo Velho nº12

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Bom estado

DESCRIÇÃO: Localizada numa das zonas mais antigas, o Bairro do Burguel, num lote de remate de quarteirão, segue a tipologia de casa unilateral de piso térreo, desenvolvida em profundidade.

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal (a sala) que já foi substituída por laje de betão armado.

Cozinha localizada transversalmente, no vão da escada de acesso à açoteia onde existe um mirante.

Ampliação da construção para a zona do quintal para a instalação sanitária.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

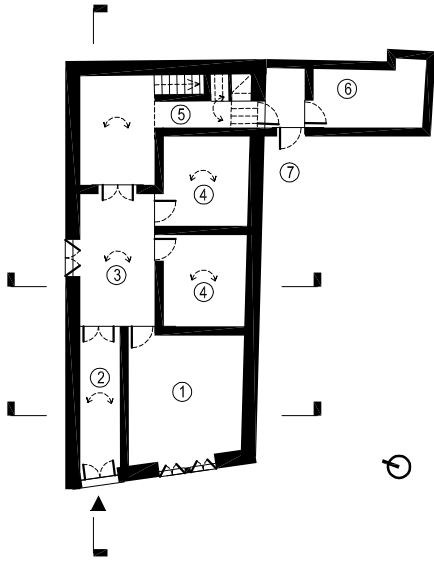
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

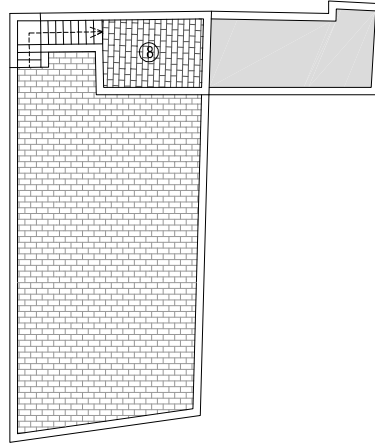
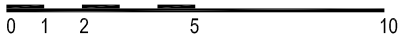
U.06 P.2/3



1.Fachada principal 2.Pormenor da platibanda da fachada principal 3.Janelas geminadas da fachada principal 4.Escada de acesso à açoteia 5.Cozinha com abóbada de berço abatida e vão da escada para a açoteia 6.Vista da açoteia. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

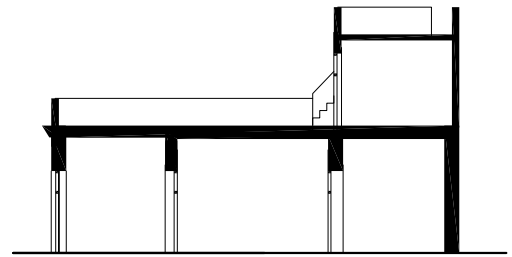
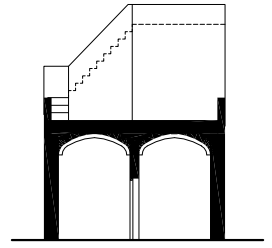
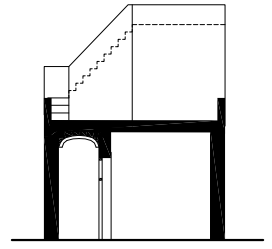


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-COZINHA
- 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 7-QUINTAL
- 8-MIRANTE



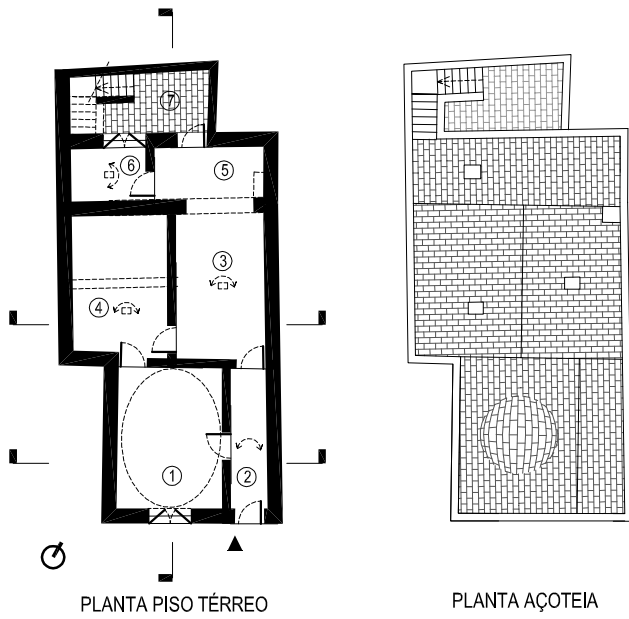
U.06 P.3/3

TIPOLOGIA: UNILATERAL

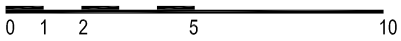
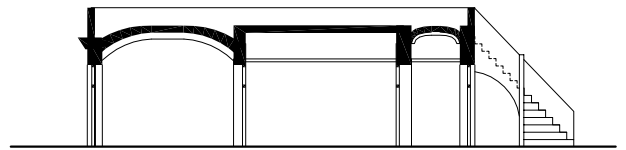
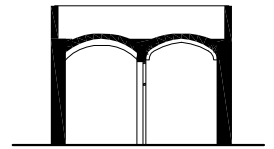
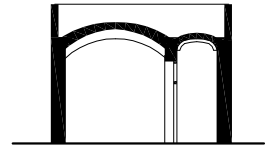
RUA DAS VINHAS, 4 U.07 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-COZINHA
- 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 7-PÁTIO



U.07 P.3/3



7.Pormenor da açoteia na zona da abóbada de berço abatido 8.e 9.Abóbada de berço abatido da antecâmara 10.Açoteia na zona da abóbada de vela da divisão principal 11.Pormenor central da abóbada de vela da divisão principal. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DA IGREJA, 20 U.08 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Unilateral com antecâmara interior

LOCALIZAÇÃO: Rua da Igreja nº20

ANO FACHADA: 1906

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Boa

DESCRIÇÃO: Localizada na zona da Igreja, num lote com apenas uma frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal (actual quarto). Interior composto por uma antecâmara (actual sala) que dá acesso às alcovas.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões de origem, à excepção da divisão principal (actual quarto) onde existia telhado de tesouro, substituído por laje de betão armado.

Antiga cozinha constituída por um compartimento a toda a largura do lote (actual sala).

Ampliação para a zona do pátio, destinada à nova cozinha e instalação sanitária e desaparecimento de parede divisória.

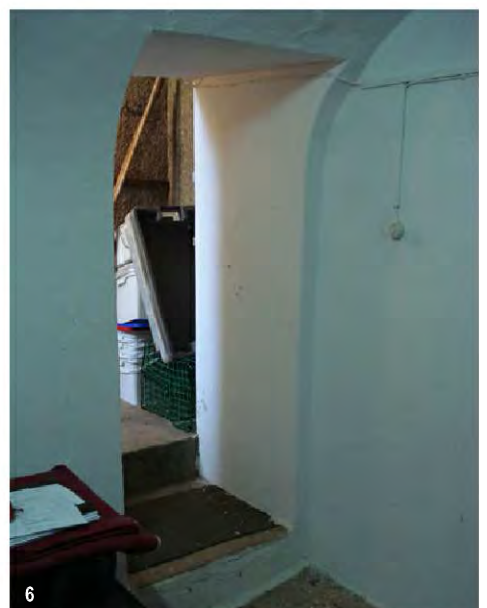
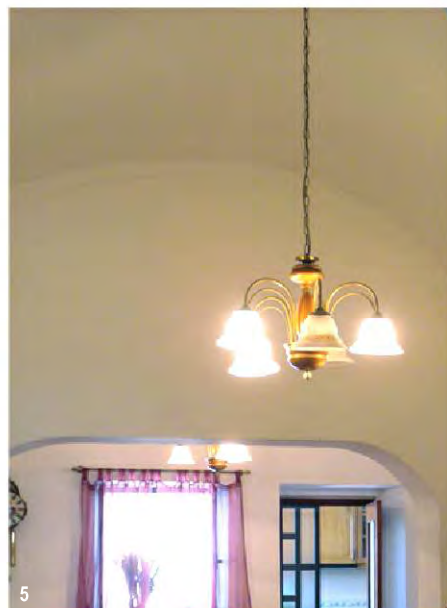
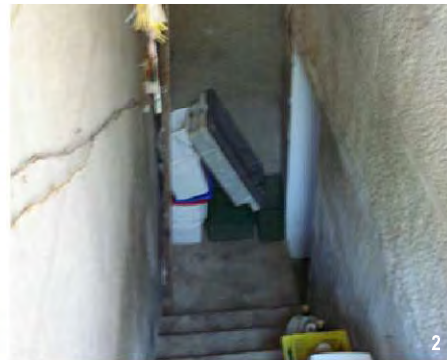
Existência de uma cave, antiga cisterna onde se recolhia as águas da cobertura, actualmente com acesso desde o pátio.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

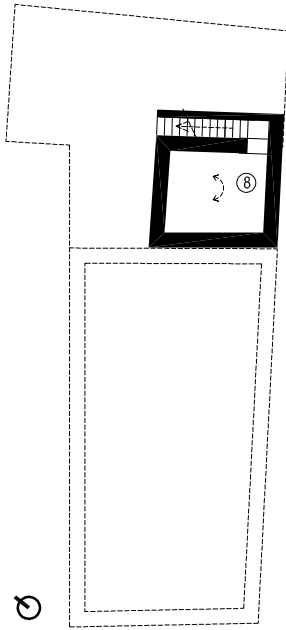
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

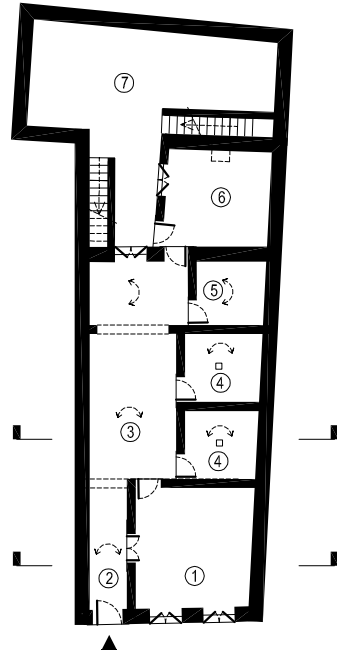
U.08 P.2/3



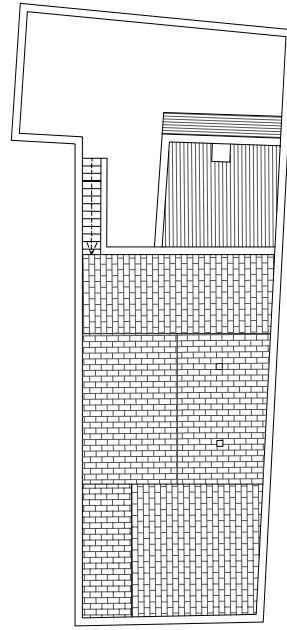
1.Vista da açoteia com abóbada de berço abatido 2.Escada de acesso à cave (antiga cisterna) 3.Abóbada de berço na cave (antiga cisterna) 4.Fachada principal 5.Interior da antecâmara com abóbada de berço abatido 6.Porta de acesso à cave (antiga cisterna), (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



PLANTA CAVE

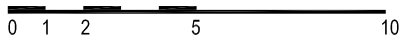
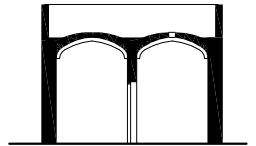
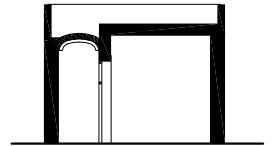


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 6-COZINHA
- 7-TERRAÇO
- 8-CISTERNA

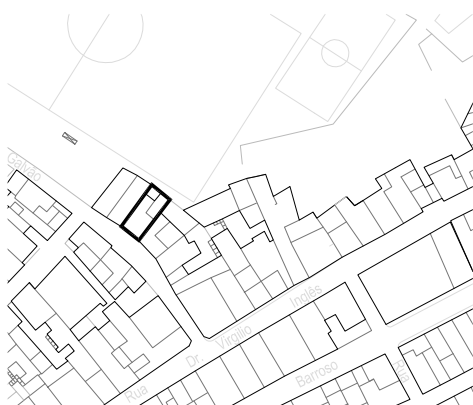


TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA C. HENRIQUE GALVÃO, 14 U.09 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPOLOGIA: Unilateral com antecâmara Interior

LOCALIZAÇÃO: Rua C. Henrique Galvão nº14

ANO FACHADA: 1910

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizada num quarteirão sem remate a norte, num lote com apenas uma frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas.

Existência de abóbada de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal com abóbada de vela.

Cozinha localizada em compartimento posterior.

Ampliação da construção na zona do pátio para instalação sanitária e de anexo na açoteia..

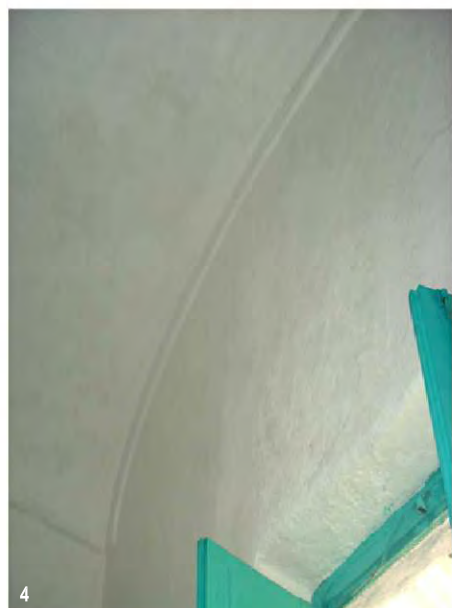
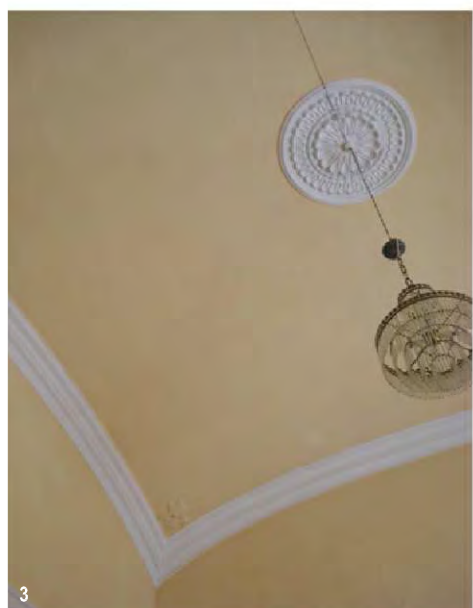


PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

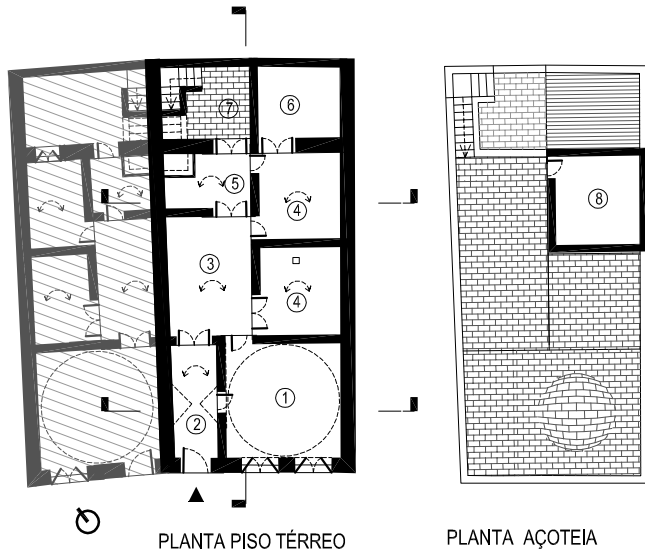
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

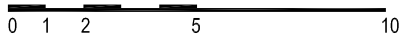
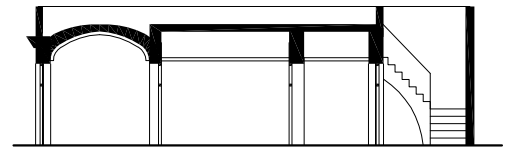
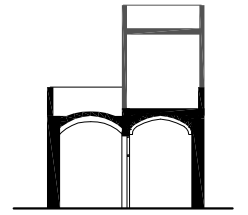
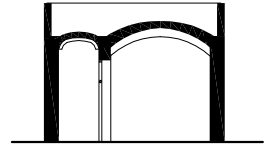
U.09 P.2/3



1.Fachada principal 2. Vista da açoteia na zona das abóbadas de berço abatido e da abóbada de vela 3.Pormenor da abóbada de vela da divisão principal 4.Abóbada de berço abatido da cozinha 5.Abóbada de berço abatido do corredor. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-COZINHA
- 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 7-PÁTIO
- 8-ANEXO NA AÇOTEIA



TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DR. VIRGÍLIO INGLÊS, 28 U.10 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPO: Unilateral com antecâmara

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Virgílio Inglês nº28

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Muito boa

DESCRIÇÃO: Localizada num quarteirão sem remate a norte, num lote com apenas uma frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às restantes divisões interiores.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal e da divisão anexa (segunda sala) com abóbada de vela com tijolo burro à vista (sem revestimento).

Desaparecimento de parede divisória entre segunda sala e a antecâmara.

Cozinha constituída por compartimento a toda a largura do lote (actual sala de jantar).

Adaptação de compartimento original para a instalação sanitária e para cozinha.

Ampliação da construção na zona do quintal para novos quartos.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

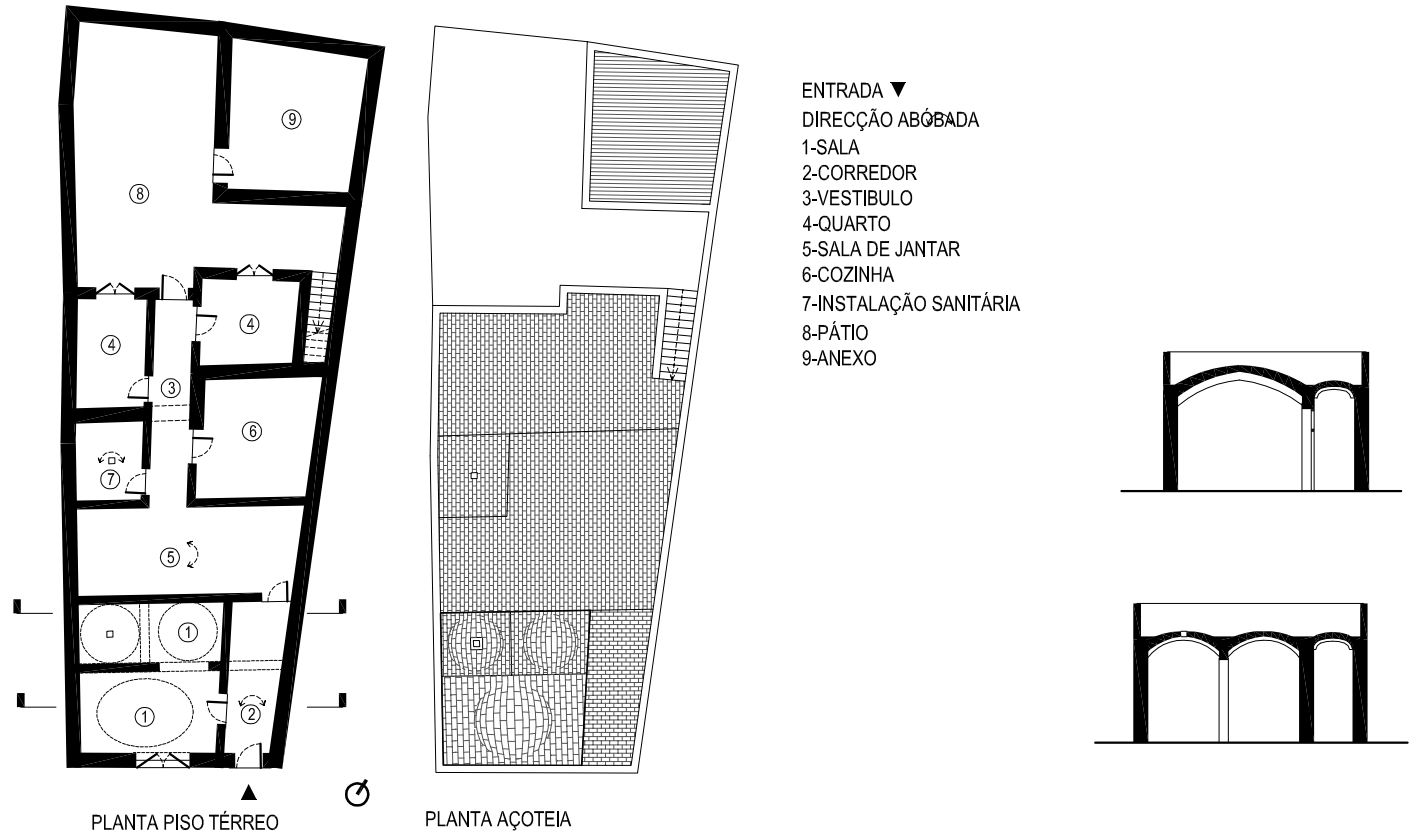
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

U.10 P.2/3

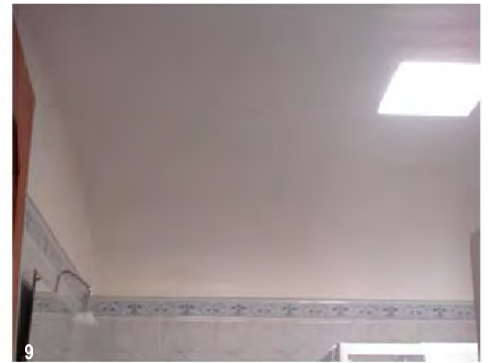


1.Pormenor da abóbada de vela com clarabóia da sala anexa a sala principal 2.Pormenor da abóbada de berço abatido da antiga cozinha 3.Abóbada de berço abatido da antiga cozinha 4,Fachada principal 5.Abóbada de berço abatido no corredor 6,Pormenor da abóbada de berço abatido no corredor, (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



0 1 2 5 10

U.10 P.3/3



7.Açoteia na zona da abóbada de vela da divisão principal 8.Açoteia na zona da abóbada de berço abatido das divisões interiores 9.Pormenor da abóbada de berço abatido da instalação sanitária 10. e 11.Pormenores da abóbada de vela da divisão principal 12.Abóbada de berço abatido da sala de jantar.(fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DR. VIRGÍLIO INGLÊS, 14 U.11 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPOLOGIA: Unilateral com antecâmara Interior

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr.Virgílio Inglês nº14

ANO FACHADA: 1909

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizada num quarteirão de sem remate a norte, num lote com apenas uma frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal com laje de betão armado, substituição de um antigo telhado de tesouro.

Cozinha localizada no seguimento da antecâmara em compartimento interir.

Escada de acesso à açoteia longitudinal localizada no lote adjacente.

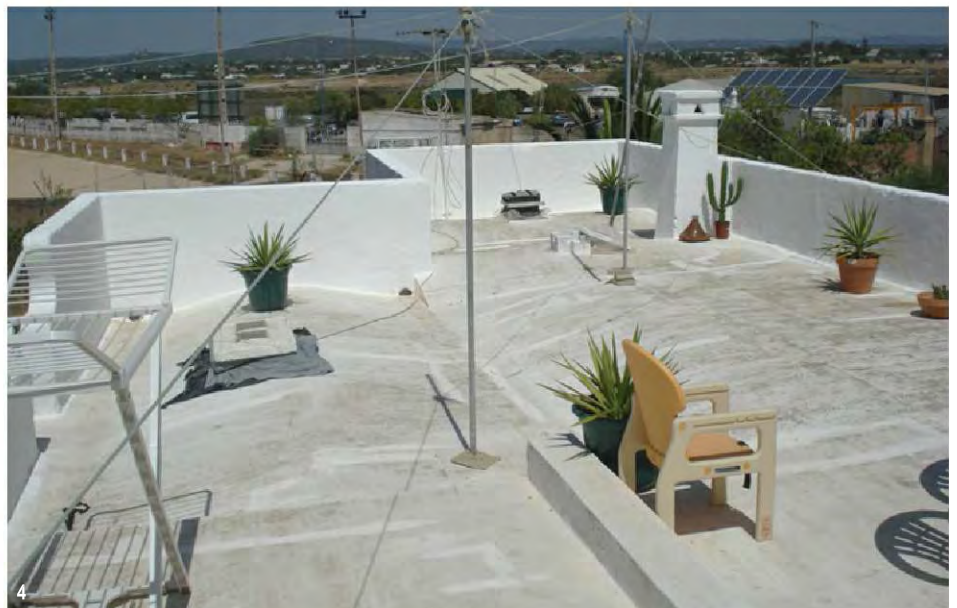
Ampliação da construção na zona do pátio para instalação sanitária.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

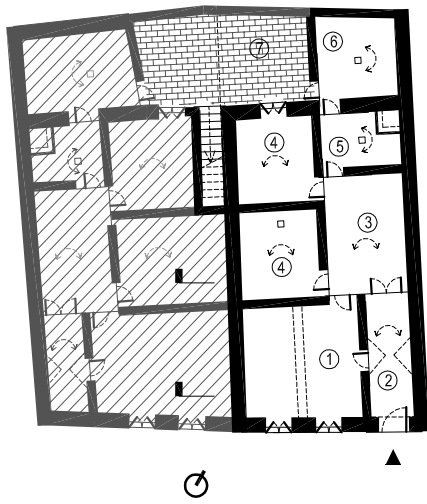
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

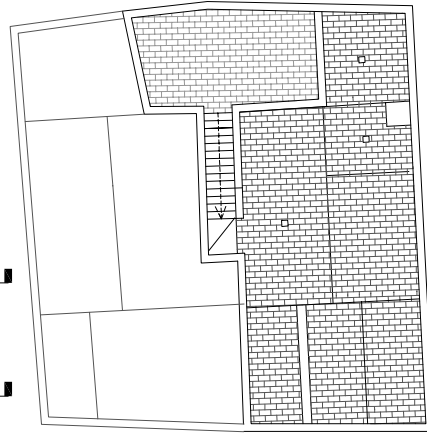
U.11 P.2/3



1.Vista da açoteia na zona das abóbadas de berço abatido dos compartimentos interiores 2.Abóbada de berço abatido no corredor 3.Fachada principal 4.Vista gerla da açoteia (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

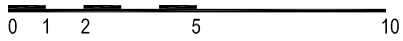
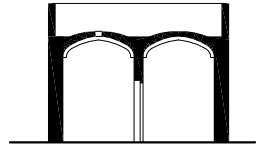
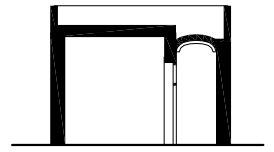


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-COZINHA
- 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 7-PÁTIO



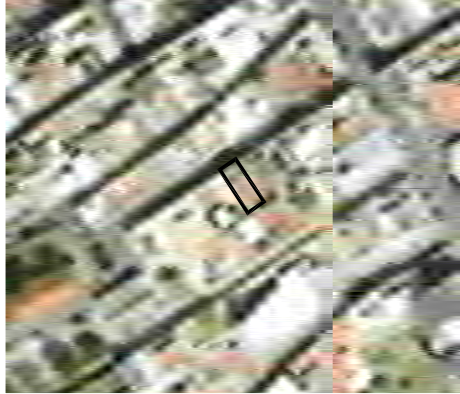
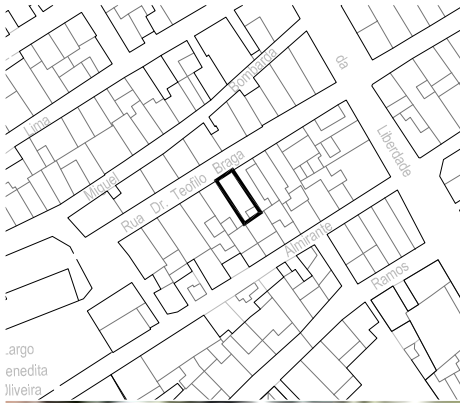
TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DR. TEÓFILO BRAGA, 75 U.12 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Unilateral com antecâmara interior

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Teófilo Braga nº75

ANO FACHADA: 1899

FUNÇÃO: Casa Museu Dra. Maria José Fraqueza

CONSERVAÇÃO: Boa

DESCRIÇÃO: Localizada numa das zonas mais antigas, o Bairro do Burguel, na antiga Rua dos Mestres, num lote com apenas uma frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas e restantes divisões interiores.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal (a sala) com laje de betão armado e divisão anexa (segunda sala) com abóbada de vela. Desaparecimento de parede divisória entre segunda sala e a antecâmara.

Cozinha localizada lateralmente, no vão da escada de acesso à açoteia.

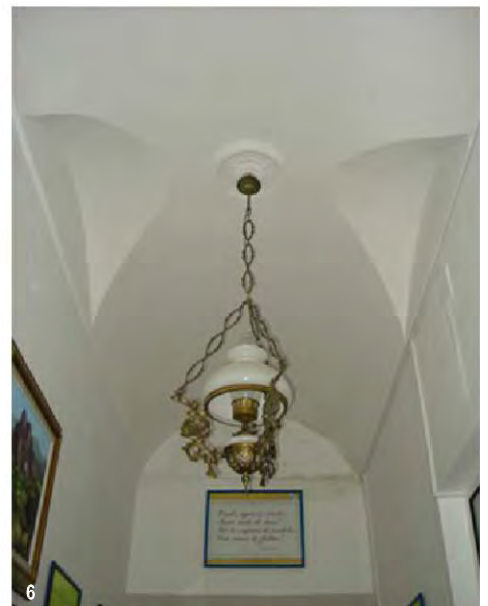
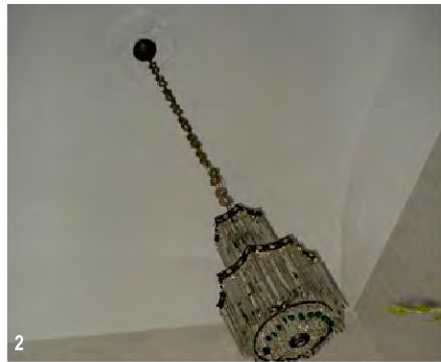
Ampliação da construção para a zona do pátio para instalação sanitária e ligação com edifício no lote adjacente.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

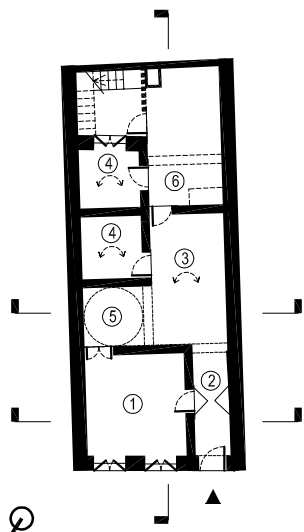
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

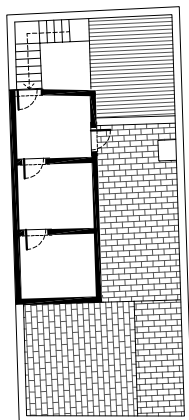
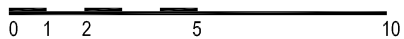
U.12 P.2/3



1.Compartimento principal 2.Abóbada de vela em compartimento interior 3.Abóbada de berço abatido da antecâmara 4.Fachada principal 5.Pormenor central da abóbada de berço abatido da antecâmara 6.Pormenor da abóbada de berço abatido do corredor. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

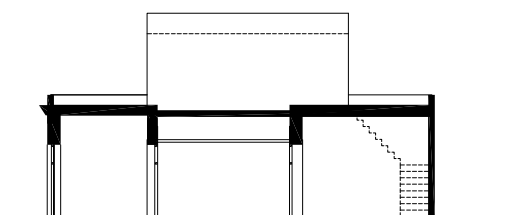
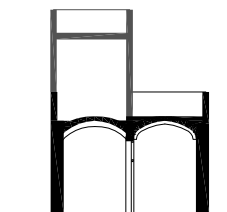
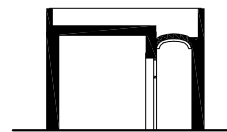


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-SALA SECUNDÁRIA
- 6-ANTIGA COZINHA



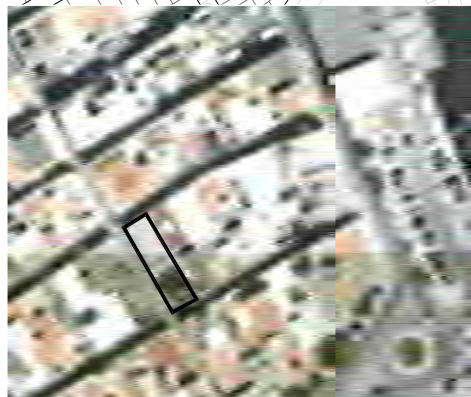
U.12 P.3/3

TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DR. TEÓFILO BRAGA, 21 U.13 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPOLOGIA: Unilateral com antecâmara Interior

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Teófilo Braga nº21

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Boa

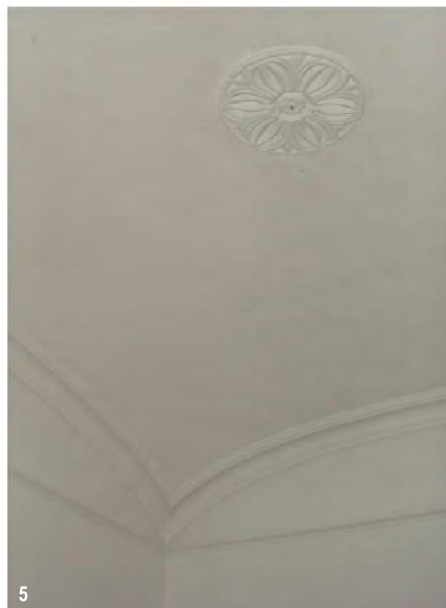
DESCRIÇÃO: Localizada na antiga Rua dos Mestres, num lote de remate de quarteirão, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral). Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas, restantes divisões interiores e a um compartimento posterior (sala de jantar) a toda a largura do lote. Existência de abóbada de vela na divisão principal e na antecâmara, e de abóbadas de berço abatido nas restantes divisões. Adaptação de um compartimento interior para a instalação sanitária no vão da escada de acesso à açoteia e da ampliação da cozinha na zona do pátio, onde existe um poço geminado com o lote adjacente.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

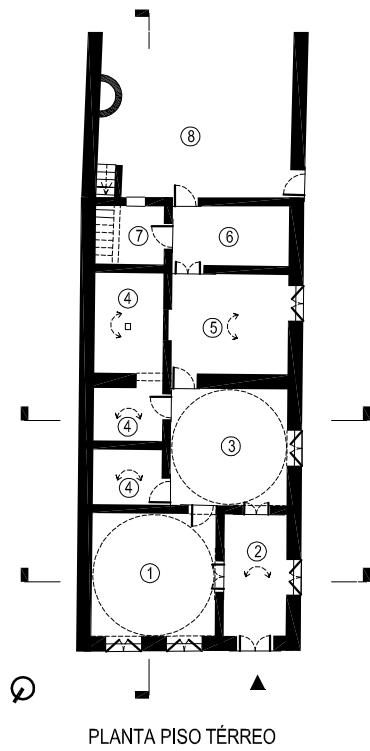
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

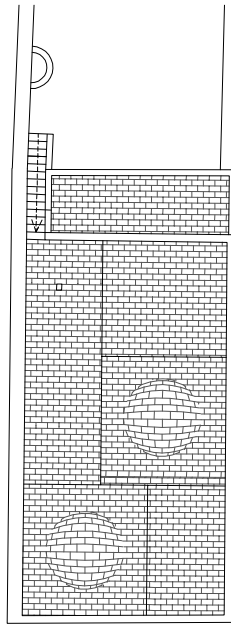
U.13 P.2/3



1.Fachada principal 2.Pormenor da porta principal de acesso 3.Pormenor da janela 4.Abóbada de vela do compartimento principal (sala) 5.Abóbada de vela da antecâmara 6.Abóbada de berço abatido do corredor (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

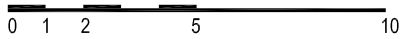
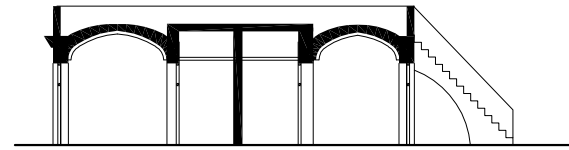
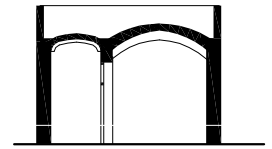
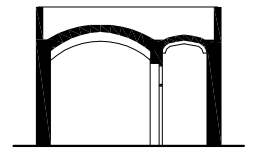


PLANTA PISO TÉRREO

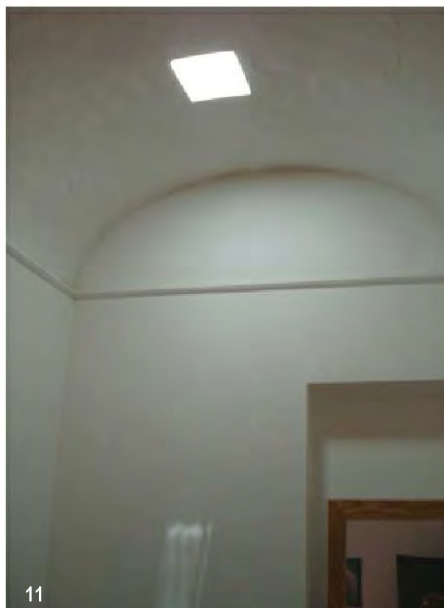


PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-ANTIGA COZINHA
- 6-NOVA COZINHA
- 7-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 8-PÁTIO



U.13 P.3/3



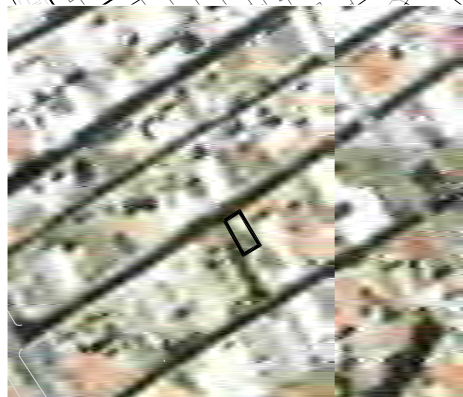
7.Vista geral da açoteia 8.Açoteia na zona da abóbada de berço abatido das divisões interiores (alcovas) 9.Pormenor da abóbada de vela vista da açoteia 10. Vão da escada de acesso à açoteia ocupado pela instalação sanitária 11.Abóbada de berço abatido da alcova 12.Escada exterior de acesso à açoteia. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DR. TEÓFILO BRAGA, 37 U.14 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPOLOGIA: Unilateral com antecâmara Interior

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Teófilo Braga nº37

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Bom estado

DESCRIÇÃO: Localizada na antiga Rua dos Mestres, segue a tipologia de casa unilateral.

Casa de piso térreo, desenvolvida em profundidade com acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas.

Existência de abóbada de vela na antecâmara com a função de cozinha e de abóbadas de berço abatido nas restantes divisões, à excepção da divisão principal, a sala, que já foi substituída por laje de betão armado.

Adaptação de um compartimento interior para a instalação sanitária.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

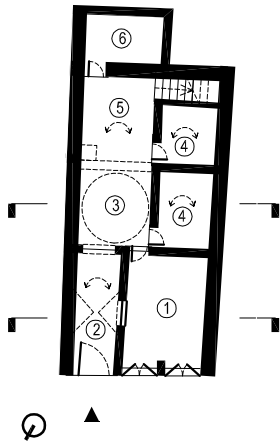
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

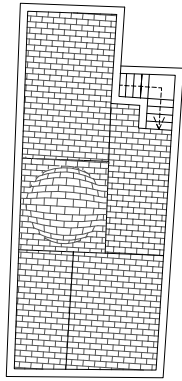
U.14 P.2/3



1.Açoteia com cobertura da abóbada de vela da antecâmara 2.Pormenor lateral da abóbada de vela 3.Abóbada de vela da antecâmara (actual cozinha) 4.Fachada principal 5.Abóbada de berço abatido com pormenor central, no corredor 6.Escada de acesso à açoteia (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

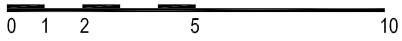
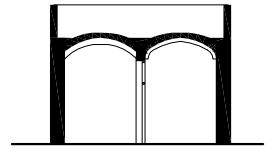
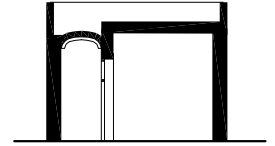


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-COZINHA
- 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA

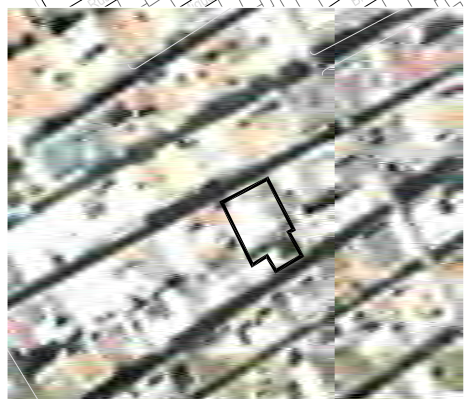


TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DO CARMO, 31 E 33 U.15 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPOLOGIA: Unilateral com Corredor Interior

LOCALIZAÇÃO: Rua do Carmo nº31 e 33

ANO FACHADA: 1897 (nº31) 1916 (nº33)

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Conjunto de duas casas, localizado na zona antiga, perto do Largo da República, em dois lotes adjacentes que seguem a tipologia de casa unilateral.

Duas casas de piso térreo, contíguas, desenvolvidas em profundidade. Acesso desde o exterior a corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por um segundo corredor que dá acesso às alcovas e restantes divisões interiores.

No nº33 verifica-se a existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal (a sala) onde existe abóbada de vela. As abóbadas não são aparentes devido à recente colocação de tecto falso.

Cozinha localizada em compartimento destinado à função, na fachada posterior.

Ampliação da construção para a área do lote adjacente e quintal destinada a quartos e instalação sanitária.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

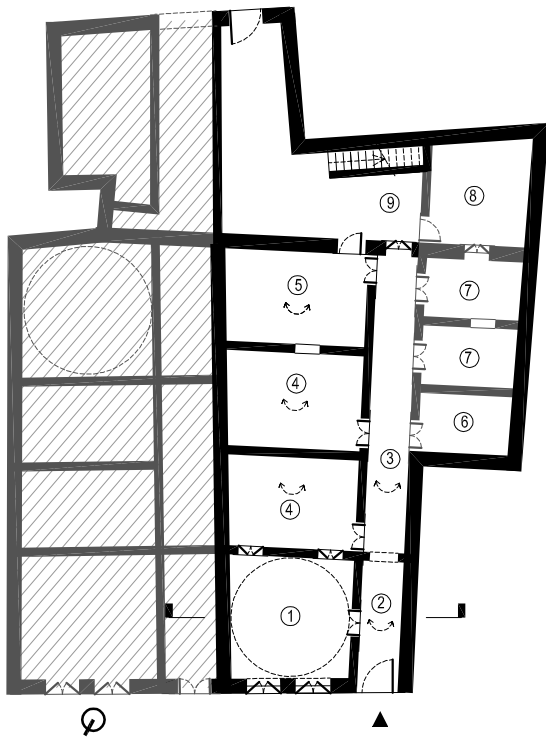
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

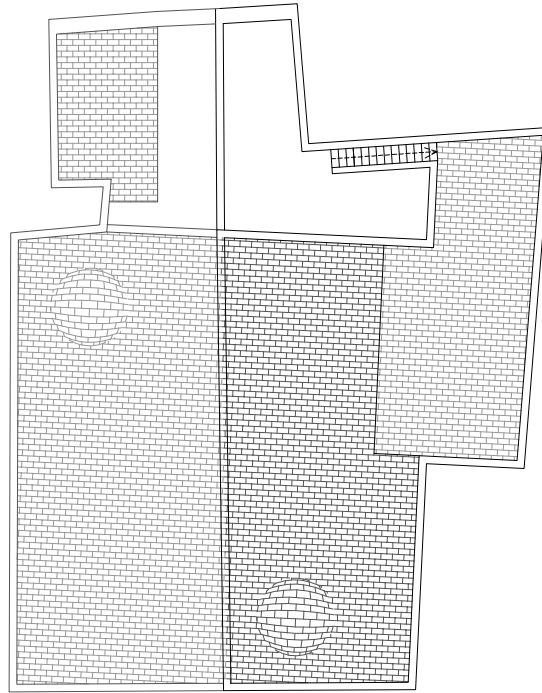
U.15 P.2/3



1.Pormenor da açoteia com cobertura da abóbada em barrete de clérigo da divisão principal do nº33 (sala) 2.Pormenor da açoteia com cobertura da abóbada em barrete de clérigo da divisão posterior do nº31 3.Vista da açoteia do nº33 4.Fachada principal do conjunto 5. Vista geral da açoteia do conjunto (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

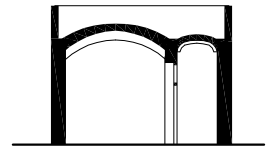


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-COZINHA
- 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 7-QUARTO
- 8-ANEXO
- 9-PÁTIO



0 1 2 5 10

U.15 P.3/3

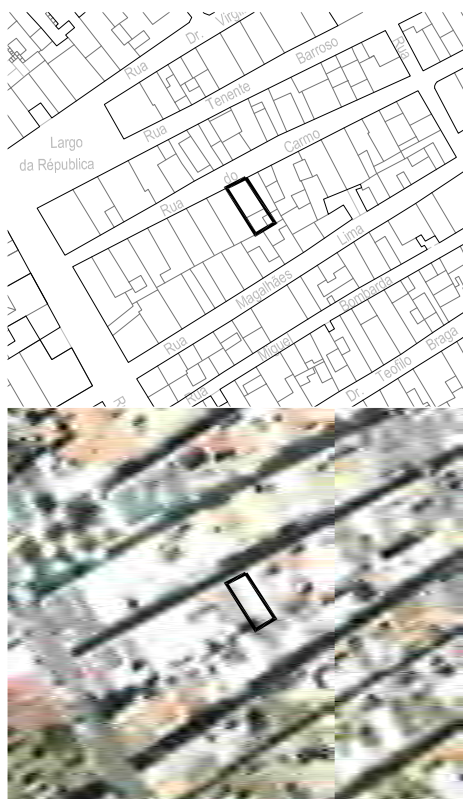
TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DO CARMO, 53 U.16 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Unilateral com antecâmara interior

LOCALIZAÇÃO: Rua do Carmo nº53

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Boa

DESCRIÇÃO: Localizada na zona central, num lote com apenas uma frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal (a sala) com abóbada de vela.

Cozinha localizada lateralmente, no vão da escada de acesso à açoteia.

Desaparecimento de paredes divisórias na antecâmara e na cozinha.

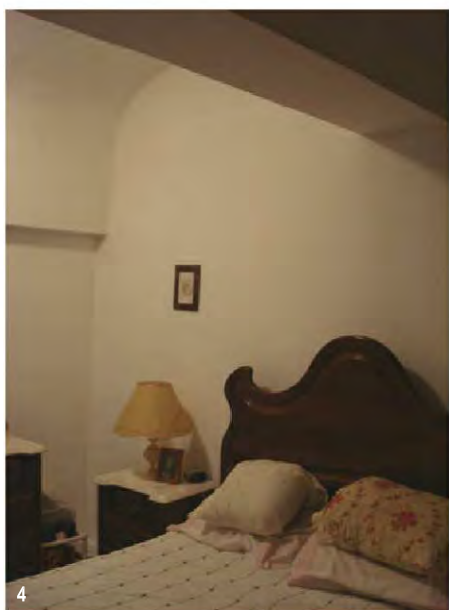
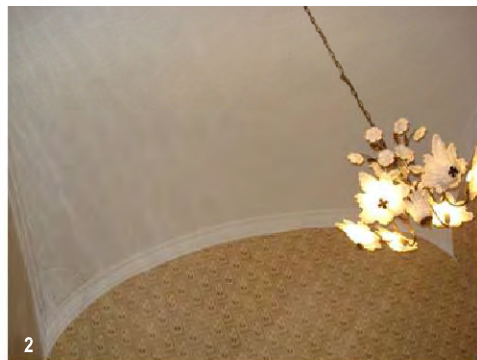
Ampliação da construção para a zona do pátio para a instalação sanitária e construção de um anexo na açoteia para quartos.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

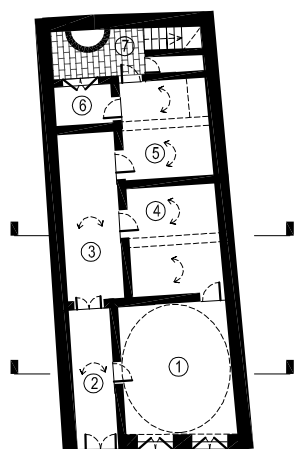
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

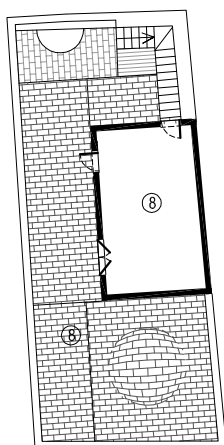
U.16 P.2/3



1.Pormenor das abóbadas de berço abatido de dois compartimentos interiores (alcovas) 2. Abóbada de vela do compartimento principal 3.Fachada principal 4. Compartimento interior com abóbada de berço abatido 5.Pormenor lateral da abóbada de vela do compartimento principal (sala). (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

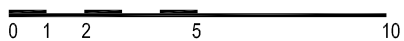
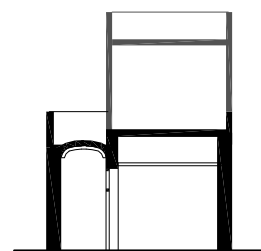
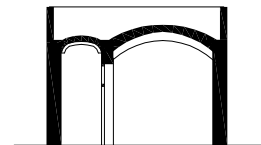


PLANTA PISO TÉRREO

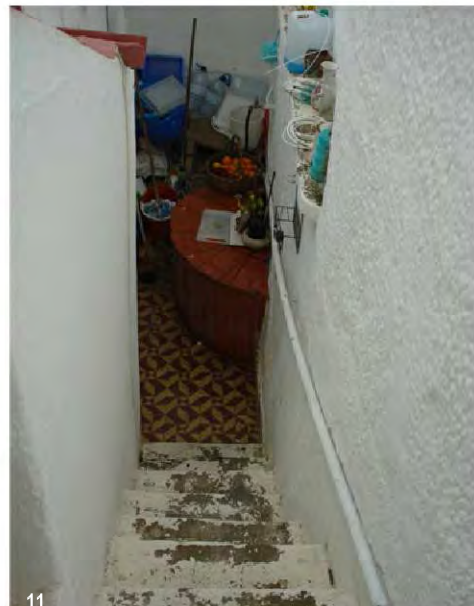
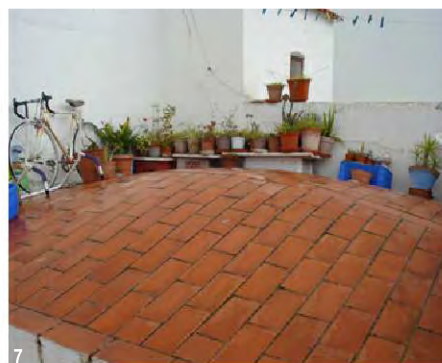


PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
 DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
 1-SALA
 2-CORREDOR
 3-ANTECÂMARA
 4-ALCOVA
 5-COZINHA
 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 7-PÁTIO
 8-ANEXO NA AÇOTEIA



U.16 P.3/3



6.Abóbada de berço abatido do corredor 7.e 8.Pormenores da açoteia na zona da abóbada de vela 9.Cozinha com abóbada de berço abatido e vão da escada para a açoteia 10,Pormenor da açoteia da abóbada de vela 11.Escada de acesso à açoteia. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA DO CARMO, 59 U.17 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Unilateral sem antecâmara interior

LOCALIZAÇÃO: Rua do Carmo nº59

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Razoável

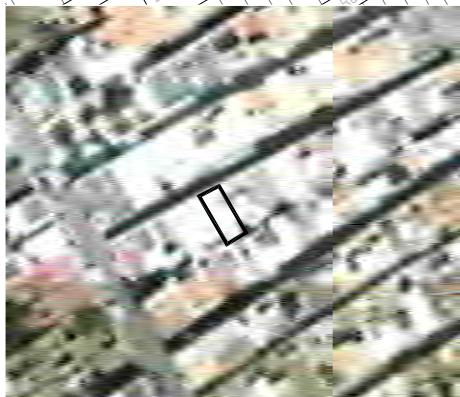
DESCRIÇÃO: Localizada na zona central, num lote com apenas uma frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por um segundo corredor que dá acesso às alcovas.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal (a sala) com abóbada em barrete de clérigo.

Cozinha constituída por um compartimento a toda a largura do lote.

Ampliação da construção para a zona do pátio para a instalação sanitária.



PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

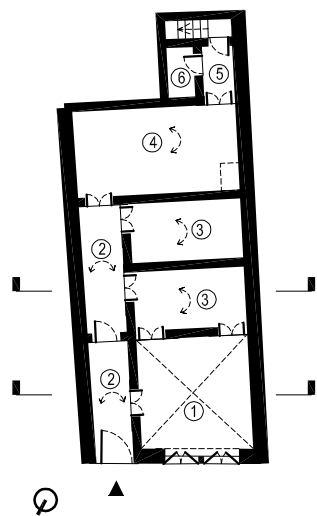
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

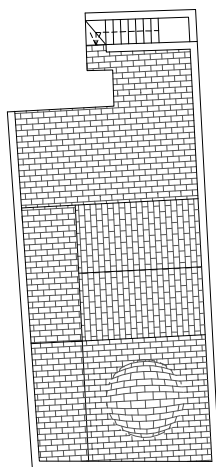
U.17 P.2/3



1.Pormenor da platibanda da fachada principal 2.Abóbada de berço abatida dum compartimento interior 3.Fachada principal 4.Pormenor das janelas da fachada principal 5.Pormenor lateral da abóbada em barrete de clérigo do compartimento principal. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

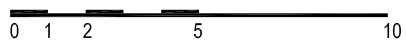
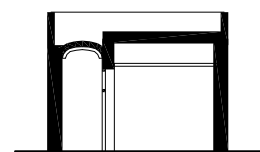
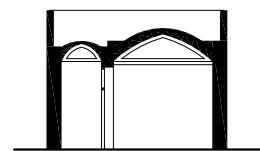


PLANTA PISO TÉRREO

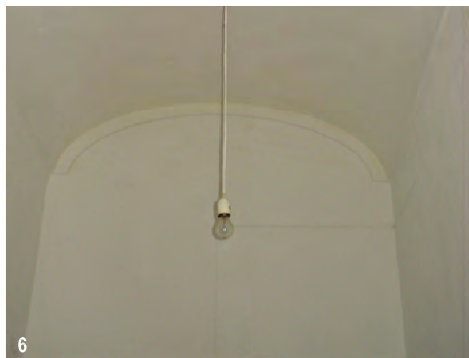


PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-ALCOVA
- 4-COZINHA
- 5-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 6-ANEXO



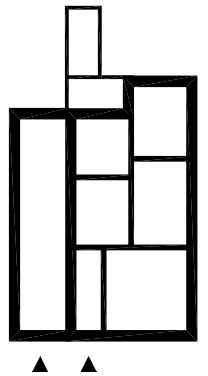
U.17 P.3/3



6.Abóbada de berço abatido do corredor 7.Abóbada de berço abatido da cozinha 8.e 9.Pormenor central da abóbada em barrete de clérigo da divisão principal. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: UNILATERAL com armazém

U.A.01-U.A03

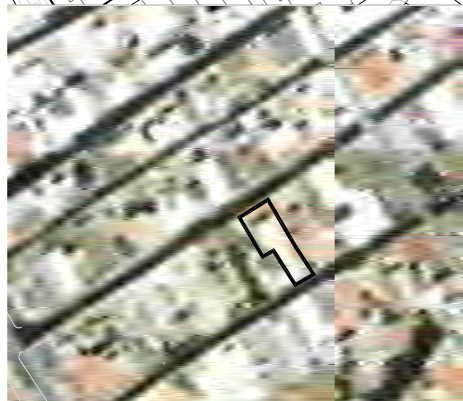


TIPOLOGIA: UNILATERAL COM ARMAZÉM

RUA DR. TEÓFILO BRAGA, 33/35 U.A.01 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPOLOGIA: Unilateral com armazém

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr.Téofilo Braga nº33 e 35 (Antiga Rua dos Mestres)

ANO FACHADA: 1900

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Bom estado

DESCRIÇÃO: Localizada na antiga Rua dos Mestres, segue a tipologia de casa unilateral com armazém de apoio anexado, destinado aos pescadores.

Casa de piso térreo, desenvolvida em profundida. Acesso desde o exterior ao corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas e restantes divisões interiores.

Existência de abóbada de vela na divisão principal e de abóbada de berço abatido nas restantes divisões.

Adaptação de uma das divisões posteriores para instalação sanitária.

O Armazém é originalmente composto por uma única nave central, dividida em dois compartimentos.

Actualmente forma um único espaço com a função de cozinha.

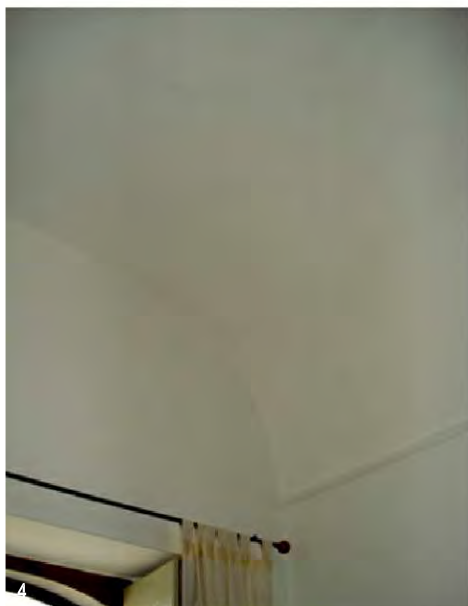
Ao conjunto foi acrescentado na área do quintal uma nova construção.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

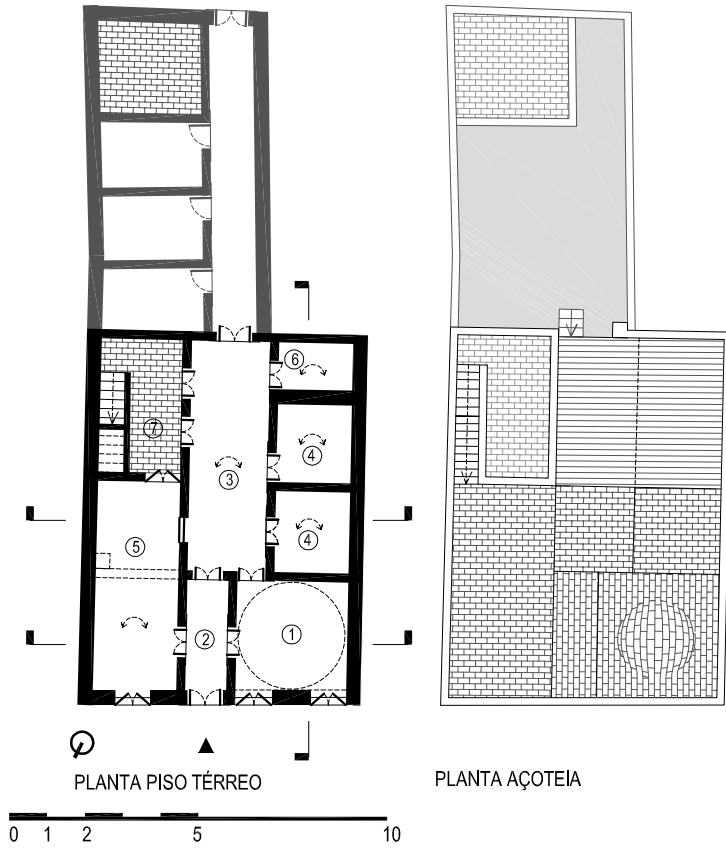
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

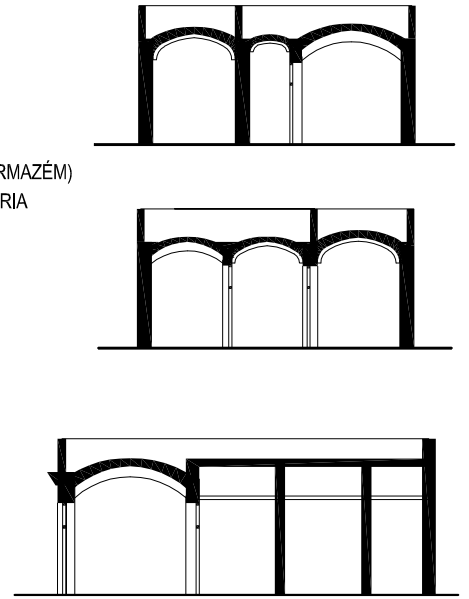
U.A.01 P.2/3



1.Fachada principal 2.Vista do antigo armazém (actual cozinha) com abóbada de berço abatido 3.Pormenor da açoteia do encontro de duas abóbadas de berço abatido com direcções diferentes 4.Pormenor lateral da abóbada de berço 5. Vista da açoteia com da cobertura da abóbada de vela da divisão principal. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



- ENTRADA ▼
 DIRECÇÃO ABÓBADA
 1-SALA
 2-CORREDOR
 3-ANTECÂMARA
 4-ALCOVA
 5-COZINHA (ANTIGO ARMAZÉM)
 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 7-PÁTIO



TIPOLOGIA: UNILATERAL COM ARMAZÉM

RUA DR. TEÓFILO BRAGA, 51 U.A.02 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPOLOGIA: Unilateral com armazém

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr.Téofilo Braga nº51(Antiga Rua dos Mestres)

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Bom estado

DESCRIÇÃO: Localizada na antiga Rua dos Mestres segue a tipologia de casa unilateral com armazém de apoio anexado, destinado aos pescadores.

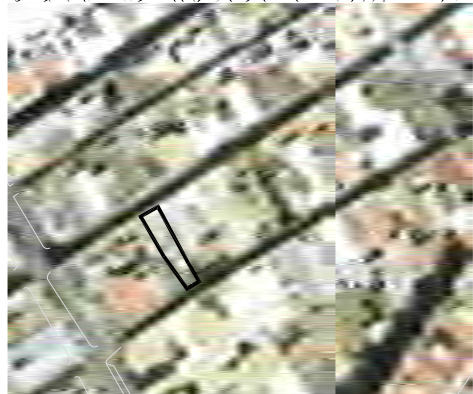
Casa de piso térreo, desenvolvida em profundidade. Acesso desde o exterior a corredor lateral pelo qual se entra na divisão principal, a sala. Interior composto por uma antecâmara que dá acesso às alcovas, actualmente juntas por demolição de uma parede, e às restantes divisões.

Existência de abóbada em barrete de clérigo na divisão principal e de abóbada de berço abatido nas restantes divisões.

Adaptação de uma das divisões posteriores para instalação sanitária.

O Armazém é originalmente composto por uma única nave dividida em dois compartimentos.

Actualmente não pertence à casa, deixando de existir o acesso pelo interior.



PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

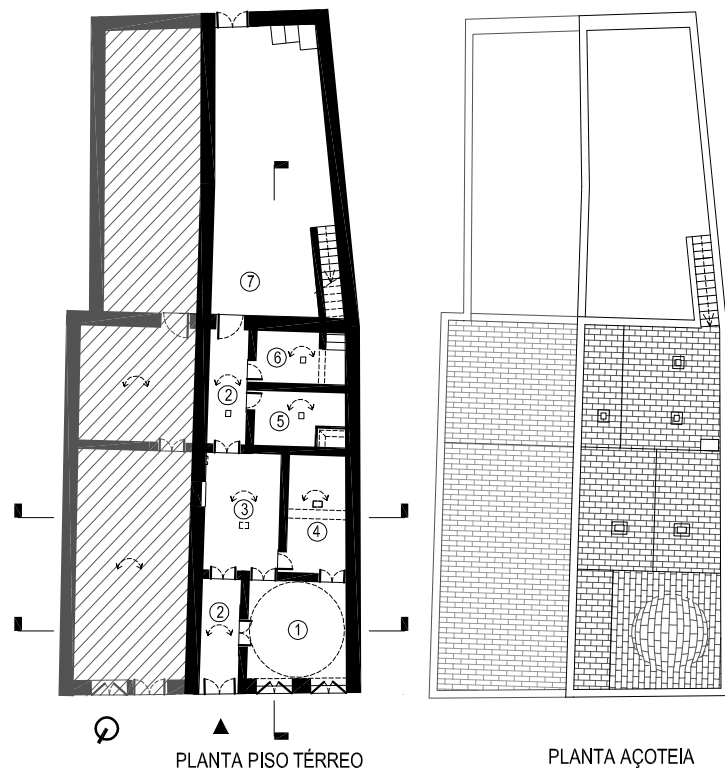
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

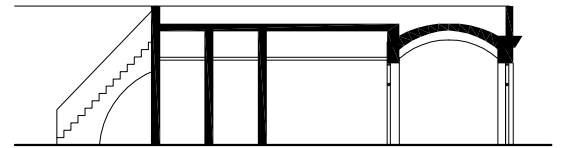
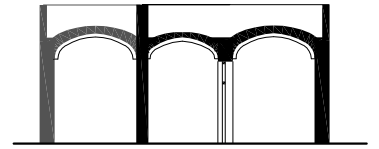
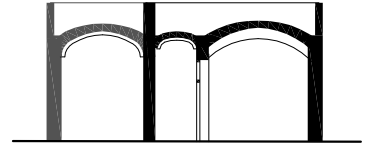
U.A.02 P.2/3



1.Abóbada em barrete de clérigo do compartimento principal (sala) 2.Pormenor central da abóbada em barrete de clérigo 3.Pormenor lateral da abóbada em barrete de clérigo 4,Fachada principal 5.Abóbada de berço abatido do corredor 6.Compartimento principal com abóbada em barrete de clérigo. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

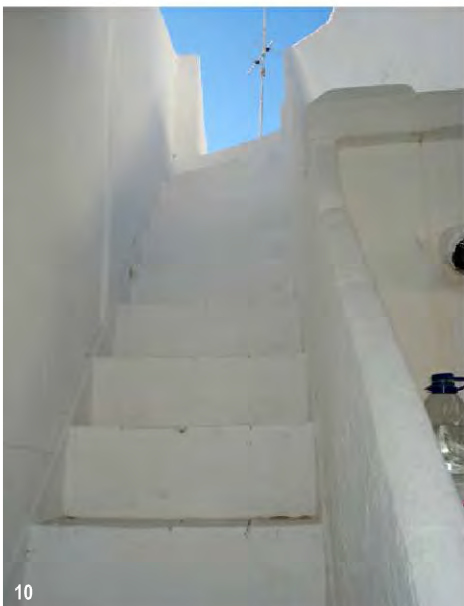


ENTRADA ▼
 DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
 1-SALA
 2-CORREDOR
 3-ANTECÂMARA
 4-ALCOVA
 5-COZINHA
 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 7-QUINTAL



0 1 2 5 10

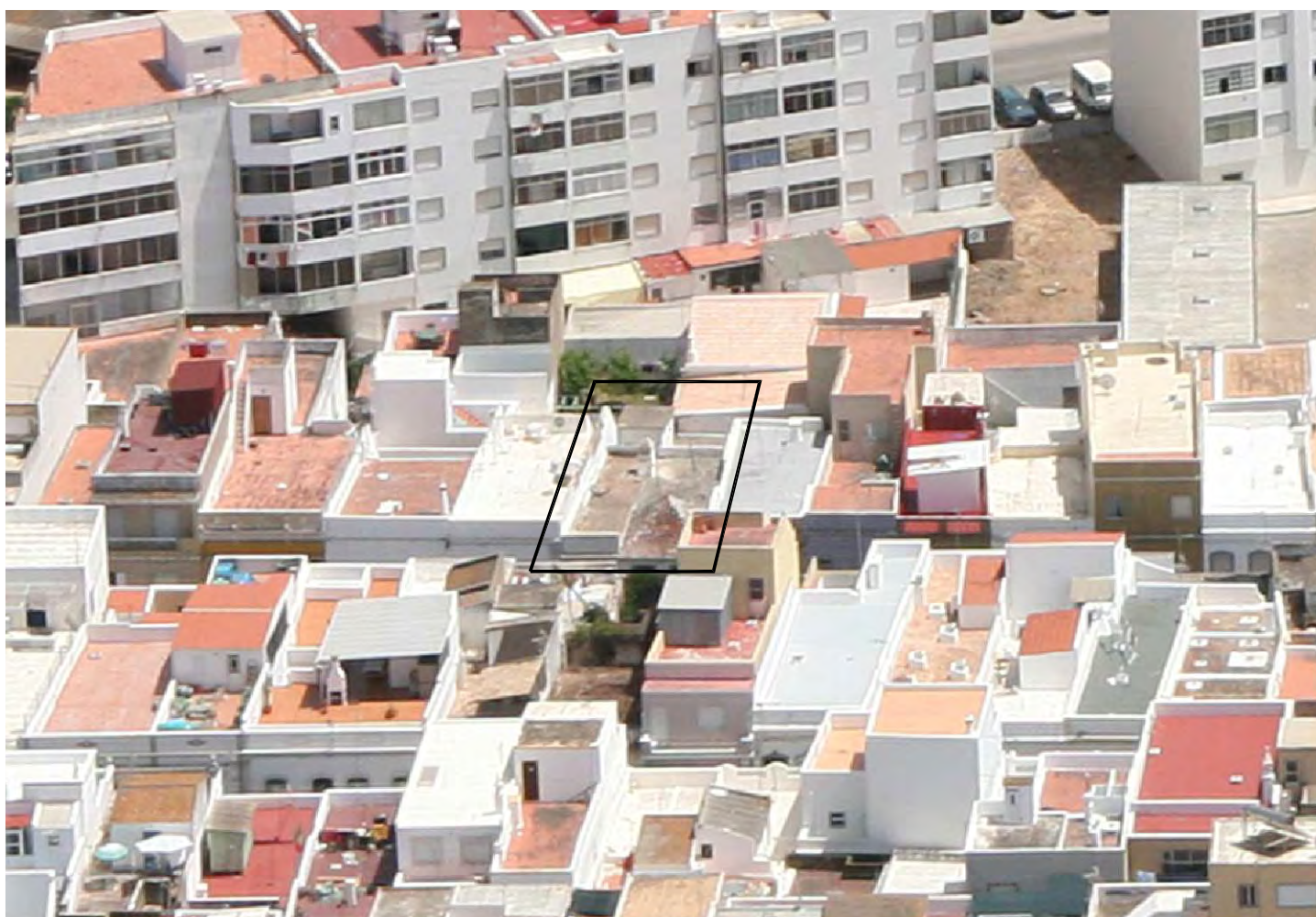
U.A.02 P.3/3



7.Abóbada de berço abatido das divisões interiores (alcovas) 8.Pormenor da clarabóia da abóbada de berço abatido da cozinha 9.Pormenor exterior da abóbada em barrete de clérigo da divisão principal 10.Escadas exteriores de acesso à açoteia 11.Cozinha com abóbada de berço abatido 12.Cobertura da casa em açoteia. (fotografias do autor)

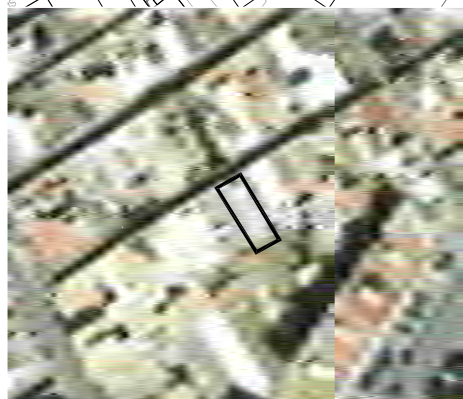
TIPOLOGIA: UNILATERAL

RUA CONTRA ALMIRANTE MARCELINO CARLOS, 73 e 75 U.A.03 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Unilateral sem corredor inicial

LOCALIZAÇÃO: Rua Contra Almirante Marcelino Carlos nº73 e 75

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Má

DESCRIÇÃO: Localizada na antiga Rua da Boavista, num quarteirão sem remate a sudeste e lote só com uma frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade e apenas de um lado (unilateral), com armazém no lote anexo, tipologia destinada aos pescadores.

Acesso directo do exterior à divisão principal, a sala. Interior composto por corredor lateral que dá acesso às alcovas e restantes divisões interiores.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção da divisão principal (sala) onde existe telhado de tesouro, com estrutura de madeira à vista. A açoteia é conjunta com o edifício adjacente (antigo armazém).

Cozinha localizada no corredor de acesso ao pátio.

Não existem alterações à construção original.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

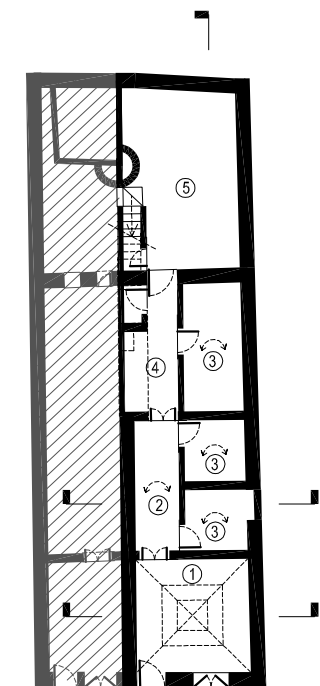
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

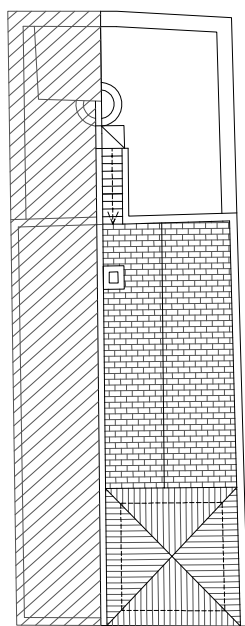
U.A.03 P.2/3



1.Pormenor do telhado de tesouro e beirado 2.Pormenor da abóbada de berço abatido do corredor 3.Fachada principal 4.Pormenor central do telhado de tesouro existente na divisão principal (sala). (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

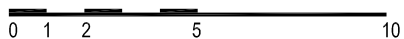
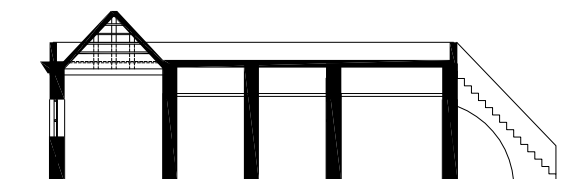
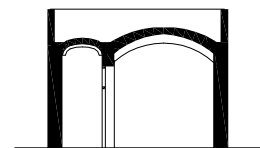
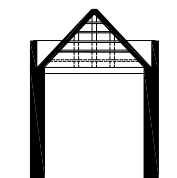


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

ENTRADA ▼
 DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
 1-SALA
 2-CORREDOR
 3-ALCOVA
 4-COZINHA
 5-PÁTIO

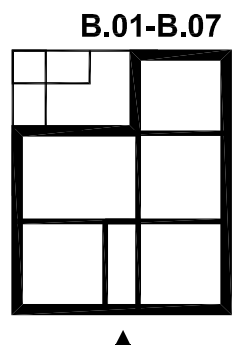


U.A.03 P.3/3



5.Vista da açoteia com telhado de tesouro sobre a divisão principal 6.Escada de acesso à açoteia com poço geminado com o lote adjacente 7.Açoteia na zona das abóbadas de berço 8.Cozinha com abóbada de berço abatido 9.Pormenor da cozinha 10.Compartimento interior (alcova) com abóbada de berço invertida. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: BILATERAL



TIPOLOGIA: BILATERAL

RUA DR. VIRGÍLIO INGLÊS, 24

B.01 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)



TIPO: Pré-Bilateral

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Virgílio Inglês nº24

ANO FACHADA: 1900

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizada em dois lotes de um quarteirão sem remate a norte, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade, de ambos os lados de um corredor central (bilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor central pelo qual se entra nas divisões principais, a sala e quarto. Interior composto por uma antecâmara central que dá acesso às alcovas de ambos os lados.

Posterior compartimento (sala de jantar) anexa à cozinha.

Existência de abóbadas de berço abatido em todos os compartimentos, à excepção dos que estão junto à fachada que têm cobertura em betão armado (deveriam ser originalmente com abóbada em barrete de clérigo) e da alcova principal com abóbada de vela.

Demolição de algumas paredes interiores.

Adaptação de compartimento interior para a instalação sanitária.

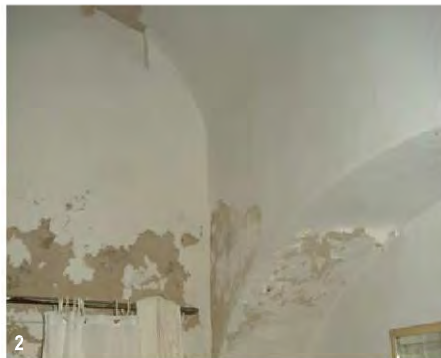
Construção de anexos na açoteia.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

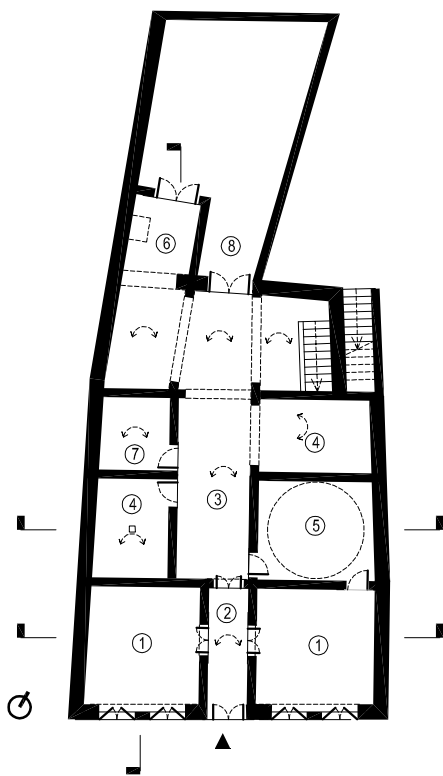
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

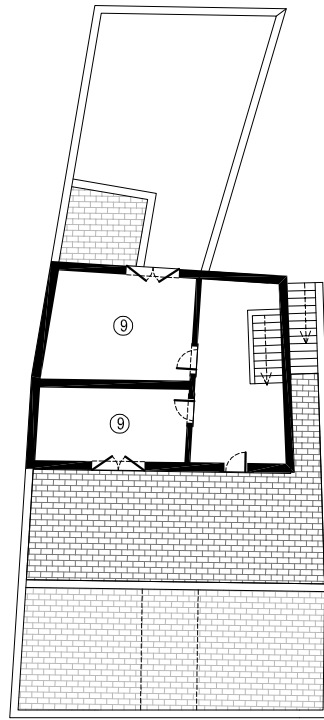
B.01 P.2/3



1.Fachada principal 2.Pormenor da abóbada de berço abatido no compartimento da instalação sanitária 3.Pormenor da estrutura de abóbadas e arcos 4.Abóbada de vela em compartimento interior 5.Pormenor de abóbada de berço abatido em compartimento interior 6.Vista do compartimento posterior.(fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

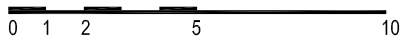
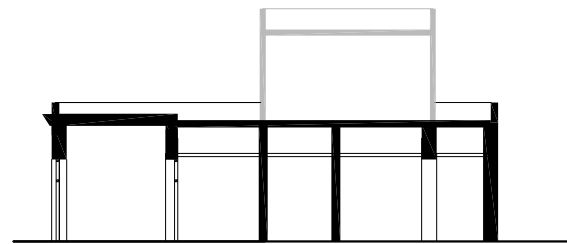
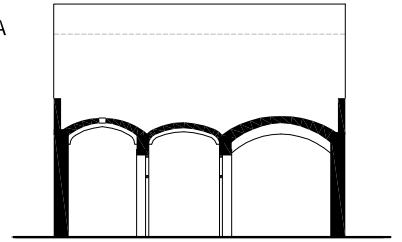
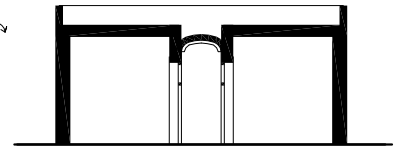


PLANTA PISO TÉRREO

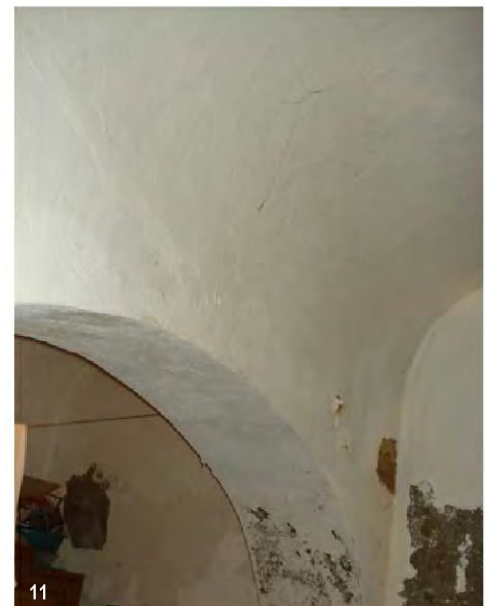


PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA/QUARTO
- 2-CORREDOR
- 3-ANTECÂMARA
- 4-ALCOVA
- 5-QUARTO
- 6-COZINHA
- 7-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 8-PÁTIO
- 9-ANEXO NA AÇOTEIA



B.01 P.3/3



7. 8. e 9. Pormenores do pavimento de diversos compartimentos 10. Vista do compartimento da cozinha para a entrada 11. e 12. Pormenor da estrutura em arcos e abóbadas. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: BILATERAL

AV. DA LIBERDADE, 35 B.02 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Pré-Bilateral

LOCALIZAÇÃO: Av. da Liberdade nº35

ANO FACHADA: 1900

FUNÇÃO: Comércio e Habitação

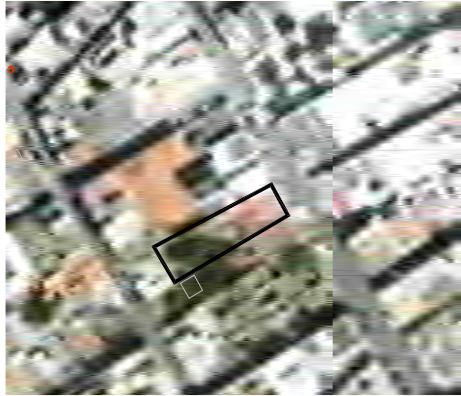
CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizada no eixo viário principal, em lote com duas frentes de rua.

O edifício tem uma distribuição interna que se aproxima no sector junto à fachada da tipologia bilateral e no sector posterior à tipologia unilateral.

Existem duas entradas, uma pelo eixo viário principal e outra posterior pelo quintal, o que deu origem a dois compartimentos principais, ambos originalmente com telhado de tesouro, como ainda se verifica no posterior.

Os restantes compartimentos têm abóbada de berço abatido.



PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

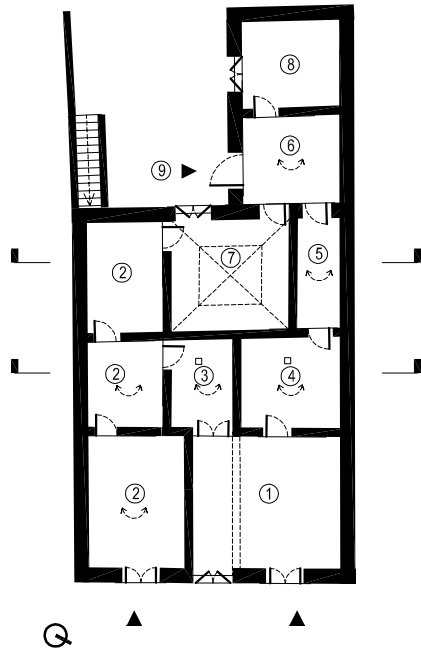
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

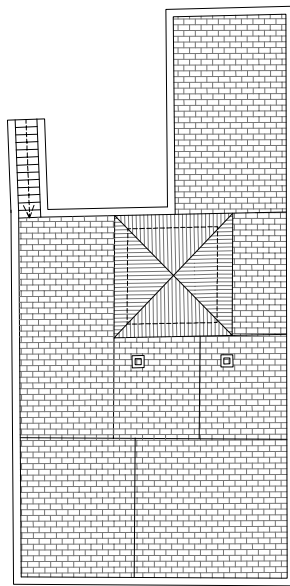
B.02 P.2/3



1.Fachada principal 2.Pormenor do interior do telhado de tesouro com estrutura de madeira 3.Pormenor do tecto do telhado de tesouro com canas, na sala 4.Pormenor de porta de entrada da fachada posterior 5.Vista da fachada posterior 6,Pormenor do tecto do telhado de tesouro. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

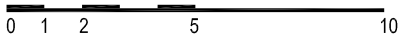
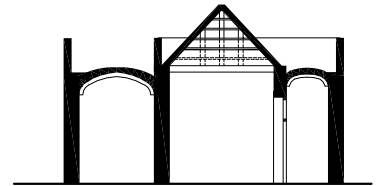
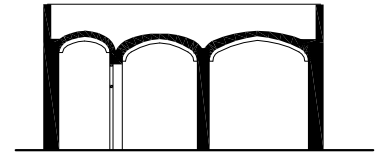


PLANTA PISO TÉRREO

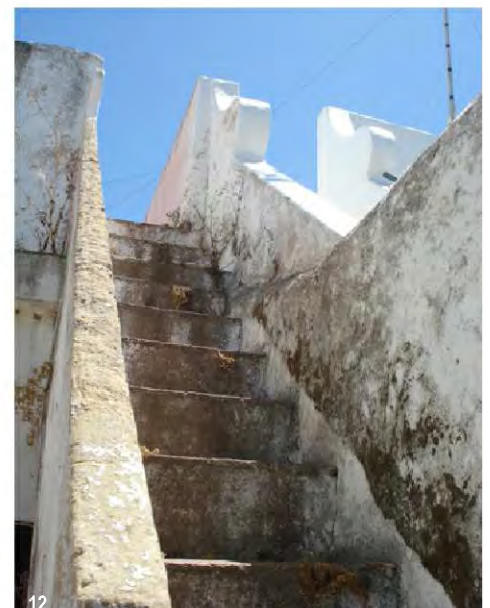


PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-CAFÉ
- 2-LOJA
- 3-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 4-COZINHA
- 5-CORREDOR
- 6-ANTECÂMARA
- 7-SALA
- 8-ANEXO
- 9-PÁTIO



B.02 P.3/3



7.Vista da açoteia com telhado de tesouro 8.Pormenor da cumieira do telhado de tesouro 9.Açoteia na zona das abóbadas de berço abatido das divisões interiores e antigo telhado de tesouro substituído por laje de betão armado 9. Pormenor lateral do telhado de tesouro 10.e 11.Escada de acesso à açoteia, (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

TIPOLOGIA: BILATERAL

RUA MAGALHÃES LIMA, 65 B.03 P.1/3

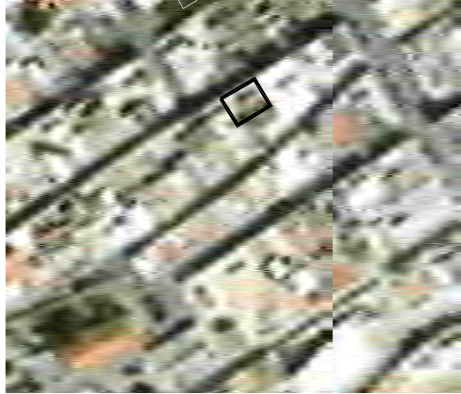


(fotografia José Beira Santos TAF 98)



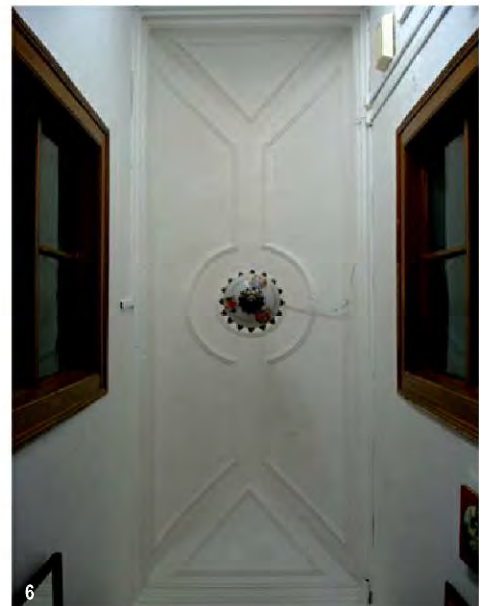
TIPO: Bilateral Simples
LOCALIZAÇÃO: Rua Magalhães Lima nº65
ANO FACHADA: 1923
FUNÇÃO: Habitação
CONSERVAÇÃO: Boa

DESCRIÇÃO: Localizada em dois lotes de uma só frente, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade de ambos os lados de um corredor central (bilateral). Acesso do exterior ao corredor central pelo qual se entra nas duas divisões principais, quarto e sala. Interior composto por antecâmara polivalente que dá acesso tanto às alcovas como à cozinha, em compartimento anexo. Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção das divisões principais com abóbadas em barrete de clérigo. Adaptação de uma alçova para instalação sanitária e construção de um primeiro andar para anexos.



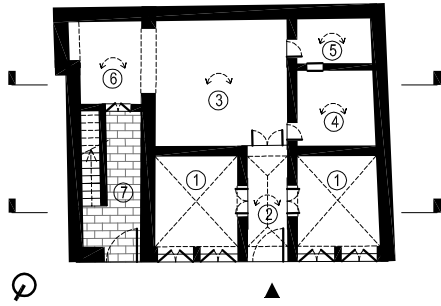
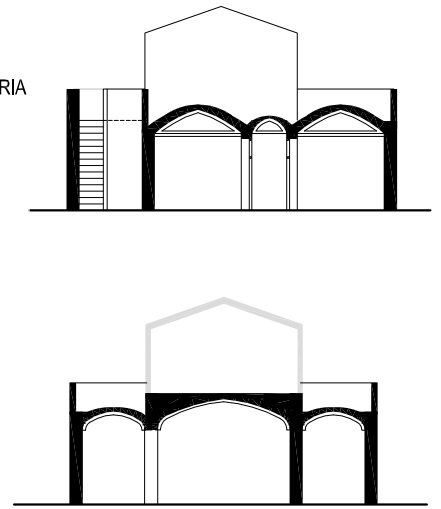
PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000
PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

B.03 P.2/3

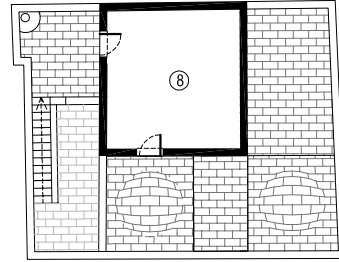


1.Pormenor das janelas da fachada 2. Abóbada de berço abatido de compartimento interior (alcova) 3.Corredor com abóbada em barrete de clérigo 4.Fachada principal 5.Abóbada em barrete de clérigo em compartimento principal (quarto) 6.Corredor com abóbada em barrete de clérigo. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

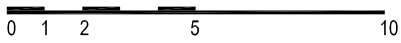
- ENTRADA ▼
 DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
 1-SALA/QUARTO
 2-CORREDOR
 3-ANTECÂMARA
 4-ALCOVA
 5-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 6-COZINHA
 7-PÁTIO
 8-ANEXO NA AÇOTEIA



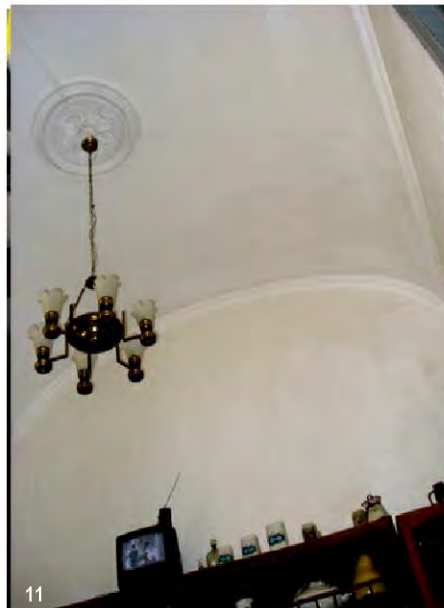
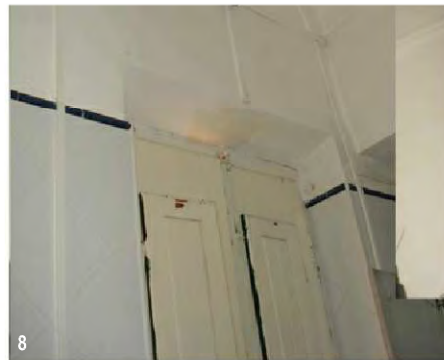
PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA



B.03 P.3/3



7. Pormenor da abóbada de berço abatido de compartimento interior (alcova) 8. Janela da cozinha 9. Janela geminada dos quartos 10. Vista da açoteia com anexo 11. Abóbada de berço na cozinha 12. Cozinha. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

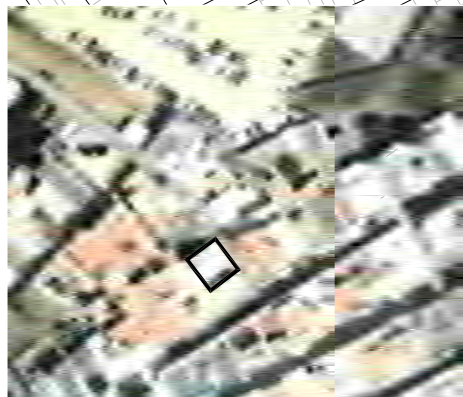
TIPOLOGIA: BILATERAL

RUA C. HENRIQUE GALVÃO, 3 B.04 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Bilateral Simples

LOCALIZAÇÃO: Rua C. Henrique Galvão nº3

ANO FACHADA: 1918

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizada em dois lotes, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade de ambos os lados de um corredor central (bilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor central pelo qual se entra nas duas divisões principais, a sala e quarto.

Interior composto por uma pequena antecâmara central que dá acesso às alcovas e à cozinha.

Existência de abóbada de berço abatido em todas as divisões.

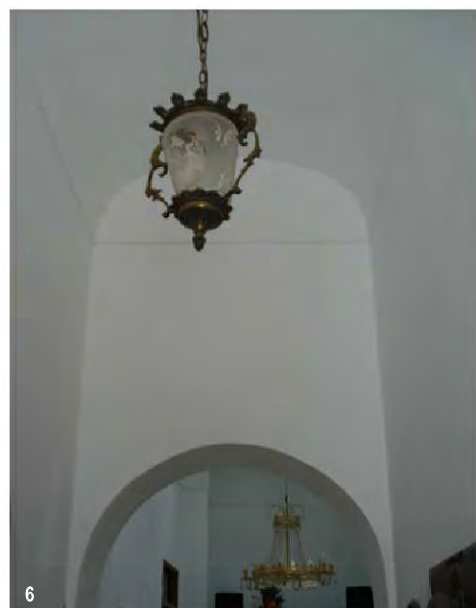
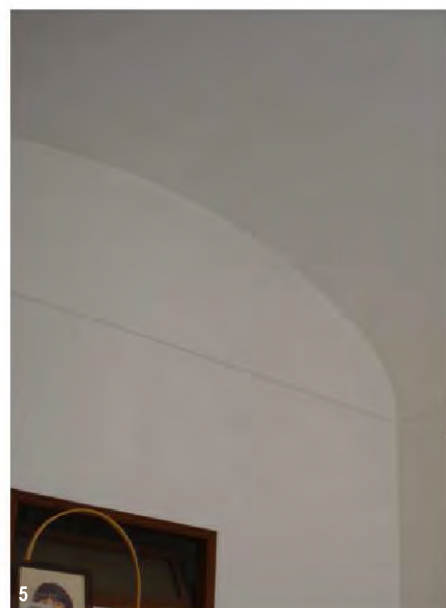
Construção de um anexo na açoteia.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

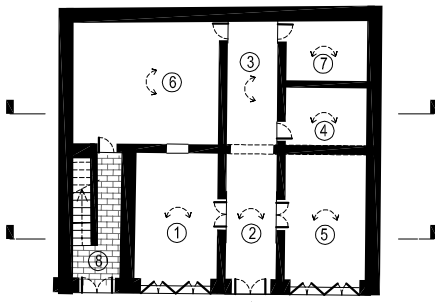
PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

B.04 P.2/3

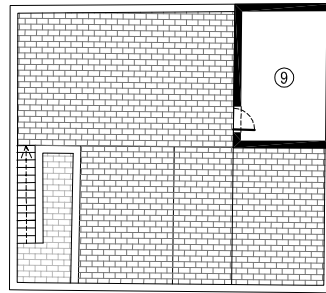


1.Fachada principal 2.Abóbada de berço abatido existente na sala 3.Abóbada de berço abatido existente na cozinha 4.Fachada principal 5.Abóbada de berço abatido existente em quarto 6.Corredor com abóbada de berço abatido. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

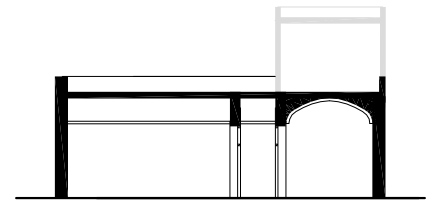
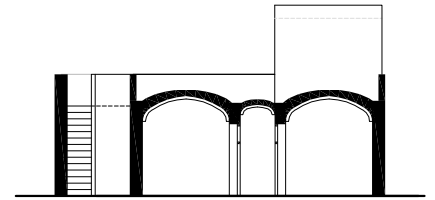
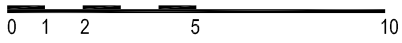
- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-VESTÍBULO
- 4-ALCOVA
- 5-QUARTO
- 6-COZINHA
- 7-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 8-PÁTIO
- 9-ANEXO NA AÇOTEIA



PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA



B.04 P.3/3

TIPOLOGIA: BILATERAL

RUA DR. VIRGÍLIO INGLÊS, 8 B.05 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Bilateral Simples

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Virgílio Inglês nº8

ANO FACHADA: 1922

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Muito boa

DESCRIÇÃO: Localizada em três lotes, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade de ambos os lados de um corredor central (bilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor pelo qual se entra nas duas divisões principais, quartos e sala.

Interior composto por uma antecâmara polivalente à qual está anexada uma alcova, que actualmente dá acesso ao primeiro andar. No compartimento posterior localiza-se a cozinha, com acesso ao pátio.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção das divisões principais com abóbadas em barrete de clérigo.

Construção de um primeiro andar para quartos, sala e instalação sanitária.

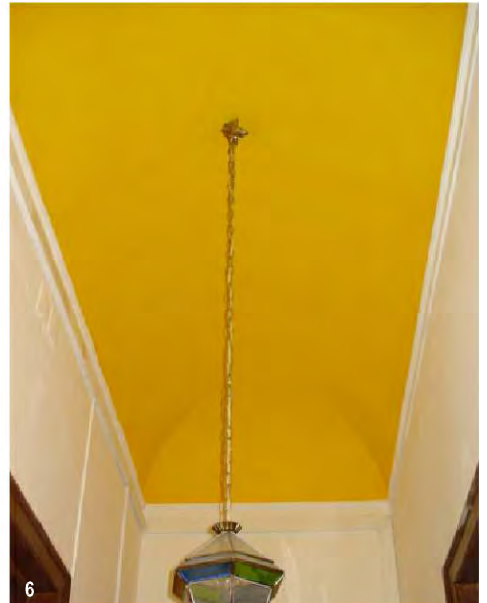
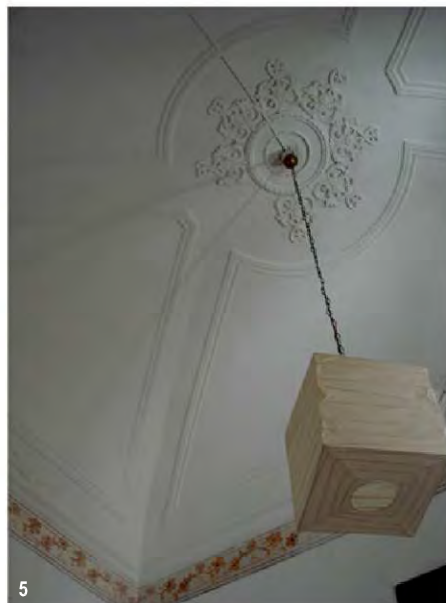
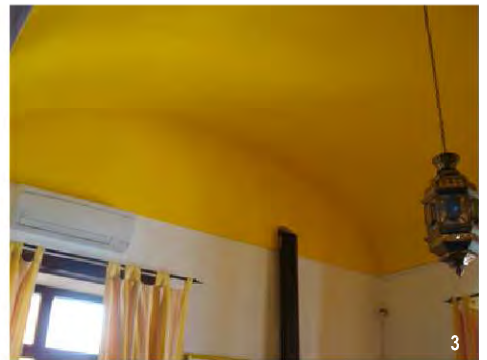
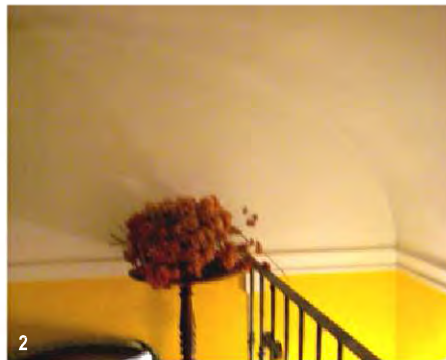


PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

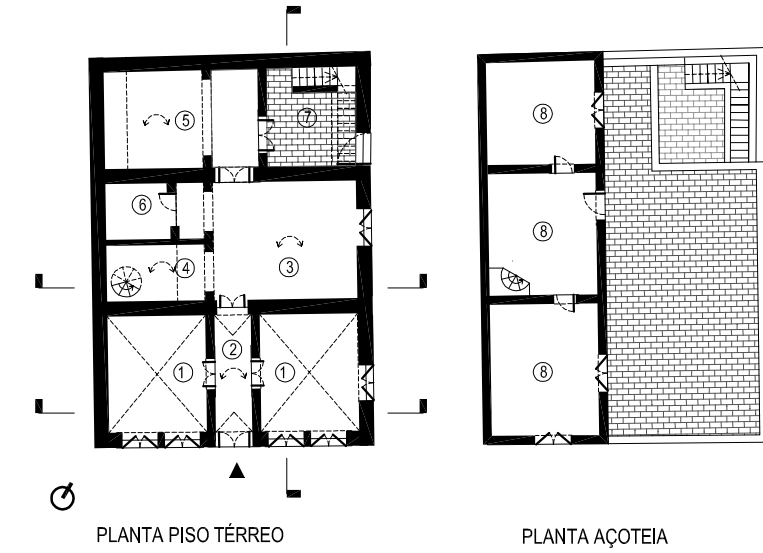
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

B.05 P.2/3

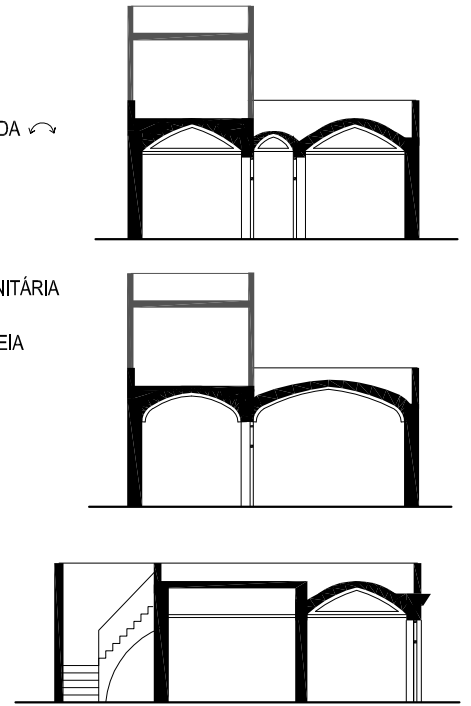


1.Fachada principal 2.Abóbada de berço abatido em compartimento interior (alcova) 3.Abóbada de berço abatido na sala 4.e 5.Abóbadas em barrete de clérigo dos quartos 6.Corredor com abóbada de berço abatido,(fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

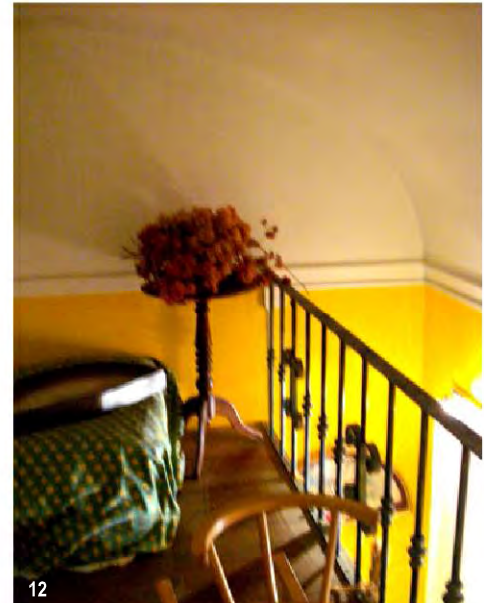
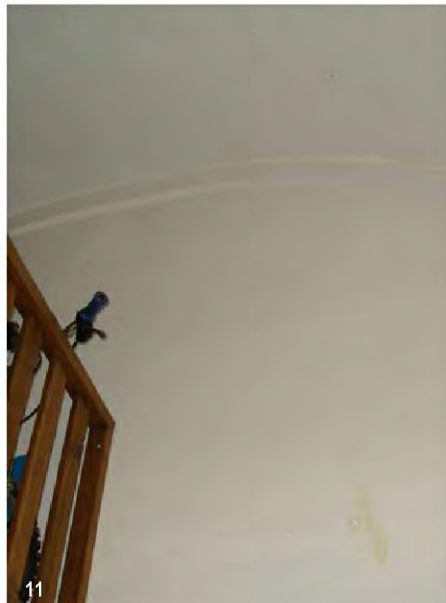
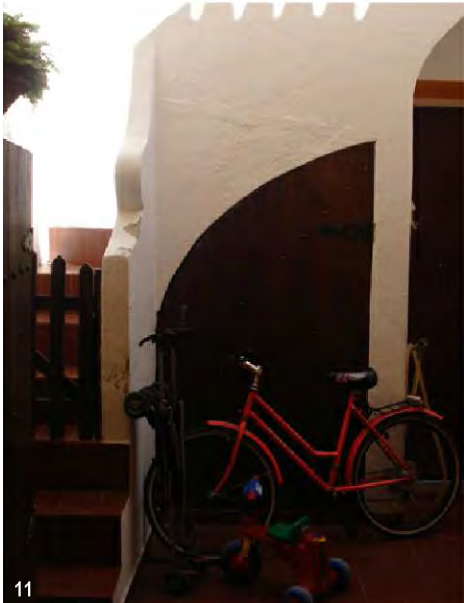
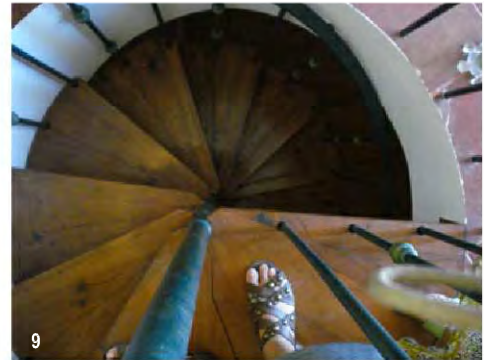


0 1 2 5 10

- ENTRADA ▼
 DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
 1-SALA/QUARTOS
 2-CORREDOR
 3-ANTECÂMARA
 4-ALCOVA
 5-COZINHA
 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 7-PÁTIO
 8-ANEXO NA AÇOTEIA



B.05 P.3/3



7. Pormenor do acesso à açoteia. 8. Abóbada de berço abatido em compartimento interior (alcova) 9. Pormenor da escada interior de acesso ao anexo. 10. Escada de acesso à açoteia. 11. e 12. Abóbada de berço abatido na alcova. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

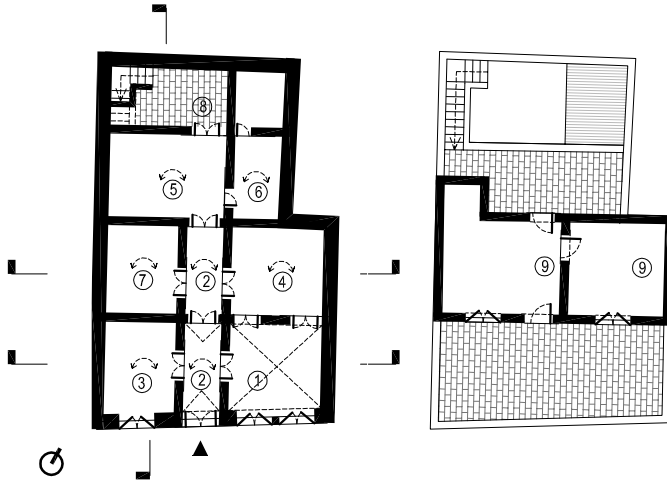
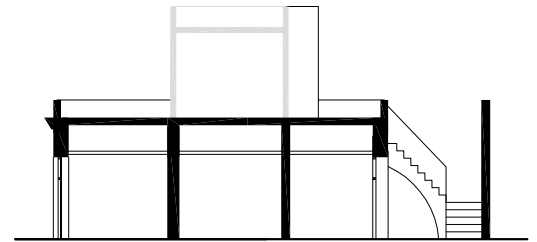
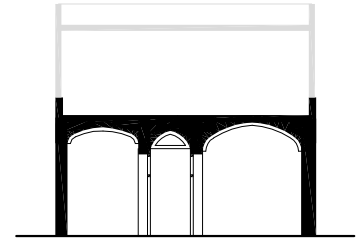
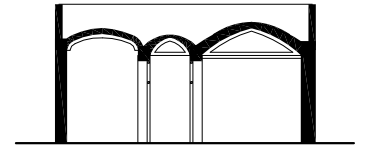
TIPOLOGIA: BILATERAL

RUA DR. TEÓFILO BRAGA, 34 B.06 P.1/3



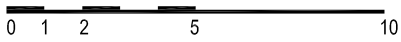
(fotografia José Beira Santos TAF 98)

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-CORREDOR
- 3-QUARTO
- 4-ALCOVA
- 5-ANTECÂMARA
- 6-COZINHA
- 7-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 8-PÁTIO
- 9-ANEXO NA AÇOTEIA



PLANTA PISO TÉRREO

PLANTA AÇOTEIA



B.06 P.3/3

TIPOLOGIA: BILATERAL

RUA DR. VIRGÍLIO INGLÊS, 17 B.07 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Bilateral Composta

LOCALIZAÇÃO: Rua Tenente Barroso nº30 / Rua Dr. Virgílio Inglês nº17

ANO FACHADA: 1907

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Muito boa

DESCRIÇÃO: Localizada num lote com duas frentes, segue a tipologia de casa de piso térreo que se desenvolve em profundidade, de ambos os lados em simetria de um corredor central (bilateral).

Acesso desde o exterior ao corredor central pelo qual se entra nas duas divisões principais, sala e quarto. Interior composto por um segundo corredor com compartimentos de ambos os lados (alcovas).

Posteriormente localiza-se uma antecâmara polivalente anexa à cozinha.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões, à excepção das divisões principais com abóbadas em barrete de clérigo (actualmente uma delas substituída por laje de betão armado).

Demolição da parede divisória da antecâmara e da cozinha e adaptação de compartimento interior para instalação sanitária.

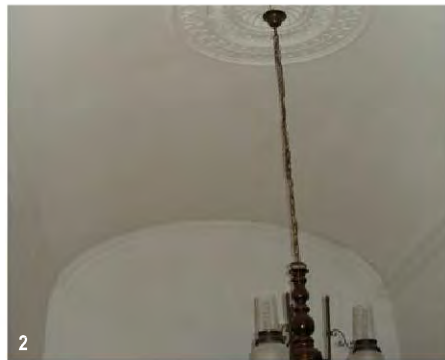
Construção de um piso superior com quartos e instalação sanitária.

PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

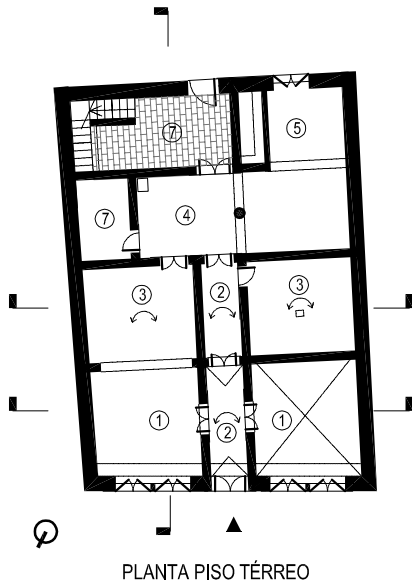
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/200

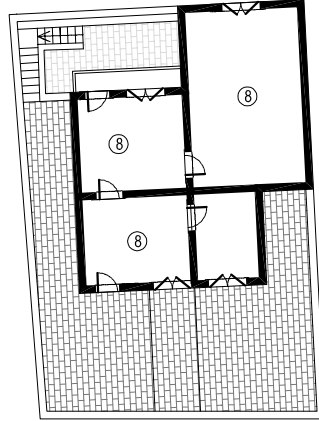
B.07 P.2/3



1.Fachada principal 2.Abóbada de berço abatido em compartimento interior (alcova) 3.Laje de betão armado que substituiu uma abóbada em barrete de clérigo 4.Fachada posterior com ampliações no quintal e primeiro piso 5.Pormenor da abóbada de berço abatido do corredor 6.Abóbada em barrete de clérigo da divisão principal (sala), (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

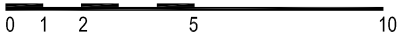
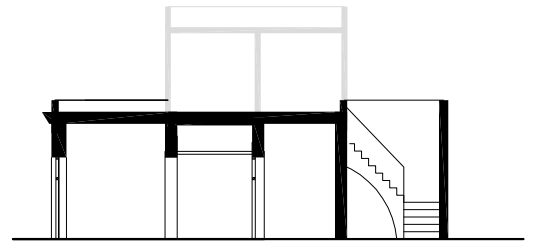
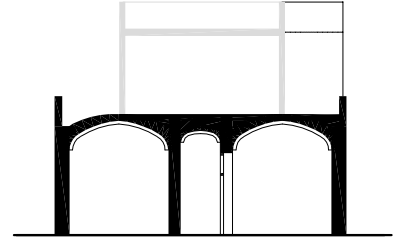
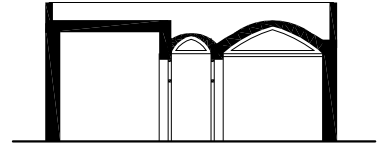


PLANTA PISO TÉRREO



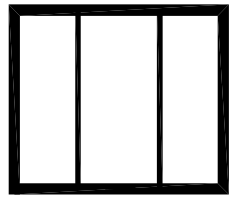
PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA/QUARTO
- 2-CORREDOR
- 3-ALCOVA
- 4-ANTECÂMARA
- 5-COZINHA
- 6-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 7-PÁTIO
- 8-ANEXO NA AÇOTEIA



TIPOLOGIA: ARMAZÉM

A.01-A.03



OUTRAS TIPOLOGIAS

RUA MIGUEL BOMBARDA, 14 A.01 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Armazém
LOCALIZAÇÃO: Rua Miguel Bombarda nº14
ANO FACHADA: sem data
FUNÇÃO: Habitação (antigo armazém)
CONSERVAÇÃO: Boa
DESCRIÇÃO: Localizado perto da doca, num lote apenas com uma frente, é composto por três naves com abóbadas de berço abatido.
Construção de um primeiro andar para a adaptação à função de habitação .



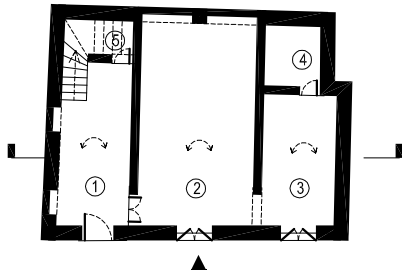
PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000
PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

A.01 P.2/3

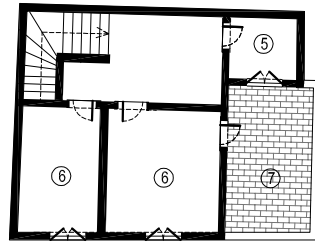


1.Pormenor lateral da abóbada de berço abatido do vestíbulo 2.Pormenor do vão da janela da divisão principal (sala) 3.Antecâmara de entrada 4.Pormenor da abóbada de berço abatido da sala 5.Vão existente no vestíbulo. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

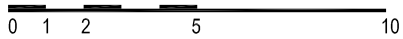
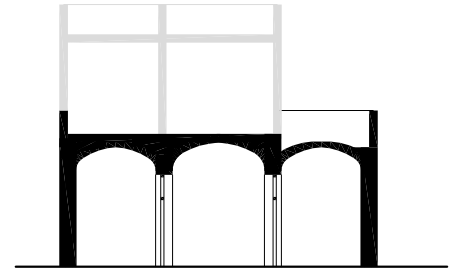
- ENTRADA ▼
 DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
 1-VESTÍBULO
 2-SALA
 3-COZINHA
 4-ANEXO
 5-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
 6-QUARTOS
 7-TERRAÇO



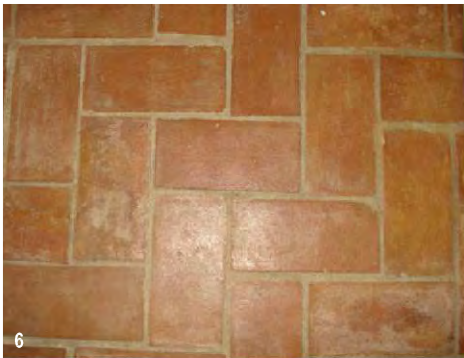
PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA



A.01 P.3/3



6



7



8



9



10

6.Pormenor do pavimento 7.Abóbada de berço abatido existente na cozinha 8.Abóbada de berço no vestíbulo 9.e 10.Arcos estruturais embutidos na parede da sala. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

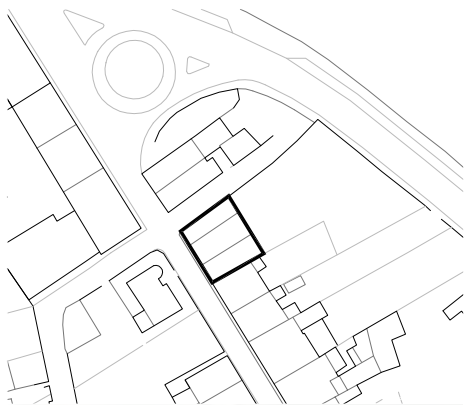
OUTRAS TIPOLOGIAS

AV. DA LIBERDADE, 120 A.02 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Armazém
LOCALIZAÇÃO: Av. da Liberdade nº120
ANO FACHADA: 1908
FUNÇÃO: Comércio/Armazém
CONSERVAÇÃO: Ruína

DESCRIÇÃO: Localizado no eixo viário principal à entrada da povoação, em três lotes adjacentes que rematam o quarteirão.

É uma construção de um só piso, constituída por três nave, duas com abóbada de berço abatido e a nave central com telhado de três águas.

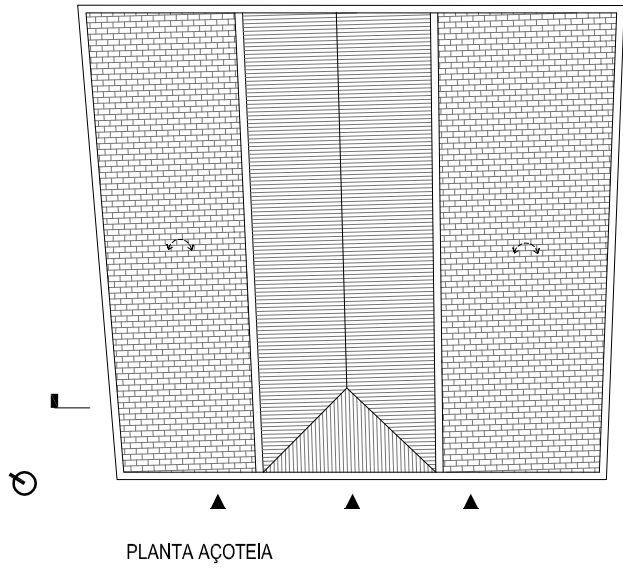


PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000
FOTOGRAFIA AÉREA (Google Maps): ESC. 1/2000
PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

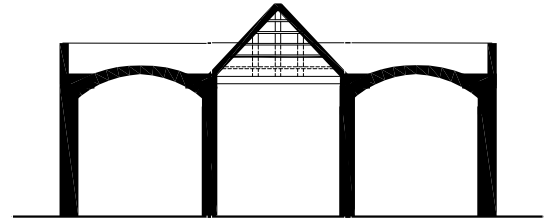
A.02 P.2/3



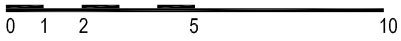
1.Pormenor da estrutura do telhado de três águas 2.Pormenor da nave com abóbada de berço abatido e telhado de três águas 3.Fachada principal 4.Pormenor do vão da porta.
(fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



ENTRADA ▼
DIRECÇÃO ABÓBADA ↷



PLANTA AÇOTEIA



A.02 P.3/3



5.Vista geral do conjunto 6.Pormenor do arranque da abóbada de berço abatido 7.Pormenor da cantaria e estrutura interna do telhado de três águas 8.Abóbada de berço abatido de uma das naves. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

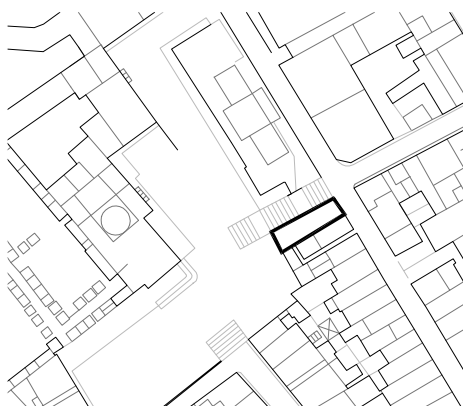
OUTRAS TIPOLOGIAS

RUA MANUEL CARLOS, 35 A.03 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Armazém
LOCALIZAÇÃO: Rua Manuel Carlos nº35
ANO FACHADA: sem data
FUNÇÃO: Comércio/Armazém
CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizado na zona da Igreja, num lote que remata o quarteirão e faz a transição entre o desnível do terreno.

É constituído por uma nave única com abóbada de berço abatido e com o interior compartimentado em dois espaços.

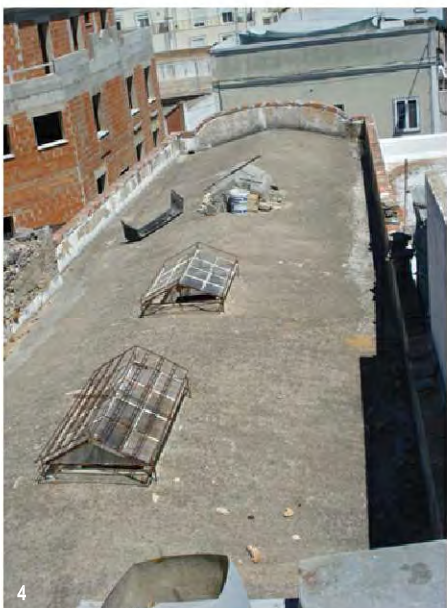


PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

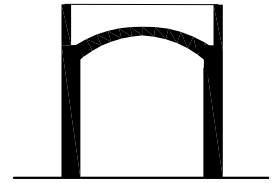
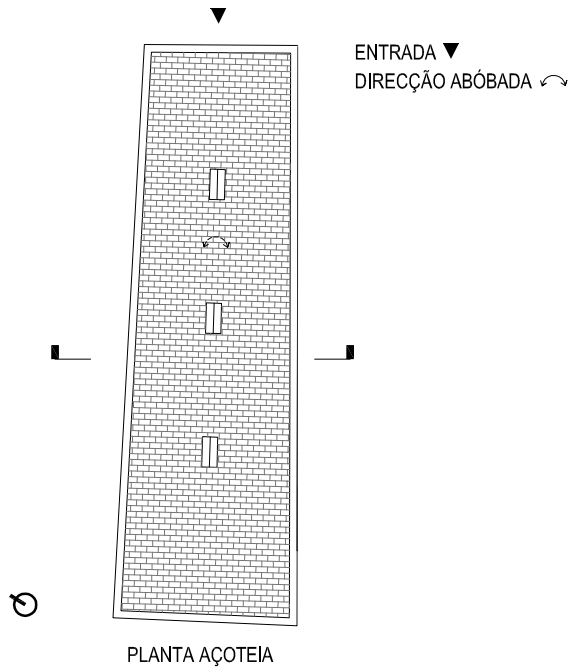
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

A.03 P.2/3



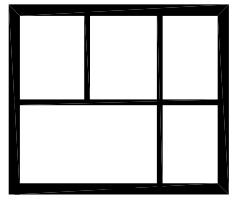
1.Vista geral do armazém 2.Interior com abóbada de berço abatido 3.Fachada principal 4.Vista da cobertura 5.Pormenor da abóbada de berço abatido. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



A.03 P.3/3

OUTRAS TIPOLOGIAS

O.01-O.02



OUTRAS TIPOLOGIAS

RUA MANUEL CARLOS, 1 O.01 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: Remate de quarteirão

LOCALIZAÇÃO: Rua Manuel Carlos nº1

ANO FACHADA: 1900

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizada num lote de esquina de quarteirão

Casa de piso térreo, desenvolvida a partir de uma divisão principal, a sala. Acesso desde o exterior à sala e posteriormente à alcova e restantes divisões interiores.

Existência de abóbadas de berço abatido em todas as divisões.

Adaptação de um compartimento interior para a instalação sanitária.

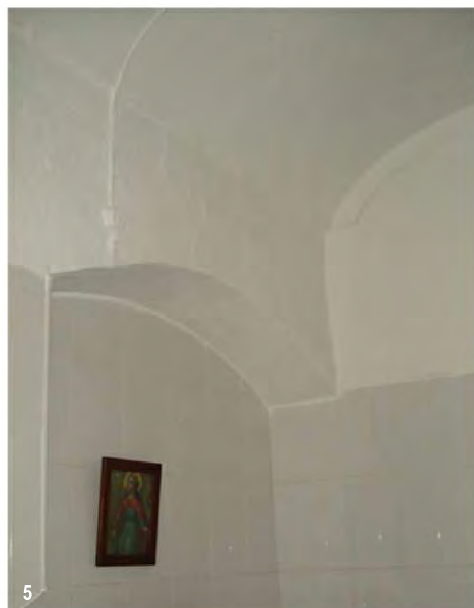


PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

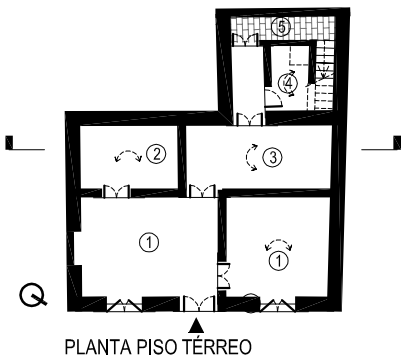
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

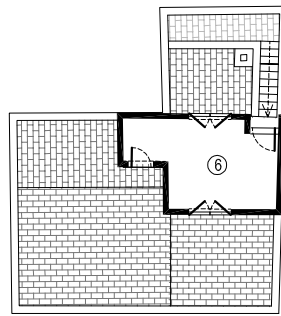
O.01 P.2/3



1.Vista da açoteia com abóbada de berço abatido 2.Pormenor da abóbada de berço abatido da cozinha 3.Pormenor da abóbada de berço abatido da divisão principal (sala) 4.Fachada principal 5.Pormenor da abóbada de berço abatido de divisão interior (alcova). (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)

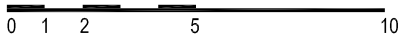
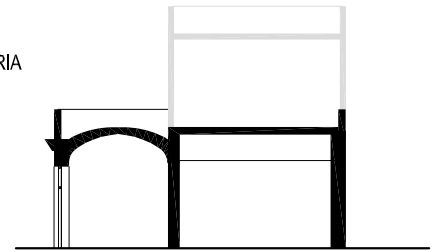


PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA AÇOTEIA

- ENTRADA ▼
- DIRECÇÃO ABÓBADA ↷
- 1-SALA
- 2-ALCOVA
- 3-COZINHA
- 4-INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- 5-PÁTIO
- 6-ANEXO NA AÇOTEIA



O.01 P.3/3

OUTRAS TIPOLOGIAS

RUA DR. VIRGÍLIO INGLÊS, 92 O.02 P.1/3



(fotografia José Beira Santos TAF 98)

III CAPÍTULO: EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA | TIPOLOGIAS



TIPO: não têm

LOCALIZAÇÃO: Rua Dr. Virgílio Inglês nº92

ANO FACHADA: sem data

FUNÇÃO: Habitação

CONSERVAÇÃO: Razoável

DESCRIÇÃO: Localizada na zona da Igreja, num lote com apenas uma frente, não se integra em nenhuma tipologia, pois tem uma planta quadrada com telhado de tesouro.

Acesso do exterior à cozinha da qual se acede às restantes divisões interiores. Os tectos são todos de madeira.

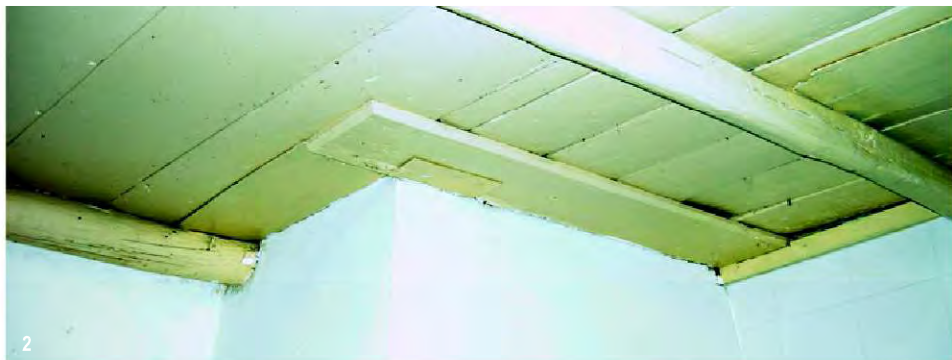


PLANTA LOCALIZAÇÃO: ESC.1/2000

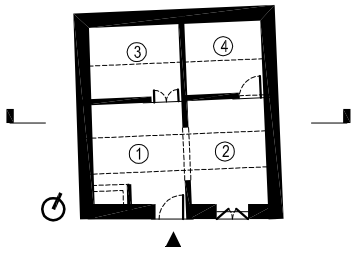
FOTOGRAFIA AÉREA 2009 (Google Maps): ESC. 1/2000

PLANTAS E SECÇÕES: ESC.1/250

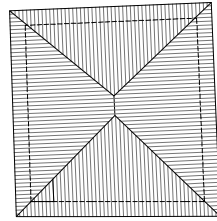
O.02 P.2/3



1.Pormenor do beirado do telhado de tesouro 2.Tecto de madeira da cozinha 3.Fachada principal 4.Vista da sala com tecto de madeira 5.Vista aérea do telhado de tesouro. (fotografias do autor entre Maio e Agosto 2009)



PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA DA COBERTURA

- ENTRADA ▼
- 1-COZINHA
- 2-SALA
- 3-ALCOVA
- 4-INSTALAÇÃO SANITÁRIA

